



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

“Nós fazíamos faísca um com o outro”:

História de vida de um homicida

Andreia Filipa Reis Cavaca

Orientador de Dissertação:

Prof.^a Doutora Lúcia G. Pais

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof.^a Doutora Lúcia G. Pais

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Lúcia Pais, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republicada 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, aos meus pais. Pela compreensão e pelo apoio, pela atenção e pela segurança que me deram. Sem eles não teria sido possível realizar esta árdua, exaustiva e prolongada tarefa. Ao meu irmão e à minha avó, que respeitaram, tantas vezes, a minha indisponibilidade. Por estarem presentes mesmo quando eu respondia, apenas, com ausência.

Ao Tiago, meu companheiro de viagem (de tantas viagens), pela ajuda na tradução, pela paciência na relação e pelo amor. Por ser o meu porto de abrigo, por fazer de mim uma pessoa melhor, por me deixar descansar nos seus braços. Pelas expressões só nossas e pelos sorrisos tão puros. Pelo respeito. Por estar comigo.

À minha outra família: à Catarina, pela partilha das horas de pesquisa; à Cristina, pela beleza e magia dos nossos momentos; à Rita, pelos cantinhos de gargalhada, de choro e de silêncio; à Vânia, pelo constante encorajamento e pelo exemplo de persistência; e à Virgínia, pela ajuda na tradução, por se libertar dos seus minutos em prol do meu projecto.

Ao Shalom, movimento que me proporciona verdadeiros momentos de auto-conhecimento e de serviço ao outro. E ao meu novo projecto: Equipa d'África: por Moçambique ser um sonho, por Portugal ser o seu prolongamento.

Gostaria de agradecer também à Prof. Doutora Lúcia Pais, pelos conhecimentos que me transmitiu, por tantas vezes me colocar a pensar sobre as coisas, por me ajudar a encontrar o caminho mais firme por onde andar. Por estes dois anos de acompanhamento, por não desistir de mim mesmo quando eu, por vezes, desisti.

Ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, por ter sido a minha segunda casa ao longo destes seis anos de estudo, por ter sido palco de muitas aprendizagens, quer ao nível académico como pessoal. Aos meus colegas de seminário, aos antigos e aos novos, pelos momentos que antecederam a aula e, principalmente, pelos momentos que a precediam; por aí nos termos conhecido melhor, por aí termos partilhado as nossas angústias e as nossas alegrias mas, principalmente, por aí termos encontrado um espaço de ânimo e coragem.

Um agradecimento especial a Alcides, o participante desta investigação: pela disponibilidade e pela paciência, por tantas vezes ter sido uma tarefa difícil contar-se e por nunca ter desistido. Por me ter permitido realizar este estudo, do qual me orgulho. Sem ele, não teria sido nunca possível investigar este tema.

Por fim, um muito obrigada à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais e a todos os organismos do Estabelecimento Prisional, onde se encontrava Alcides, em especial aos psicólogos Dr.^a Sónia Paiva e ao Dr. Rui Coelho, pelo apoio e disponibilidade com que sempre me receberam.

A Morte Chega Cedo

A morte chega cedo,
Pois breve é toda vida
O instante é o arremedo
De uma coisa perdida.

O amor foi começado,
O ideal não acabou,
E quem tenha alcançado
Não sabe o que alcançou.

E tudo isto a morte
Risca por não estar certo
No caderno da sorte
Que Deus deixou aberto.

Fernando Pessoa, em *Cancioneiro*

No âmbito de um estudo qualitativo, o presente trabalho tem como base a história de vida de um sujeito do género masculino, de 30 anos de idade, que se encontra a cumprir pena por crime de homicídio num estabelecimento prisional da zona da grande Lisboa. O objectivo do trabalho prende-se com a compreensão dos significados e motivos que conduziram o sujeito à passagem ao acto, através da análise da sua trajectória de vida e do processo criminógeno. Para aceder à história de vida recorremos às entrevistas não estruturadas e semi-directivas, à função do próprio investigador e ao diário de campo. A história foi recolhida em contacto directo com o sujeito, tendo em atenção as suas vivências, experiências e acontecimentos importantes, dando espaço ao sujeito para se contar livremente. O método usado revelou-se eficaz pois permitiu aceder a uma compreensão do funcionamento psicológico do sujeito que, por sua vez, possibilitou entender como o acto homicida se inscreveu na vida do participante. A base da interpretação da história foi a teoria de Etienne De Greeff, através da análise de conteúdo e do biograma. Na discussão atendemos, também, à teoria psicanalítica e desenvolvimental, de modo a completar a compreensão da passagem ao acto. Compreendemos que o participante sofreu um processo criminógeno lento, marcado pela humilhação e por fenómenos de falsa compensação. As vivências traumáticas da infância, que conduziram a uma vinculação deficitária, a uma instabilidade emocional e ao insucesso na passagem pelo Édipo, apresentaram-se como facilitadores da passagem ao acto homicida.

Palavras-chave: homicídio, história de vida, psicanálise, criminogénese, De Greeff

Abstract

Within a qualitative study, this work is based on the life story of a male subject, aged 30, which was sentenced for the crime of murder and is now doing time in a prison in the Greater Lisbon area. The aim of the work is to understand the meanings and motives that led the subject to pass to the act, by examining his life path and his criminogen process. To access his life story we use the non-structured and semi-directives interviews, the role of the researcher and a field diary. The story was collected in direct contact with the subject, taking into account his experiences and major events, giving space to the subject to talk freely about himself. The method has proved effectiveness because it allowed to understand the psychological functioning of the subject which, in turn, allowed to understand how the homicidal act was part of the subject's life. The interpretation of the history is based on the theory of Etienne De Greeff, through a content analysis and a biogram. In the discussion we also attended to the developmental and psychoanalytic theory in order to complete the understanding of the passage to the act. We understood that the participant has a slow criminogen process, marked by humiliation and the phenomena of false compensation. The traumatic experiences of childhood, which led to a weak attachment, emotional instability and a failure in the passage by Oedipus, were facilitators of the transition to the homicidal act.

Keywords: homicide, life story, psychoanalysis, criminogenese, De Greeff

Introdução.....	1
I. Enquadramento teórico.....	2
1.1. Do ponto de vista biológico, antropológico e sociológico à criminologia fenomenológica.....	2
1.2. Criminogénese: introdução à teoria de Etienne De Greeff.....	3
1.2.1. Clínica criminológica: visão sobre a atitude do investigador.....	4
1.2.2. Sentimento de injustiça sofrida.....	4
1.2.3. Modo de ligação com o meio por desresponsabilização e inibição afectiva.....	6
1.3. Visão criminológica sobre o Homem.....	8
1.3.1. O conceito de Eu.....	8
1.3.2. O Eu que sofre.....	9
1.3.3. Tendências fundamentais do Homem – naturais e adquiridas.....	10
1.3.4. Zona de tolerância e fenómenos de falsa compensação.....	12
1.3.5. Os diferentes tipos sociais.....	13
1.4. Esquema do homicídio normal.....	15
1.5. A evolução da ideia criminal.....	16
1.6. Circunstâncias criminógenas e causas que determinam a evolução da ideia criminal.....	17
1.7. A passagem ao acto.....	18
1.7.1. A premeditação.....	18
1.7.2. Estado de perigo antes do crime.....	19
1.7.3. Desequilíbrios e principais complexos a encarar.....	20
1.8. Os diferentes tipos de homicídios.....	21
1.9. Problema de investigação.....	23
II. Método.....	24
1.1. A história de vida no método qualitativo.....	24
1.1.1. Os instrumentos ao serviço da recolha da história de vida.....	25
1.2. Apresentação do participante.....	26
1.3. A recolha da história de vida.....	26
1.4. Tratamento de dados e análise de conteúdo.....	28
1.4.1. Elaboração da história de vida.....	29
1.4.2. Análise de conteúdo.....	29

III. Apresentação da história de vida.....	33
1.1. Análise da história de vida.....	33
1.1.1. Infância.....	33
1.1.2. Adolescência.....	36
1.1.3. Adulterez.....	39
1.2. Discussão da história de vida.....	41
1.2.1. Desde o primeiro suspiro.....	41
1.2.2. Dionísio: a vítima do fogo da paixão.....	49
1.2.3. Alcides: a sua permanência no tempo.....	60
IV. Conclusão.....	61
Referências.....	63
Anexos.....	67

Anexo A. Pedido de autorização à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.....	67
Anexo B. Autorização concedida pela Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.....	68
Anexo C. Planeamento e calendarização das entrevistas.....	70
Anexo D. Consentimento informado.....	71
Anexo E. Diário de campo.....	72
Anexo F. Grelha de definição de categorias.....	76
Anexo G. Tabela de análise de categorias.....	78
Infância.....	78
Adolescência.....	90
Aduldez, relação com a vítima, crime e prisão.....	100
Anexo H. Biograma e respectiva legenda	117
Anexo I. História de vida definitiva	119
Infância.....	119
Adolescência.....	130
Aduldez.....	142
Relação com a vítima	152
Crime.....	155
Prisão.....	162

Introdução

O crime constitui-se “como um fenómeno social estruturante das formas de sentir e de pensar a sociedade portuguesa” (Ferreira, 1998, p. 1) e, por tal, consideramos que, ainda hoje, o estudo da criminalidade e, fundamentalmente, do acto homicida é de grande pertinência e interesse geral. Assim, compreender a personalidade de um sujeito que, em determinada altura, cometeu um acto ilícito, neste caso específico, um homicídio, e o modo como esse mesmo acto se inscreveu na história de vida desse sujeito, é o objectivo da nossa investigação.

Para responder ao objectivo deste estudo recorreremos à teoria de Etienne De Greeff que se inscreve num cenário diferente daquele que se manteve vigente durante muitos anos e que se baseava nos critérios antropológicos e sociológicos (Agra & Matos, 1997; Pais, 2004; Santos, 1998). Afastando-se dos positivistas e demarcando-se do determinismo (Cusson, 2006), a obra de De Greeff é uma obra actual e complexa pois permite um modo original de aceder ao vivido do sujeito e às suas representações (Digneffe, 1989). Através do contacto face a face com o sujeito que cometeu o homicídio, ponto fulcral da teoria de De Greeff, baseamos a nossa investigação no método psico-biográfico pois este permite-nos compreender o ponto de vista interior do próprio sujeito.

Deste modo, o presente trabalho estará dividido em três partes: uma primeira parte de enquadramento teórico, onde será abordada e analisada a teoria de De Greeff; uma segunda parte, na qual será explorado o tipo de método escolhido, a sua teoria e prática; por fim, uma terceira parte onde será apresentada a história de vida de um sujeito que cometeu um homicídio, a análise e a discussão dessa história, tendo por base a teoria abordada na primeira parte do trabalho, bem como outras que surgiram como essenciais à compreensão do caso.

Com este estudo pretendemos uma análise compreensiva da totalidade da história de vida do participante, isenta de julgamentos e pré-conceitos. Nesta investigação o centro da nossa atenção é o participante, o seu mundo interior, o modo como organiza o seu discurso, o comportamento em entrevista; enfim, o que conta, o que não conta e o que tem dificuldade em contar.

I. Enquadramento teórico

1.1. Do ponto de vista biológico, antropológico e sociológico à criminologia fenomenológica

Para compreendermos como se encara o criminoso, especificamente o homicida, nos dias de hoje, necessitamos de recuar no tempo e na história e encontrar as primeiras concepções relativas ao indivíduo autor de actos criminais. Assim, desde a Idade Média, os conceitos de criminalidade e de marginalidade associavam-se aos sujeitos que, de algum modo, transgrediam o que era na época considerado “normal” (Santos, 1998). Desde os leprosos aos mendigos, passando pelos loucos, todos seguiam o caminho da segregação e do isolamento como aspectos necessários ao tratamento – ou à segurança da própria sociedade? Neste sentido, o aparecimento de Lombroso (Agra & Matos, 1997; Pais, 2004; Santos, 1998), e dos seus estudos baseados nas teorias biológicas e antropológicas, demarcaram a era da investigação da génese do criminoso e, assim, o início da criminologia. Com a obra *L'umo delinquente*, em 1876, Lombroso (in Santos, 1998) revelou que através de análises anatómicas e fisiológicas e do estudo das características antropológicas seria possível destacar a natureza do criminoso e identificá-lo socialmente. Com o aumento progressivo da investigação, Lombroso compreendeu que existem outros factores que contribuem para a predisposição criminal (Pais, 2004; Santos, 1998).

Esta percepção tornou-se mais patente com o vingar das teorias sociológicas e a sua oposição fundamentada contra a teoria Lombrosiana: destacaram-se, por esta altura, autores como Lacassagne (in Santos, 1998) que argumentava que seria o meio e as circunstâncias sociais que determinavam a criminalidade. Como Pais (2004) e Santos (1998) apontam, também Ferri, discípulo de Lombroso, acabou por afastar-se das teorias do seu precursor, afirmando-se pelo contributo sociológico e instaurando o conceito de “lesão ética” da qual os criminosos sofriam, a qual “afectaria a sua capacidade de adquirir os sentimentos humanos básicos e, logo, impedia uma adaptação social normal” (Santos, 1998, p. 92). Porém, Ferri permaneceu na crença defendida por Lombroso de que qualquer criminoso pertenceria a uma categoria humana inferior.

Neste ponto, assistiu-se a um entrecruzar de diversas teorias e a um aproximar de uma perspectiva multifactorial do crime, na qual os aspectos sociológicos, biológicos e psicológicos teriam o seu peso. Assim, um outro autor, cujo trabalho se tornou revelador para a compreensão da personalidade criminal pela via do caminho da investigação psicológica, foi Colajanni (in Santos, 1998) que, à luz do conceito de Ferri, criou o conceito de “atavismo psíquico ou moral”, uma incapacidade inerente ao sujeito que o impede de se adaptar socialmente. Este conceito será transversal às teorias de Garofalo, tal como Pais (2004) e Santos (1998) afirmam. Para Garofalo (Santos, 1998, p. 98), “o crime seria a resultante de uma nutrição defeituosa do sistema nervoso central que diminuía a resistência às

circunstâncias ocasionais instigadoras do delito” e, neste sentido, apresentou “uma teoria da punição com base nos princípios *darwinianos* da selecção natural, dizendo que a própria sociedade deveria eliminar aqueles que, através do seu comportamento criminal, não se mostram adaptados à vida social” (Pais, 2004, p. 111). Garofalo (in Santos, 1998) classificou os criminosos consoante os sentimentos básicos de piedade e probidade (neste sentido, o homicida seria aquele que se encontrava desprovido de ambos) e inseriu, no domínio penal, o conceito de perigosidade.

A par da convergência dos factores biológicos, antropológicos e sociológicos e, também, com o avanço da psicologia na investigação criminal, sucedeu-se uma clivagem teórica que deixava para trás a fase da concepção estática e positivista (do qual fazem parte os autores anteriormente citados) e que daria início à era da concepção situacional e dinâmica, na qual vingam, entre outros, os trabalhos de Etienne De Greeff, nos anos trinta e seguintes (Santos, 1998). Abria-se, então, o caminho para a criminologia fenomenológica. Segundo Gonçalves (2000, p. 24), a obra de De Greeff “lançou as bases para uma reapreciação do crime e do criminoso como elementos de uma vasta rede de interacções e não de um determinismo de natureza diferente, pré e irredutivelmente estabelecida”. Esta teoria conseguiu romper com a tradição anteriormente vingada por Lombroso e permitiu encarar o criminoso como homem que é, apenas diferindo do resto das pessoas por gradação de algumas dimensões (Gonçalves, 2000; Santos, 1998). Encarar o homicídio pela teoria de De Greeff implica prestar uma atenção especial à passagem ao acto, uma vez que o autor defende que é no passar ao acto que podemos compreender o indivíduo na sua totalidade pois é sempre o “Eu” que, no final de um processo evolutivo e reaccional, decide a sua acção (Agra & Matos, 1997).

1.2. Criminogénese: introdução à teoria de Etienne De Greeff

De Greeff (1950) defende que se explica o fenómeno criminal supostamente conhecido pela descrição jurídica de crime; no entanto, este sistema de investigação está longe de ser o recomendado pois “as definições da lei têm a grande vantagem de não serem definições; são, em certa medida, descrições” (p. 300). O autor tentou descrever o crime pelo conjunto das previsões representadas na alma humana, antes que o crime seja expresso por um acto. De Greeff (1950) quis estudar o criminoso no contacto com o mesmo, tendo em conta o conjunto de factores que podem influenciar a personalidade e o modo como o sujeito se relaciona. Acima de tudo,

para compreender o passado e encarar o futuro do delinquente é preciso saber, não apenas como os desvios biológicos e sociais puderam actualizar-se no seu psiquismo, mas também como eles exerceram uma influência, um determinismo sobre o comportamento do homem e como se manifestaram na experiência pessoal do indivíduo estas influências biológico-sociais (De Greeff, 1950, p. 268).

1.2.1. Clínica criminológica: a visão sobre a atitude do investigador

O investigador deverá encarar o criminoso de homem para homem para assim estudá-lo segundo a sua espontaneidade. Aproximando-se do criminoso numa atitude de empatia e disponibilidade, o investigador deverá romper com as pré-concepções e com o desejo de realizar um diagnóstico para colocar o sujeito numa categoria. A atitude clínica complementa a atitude moral e afectiva, opondo-se ao estudo do crime como um aspecto económico ou social que ignora o conceito de falta: “a atitude clínica comporta antes de tudo o estudo do estado de consciências, os acontecimentos que se passaram exprimindo o «eu»” (De Greeff, 1950, p. 273).

O investigador deverá compreender que as características psíquicas do sujeito não são apercebidas pela consciência do mesmo. Estas traduzem-se pelo modo como os seres e as coisas surgem e pela atitude que o sujeito toma relativamente a elas. Também os factores biológicos e hormonais não são percebidos pelo sujeito, apesar de exercerem uma influência determinante no seu comportamento; “os factores biológicos traduzem-se à consciência como estados psíquicos ou morais vinculados e a propósito dos quais o sujeito exerce um sentimento de responsabilidade pessoal” (De Greeff, 1950, p. 274). O investigador deverá perceber as possibilidades reais de cada sujeito para compreender as suas atitudes; logo, não se deve afirmar que um indivíduo sofre de uma inibição afectiva sem primeiro entender as possibilidades de desenvolvimento afectivo que o sujeito teve. Por fim, o investigador deverá contemplar o livre arbítrio ou o determinismo absoluto na medida em que o Eu do sujeito influencia o seu próprio destino.

A clínica criminológica, para De Greeff (1950), contempla o conceito de que

um criminoso não é um ser à parte, é um homem que age e pensa a maior parte do tempo como os outros e cujo comportamento, seja habitualmente, raramente ou excepcionalmente, transpõe um limite que o classifica de imediato no grupo anti-social exposto a todas as técnicas que são consideradas como devendo levantar-lhe a vontade de recomeçar (De Greeff, 1950, p. 277).

A clínica criminológica deverá permitir à sociedade aproximar-se da personalidade criminal, compreendê-la e influenciá-la, para assim adequar o seu comportamento ao nível da perigosidade do sujeito.

1.2.2. O sentimento de injustiça sofrida

De Greeff (1950) defende que o estudo do sentimento de justiça é essencial à clínica criminológica, uma vez que a reacção do sujeito perante o mesmo transpira autenticidade e legitimidade. O autor foca-se no sentimento de injustiça sofrida para estudar o estado de resposta a, por exemplo, uma ofensa; esta resposta é instintiva e permite compreender como o sujeito compensa ou aceita as suas reacções afectivas brutas. De Greeff (1950) defende que existe em todos os homens uma tendência à inibição

das reacções instintivas agressivas, bem como a desresponsabilização perante uma ofensa ou um sofrimento infligido. Entre os delinquentes, De Greeff (1950) identifica, por um lado, o grupo dos reincidentes, instáveis e inadaptados e, por outro lado, o grupo que desenvolve uma atitude criminógena perante uma injustiça sofrida.

Relativamente ao primeiro grupo, o autor afirma que são sujeitos que, independentemente do lugar onde se encontram, sentem-se sempre apoiados pelo inconsciente colectivo, revelando atitudes puramente reivindicativas, agressivas, que justificam o seu comportamento delincente. São desligados de tudo, do passado, do presente e do coração do outro; “isto não é porque eles não querem, mas porque eles não são, porque estas categorias não existem para eles” (De Greeff, 1950, p. 279). No seu psiquismo não se encontra nenhum elemento susceptível de inibir a reacção delincente, em vista de salvaguardar outros valores. Estes sujeitos são descritos como portadores de uma carência afectiva quase total que os impede de agir por subordinação ao amor, a um afecto, a um valor. Como defende De Greeff (1950, p. 280),

todos estes seres explicam a sua vida e as suas atitudes pelas injustiças e pelas más escolhas de que foram objecto, como o seu sentido profundo de justiça sempre os impediu de se submeter à iniquidade eles exprimem assim a sua impotência em se relacionarem por amor, em se subordinarem a um valor exterior a eles.

Para De Greeff (1950) estes sujeitos não sofrem de um processo criminógeno pois o delito constitui-se, para eles, como uma actividade normal. É difícil conduzi-los a rever as suas reacções espontâneas perante a injustiça e é como que impossível “fazê-los renunciar da sua visão do mundo unicamente hostil” (De Greeff, 1950, p. 281); desde a primeira injustiça sentida que as suas reacções futuras são reflexo de “uma recusa, de um fuga, de uma libertação perante um esforço, atitude sempre justificada da mesma maneira” (p. 281). É preciso compreender quando e como estes sujeitos subordinaram um valor, averiguar se eles perderam esta capacidade em algum momento da sua vida ou em alguma condição peculiar ou se foram sempre privados de uma comunhão empática.

Em relação ao segundo grupo, o autor defende que o homem, conforme vai envelhecendo, tende a inibir a sua reacção espontânea de agressividade aquando de uma injustiça ou traumatismo afectivo, pois vai retirando a intenção aos objectos, aos animais e, acima de tudo, aos seres humanos. O sujeito terá que ter em conta a ofensa (a sua intenção inicial e a sua voluntariedade), o ofensor e, também, os incidentes da sua própria reacção sobre o seu equilíbrio moral, afectivo e intelectual.

De Greeff (1950) defende que, mesmo quando um sujeito sofre de um processo criminógeno, não se torna diferente dos outros indivíduos pois “ele procura o gesto ou o comportamento que corresponda à sua atitude interior” (p. 284). Nesta procura de acordo entre si mesmo e entre si e o meio, o sujeito pode tornar-se bastante influenciável. Por tal, não basta atender aos factores criminógenos, é preciso contemplar o sujeito e a sua atitude pois “existe sempre uma relação de

equilíbrio extremamente delicada e ao mesmo tempo muito poderosa entre os factores criminógenos correntes e a atitude criminógena do sujeito” (De Greeff, 1950, pp. 285-286). Para isso, o autor exalta a importância de entender o tipo de reacção à injustiça sofrida e, neste sentido, identifica cinco tipos de indivíduos. Primeiro, aqueles para quem o número de acontecimentos que consideram como injustos é maior quando comparado com os outros; de seguida, aqueles para quem a reacção é mais longa, mais violenta ou mais frequente quando comparado com os outros; terceiro, aqueles que tendem a transformar o seu meio ou a escolherem um meio apropriado à sua evolução; seguidamente, aqueles cuja evolução se faz num sentido agravativo e não num sentido compensatório; por fim, aqueles cujo número de actos demonstra atitudes criminógenas que podem não ser delitos ou crimes.

De Greeff (1950) diferencia a atitude criminógena da atitude criminal, uma vez que a primeira trata-se de “uma atitude que, quando se desenvolve, aproxima cada vez mais o sujeito do delito ou do crime: esta pode ser criminógena sem nunca se tornar criminal” (p. 286) e, por isso, existe um maior número de sujeitos com uma atitude criminógena ou que passam por períodos criminógenos do que propriamente delinquentes ou criminosos. De Greeff (1950) afirma que o sujeito afunda-se nas suas atitudes criminógenas consoante o vai consentindo. Por exemplo, no crime passionai, o sujeito apenas avança para o acto criminoso conforme o acto lhe parece mais justificável e indispensável. Assim, “os criminosos tomaram consciência de que se deixaram levar, que consentiram, em certa medida, tornarem-se escravos deste processo de justiça (...). Aprovaram, portanto, um processo de abandono, paralelo com a libertação da sua atitude de justiça” (De Greeff, 1950, p. 287).

É necessário compreender em que momento os criminosos foram e são tratados, não como eles são, mas sim como parecem ser através do mito popular que os mutila e os massacra. “Sem dúvida o criminoso é bem uma realidade” (De Greeff, 1950, p. 289) mas a tendência é puni-lo segundo a representação de um mito desvalorizante. “Quando estudamos as atitudes criminógenas, encontramos inevitavelmente perante o homem. Quando estudamos a personalidade criminal à parte do delito propomo-nos a abandonar este mito cujo uso nos confere todos os direitos” (De Greeff, 1950, p. 289). Estuda-se o criminoso não para o aprovar nem para o desaprovar, mas para tratá-lo como homem.

1.2.3. Modo de ligação com o meio por desresponsabilização e inibição afectiva

Para De Greeff (1950) é preciso definir a existência de uma reacção afectiva traduzida por uma desresponsabilização consciente que suscita uma atitude da parte do indivíduo; e, de seguida, a existência de uma inibição lenta e verdadeira, pouco acessível à consciência e à observação.

Relativamente à primeira distinção, a desresponsabilização ou suicídio, De Greeff (1950) defende que as reacções agressivas e violentas vão, progressivamente, inibindo a empatia para com o outro, anulando o próprio indivíduo. Por consequência, o sujeito deixa de existir, de cuidar de si, de se interessar pelo seu destino, libertando-se da adaptação ao futuro e, com isto, encontrar-se-á

infinitamente livre das suas acções. Podemos encontrar uma vontade de se punir e, assim, restabelecer o equilíbrio com o subconsciente através de tentativas de suicídio ou de entregas deliberadas à polícia, após o crime cometido; “podemos também relacionar isto com a indiferença relativamente ao seu destino” (De Greeff, 1950, p. 291). Na maior parte dos casos, após o período de desresponsabilização, os criminosos voltam a parecer-se exactamente ao que eram pois “em realidade, as atitudes de suicídio ou de desresponsabilização que temos estudado em criminologia, respondem perfeitamente às atitudes criminógenas, atitudes a favor das quais o sujeito consente uma regressão que lhe permitirá realizar essa tendência” (De Greeff, 1950, p. 292). Trata-se, assim, de uma regressão geralmente despoletada por reacção a uma injustiça sofrida. É preciso atender ao nível de afectividade e intelectualidade de cada sujeito antes de lhe supor reacções assim tão refinadas. A desresponsabilização é frequentemente base de processos criminógenos e comporta um aspecto de ruptura, com uma marca de agressividade, uma espécie de participação voluntária, pois “em todo o homem um pouco evoluído, esse fenómeno torna-se num momento consciente, e o sujeito participa ou não dele” (De Greeff, 1950, p. 293),

Relativamente ao segundo aspecto distinguido por De Greeff (1950), a inibição afectiva, o autor defende que existe uma inibição de pulsões afectivas, na qual o sujeito não participa e raramente percebe o que se passa com ele. Esta demora alguns anos a estabelecer-se e, por isso, não surge como perturbação de funções psíquicas mas sim como uma característica estável de personalidade; “temos tendência a acreditar verdadeiramente num estado de insuficiência passional ou emotiva, com a conservação de todos os automatismos das funções intelectuais e conservação dos esquemas de reacção afectiva” (De Greeff, 1950, p. 294). Nestes casos, o homicídio sucede-se com uma certa perfeição, sem qualquer componente trágica, pois tudo se passa sem parecer existir um conflito interno nem um estado de ambivalência. Para De Greeff (1950), estes sujeitos apresentam-se pouco emotivos e pouco afectivos, não se tratando de fenómenos patológicos onde o sujeito sofre parcialmente, mas sim de um fenómeno geral onde o sujeito sofre integralmente. Trata-se de um fenómeno profundo, o sujeito deixa de apresentar algumas reacções humanas. A insensibilidade afectiva, moral e emocional permanece como aspecto e condição comum a qualquer homicídio; a longa inibição afectiva é o longo processo criminógeno. As anomalias psíquicas ligeiras, na carga hereditária, nas dificuldades de um conflito conjugal grave, podem constituir-se como causas para o desenvolvimento desta inibição, do desapego da vida afectiva, da participação afectiva e da participação moral no meio.

Na base da maior parte dos processos criminógenos, encontramos uma inibição lenta e progressiva relacionada com o perigo e com a inutilidade de o exprimir, uma vez que “corresponde a uma atitude passiva, contrária à desresponsabilização, ruptura agressiva” (De Greeff, 1950, p. 295). Aquando da sintomatologia da raiva, De Greeff (1950) compreende a existência de fenómenos de inibição afectiva traduzidos por uma indiferença cínica em relação à vítima; “a indiferença não é resultado de um acto

voluntário, é um estado de facto, um estado de silêncio afectivo, instalado até ao centro mais profundo do ser, onde nascem as pulsões” (De Greeff, 1950, p. 298).

O criminoso normal apresenta vários conflitos, segundo o autor; o estado de silêncio afectivo total deve-se à suspensão prolongada da participação afectiva normal. Nos criminosos existe uma capacidade comum de se deixar humilhar sem notar ou sem tentar salvar-se: “é a existência deste processo que mede a gravidade das insuficiências, por vezes aparentemente mínimas, que o condicionam” (De Greeff, 1950, p. 299). A evolução do sujeito em direcção ao crime faz-se acompanhar pela procura de um meio que corresponda a cada uma das etapas que percorreu: “isto é, com um certo ambiente que aprove estas concepções” (De Greeff, 1950, p. 301).

1.3. Visão criminológica do homem: o homem no criminoso

1.3.1. O conceito de Eu

Para De Greeff (1950), estudar o homem baseia-se em compreender que o homem é um lugar onde se entrecruzam factores biológicos, sociais e psicológicos e, principalmente, que as suas acções resultam de certas coisas que se passaram no mesmo. “O homem é, aos seus olhos, uma unidade económica ou social, dotada de qualidades mais ou menos perfeitas e que reage ao meio segundo certas leis” (De Greeff, 1950, p. 296), um centro de reacções que ele não sabe que acontecem e, por tal, para o compreender é necessário encará-lo segundo a sua própria visão.

O que surge na consciência do homem é vago relativamente ao que se passa realmente nele; no entanto, a sua existência no estado de consciência afirma-se na dimensão do Eu. Esta designa uma totalidade do seu ser que ele conhece, pois “este Eu quando se exprime, exprime as coisas das quais ele é consciente, mas nós sabemos que ele é infinitamente mais rico” (De Greeff, 1950, p. 270). O conceito de Eu diferencia-se do conceito de homem, pois o Eu destina-se a descrever “o momento onde um feixe de automatismos se tornam conscientes, oferecendo neste momento uma certa tomada de confrontos, comparações, julgamentos, de coisas que não são necessariamente de acordo com o ser inteiro” (De Greeff, 1950, p. 271). Apesar de ser um Eu que se comprometa, se valorize, se domine ou se submeta, apesar de sentir desejos ou repulsas, este Eu é visivelmente um instrumento por onde se toma consciência e por onde se operam numerosos automatismos afectivos, intelectuais, instintivos, motores e hormonais; mesmo assim, é um Eu que conscientemente ignora tudo o que se passa em si.

O criminoso, como homem que é, também tem um Eu; daí que, quando julgamos um criminoso, torna-se inacessível penetrar no seu inconsciente e julgá-lo verdadeiramente. E aqui reside o problema da criminogénese, pois a compreensão do sujeito passa por entender que, no momento da passagem ao acto, o sujeito não se conseguiu impedir e considerou que o seu acto criminoso seria o melhor para si na altura: “como se entende que este homem tenha procurado o seu bem naquilo que nos parece uma aberração?” (De Greeff, 1950, p. 271).

1.3.2. O Eu que sofre

O primeiro estado de diferenciação do sujeito encontra-se no sofrimento existente quando ele se confunde com o meio. Lentamente, o sujeito identifica as suas dores com diferentes faltas e, paralelamente, separa-se e distingue-se do seu meio, conseguindo imaginar-se como outro e, também, reconhecendo o seu desaparecimento, a sua morte, o fim do Eu. Por volta dos cinco/seis anos apercebe-se que não é imortal e tal “provoca uma reacção atroz, revolta e desespero” (De Greeff, 1932, p. 5); o ser humano adapta-se à ideia da morte do seu Eu mas esta adaptação não irá suprimir o estado de resistência interior e de luta contra o aniquilamento do seu Eu. “E tenha dez ou quarenta anos, o homem não está docemente submisso à lei da sua destruição: ele irá opor-lhe sempre todos os poderes que tem em si” (De Greeff, 1932, p. 6).

É através do sofrimento que o ser humano entra em contacto com o mundo exterior, constituindo-se como um sistema complexo inserido no meio hostil e que vai conhecendo os seus perigos através da sua afectividade; “e toda a vida de um homem do primeiro ao último suspiro resume-se a uma luta contra este sofrimento, aquela luta que representa um conjunto das suas dificuldades e vitórias” (De Greeff, 1932, p. 4). De Greeff (1932) define estado afectivo como o abalo íntimo provocado por uma readaptação ou por um acontecimento que entre em desacordo com as previsões e desejos de cada um; ou seja, o sofrimento. Tal como é possível caracterizar o lado físico do ser humano, com as suas características anatómicas e fisiológicas, também é possível caracterizar o lado psíquico do homem, através do modo como sofre e como reage a esse sofrimento. De Greeff (1932) constata que as reacções afectivas são, geralmente, desproporcionais ao estímulo que as provoca, pois existe um jogo entre reacção e excitação determinado pelo potencial representado pelo Eu que, apesar de ser comparado a uma força cega e assustadora da natureza, apresenta os seus limites. “No fim de contas, o estudo psicológico do homem (...) concretiza-se no estudo das suas reacções afectivas” (De Greeff, 1932, p. 4).

Nada no Eu deixa perceber a noção de fim; pelo contrário, o Eu limita-se a ser, apercebendo-se da imensidão, distinguindo-se dela; apercebendo-se dos limites e dos entraves, esforçando-se para evadir-se dos mesmos: “o homem quer realizar o que ele sente ser e aí não há limites” (De Greeff, 1932, p. 6). Trata-se de um ser puramente dinâmico e energético. Porém, confronta-se com uma vida social que comprime o seu poder e com a qual não atinge um equilíbrio que não seja somente instável.

No Eu joga uma dialéctica determinante entre dois instintos, segundo De Greeff (in Agra & Matos, 1997), fundamentais e antagónicos: o instinto de conservação do Eu ou de defesa, onde predominam reacções de fuga e medo contra a afectividade, conduzindo o sujeito ao isolamento) e o instinto de simpatia (que conduz o sujeito ao abandono de si no sentido da defesa da espécie). O diálogo existente entre estes dois instintos permite compreender o modo como o sujeito se relaciona com os outros e

com a sociedade. Relativamente ao grupo dos instintos de defesa, estes contribuem para a conservação do Eu e funcionam consoante o sentimento de justiça e de responsabilidade pelo outro; são base da agressividade e conduzem o homem à obediência das leis morais e mecânicas (Digneffe, 1989). Já os instintos de simpatia organizam-se consoante o amor parental; baseiam-se na descentração de si e na passagem do egoísmo absoluto à oblação e favorecem os fenómenos de identificação (Digneffe, 1989).

Em suma, não poderemos compreender um criminoso se não atendermos ao seu carácter humano bem como à criminalidade latente que reside em cada indivíduo, uma vez que “um criminoso é antes de tudo um homem” (De Greeff, 1932, p. 1).

1.3.3. Tendências fundamentais: naturais e adquiridas

A vida interior complexa de cada ser humano não é observável; apenas podemos presenciar manifestações exteriores, como a cólera, mas estas não representam a riqueza da vida interna. Querendo definir o homem, De Greeff (1932, p. 8) afirmou que este era “um receptáculo de energia sob tensão, energia cujos movimentos são accionados pela dor e são sempre inferiores àquilo que queriam ser”. Contudo, esta definição relaciona-se com a vida interior do ser humano não observável. Por isso, o autor refere o estudo da linguagem falada como útil para a compreensão do homem pois permite perceber os processos empregues por cada um para camuflar as suas tendências, uma vez que o acto de falar pode ser totalmente controlado pelo sujeito. Também a mímica é uma manifestação que poderá ser tão enganadora quanto a linguagem falada. No fundo, “o sentido das palavras ou dos gestos reside algures num sentido que não é o aparente” (De Greeff, 1932, p. 8) e garante ao indivíduo a capacidade de dissimulação. Esta torna real a concepção de um homem honesto e mediano, contra a qual ninguém se insurge, e que configura, ficcionalmente, todas as qualidades que o homem deve ter. Esta visão do homem conduz à necessidade em cada um de enganar o próximo sobre o seu verdadeiro valor, isto porque se não o fizer não se sentirá integrado na sociedade que tanto admira o virtual homem honesto mediano, pois “tomamos como esquema de comparação uma entidade abstracta, «o homem honesto», ao qual atribuímos um certo número de qualidade convencionais que ele não tem necessariamente (De Greeff, 1932, p. 9).

Contudo, entende-se que o criminoso não é diferente do homem comum; apenas executa as tendências que germinam na grande parte dos homens. Atingir a perfeição máxima e tender para um ideal são dois aspectos essenciais que animam a vida de qualquer homem; no entanto, para De Greeff (1932), o que importa é perceber o que cada um é de facto. Mas “é absolutamente impossível penetrar directamente no íntimo de um dado indivíduo” (De Greeff, 1932, p. 10) e, por tal, é difícil distinguir o dito homem honesto moral do que aparenta ser um homem honesto moral. Daí que as aparências sejam bastante precárias, pois qualquer pessoa sabe o quão fácil é mentir e enganar alguém; “assim, na prática, ninguém pensa que pode conhecer directamente uma alma” (De Greeff, 1932, p. 11).

No fundo, qualquer homem encontra-se numa constante luta contra os seus instintos primitivos e num permanente desequilíbrio com as suas tendências perversas. Por isso, as tendências que impelem um delinquente a agir são as mesmas que apelam o homem normal; “o abismo não existe entre elas. O homem honesto pode reconhecer-se, sem esforço, no criminoso” (De Greeff, 1932, p. 11). Para De Greeff (1932, p. 14), “os humanos parecem-se todos. Conhecer um ou alguns é conhecer toda a humanidade: conhecer o homem em geral com as suas tendências e os tipos que encontramos mais frequentemente”. Mas que tendências são estas?

No início, o homem submete-se às leis imperiosas da vida e a sua atenção foca-se apenas na sua própria conservação, alimentação e reprodução; com o passar do tempo, a vida social acorrentou a essência primitiva do homem e este deixou de poder conceder liberdade aos seus desejos. No entanto, De Greeff (1932, p. 15) afirma que “podemos conceber o homem socialmente normal de hoje como um ser lutando contra as tendências mais íntimas e mais primitivas do seu Eu”. Se ele não testemunha todas as suas tendências é porque estas estão inibidas e, por isso, não se realizam ou realizam-se apenas parcialmente.

A psicanálise, segundo De Greeff (1932, p. 19), permite compreender as disposições do Eu íntimo; “o estudo dos sonhos (...) e o estudo dos actos falhados da nossa actividade diária revelam em cada um de nós o monstro primitivo”; nos sonhos pode-se realizar aspectos que a “personalidade primitiva apenas entende em estado de vigília” (p. 23). De Greeff (1932) realça dois autores: Freud que encontrou no instinto sexual a causa das tendências primitivas do Eu; e, Adler que defendeu um estado psicológico superior, o desejo de expansão absoluta do Eu. De Greeff (1932), tendendo para a teoria de Adler, remete o estudo geral da personalidade para a análise do modo como as tendências primitivas estão acorrentadas e para a descrição do estado actual de equilíbrio íntimo entre o sujeito e a sociedade. Para analisar uma personalidade “não devemos descrever qualidades ou defeitos mas maneiras de ser, reacções, movimento” (De Greeff, 1932, p. 20). O Eu é uma entidade energética visto que, apesar de se encontrar possivelmente domada, não se deixa resignar nem submeter a todas as renúncias que o meio lhe impõe; para estudar a personalidade considera-se o modo como o indivíduo em causa satisfaz os aspectos primitivos do seu Eu e até que ponto se deixa influenciar pela tendência social oposta.

De Greeff (1932) descreve a personalidade segundo dois aspectos: as tendências naturais ou primitivas e as tendências adquiridas por reacções do Eu sob pressão da vida social. Em ambos os aspectos podem encontrar-se três rubricas: a intelectualidade, a afectividade e a sociabilidade. Em relação às expressões intelectuais, encontramos o egocentrismo e o egoísmo como tendências naturais do Eu: este é o centro do universo e a sua procura recai apenas sobre si. Com a pressão da vida social, o sujeito adquire a largura de ideias, a capacidade de descentrar-se de si e da sua susceptibilidade, para assim compreender o outro e a sua personalidade e, também, a capacidade de ambicionar o que apenas

é possível, segundo os meios do momento. O orgulho ilimitado, a raiva e a cólera do Eu ferido resumem a expressão afectiva referente às tendências naturais do Eu; o orgulho ilimitado conduz a expressões de ciúme, inveja e despeito. Já a raiva e a cólera demonstram a insociabilidade, a agressividade, a exclusividade e a permanência, alimentadas por sentimentos como ódio, vingança, desespero e exaltação. No lado oposto, o sorriso e o desapego surgem como tendências adquiridas por reacção à pressão social; estas permitem ao sujeito esquecer e ficar indiferente face a algumas das coisas que o ferem. Por fim, as expressões sociais: do lado das tendências primitivas encontra-se o autoritarismo, a dissimulação, a violência, o menosprezo pelo outro e, no seu auge, o acto homicida; pelo lado das tendências adquiridas encontra-se a sinceridade, a tolerância, a igualdade do outro, a bondade, a adaptação ao outro e, assim, o respeito pelo outro e pelo que lhe pertence.

De Greeff (1932 p. 22) defende que “o homem assim descrito é, ainda, um homem abstracto”, pois o homem está constantemente a ser bombardeado por vontades contraditórias pela força dos dois lados do esquema: por um lado, o orgulho e a revolta; por outro lado, a ânsia de se submeter às exigências do destino. Esta submissão exterior é “um compromisso contra as tendências naturais do vencido e as suas aquisições de civilizado e o que regerá a submissão não é a perfeição da ideia de submissão mas o grau de predominância das tendências inatas” (De Greeff, 1932, pp. 22-23); quanto mais instável for o equilíbrio entre as duas tendências, mais submissão existirá. E neste contra-balanço das tendências surgem os actos falhados e os lapsos, pequenos sinais que declaram a possível execução de um acto. Assim, De Greeff (1932) admite que o crime resulta de um longo processo e não apenas da execução de uma simples ideia criminosa. Estes actos simbolizam a vitória das tendências primitivas sobre as outras, sendo pertinente perceber até que ponto as tendências adquiridas lançaram alguma resistência e, por isso, deve procurar-se traços de luta interior seja antes da execução ou mesmo aquando do acto. Para Digneffe (1989), o homem deve ser sempre estudado na sua perspectiva dinâmica, na base das suas tendências inatas e das suas qualidades adquiridas.

1.3.4. Zona de tolerância e fenómenos de falsa compensação

De Greeff (1932) defende que o sujeito raramente apresenta as tendências primitivas, pois estas foram corrigidas ao longo do tempo. Para descrever o homem é preciso atender às tendências naturais e às qualidades adquiridas: apesar do domínio das tendências adquiridas sobre as primitivas, “a personalidade de um indivíduo está algures entre estes dois extremos” (De Greeff, 1932, p. 24). Ambas as tendências são inobserváveis, apenas surgem quando o equilíbrio psíquico habitual é abalado, visto que o sujeito compensa de forma instantânea e praticamente imperceptível as suas cóleras e os seus sobressaltos provocados por mágoa ou humilhação.

Este modo de compensar traduz-se por adaptações verdadeiras e, por isso, “compreendemos ainda que quanto mais extenso é este campo das adaptações silenciosas maior é o valor da personalidade que

possui” (De Greeff, 1932, p. 25). O autor apelidou este campo de adaptações como zona de tolerância, que é diferente em cada indivíduo.

Para entrar no psiquismo de um sujeito é necessário atender às exteriorizações do mesmo em determinadas ocasiões; De Greeff (1932) afirma que certas manifestações adquiridas são simplesmente reacções primitivas camufladas e, por isso, não reflectem uma verdadeira luta interior para não cair na zona das tendências naturais. Através destas manifestações geralmente visíveis pode tentar-se compreender o funcionamento interno de um sujeito. Os fenómenos de falsa compensação são os únicos que podem informar sobre o estado interior do sujeito e colocam-se ao serviço da compensação de uma falha habitual paralela às reacções primitivas. O autor explica que a falsa compensação encontra-se algures entre as reacções primitivas e a zona de tolerância: quando o sujeito se debate com uma situação grave e age por meio de reacções invisíveis afirma-se que se encontra na zona de tolerância – tudo se passa como se nada tivesse acontecido; por outro lado, quando existem reacções primitivas o sujeito expressa-se pela cólera, raiva e agressividade e, por tal, a zona das reacções primitivas invade a zona da falsa compensação e a zona de tolerância, não dando espaço para a acção das mesmas; por fim, quando o sujeito coloca ao serviço os seus fenómenos de falsa compensação entende-se que a zona de tolerância é bastante minimizada pela força das tendências adquiridas que se opõem às primitivas.

Para De Greeff (1932, p. 28) “é evidente que o primeiro caso é socialmente o mais perfeito, atribui menor importância ao gesto que na realidade não deve ter nenhuma consequência. É o mais sociável”; contudo, reafirma que quando estas exteriorizações se tornam repetidas pode surgir um tipo, uma maneira de ser crónica e, assim, defende a existência de três tipos: o tipo sociável, o tipo primitivo e o tipo falsamente compensado.

1.3.5. Os diferentes tipos sociais

De Greeff (1932) defende que à nascença um sujeito está entregue às suas reacções primitivas e, por isso, a sua zona de tolerância é praticamente nula. Com o seu crescimento e impulsionado pelo desejo de compatibilidade com a sociedade, o sujeito assiste à influência das forças familiares e sociais sobre as reacções primitivas. Na adultez, o sujeito encontrar-se-á sob aparências opostas às que tinha quando nasceu. Ao longo deste processo desenham-se diferentes tipos de reacção e, deste modo, diferentes tipos sociais.

O tipo social primitivo caracteriza-se por agir consoante as suas reacções primárias, consequência da inadequada influência das forças familiares e sociais. É um tipo que aos vinte anos terá as mesmas reacções de quando era criança: será colérico e desprovido de atitude moral perante tudo e todos. Tal poderá acontecer devido a uma insuficiência do desenvolvimento mental do sujeito, a uma estagnação da sua evolução intelectual ou a uma insuficiência do próprio meio. “Se a dado momento o sujeito

regressa ao tipo infantil (...) pode ver-se reaparecer na actividade do sujeito um predomínio de reacções primitivas” (De Greeff, 1932, p. 34). De Greeff (1932) classifica quatro grupos de indivíduos de tipo primitivo: os débeis mentais, cujo desenvolvimento da personalidade será tão retardado quanto a sua evolução intelectual; os indivíduos que, apesar de terem tido um desenvolvimento normal, sofreram de uma doença que retardou e modificou a sua personalidade e a sua intelectualidade; os sujeitos que são amorais e que não se submetem em idade adulta às suas renúncias de criança; e, por fim, os indivíduos que crescem num meio primitivo e que se encontram conformados com o mesmo.

O tipo sociável encontra-se no lado oposto ao tipo anteriormente descrito e age, geralmente, sob a influência da zona de tolerância: é um sujeito que “se aproveitou da sua experiência de vida ou que se contentou em assimilar directamente, sem passar por revoltas inúteis, as resignações necessárias” (De Greeff, 1932, p. 36). O autor descreve-o como alguém de sentido prático superior, que atribui a cada coisa o seu valor relativo e que reage de modo sereno às exigências exteriores. “Tudo se passa neles na zona de tolerância e é esta plasticidade aparentemente ilimitada, esta aptidão aparente para adaptação indefinida que faz o charme destas personalidades” (De Greeff, 1932, p. 37). Por terem um sistema de reacções adquiridas muito complexo, é difícil compreender nestes sujeitos as lutas e os enfraquecimentos naturais do homem. Apesar de ser considerado o elemento estável da sociedade, também se torna possível encontrar neste tipo alguns débeis que De Greeff (1932) chamou de débeis compensados, pois foram capazes de se adaptarem ao meio e de se tornarem semelhantes à maior parte das pessoas.

O tipo falsamente compensado encontra-se entre o tipo social primitivo e o tipo sociável; “sob influências diversas o indivíduo afastado das reacções primitivas não tem um coeficiente de tolerância aumentado, fica hipersensível ao meio mas, mais do que reagir por gestos selvagens, ele vai apresentar toda a série de fenómenos de falsa compensação” (De Greeff, 1932, p. 39). O autor descreve-o como tímido, sensível, susceptível e que teme os julgamentos incompletos dos outros; age de forma traiçoeira uma vez que, após a compensação necessária, liberta toda a raiva recalcada. Por isso, estes sujeitos são tantas vezes autores de crimes terríveis e odiosos, dos quais não se esperava tal coisa. São indivíduos que, por não conseguirem suportar a verdadeira realidade, criam um mundo interior onde tudo decorre consoante o seu desejo.

Relativamente à normalidade, De Greeff (1932, p. 43) afirma que “na prática, tudo é relativo e o indivíduo verdadeiramente normal não corresponde a um tipo teórico, mas sim a um tipo evolutivo e modificável”. Por tal, todos estes tipos agora descritos não são absolutos: “não podemos classificar todos os sujeitos em categorias; os indivíduos estão em evolução constante e não podemos esperar fixar mais do que etapas” (De Greeff, 1932, p. 41). Assim, o estudo destes tipos não será mais do que o aprofundamento de conhecimentos sobre o homem, de modo a penetrar nele por aparências que ele

não esconde e, assim, conseguir prever o seu comportamento. Tal constitui-se como de importância relevante para o domínio da criminologia.

1.4. Esquema do homicídio normal

Segundo De Greeff (1935a), a forma romanceada como se descrevem emoções, vinganças e amor-próprio não espelha com exactidão a alma do homicida. “O acto homicida revela não só os sentimentos que o criminoso superou mas também um período da sua vida, período que pode ajudar-nos a prever uma parte do seu futuro” (De Greeff, 1935a, p. 214). Apesar de existirem homicídios encarados quase como uma decisão profissional, a grande parte deste tipo de crime resulta de uma evolução interior de dor e de drama, composta por três fases.

A primeira fase é apresentada pelo autor como a fase do consentimento ineficaz. Trata-se de “um período mais subconsciente que consciente sustido por numerosos elementos inconscientes” (De Greeff, 1935a, p. 214). Desde que o inconsciente esteja dotado de elementos que cristalizem uma ideia de provocar mal a outra pessoa, a causa que conduz a um consentimento ineficaz pode ser qualquer uma, como por exemplo um sonho ou uma divagação. É nesta fase que a maior parte das ideias homicidas acabam por ficar, segundo De Greeff (1935a, 1938), pois o exame da consciência, a lealdade habitual para consigo mesmo e a vida normal, desenvolvem aqui um papel preponderante.

A etapa seguinte de consentimento formulado (De Greeff, 1935a, 1938) é marcada pelo momento em que, apesar das evoluções subconscientes ainda não terem desaparecido, a grande parte dos pensamentos tornam-se conscientes. No entanto, o sujeito esforça-se para não abordar directamente a ideia, ou para pensar que o desaparecimento do outro poderá ocorrer sem o seu envolvimento implícito. “É nesta altura que as leituras, a frequência de tal meio, certas circunstâncias aparentemente sem importância poderão pesar muito na consciência do culpado... um nada pode fazer-lhe concretizar um salto prodigioso em frente ou suscitar uma fuga enlouquecida” (De Greeff, 1935a, p. 219).

A última fase denomina-se de crise (De Greeff, 1935a, 1938) e constitui a aceitação da ideia desenvolvida nas etapas anteriores; o sujeito, “admitindo o princípio da morte, não tem mais que aceitar para si mesmo rebaixar-se ao acto, aceitar a vergonha e o risco” (De Greeff, 1935a, p. 219). Surge no sujeito a necessidade de cometer equivalentes ao acto homicida, bem como o desejo de ocultar a sua própria responsabilidade através de práticas mágicas resultantes de um estado físico e moral agudo, onde “a sua sensibilidade está exasperada, a sua emotividade está desequilibrada, o seu julgamento está obcecado por um estado de crise e de luta” (De Greeff, 1935a, p. 220). A passagem ao acto encontra-se iminente e, por isso, qualquer acção mínima da vítima ou do meio podem ter uma influência máxima no sujeito. Tal acontece pela necessidade de colocar-se em sintonia consigo mesmo e, assim, legitimar o seu acto.

A conversão pode acontecer em qualquer das três etapas; a grande parte das ideias homicidas estagna no consentimento ineficaz pois “o desejo de desaparecimento de alguém abana de forma suficientemente violenta a quietude do indivíduo para o fazer compreender, avaliar e rejeitar essa ideia” (De Greeff, 1935a, pp. 220-221). Porém, subsistem os crimes onde, “apesar do facto de a personalidade ser desviada, a ideia continua a ramificar-se, a provocar uma preparação indirecta, a propor um concurso de circunstâncias favoráveis” (De Greeff, 1935b, p. 392). Assim, De Greeff (1950) defende que encontramos o impulso agressivo em todo o homem mas que em quase todo o homem se atenua muito rapidamente. Porém, “o futuro criminoso faz o inverso (ou provavelmente não se pode impedir de fazer o inverso) dos não criminosos; não experimenta explicar, compensar ou meter-se no lugar do outro” (De Greeff, 1950, p. 288). De qualquer das formas, quando o sujeito se apercebe da invasão da ideia criminosa poderá operar esforços para a combater. Encontra-se presente o desejo de não passar ao acto, desejo realizado através de esforços para atrair a atenção e para travar o decurso da cena. No entanto, algumas vezes basta a realização de um equivalente ao acto homicida; mesmo estando o acto decidido, este poderá ser mal executado por culpa da influência das inibições do Eu antigo (De Greeff, 1935a).

De Greeff (1935a, p. 220) afirma que é complicado determinar em que medida um acto é patológico, uma vez que “toda a actividade é suportada por reacções e atitudes sobre as quais não podemos determinar rigorosamente para cada uma qual é patológica nem em que medida o é” e, por isso, deve-se compreender o acto homicida através da personalidade do sujeito que o cometeu, estudando e compreendendo as suas manifestações não delituosas. “É preciso compreender do ponto de vista normal tudo o que é susceptível de ser. É apenas depois disto que podemos apelar à patologia” (De Greeff, 1935a, p. 221). Apesar da patologia intervir como amplificadora das reacções normais ou como inibidora de sentimentos normais, De Greeff (1935b, p. 382) considera que “não é o acto que é patológico (...) mas sim a evolução psíquica que levou ao acto que pode ser incriminada, não na sua forma onde normalidade e patologia se confundem, mas em certos caracteres hiper ou hipo normais”.

1.5. A evolução da ideia criminal

Para De Greeff (1935b, p. 385), “dos mil consentimentos ineficazes um desenvolverá por fim”. No entanto, perante o estado da vida social, uma ideia criminal deverá vencer um certo número de obstáculos se quiser desenvolver-se e realizar-se. O autor aponta que nos meios sociais mais evoluídos tornou-se inoportuno reconhecer e exprimir emoções, tornou-se “deselegante ceder a um movimento de humor ou, sobretudo, a um gesto brutal” (De Greeff, 1935b, p. 385) e, por isso, desde que a ideia nasce até à sua realização, o futuro culpado precisará de encontrar forças colocadas ao serviço do combate dessa ideia: “somente algumas disposições psíquicas mórbidas hereditárias ou adquiridas poderão dar-lhe esta força, a menos que, em casos mais raros, uma longa perversão o explique” (De

Greeff, 1935b, p. 386). Comparando os diferentes meios sociais, De Greeff (1935b) compreende que numa classe social mais cultivada a evolução para o crime deve fazer-se apesar do meio; já na classe operária, a ideia, uma vez desencadeada e tornada pública, apesar do meio, deverá ser recalcada pelo sujeito. Segundo De Greeff (1935b, p. 386), “o drama aqui é bem mais colectivo. O homem que não paga olho por olho, dente por dente, não é homem”. Assim, pode-se encontrar muitos fracos entre os homicidas: homens “que não resistem à sugestão de um cúmplice que explora a sua fraqueza ou à sugestão de um meio inferior” (De Greeff, 1935b, p. 387). Em todos os casos a intervenção passa por combater a influência criminógena “pela representação clara de que coragem não é vingar-se mas renunciar à vingança” (De Greeff, 1935b, p. 388).

A evolução da ideia criminal é influenciada pela resistência do Eu em cometer ou aceitar a ideia do crime e, também, pelas reacções da personalidade. Para De Greeff (1935a, p. 221), “é certo que um indivíduo estável nas suas práticas morais impondo a reprovação de tal acto precisará de tempo para se adaptar a esta decadência”. Tal explica porque é que personalidades morais reais demoram muito tempo a adaptar-se à ideia e a percorrer os três estádios, enquanto personalidades desprovidas de moral ou personalidades onde a ideia-crime incorpora o pensamento habitual demoram pouco tempo, ou mesmo nenhum, a adaptar-se à ideia criminal. Ou seja, o homem dito honesto vai recuando em direcção a um acto degradante como um crime, já “o homem amoral ou confinado à insociabilidade avançará rapidamente aceitando esta coisa sem importância para ele” (De Greeff, 1935a, p. 221).

1.6. Circunstâncias criminógenas e causas que determinam a evolução da ideia criminal

Acima de tudo, “o crime é um acto grave, um acto de homem” (De Greeff, 1935a, p. 214) e, por tal, é preciso encará-lo como um acto moral humano. Para o autor, simultaneamente com o estudo e com a compreensão do homicídio, é preciso identificar o conjunto de circunstâncias criminógenas que influenciam o desenvolvimento da consciência do criminoso, i.e., o modo com este se vê e se julga e, também, as causas que determinam a evolução da ideia criminal.

No conjunto de circunstâncias criminógenas encontra-se a diminuição das forças sociais e familiares que se pauta por um isolamento moral brusco. O sujeito foi levado a soluções extremas, ao desleixo de restrições morais. As circunstâncias criminógenas traduzem-se, também, pela diminuição das capacidades de adaptação do indivíduo à realidade, i.e., debilidade intelectual, anomalias do temperamento e desequilíbrios emocionais. Para De Greeff (1935a, p. 222), “uma doença mental torna-se terrivelmente criminógena a partir do momento em que transforma a personalidade do indivíduo”, uma vez que a relação com o pré-criminoso mantém-se idêntica, mesmo que ele se encontre hipersensibilizado, sem saber, pela psicose.

São várias as causas que contribuem para a evolução da ideia criminal: o próprio pré-criminoso, a vítima, a excitação do meio, a ironia e o medo. De Greeff (1935b) atenta mais na vítima e na sua

atitude, pois argumenta que “é incontestável que a mania de encontrar na vítima todas as qualidades que devem tornar o homicídio mais odioso não é em si uma atitude científica; em alguns casos, a perversidade, a imoralidade, a insensibilidade afectiva de uma vítima vem multiplicar os defeitos do criminoso” (De Greeff, 1935b, p. 392).

É importante reconhecer que “todo este período evolutivo, quando é visível, marca-se por ideias de suicídio, de ameaças, de tentativas ou equivalentes, coisas que são precisas saber para lhe dar significado e que permitem intervir” (De Greeff, 1935b, p. 389), e que o fim do período de adaptação à ideia criminal representa um suicídio moral, i.e., uma falta de investimento nas áreas de maior interesse para o sujeito. Quando tal acontece “o futuro culpado joga sem saber a sua última carta porque o suicídio moral coloca-o numa situação da qual ele não poderá sair antes da execução” (De Greeff, 1935b, p. 389).

1.7. A passagem ao acto

1.7.1. A premeditação

“Qualquer um, sob influências diversas, chega à acção” (De Greeff, 1935b, p. 393). O autor defende que o acto será, geralmente, mal preparado desde que existam resistências morais sérias. A execução é frequentemente um acto selvagem e desesperado, de uma violência extrema e em desacordo com a personalidade conhecida do sujeito. Exemplo disto é o sujeito que mata um amigo ou alguém que não lhe fez nada porque “nesse momento o medo intervém directamente, a emoção está no seu cúmulo, uma certa amnésia é corrente” (De Greeff, 1935b, p. 390). O meio pode garantir ao sujeito a certeza de que, por exemplo, roubar é um motivo para sobreviver como outro qualquer; porém, a escolha do modo para roubar depende da personalidade do criminoso e, por isso, “é preciso olhar para o motivo do acto” (De Greeff, 1935b, p. 384). Assim, o conceito da premeditação é importante na medida em que De Greeff (1935b) defende que é preciso saber diferenciar um equivalente ou um ensaio da verdadeira preparação do acto.

De Greeff (1935b) distingue três categorias de homicidas, segundo o grau de premeditação. Primeiramente, aqueles cujo período de adaptação é muito longo, muitas semanas a muitos meses, com preparação mínima do acto e diversos ensaios e equivalentes falhados, que espelham a resistência moral e as fases de luta contra a ideia criminal. Encaixam, neste grupo, a grande parte dos crimes passionais onde os indivíduos não são desprovidos totalmente de moralidade inata mas que se encaram injustamente atingidos. De seguida, aqueles cujo período de adaptação é curto, algumas horas ou alguns dias, onde existe uma franca e minuciosa preparação do acto, onde tudo correrá como se o homicídio se constituísse como acto banal. Categorizam-se, aqui, a grande parte dos crimes por interesse, alguns crimes passionais e, também, certos indivíduos cínicos ou doentes desequilibrados. Por fim, “o dito crime por impulso brusco fica tanto na primeira categoria (...) como no segundo grupo” (De Greeff,

1935b, p. 391), pautado por impulsos mórbidos e crimes arbitrários, sem motivo. No entanto, esta distinção não expressa a riqueza total do tempo preenchido como movimento afectivo, visto que “tudo deve então ser estudado em conjunto porque tudo está relacionado; é preciso evitar julgar o todo por um detalhe. O estudo do acto é evidentemente de maior interesse caso seja compreendido em função da personalidade do culpado e do conjunto de circunstâncias” (De Greeff, 1935b, p. 391). Por tal, é necessário atender a outro conceito de extrema importância na explicação da passagem ao acto: o conceito de estado perigoso.

1.7.2. O estado de perigo antes do crime

De Greeff (1938) defende que, quando se comete um homicídio, a vítima encontra-se já há algum tempo em perigo; no entanto, é raro que a vítima compreenda os avisos ou, mesmo que os compreenda, é raro que ela atribua uma importância significativa aos mesmos. Também o meio, quer o mais imediato como o mais afastado (imprensa, polícia e justiça), por ignorância ou inconsciência, participa da evolução da ideia criminal. Apesar de que “o estado perigoso está em tudo relacionado com o estado do criminoso” (De Greeff, 1938, p. 4), também esse estado de perigo é função da vítima, do meio imediato e ao afastado. De Greeff (1938) identifica o estado perigoso no lapso de tempo entre a consciência da ideia e a realização, no decurso da evolução da ideia criminal. Apesar de uma motivação anterior diferente, qualquer indivíduo percorre os mesmos processos até à passagem ao acto e, por tal, os actos, as palavras ou os escritos demonstrados aquando deste espaço de tempo podem ter um sentido significativo após a execução do acto, mostrando que existiu uma determinada premeditação. Estes sinais encontram-se repletos de significado e permitem compreender o que se passa no sujeito pois são sinais que o sujeito atribui ao ambiente.

Atendendo ao conceito de estado perigoso, identificamos, por um lado, o grupo de criminosos que age sem nada fazer transparecer à vítima, ao meio imediato e ao afastado; De Greeff (1938, p. 5) descreve-os como “aqueles que tenham agido num momento de exasperação e naqueles onde não se encontra nada que pareça uma ideia criminal anteriormente aos feitos ou que possa deixar reconhecer a existência de uma ideia criminal”. São sujeitos que, apesar de registarem uma longa incubação da ideia criminal, não manifestaram claramente as suas intenções ou, se as manifestaram, passaram despercebidas. Encontram-se, frequentemente, o domínio de ideias criminais recalcadas ou fracamente admitidas, libertadas num auge emotivo. Neste primeiro grupo há, ainda, lugar para aqueles que passam ao acto após uma preparação silenciosa do crime; aqui trata-se de uma verdadeira premeditação (De Greeff (1938). Apesar de existir um predomínio dos crimes utilitários, também há lugar para alguns crimes passionais. Não é raro identificarem-se desequilíbrios emotivos diversos, sujeitos de tipo primitivo de reacções brutais e, também, alguns amorais frios e calculistas. Por outro lado, encontramos o grupo de homicidas que passa ao acto após inúmeras demonstrações mais ou menos claras à vítima,

ao meio imediato e ao afastado, de que se passa em si um processo criminogénico. São sujeitos de inteligência superior aos que constituem o primeiro grupo (De Greeff, 1938).

Qualquer sujeito em qualquer momento da sua vida pode ter uma ideia homicida; para De Greeff (1938), “o facto de ser criminoso não consiste em ter, num dado momento, uma ideia agressiva ou homicida mas sim um desenvolvimento progressivo dessa ideia até à sua realização” (p. 8). Logo, distinguem-se dois grupos: aqueles onde a ideia homicida não recalcada mas não favorecida acaba por perder o poder com o passar do tempo; e, aqueles onde a ideia recebe diversas influências, extrínsecas e intrínsecas à personalidade e que, assim, acaba por se realizar.

Mas, concretamente, o que acontece? Raramente uma ideia homicida aparece sob a forma definitiva, surgindo a primeira vez indirectamente à consciência. Trata-se, como já vimos, do consentimento ineficaz. De seguida, aparece o consentimento formulado onde a ideia aparenta maior importância mas onde o sujeito não se encara, ainda, como futuro homicida. É por esta altura que o estado perigoso torna-se um estado embrionário; no entanto, como o sujeito não considera inevitável a passagem ao acto não existe um verdadeiro reconhecimento de um estado de perigo. Este apenas é determinado pelo início do estado de crise, ou seja, o estado em que “o sujeito, ao aceitar silenciosamente e secretamente a ideia de desaparecimento da vítima, constata que deve passar ao acto” (De Greeff, 1938, p. 9). Por muito que o sujeito tente lutar e escapar da ideia criminal, esta tornou-se o centro de toda a sua actividade psíquica. O estado de crise representa um esforço do sujeito em encontrar equivalentes à sua ideia-crime, procurando convencer os outros de que se passa alguma coisa realmente séria e dramática em si, observando-se ameaças e declínio moral expresso em tentativas de suicídio, greves de fome e insónias.

Apesar de que este estado perigoso ocorra em qualquer sujeito, ele é mais temível e definido em sujeitos onde intervém a patologia; “isto não é um valor absoluto uma vez que a inteligência e o valor moral intervêm, igualmente, para agravar ou atenuar este estado” (De Greeff, 1938, p. 11). Enfim, o estado de perigo é limitado a uma fase da vida de um qualquer sujeito submetido a um conflito moral agudo de um processo criminogénico e, por isso, o estado de perigo é sempre um estado passageiro. Apenas se pode tornar crónico “se o «acontecimento ocasional grave» repete-se indefinidamente ou quando o desequilíbrio é tal (delírio de perseguição, por exemplo) que torne permanente o conflito moral homicida” (De Greeff, 1938, p. 12).

1.7.3. Desequilíbrios e principais complexos a encarar

Segundo De Greeff (1938) a vontade de causar prejuízo ou de vingança é real, mas a verdadeira problemática assenta nos processos patológicos que sustentam essa vontade e no modo como o sujeito consegue dominá-la e abstrair-se dela; “o estado perigoso está essencialmente ligado com a noção de desequilíbrio e (...) é unicamente na medida em que um estado perigoso é semelhante a um estado de

desequilíbrio sério ou ligeiro que podemos conceber a possibilidade de acção sobre ela” (De Greeff, 1938, p. 13). Perante uma mesma situação existem reacções muito diferentes que são determinadas pelo grau de emotividade do sujeito. Para De Greeff (1938), o primeiro sinal de descompensação face ao seu processo criminal constitui o início do estado perigoso; “a gravidade deste estado perigoso é cada vez mais evidente consoante o indivíduo se afasta mais dos tipos de humanidade normais e se aproxima mais das personalidades mórbidas” (De Greeff, 1938, p. 19). O autor defende que reconhecer este estado perigoso pode não ser suficiente para intervir e impedir o crime mas é indispensável como ponto de partida para a compreensão do mesmo. Ao reconhecer o estado perigoso é preciso não agravar o processo crimínogeno. Quando nos deparamos com um sujeito num estado perigoso encontramos-lo com a sensibilidade afectiva e a influenciabilidade exasperadas; por tal, é geralmente denegrido pelos outros, conduzindo-se à ideia do crime, e “esta atmosfera de indiferença vem confirmar o pré-criminoso na sua ideia de estar a ser incompreendido” (De Greeff, 1938, p. 20). Por isso, é necessário colocar ao serviço os movimentos de simpatia e compreensão no sentido de melhorar a situação do sujeito.

De Greeff (1938) afirma que, pela prevenção, poderemos fazer intervenção. Assim, identifica, por um lado, o conjunto de sujeitos que se queixam espontaneamente à polícia; tanto pode ser o eventual homicida como a futura vítima a queixarem-se. Se for o homicida, “é o caso favorável onde não se deve falhar” (De Greeff, 1938, p. 21). Caso se trate de um sujeito com perturbações emotivas, a intervenção passa, por exemplo, pelo internamento. Se for a vítima, é francamente mais difícil de intervir pois incorre-se diversas vezes em equívocos. Porém, é sempre preciso ensinar a vítima a comportar-se no envolvente do possível homicida, tratando-se “de descortinar os processos psíquicos reais que se passam tanto no pré-criminoso como na pré-vítima, e desconstruir também as construções inconscientes de cada um que podem levar ao desfecho trágico” (De Greeff, 1938, p. 22). Por outro lado, o autor identifica o grupo de sujeitos que cometem um acto punível em período pré-homicida; “os actos destes indivíduos representam já um ensaio para o acto definitivo” (De Greeff, 1938, p. 23). É preciso reconhecer o valor significativo do acto cometido e, por isso, é importante a detenção imediata do sujeito; esta detenção passaria, apenas, por conhecer exactamente o culpado e a sua situação e para se saber em que estado se encontra no seu processo crimínogeno. Antes de qualquer condenação é necessário realizar-se uma investigação “social”.

1.8. Os diferentes tipos de homicídios

Segundo De Greeff (1935c) podemos encontrar dois géneros de homicídios: os homicídios com luta moral anterior e os desprovidos de luta moral anterior. Em ambos os casos, De Greeff (1935c) defende que qualquer homicídio é tomado pelo impulso ou de emoções activas, como o amor, o

ressentimento e o ódio ou de emoções passivas, como a timidez, o medo e a apreensão, “das quais o sujeito foge para um acto selvagem” (p. 358).

O homicida Boulough, estudo de caso de De Greeff (1935c), apresenta-se como protótipo de um homicídio de luta moral anterior sob influência de paixões activas, uma vez que é movido por um desejo incestuoso não recalcado: qualquer homem, durante a sua vida, pode passar pelo processo de Boulough; “mas assim que a culpa começa, assim que a ideia é bastante clara (...) na maior parte das pessoas que tiveram essas ideias, é a altura certa para se endireitar de imediato, é um recuo da ideia culpada” (De Greeff, 1935c, p. 365). Quando tal não acontece, como foi o caso, estamos perante o avanço e amadurecimento da ideia homicida. Ao longo de todo o processo, “mesmo perante um assassinato deste género, muito odioso, encontramos um homem que lutou com ele mesmo durante muito tempo” (De Greeff, 1935c, p. 369) e esta luta revela que o homicida reserva sempre a morte do outro como última hipótese. Este tipo de homicídio é descrito pela influência de “estados passionais, situações emotivas activas, amor, necessidade de domínio, necessidade de escapar da auto-estima, ressentimento, etc.” (De Greeff, 1935c, p. 369).

Nos homicídios com luta moral prévia encontramos, também, aqueles motivados por atitudes passivas, de carência. São sujeitos que, à imagem de Van Ster, outro estudo de caso do autor, cometem um homicídio não por auto-iniciativa mas por influência de uma pessoa perante a qual não têm a coragem de resistir; ou por medo, ou por cobardia: “a fraqueza, a emotividade infantil (o receio de ser substituído pelo casamento), traduziram-se bem na sua visão das expressões de inquietude dolorosa e a dor moral são de um tipo nitidamente infantil” (De Greeff, 1935c, p. 372). O autor defende que a atitude passiva não serve de desculpa directa e absoluta; o sujeito tem um estado mental mais ou menos preparado, que contemple a hipótese de homicídio.

De Greeff (1935c) aponta ainda a possibilidade de um homicídio misto que misture paixões activas e paixões passivas. São homicídios onde se enfrentam paixões positivas mas perigosas e onde a execução do acto parte, normalmente, de uma passividade. Todavia, “qualquer que seja o tipo de homicídio, o papel do actor directo constitui o elemento essencial e a importância da luta prévia que surge ao actor todos os dias merece ser colocada em evidência” (De Greeff, 1935c, p. 372). O momento da passagem ao acto representa-se, geralmente, como um estado emotivo paradoxal: “é a assinatura das reacções morais, da resistência interna da personalidade” (p. 372).

Os homicídios sem luta moral prévia são caracterizados pelo pouco tempo que dura a aceitação da ideia de matar alguém. São sujeitos desprovidos de personalidade moral, para os quais o acto de matar é banal e ausente de significado. É neste tipo de homicídio que, segundo De Greeff (1935c), encontramos o verdadeiro criminoso. “É o culpado de atitudes ambivalentes, ou seja, de ambições de

avanço e de recuo da ideia, de traços de conflito moral sérios, pela preparação a pleno sangue-frio e pelo seu êxito completo; pela ausência de remorso real depois do acto” (De Greeff, 1935c, p. 373).

De Greeff (1935a) identifica, ainda, os homicídios inacabados; se, por ventura, o primeiro homicídio do sujeito falha, é frequente encontrar sentimentos como remorso, tal como se o acto tivesse sido, realmente, executado e, por isso, torna-se difícil voltar a tentar matar. Segundo De Greeff (1935a, p. 234), “apenas encontramos a nova tentativa de acto, depois de uma primeira falhada, nos casos de deficiência moral e de défice afectivo claro”. Quando encontramos uma nova tentativa em sujeitos verdadeiramente diferenciados é necessário colocar a questão da patologia. No entanto, De Greeff (1935b, p. 390) defende que “é raro que um indivíduo normal se arrependa uma segunda vez a partir do momento em que se passaram alguns minutos entre o crime e a constatação do fracasso”. E, por tal, é preciso encarar o acto falhado que se apresenta no homicídio inacabado como um verdadeiro sinal de que, na passagem ao acto, a personalidade moral do indivíduo triunfou sobre o acto, impedindo-o de se realizar. Assim, o homicida pode voltar a si antes de cometer qualquer crime e, por isso, “não é raro encontrar em retroactivos de um homicida, traços nítidos de tentativas anteriores esboçadas ou traços de homicídios não concretizados” (De Greeff, 1935a, p. 235).

1.9. Problema de investigação

Independentemente do acto, concordamos que o homicida é um ser humano como nós, com emoções, afectos, relações, pensamentos, tal como defende De Greeff. Por isso, o propósito deste estudo é tentar compreender a pessoa que, em determinado momento da sua vida, decidiu-se a matar outra. Quem matou? Porque matou? Que significados? Que conclusões? Propomo-nos a entender o crime através do ponto de vista interior do protagonista do acto; partindo da história de vida do participante do nosso estudo, esperamos, como já foi dito anteriormente, compreender a inscrição do acto homicida na vida do sujeito. É neste sentido que concordamos que o estudo sobre o homicídio deveria assentar num sentido mais compreensivo do que antropológico, sociológico ou, até, psicopatológico. Iremos tentar compreender o acto pela palavra do seu autor e não tanto pela postura social que revela, pela sua aparência física ou pelos sintomas psíquicos que apresenta. No entanto, asseguramos que estas áreas não serão negligenciadas, pois concordamos que a constituição do ser humano é multifactorial e nela convergem influências de factores de diversas ordens.

II. Método

1.1. A história de vida no método qualitativo

Optar pelo método de investigação em psicologia (qualitativo ou quantitativo) não implica que um seja melhor que o outro; “a defesa de um método – de qualquer método – depende da argumentação” (Fernandes, 2002, p. 17), ou seja, do problema de investigação e, deste modo, do que se pretende conhecer através dele (Silverman, 2001; Strauss & Corbin, 1998). Assim, como o objectivo do nosso estudo prende-se com a compreensão do acto homicida e a sua inscrição na vida de um sujeito, optámos pelo método qualitativo.

“A pesquisa qualitativa é um campo de inquérito por direito próprio” (Denzin & Lincoln, 1994, p. 1), daí que este tipo de pesquisa pertença, indubitavelmente, às ciências humanas e vise pesquisar, explicar e analisar fenómenos humanos e complexos que, por norma, não podem ser mensurados por serem aspectos subjectivos (Dias, 2000; Mucchielli, in Holanda, 2006; Patton, 1990). É uma investigação descritiva, onde “os dados recolhidos são em forma de palavras e imagens e não de números” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48). Por isso, a investigação qualitativa “sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, bem como sobre o funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenómenos culturais e as interacções entre as nações” (Strauss & Corbin, 1998, p. 11), pelo seu carácter menos estruturado, permite uma relação longa e flexível entre investigador e investigado, na qual se jogam informações subjectivas, amplas e ricas (Dias, in Dias, 2000). Foi o que pretendemos alcançar com a história de vida. Tal como defendem, há muitos anos, as ciências sociais e humanas, é importante atender ao significado da narrativa, quer na escrita histórica como nos documentos pessoais e nas histórias orais, pois revelam o vivido interior do sujeito (Chase, 1995; Lieblich, Tuval-Mashiach, & Zilber, 1998).

Foi com a Escola de Chicago que se fundou o estudo de dinâmicas urbanas através da conjugação de técnicas etnográficas e do método biográfico. Alguns autores evidenciaram-se por investigações que levaram a cabo e pelo método escolhido para as realizarem. Assim, Robert Park e Florian Znaniecki, em 1918 (Burgess, 1997; Cunha, 2005; Tinoco, 2004), publicaram uma obra sobre a comunidade polaca emigrante intitulada *The polish peasant in Europe and América*, exímia e pioneira no seu carácter plurimetodológico. Esta obra reunia diversos métodos, entre os quais o biográfico, através da análise a cartas, diários e outro tipo de material documental. Estes autores afirmam que, ao analisarmos as atitudes e as experiências de um indivíduo, essa análise não se fechará na sua individualidade mas poderá ser determinante de leis sociais, pois o ser humano é constantemente bombardeado por aspectos inerentes ao meio onde pertence. Outro autor igualmente importante foi Clifford Shaw que publicou um trabalho intitulado *The Jack-roller: A delinquent boy's own story* (1966) focado nas problemáticas vividas por menores delinquentes. Através do estudo biográfico, Shaw (1966) defendia

que a reflexão que era pedida ao menor, necessária para escrever a história da sua vida, constituía-se como “uma primeira forma de intervenção, promovendo o *insight* e a tomada de decisão relativamente ao futuro de cada um dos menores atendidos” (Tinoco, 2004, p. 3). Já Edwin Hardin Sutherland, com a sua obra *The professional thief*, em 1937, construiu uma história de vida de um “ladão profissional «reformado»” (Tinoco, 2004, p. 3), sistematizando o contexto desviante onde ele se inseria (Burgess, 1997; Tinoco, 2004; Vala, 1986). Em todos os casos, trata-se de uma investigação qualitativa diferente da quantitativa pois não se caracteriza por um conjunto de procedimentos, observados à luz da estatística e das suas inferências (Glazier, in Dias, 2000; Lieblich et al., 1998; Patton, 1990; Strauss & Corbin, 1998), mas sim por uma metodologia que permite ao investigador embrenhar-se no contexto onde se insere o seu objecto de estudo (Kaplan & Duchon, in Dias, 2000).

Assim, a história de vida, a partir de “material autobiográfico apresentado nas próprias palavras do informante” (Burgess, 1997, p. 137), permite compreender a singularidade do indivíduo que se constitui como objecto de estudo; ou, então, compreender um fenómeno maior, como regras e modo de funcionamento de um determinado grupo social, através da informação detalhada e rica que advém de uma ou mais histórias de vida (Chase, 1995; Lieblich et al., 1998; Tinoco, 2004). Em comum existe o interesse focado no processo descrito e vivido pelo sujeito (Bogdan & Biklen, 1994).

1.1.1. Instrumentos ao serviço da recolha história de vida

Para Lieblich e colaboradores (1998, p. 7), “a história é a identidade de alguém; uma história criada, dita, revisada, e recontada ao longo da vida. Sabemo-nos ou descobrimo-nos e revelamo-nos a outros, pelas histórias que dizemos”. No entanto, para se construir uma história de vida, i.e., uma narrativa sobre experiências de vida (Chase, 1995; Denzin, in Gonçalves, 1997), não se pode apenas esperar que o sujeito fale de si. Apesar de as pessoas sentirem um impulso natural para narrar acontecimentos e daí serem consideradas contadoras de histórias, por natureza (Lieblich et al., 1998; McAdams, Josselson, & Lieblich, 2006; Mishler, in Chase, 1995), enquanto investigadores necessitamos de atender ao que nos é contado, dando sempre espaço a “um ponto de vista interior” (Burgess, 1997, p. 139), explorando e compreendendo o mundo interno do sujeito (Lieblich et al., 1998). Por tal, raramente se parte para a história de vida com hipóteses *a priori*; possivelmente, as hipóteses surgirão com a leitura do material (Glaser & Strauss, in Lieblich et al., 1998), constituindo-se, então, como um estudo desenvolvido de “baixo para cima” (Bogdan & Biklen, 1994).

Assim, existem vários instrumentos ao serviço da história de vida; um deles é, como afirmam Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1995), a entrevista não estruturada e semidirectiva, na qual o investigador estimula o participante a falar sobre determinada área de interesse, para depois explorá-la de forma mais profunda (Bogdan & Biklen, 1994). Segundo Muchielli (1994, p. 10), “a «boa entrevista» tem como objectivo a compreensão exacta daquilo que se passa com o outro, a descoberta do modo

pelo qual ele sente a situação, a clarificação progressiva de sua vivência”. Uma boa entrevista é espelho de paciência e confiança; primeiro, porque “os entrevistadores têm de ser detectives, reunindo partes de conversas, histórias pessoais e experiências, numa tentativa de compreender a perspectiva pessoal do sujeito” (Bogdan & Biklen, 1994) e, segundo, porque estabelece-se uma relação entre duas pessoas que deve ter a confiança por base (Burgess, 1997; Mucchielli, 1994). A boa entrevista reflecte-se nos dados que advêm dela, na sua própria riqueza.

Mas para realizar-se uma entrevista, quer seja boa ou má, é necessária uma peça fulcral que determinará todo o processo: o investigador. “Ser-se investigador significa interiorizar-se o objectivo de investigação, à medida que se recolhem os dados no contexto” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 128). Como Fernandes (2002, p. 27) defende, “ele é uma fonte de dados (através da observação participante, da interacção), instrumento da sua recolha (através da escuta, da interrogação, dos registos) e do seu tratamento”. O investigador não terá apenas a função de receber e tratar informação, mas sim de estar e ser na relação com o participante, de reagir e interagir com o mesmo e de tomar decisões de forma pró-activa, não fosse a história de vida um método qualitativo. O investigador deverá adoptar uma atitude de criatividade e disponibilidade, colocando ao serviço a sua inteligência e abertura, para assim aceder ao vivido do sujeito (Burgess, 1997). É o investigador que analisa e trata os dados recolhidos, o que implica que ele e a sua própria interpretação sejam chave de análise do problema (Bogdan & Biklen, 1994). Na história de vida “pede-se a um indivíduo que se conte, que descreva a sua história pessoal. Na história de vida, é a singularidade que é considerada, não numa perspectiva de diagnóstico ou de terapia, mas como reveladora de um certo vivido social” (Poirier et al., 1995, p. 45). Este tipo de entrevista, realizada pelo investigador, permite abordar certas questões consideradas pertinentes, possibilitando uma relação empática, na qual o narrador sinta o investigador como confidente, isento de julgamentos e pela qual o investigado elabore um discurso espontâneo e verdadeiro (Burgess, 1997; Cunha, 2005). Possibilita recolher dados de forma descritiva e pela linguagem do próprio sujeito, para assim atender-se ao significado do vivido, uma vez que “os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 50).

Para recolher estas entrevistas, será necessário o uso de um gravador. “O gravador é uma parte do equipamento indispensável para investigadores que usam métodos qualitativos” (Patton, 1990, p. 348) pois permite aceder à história de vida do sujeito e transcrevê-la com as suas palavras exactas, os seus silêncios, as suas opiniões. A exactidão garantida pelo gravador possibilita realizar, assim, uma análise fiel (Poirier et al., 1995). O investigado deve admitir o recurso ao gravador e o investigador deverá garantir-lhe confidencialidade, “as identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhes qualquer tipo de transtorno ou prejuízo” (Bogdan &

Biklen, 1994, p. 77). O uso do gravador deverá ser discreto, para não ser encarado como invasivo.

Para complementar a pesquisa surge a necessidade do uso de um diário de campo; este será o depósito de notas importantes acerca de detalhes emergentes na entrevista. Isto porque nas entrevistas gravadas não é capturado o cheiro, o movimento, a expressão; tais aspectos podem ser registados no diário de campo e assim completar a recolha e posterior análise de dados (Bogdan & Biklen, 1994). Para Fernandes (2002), o diário de campo adopta diversas funções de registo, como observações, notas de terreno, notas metodológicas e fragmentos discursivos.

Todos estes instrumentos de recolha possibilitam aceder ao material biográfico primário, i.e., narrativas recolhidas por entrevistas, enfatizando-se o subjectivo do sujeito que é, na maior parte das vezes, o mais relevante para a pesquisa (Ferrarotti, 1991). Denzin (in Gonçalves, 1997) considera que a abordagem biográfica é uma forma específica de se estudar a experiência humana, na amplitude que a mesma permite. Contudo, recolher uma história de vida não é apenas aceder ao individual, pois a narrativa singular possibilita compreender o outro; “esta experiência deverá ser tão rica e intensa para o narrador como para o investigador que está a ouvir, transformando-se num co-autor” (Cunha, 2005, p. 53) e dando ênfase ao papel fulcral que tem na pesquisa.

1.2. Apresentação do participante

Chama-se Alcides (nome fictício), nasceu em Lisboa e tem 30 anos. Encontra-se a cumprir pena de prisão por crime de homicídio num Estabelecimento Prisional Central da grande Lisboa. A pena é de 19 anos, tendo já cumprido três. Alto e robusto, de pele escura e voz grave, tem uma aparência razoavelmente cuidada. Apresenta um discurso oral muitas vezes desconexo, tendo dificuldades ao nível da memória. Apesar de comunicativo e disponível, torna-se pontualmente agressivo, quando a temática não é do seu agrado. A sua maneira de estar caracteriza-se pelas suas gargalhadas estridentes e pelos constantes suspiros. É solteiro e sem filhos; pertence a uma família numerosa. Viveu em diferentes lugares, mas sempre num ambiente precário. Antes de ser condenado, vivia com a mãe e com alguns irmãos em O., num bairro social localizado na zona da grande Lisboa. Órfão de pai, tem seis irmãos, dois sobrinhos e uma relação de grande proximidade com a avó materna. Descreve um percurso escolar pautado por desinteresse e abandono. Apresenta um historial psiquiátrico que envolve a toma de medicação psicofarmacológica.

1.3. A recolha da história de vida

O início do estudo foi pautado pelos pedidos de autorização para a realização do presente estudo à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais (vd. Anexo A). Após a autorização da DGSP (vd. Anexo B), deslocamo-nos à Direcção do Estabelecimento Prisional Central da área da grande Lisboa para

obtermos a última confirmação. De seguida, realizámos o planeamento das entrevistas e a sua calendarização (vd. Anexo C) e tal foi aprovado pela Direcção do EP.

Realizámos duas entrevistas selectivas, de modo a que fosse possível despistar, previamente, alguma circunstância inoportuna nos entrevistados. Por isso, a primeira entrevista com Alcides realizou-se nos Serviços Clínicos do EP e pretendia averiguar a motivação para participar na investigação. A selecção de Alcides residiu no facto de apresentar características favoráveis ao desenvolvimento deste estudo. O planeamento das entrevistas e sua calendarização foi acordada com Alcides na segunda entrevista, ainda realizada nos Serviços Clínicos. Este encontro serviu, também, para oficializar a sua participação, com o consentimento informado (vd. Anexo D).

As entrevistas de recolha de história de vida realizaram-se nos gabinetes dos advogados, em frente da chefia de guardas, no pavilhão central do EP. O gabinete era ligeiramente desconfortável, sendo que incorríamos no risco de realizar entrevistas simultâneas com outro colega, no gabinete ao lado. De assinalar que os gabinetes eram divididos apenas por uma janela transparente. No entanto, o cariz de desconforto do espaço parece não ter incomodado o participante. Durante todo o processo de recolha da história de vida registou-se um total de nove encontros, com duração aproximada de 40 a 50 minutos cada. Registou-se a ausência de Alcides a uma entrevista marcada, o que perfazia um total de 10 entrevistas.

Contudo, algumas variáveis que surgiram ao longo da recolha da história de vida dificultaram significativamente o procedimento: a resistência de Alcides em falar sobre temáticas delicadas, como mortes de familiares, que se traduzia em agressividade e em términos abruptos das entrevistas; a falta de entusiasmo na fase inicial de cada entrevista, que conduzia a uma incapacidade de Alcides se contar e, assim, “ficar à espera” da nossa orientação; o discurso pouco factual e, às vezes, confuso; e a dualidade no seu aspecto físico: umas vezes cuidado, outras vezes desleixado. Foram, no entanto, respeitadas as resistências do sujeito e aceites as dificuldades. Demonstrámos compreensão pelas suas problemáticas e profissionalismo quando a abordagem de Alcides incidia numa tentativa de aproximação mais íntima. Esclarecemos que não poderíamos ser amigos, como era o seu desejo e que não responderíamos a questões de ordem pessoal, pois o intuito dos nossos encontros era o já acordado em consentimento informado.

Recorremos ao diário de campo (vd. Anexo E) como auxiliar de registo de como nos sentimos e como o participante se apresentou. Não registámos nem conversas extras ou informais pois as mesmas não se realizaram. Não tivemos, também, oportunidade de abordar outros informantes pela inexistência dos mesmos, uma vez que nos encontrávamos num EP.

1.4. Tratamento de dados e análise de conteúdo

Após a recolha da história de vida surgiu-nos um vazio: o que fazer? Por onde começar?

Primeiramente, deu-se início à elaboração da história de vida, contemplando as várias fases definidas por Poirier e colaboradores (1995). De seguida, procedeu-se à análise de conteúdo temática, construindo-se a grelha de análise, com respectivas definições (vd. Anexo F) e à análise de conteúdo propriamente dita (vd. Anexo G). Simultaneamente, e como auxiliar à análise de conteúdo, construímos o biograma que permite uma apreensão geral da história (vd. Anexo H).

1.4.1. Elaboração da história de vida

Poirier e colaboradores (1995) definiram uma série de fases para a elaboração da história de vida que procurámos seguir criteriosamente. Assim, a primeira etapa consistiu numa transcrição integral e não comentada das entrevistas, deixando-se espaços em branco referentes às palavras que não se percebem na gravação e fazendo-se anotações acerca de elementos referentes à gestualidade. É necessário que a história ofereça o máximo de legibilidade, mas não se deve afastar da realidade do sujeito. Por tal mantiveram-se certas repetições e erros de linguagem. Ainda nesta fase procedeu-se à modificação de todos os nomes e lugares susceptíveis de identificar o participante. A segunda etapa passou pela releitura da história, na tentativa de se preencher os espaços em branco e, assim, completar a narrativa, da melhor forma possível. Seguidamente, procurou-se dar legibilidade à narrativa passando o material em bruto, i.e., falado, para o texto escrito. Retirámos os erros ou repetições “inúteis”, corrigiu-se a pontuação e colocaram-se maiúsculas no início das frases. Na quarta etapa organizou-se cronológica e tematicamente a história de vida. Na ordenação cronológica tivemos como base a psicologia do desenvolvimento e na ordenação temática organizámos os temas e/ou acontecimentos mais significativos. A estratégia usada para ambas as organizações baseou-se no uso de diferentes cores para as diferentes fases e diferentes temas. De seguida, apresentou-se definitivamente o texto na primeira pessoa (vd. Anexo I); apesar de não ser um procedimento obrigatório, considerámos que a história de vida na primeira pessoa possibilita uma maior percepção da sinceridade e subjectividade da narrativa. Para tal, é necessário reproduzir o mais fielmente possível o discurso do sujeito.

Na elaboração da história de vida deparámo-nos com algumas dificuldades que se prendiam, sobretudo, com o discurso por vezes repetitivo de Alcides; no entanto, optámos por não eliminar conteúdos repetidos, para não incorrermos no risco de perder informação e, também, para não alterar a identidade subjectiva do participante.

1.4.2. Análise de conteúdo

Feita a apresentação definitiva da história de vida, procedemos à análise do seu conteúdo. Esta pode ser encarada de diferentes modos: para Berelson (cit. in Bardin, 2007, p. 46), este tipo de análise tem como objectivo interpretar as comunicações, manipulando-as de forma a “evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem”; já Ghiglione e

Matalon (2001, p. 187) afirmam que “uma análise de conteúdo não tem sentido se não for orientada para um objectivo. Procurar saber o que existe num texto, sem mais, não tem outra resposta que o próprio texto”; Vala (1986, p. 104) afirma que “a análise de conteúdo permite inferências sobre a fonte, a situação em que esta produziu o material objecto de análise, ou até, por vezes, o receptor ou destinatário das mensagens”; para Souza Filho (1996, p. 337) “o princípio geral que orienta o trabalho de análise de conteúdo é a necessidade de se dispor de técnicas adequadas para lidar com o fenómeno simbólico humano, de modo sistemático e objectivo”. Apesar das várias perspectivas, encara-se este tipo de análise como um meio distinto de interpretação de material qualitativo.

Vala (1986) refere-se à história de vida, método que suporta a nossa investigação, como um dos muitos casos onde poderá não existir hipóteses *a priori*, apenas dados reunidos de modo sistematizado e controlado e, depois da recolha da história, organizados e classificados; neste exemplo, a análise de conteúdo permite mostrar “a importância relativa atribuída pelos sujeitos a temas como a vida familiar, a vida económica, a vida profissional, a vida religiosa, etc” (Vala, 1986, p. 105) e, no caso específico do presente estudo, a vivência da passagem ao acto homicida.

Bardin (2007) identifica algumas etapas que compõem a análise de conteúdo. Num primeiro momento existe a pré-análise que é, de forma resumida, a “fase de organização propriamente dita” (Bardin, 2007, p. 89). É aqui que se deve definir o problema ou delimitar os objectivos e, consequentemente, definir o quadro teórico que suporta o estudo. Situámo-nos na teoria de De Greeff, completando a análise com outras teorias que surgiram como necessárias à compreensão do caso.

Depois, constitui-se o *corpus* que é composto pelo material a analisar e, aí, surge a exploração do material, que inclui a codificação e a categorização e que são pautadas pelo rigor do codificador e pelo cumprimento dos critérios de validade e fidelidade: “os estudos (...) serão produtivos na medida em que as categorias sejam claramente formuladas e bem adaptadas ao problema e ao conteúdo (a analisar)” (Berelson, cit. in Ghiglione & Matalon, 2001, p. 190). A codificação é a “escolha do tipo de recorte ou unidade de registo do dado simbólico, que inclui a definição de categorias e a quantificação dos mesmos, se for o caso” (Souza Filho, 1996, p. 329) e para uma codificação rigorosa é necessário definir unidades de análise que se dividem em unidade de registo, unidade de contexto e, por fim, unidade de numeração (Ghiglione & Matalon, 2001; Souza Filho, 1996; Vala, 1986). No caso específico da análise de conteúdo aplicada às entrevistas privilegia-se a unidade de registo, em possível detrimento dos outros dois tipos de unidade (Ghiglione & Matalon, 2001; Vala, 1986). Assim, a unidade de registo é o “segmento determinado de conteúdo que se caracteriza colocando-o numa dada categoria” (Vala, 1986, p. 114) e pode derivar de diferentes campos: “executam-se certos recortes a nível semântico, o «tema», por exemplo, se bem que, por vezes, exista uma correspondência com unidades formais (exemplos: palavra e palavra-tema; frase e unidade significativa)” (Bardin, 2007, p. 98).

De seguida procede-se à categorização, construindo-se as categorias de análise “composta(s) por um termo-chave que indica a significação central do conceito que se quer apreender e de outros indicadores que descrevem o campo semântico do conceito” (Vala, 1986, p. 111). Sucintamente, o processo de codificação baseia-se na associação de certa unidade de análise a certa categoria que se encontra num sistema de categorias. Este pode ser construído *a priori*, *a posteriori* ou ambos simultaneamente. No nosso estudo optámos pelo procedimento misto (Pais, 2004), ou seja, recorremos a um procedimento aberto que nos conduziu as categorias emergentes mas sustentámo-nos por um procedimento fechado, ligado a um quadro teórico. É preciso definir critérios que permitirão associar certa unidade de análise a certa categoria, pretendendo-se dar “um sentido preciso (...) a cada uma das categorias” (Ghiglione & Matalon, 2001, p. 192). E, por tal, definimos as unidades de análise, que neste caso são unidades de registo temáticas.

O tema, enquanto unidade de registo, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não das manifestações formais reguladas (...). O tema é geralmente utilizado como unidade de registo para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. (Bardin, 2000, pp. 105-106).

Acima de tudo, a análise temática “consiste em isolar os temas presentes num texto” (Ghiglione & Matalon, 2001, p. 212), dividindo-se o texto em temas principais (i.e., em conteúdos de segmento de texto analisado) e em temas secundários (ou seja, em especificar os temas principais nos seus diferentes aspectos). Assim, construímos as tabelas de categorias compostas por: pré-categorias (infância, adolescência e adultez); categorias, que cumpriram as regras elementares para a construção das mesmas; indicadores, i.e., definições do conteúdo para o qual a categoria remete; exemplos retirados da narrativa; e categorias emergentes resultantes da análise da história.

Ao longo da análise de conteúdo bem como aquando da construção da grelha de análise assegurámo-nos que cumpríamos os critérios de fidelidade bem como os de validade, para que as inferências realizadas fossem credíveis. Sendo assim, a fidelidade encontra-se estreitamente ligada ao processo de codificação, ao codificador e ao instrumento de codificação. Os testes de fidelidade passam pela fidelidade do codificador e pela fidelidade das categorias de análise (Ghiglione & Matalon, 2001; Vala, 1986). Relativamente à fidelidade do codificador, definem-se dois planos: o plano do inter-codificador, onde existem um conjunto de codificadores que, ao trabalharem sobre o mesmo texto, devem chegar aos mesmos resultados; e, o plano do intra-codificador, onde “um mesmo codificador, analisando o mesmo texto em dois momentos diferentes, deve reproduzir a sua primeira análise” (Ghiglione & Matalon, 2001, p. 197). Já em relação à fidelidade das categorias de análise, “a palavra-chave é aqui ambiguidade” (Ghiglione & Matalon, 2001, p. 197). Se a categoria usada não for ambígua vai permitir classificar sem dificuldade a unidade de registo. É preciso definir clara e rigorosamente as

categorias e as unidades de registo, pois segundo Ghiglione e Matalon (2001, p. 197), “a falta de fidelidade, neste caso, é reveladora de ignorância e não de uma deficiência metodológica”. Já a validade é a “adequação entre os objectivos e os fins sem distorção dos factos” (Ghiglione & Matalon, 2001, p. 198), através da exaustividade, onde todas as unidades de registo devem poder ser colocadas numa das categorias; e da exclusividade, pela qual uma mesma unidade de registo só pode ser colocada numa categoria. Sabemos, então, que um dos principais limites do método é “a ausência teórica ao nível do sentido (quer dizer, da relação do discurso com a sua produção), face à qual somos levados a fazer «o melhor»” (Ghiglione & Matalon, 2001, p. 192). Por tal, mantivemo-nos atentos constantemente aos critérios de validade deste instrumento de análise.

Ao longo da análise construímos o biograma. Este surge como complemento ao tratamento de dados pois “é constituído por uma série de áreas temáticas da existência do sujeito, organizadas ao longo do eixo formado pela idade cronológica (Tinoco & Pinto, 2001, p. 19). A construção do biograma possibilita olhar simultaneamente os diferentes acontecimentos da vida do participante e por tal poderá ajudar na análise e na discussão da história de vida (Poirier et al, 1995).

III. Apresentação da história de vida

1.1. Análise da história de vida

Neste capítulo apresenta-se um relato da história de vida, tendo por base as seguintes divisões cronológicas: infância, dos zero aos 14 anos; adolescência, dos 15 aos 20 anos; adultez, dos 21 à idade actual. Esta demarcação deve-se a acontecimentos importantes, que interpretamos como etapas de crescimento: assim, a adolescência começa quando Alcides volta da casa da avó e a vida adulta inicia-se quando Alcides parte para a Irlanda (vd. Anexo I). Optámos por esta divisão mais flexível uma vez que a teoria do desenvolvimento de Erikson (1971) não correspondia às necessidades de análise desta história. Não conseguimos encontrar as idades definidas por Erikson (1971) de forma clara, e assim, concordámos em realizar uma divisão do ciclo de vida de Alcides mais particularizada, atendendo pontualmente aos conflitos fundamentais encontrados por Erikson (1971).

1.1.1. Infância

Relações familiares

A primeira coisa que Alcides refere quando começa a contar a sua história é a constante mudança de residência, demonstrando que tal, possivelmente, prejudicou o seu desenvolvimento. O motivo para as mudanças assenta na precariedade do ambiente; por viverem em barracas, mudavam-se diferentes vezes pois ocupavam “terras” alheias.

O pai, de origem cabo-verdiana, era servente na construção civil. A dada altura Alcides revela que nunca se orgulhou de o pai não ter lutado mais para atingir um posto superior ao que tinha. O pai não foi, desta forma, uma figura de admiração para Alcides. Junto a este facto, a severidade paterna denunciada por Alcides constitui-se como fonte de angústia. Por ser insuportável verbalizar os maus tratos do pai, o sujeito mostra uma tendência constante de compensar esta falha, relativizando o sofrimento, dizendo “levei porrada como todos... acho normal...”. Outro facto que não foi averiguado na totalidade é o alcoolismo do pai; a dada altura Alcides relata um acontecimento marcante aos dez anos de idade: roubou o garrafão onde a mãe ia buscar o vinho para o pai, para o vender. Como consequência, a mãe puxou-lhe as orelhas e bateu-lhe. Este acto, pleno de significado, foi compreendido por Alcides ao ponto deste dizer “mas era uma coisa de nada. Deve ter sido mais pela atitude”. Queria Alcides impedir o pai de se alcoolizar?

Já a mãe, angolana, trabalhou primeiramente numa fábrica, na qual Alcides frequentou a creche, tendo depois ficado no desemprego, tornando-se, mais tarde, empregada doméstica em algumas casas. Alcides revela um certo distanciamento afectivo da mãe quando verbaliza “acho que ainda trabalha nisso”. Possivelmente tal afastamento surge da rigidez materna denunciada por Alcides ao revelar maus tratos da parte da mãe. Quando Alcides diz, relativamente à mãe: “preocupo-me um ‘cadinho com ela, como ela se preocupa comigo”, querera dizer que a mãe preocupa-se pouco com ele, logo, ele pouco se

preocupa com ela?; que a mãe pouco o amou, logo, ele pouco ama a mãe? Apenas refere uma altura boa na relação com a mãe, remetendo para quando era pequeno e a mãe, como não trabalhava, cuidava dele.

Como a expressão dos maus tratos era um tema angustiante para Alcides, a tendência foi sempre denegar: aquando da verbalização da angústia, o sujeito dizia “mas foi bom”. As relações pouco estruturadas tanto com a mãe como com o pai são consolidadas na expressão “por acaso os meus pais nunca falaram sobre mim quando era mais pequenino”.

O pai já tinha um relacionamento antes de se juntar com a mãe; dessa primeira relação existe uma filha, a qual Alcides não conhece nem reconhece como meia-irmã. A primeira filha do casal surge em S. Tomé e Príncipe, local onde os pais de Alcides estiveram antes de vir para Portugal. Sem contabilizar esta meia-irmã, Alcides pertence a uma fratria de oito irmãos, onde um deles já faleceu (atropelamento, quando ainda era criança). Refere apenas um irmão próximo, irmão este um ano mais velho que ele. Com este irmão Alcides demonstra uma relação anaclítica, por uma dependência de tal ordem forte que se reflecte na reprodução dos comportamentos do irmão: o irmão teve um esgotamento, Alcides foi internado logo de seguida com uma depressão, na mesma clínica; o irmão tirou um curso de modelo, também Alcides o fez mais tarde; o irmão não se dava bem com um dos irmãos mais velhos, Alcides refere-se a esse irmão como o único com o qual não se relacionava; o irmão tornou-se amigo do irmão de Dionísio, a vítima, e Alcides estabeleceu uma relação de proximidade com Dionísio; o irmão cometeu alguns crimes e foi preso, Alcides acaba por ser preso também. Não conseguiu estabelecer mais nenhuma relação com qualquer outro irmão; relativamente a eles apenas sabe verbalizar as suas profissões, o que de mais superficial existe. Diz, a dada altura, que a relação com os seus irmãos era boa, afirmação sustentada pelo mecanismo de denegação uma vez que, antes, afirma que a relação era desastrosa, pois eram muitos e os conflitos eram constantes.

A relação com a avó materna surge como fuga ao ambiente familiar desestruturado. Alcides ansiava para estar sempre com a avó, afirmando que “ela era muito mansinha”. Compreende-se, assim, que a avó não era severa e, assim, o oposto dos pais. Por isso, a necessidade de Alcides fugir sempre para a alçada da avó. Refere ter uma relação muito boa e próxima com ela, indo viver com a mesma quando tinha 10/11 anos. Nessa altura verbaliza ter tido mais atenção e mais liberdade, afirmando que “não queria ir para casa porque, naquela altura, gostava mais da minha avó do que dos meus pais”. Dizia que não se portava mal, muito pelo contrário, pois só nesta condição a mãe o deixava ir para junto da avó. Na casa da avó vivia o companheiro da mesma, que Alcides considerava como o verdadeiro avô, uma vez que não conheceu o outro. Apesar de gostar muito dele, revela que esse avô tinha problemas com o álcool. Deste relacionamento da avó, nasceu um filho, meio-irmão da mãe de Alcides, que também vivia naquela casa. Alcides gostava muito desse tio, dizendo que passava bons tempos com ele. No

entanto, ele enforcou-se em casa, cena que Alcides viu e que lhe custou muito. Ele afirma que custou mais ao irmão e associa ao suicídio do tio o esgotamento que o irmão teve. Alcides permaneceu na casa da avó até aos 14/15 anos, mudando-se depois para O., para junto dos pais.

Com os avós paternos Alcides não tem qualquer relação; afirma nunca os ter conhecido e que quando quis saber mais sobre eles o pai já tinha falecido. Também eles já faleceram, mas o sujeito não revela nada sobre tal acontecimento, nem sequer angústia.

Relações interpessoais

As relações interpessoais que Alcides refere são marcadas pela dualidade; afirma “eu e mais um, houve sempre eu e mais um. O meu parceiro, o meu companheiro”. Nega a pertença a um grupo e verbaliza que as amizades mudavam consoante mudava de escola. O primeiro amigo que refere é o João; eram vizinhos e andavam na mesma escola. A relação de amizade entre ambos baseava-se na brincadeira que mantinham com outras duas raparigas. Depois, surge o Carlos com o qual diz não ter aquela amizade que tinha com João, pois faltavam as duas raparigas para brincar.

Percurso escolar

A primeira classe foi um período muito conturbado na vida de Alcides; chumbou duas vezes, afirmando que o caminho de casa para a escola era muito longo e que, por tal, acabava por ficar em casa da avó. Diz ter-se inscrito na escola de A. mas, logo de seguida, os pais mudaram-se para D. Refere que sempre gostou de estudar longe de casa, denotando uma inconsciente fuga do ambiente familiar desestruturado, por isso não se importou de continuar na escola em A. No entanto, acabou por completar o ciclo primário em D., junto de casa, onde andava o irmão mais próximo. Diz que não gostava de andar na escola, pois os professores eram muito rigorosos, e que actualmente é que os professores são mais simpáticos.

Percurso profissional

Alcides começou a trabalhar muito cedo, aos oito anos. Trabalhava junto da avó, que vendia legumes e outros bens perto do Cais de Sodré. Diz que trabalhava nesta idade porque queria ser independente e não pedir dinheiro aos pais. Será, de facto, verdadeira esta afirmação? Ficámos com a sensação de que era a necessidade familiar que fazia Alcides ir trabalhar, porém, não o conseguimos averiguar. Alcides refere também que trabalhava com (ou para?) o pai, na sua horta. Tal era encarado como um sacrifício que Alcides odiava, verbalizando que “já o meu pai, o meu pai não me ajudava a mim. Eu não gostava de trabalhar na horta, tipo era carregar água, com baldes à cabeça, essas coisas todas”. Dizia que geralmente era sempre ao fim-de-semana, altura em que queria brincar pois não tinha escola. Mas o pai obrigava Alcides e os seus irmãos a ajudarem na horta e ele diz que não tinham alternativa; como fenómeno de compensação, Alcides refere que a horta era lugar de coisas boas.

Relação com o meio

Alcides refere, num discurso bastante confuso, as suas mudanças de residência. Morou em A., primeiramente, tendo-se mudado para D. aos sete/oito anos. Depois, aos 10/11 anos vai para M., viver com a avó. Refere que quando acabou o ensino primário em D. se inscreveu na escola preparatória que existia perto de M., já com a intenção de alegar à mãe a necessidade de ir viver com a avó. Um estratagema pensado por Alcides para fugir do seu ambiente familiar. Aos seus 12/13 anos os pais mudaram-se para O. mas Alcides viveu em M. até aos 14/15 anos, altura em se vê obrigado a mudar para O., uma vez que precisava de entrar para o 7º ano, numa escola secundária.

As diferentes mudanças de residência aconteciam sempre na zona da grande Lisboa e eram motivadas pelo ambiente precário em que viviam. As barracas eram construídas pelo pai e mudavam-se, segundo Alcides, “porque o terreno não era nosso”. No entanto, a mudança de D. para O. foi diferente, em O. ocuparam um bairro social. As quebras relacionais conduziram a um certo desligamento afectivo. O sujeito, a certa altura, verbaliza a preferência por A. dizendo “porque foi das primeiras experiências, foram as primeiras pessoas, os primeiros amigos, a primeira bebedeira. Foi a minha primeira experiência de vida”. Interpretamos esta preferência à luz da estabilidade que ali conheceu: foi como tábua rasa, isenta de experiência negativas por ter sido o primeiro lugar que conheceu. Por isso, entendemos que as mudanças de residência, provavelmente, afectaram o desenvolvimento de Alcides.

Relações amorosas

O primeiro relacionamento mencionado por Alcides ocorre quando está em M., na escola preparatória. Diz que começou a namorar com Maria porque ela era amiga de uma rapariga que era namorada de um amigo seu. Por serem os quatro amigos e por Alcides e Maria não namorarem, resolveram começar a namorar. O relacionamento durou o ensino preparatório, o 5º e o 6º ano. Esta relação com Maria abre um sistema de relacionamento mantido por Alcides até à actualidade: as suas relações são impulsionadas por forças externas, não há motivação interna para as mesmas. Será que existe uma sexualidade bem resolvida ou difusa?

1.1.2. Adolescência

Relações familiares

Alcides parece-nos ter tido uma adolescência tardia, começando esta fase aos 14/15 anos, depois de ter voltado da estadia na casa da avó. Durante a adolescência a dinâmica familiar de Alcides manteve-se similar; os pais permaneceram desligados, com os irmãos não se fortificou mais nenhuma relação. O pai morreu de ataque cardíaco nesta faixa etária; não é possível certificar a data exacta da morte do pai. No entanto, é possível entender que foi algo que marcou Alcides num sentido material,

uma vez que pouco antes da morte do pai Alcides terminou uma relação e serviu-se do luto do pai como motivo para voltar para a rapariga. Diz que nesta altura teve uma depressão e foi internado. Apesar de ser um tema angustiante, compreendemos que não o foi por ter perdido o pai, uma vez que verbaliza, relativamente à depressão: “e depois o meu pai também morreu e comecei a sentir-me melhor e percebi que não valia a pena ‘tar ali a sofrer mais’”. A morte do pai foi um alívio? Depois da morte do pai, Alcides revela que foi um período complicado porque a mãe ficou sozinha e era complicado gerir a família. A avó, que vivia em M., mudou-se para um bairro social em O., para ficar perto da família de Alcides. Isto porque, entretanto, o companheiro da avó morreu. Alcides não percebe muito bem como o avô morreu, dizendo que ele bebia muito e que tinha uma ferida no pé. Essa ferida começou a alastrar e ou o avô cortava as pernas ou morria. Naturalmente, diz: “acordou um dia morto. Não ‘tou a ver muito bem”.

Relações interpessoais

Alcides foi para O. estudar e fez um novo companheiro. Foi Sílvio que, mais tarde, se revelou um falso amigo pois o interesse dele era “roubar” a namorada de Alcides. Ainda nesta fase aproximou-se de outro rapaz, o Nelson. Este era irmão da única rapariga de quem Alcides diz ter gostado, Cândida, mas com a qual nunca teve um relacionamento. A amizade com Nelson manteve-se na base de ele ser irmão de Cândida.

Aos 14 anos, quando se muda para O., conhece Dionísio. Um homem mais velho uns 20 anos, aproximadamente. Alcoólico e marcado pelos habitantes do bairro como um indivíduo problemático, a sua família era desestruturada, pautada pelo historial de alcoolismo e pobreza. O irmão mais próximo de Alcides estabelece uma relação com um dos irmãos de Dionísio e começa um caminho na delinquência com o mesmo. Alcides sente aí o impulso de também estabelecer uma relação com Dionísio, apontando como argumento para se aproximar dele as origens africanas de ambos. Mesmo alertado pela mãe, e tantas vezes proibido de estar com ele, Alcides mantinha a relação. E esta relação foi baseada, desde início, num regime de co-dependência: Dionísio precisava de Alcides, para garantir dinheiro e comida; Alcides precisava de Dionísio para permanecer submisso a uma certa rigidez. Uma reprodução do padrão de relacionamento com o pai? Dionísio abusava de Alcides no sentido da extorsão e da agressão. Mesmo assim, Alcides permanecia na relação dizendo que sabia que um dia mais tarde Dionísio iria precisar dele. Precisar em que sentido?

Percurso escolar

Ainda estava em M. quando entrou na escola secundária em O. Apercebeu-se que se tornava desgastante fazer o percurso para a escola, estando a viver em M. com a avó, e resolveu mudar-se para O., para junto dos pais. Não correu bem pois Alcides chumbou duas vezes no sétimo ano. Diz que não

era muito bom em estudos e faltava às aulas; mas não assume a culpa de sair da escola, dizendo “aquilo foi uma desculpa para não me aturarem mais na escola”. Atribui ao exterior a responsabilidade total do seu abandono escolar, afirmando ainda que como trabalhava era difícil conciliar as duas coisas. Ao ter que escolher, porque andava cansado, opta pelo trabalho; argumenta ainda que por ter começado a trabalhar muito novo começou a “ganhar gosto do dinheiro” e já não se via sem ser independente. Refere que realizou muitos cursos profissionais, o primeiro logo após abandonar a escola pública. Era um curso de electromecânica, no qual diz ter aprendido muito. Outro curso que tirou foi um de manequim, o qual o irmão mais próximo também frequentou. Refere, também, um curso de técnicas vocais e programação de espectáculos.

Percurso profissional

Não refere nenhum trabalho específico, diz ter trabalhado em muita coisa mas nunca ter ficado muito tempo em cada sítio. Compreendemos a necessidade de mudança e de instabilidade como reflexo das constantes mudanças de casa. Diz nunca ter querido trabalhar com o pai, verbalizando que “às vezes queria fugir para não trabalhar com ele mas era obrigado a trabalhar com ele. Não queria trabalhar com ele porque ele era muito, o meu pai era muito rígido”. O único trabalho que fazia com o pai era na horta.

Relação com o meio

Mudou para O. e permaneceu lá até à sua adultez. Afirma ser diferente porque era um bairro municipal, porque eram casas, facto que até à altura Alcides não havia experienciado. Por isso, Alcides encara O. como uma cidade, associando a esta mudança um aumento de responsabilidade, dizendo “começou a ser um ‘cadinho mais stressante. Já sabia, já tinha noção do que era a vida, mais ou menos”.

Relações amorosas

Flávia surge na vida de Alcides porque era irmã de um amigo da escola secundária. Novamente, “por boca dos rapazes, por incentivo da rapaziada”, começou o relacionamento com ela. Diz que no início da relação ela gostava dele mas ele não estava muito interessado e que quando começou a gostar dela, Flávia aparecia com traições, facto que Alcides não gostava. Refere, também, que Flávia gostava que ele estivesse só ali por estar, no meio de todas as suas amigas: “para ‘tar ali a levar seca, elas ali, as mulheres todas lá e eu no meio delas todas”. Foi com Flávia que perdeu a virgindade, mas recorda esse momento com amargura, dizendo “não foi uma experiência que eu tenho muito orgulho”. Surge, novamente, a problemática da sexualidade: será que não se orgulha por ter sido com o objecto afectivo errado? A dada altura, Alcides tem um lapso linguístico relativamente a Flávia, dizendo “era um rapaz... ai, era um rapaz... era uma rapariga bem constituída, tinha um bom busto, tinha um bom

corpo, tinha um corpo atlético”. Queria Alcides que Flávia fosse um rapaz, na verdade? Nesta fase Alcides refere a presença de uma rapariga chamada Cândida, amiga de Flávia. Ao recordá-la afirma ter sido a única rapariga de quem gostou de verdade, por quem faria qualquer coisa, com quem gostaria de constituir família. Nunca se relacionaram por Cândida ser amiga de Flávia. Mas se esta não o preenchia, porque não lutou por Cândida? Será Cândida uma rapariga? Foi com o término da relação com Flávia que Alcides teve a depressão, dizendo que ficava muitas vezes sozinho, desinvestindo de si. Flávia começou a namorar com outro rapaz, porque Alcides ficava muito tempo em casa da avó e também porque tinha muitas amigas das quais Flávia tinha ciúmes. Entretanto o pai de Alcides morreu e Alcides rogou a Flávia para ficarem juntos mas ela não o permitiu. Associa a estes acontecimentos o despoletar da sua crise depressiva. Teve um mês e meio internado na tal clínica onde o irmão já tinha estado, verbalizando “porque o meu irmão já lá tinha ‘tado uma vez e decidi experimentar”. A descrição física que elabora da clínica assemelha-se em tudo com um regime prisional. Será que Alcides e o irmão não estiveram numa “casa de correcção”, sob a máscara de uma clínica de internamento? A motivação que Alcides teve para melhorar veio da mãe, que lhe pedia para ter juízo porque a vida não era fácil. Aliado a isso, Alcides diz também que como o pai já tinha morrido podia começar a melhorar. A morte do pai foi um alívio?

Comportamentos desviantes

Nesta faixa etária regista-se um acontecimento desviante, o único verbalizado por Alcides como tal. Ele e um amigo encontraram um carro roubado e como Alcides estava a tirar a carta de condução resolveu andar no carro, para treinar. Assumiu que, como era roubado, nada lhe havia de acontecer. No entanto, foi apanhado pela polícia e preso durante quatro meses num EP da grande Lisboa. Afirma ter ficado aborrecido com a situação e tal constituiu um impulso para sair do país.

1.1.3. Adulter

Relações familiares

A dinâmica familiar permanece distorcida, não existe uma forte ligação afectiva à mãe. Consolida-se este afastamento materno quando Alcides decide emigrar e apenas dá conhecimento deste facto à mãe no dia da partida. Também com a avó se regista o mesmo comportamento. Quando esteve afastado não verbaliza saudades da família, mas sim da comida portuguesa e de alguns amigos que não identificou. Ao voltar da Irlanda para O. a casa da mãe estava mais vazia, vivendo com a mãe três irmãos.

Relações interpessoais

Antes de partir para Irlanda continuava a relação com Dionísio, num plano mais intenso e mais dependente. Afirma que começava a sentir que ele abusava da sua confiança, roubando-lhe coisas e,

segundo ele, “enfiava a minha cabeça e a minha família não era rica. E eu fazia as coisas às escondidas”. Estas coisas que Alcides refere são alimentos e outros bens que roubava da sua casa para dar a Dionísio. Depois, sentia-se desconsiderado por ele, uma vez que dava tanto à relação e Dionísio apenas o agredia e desvalorizava. Reconhece-se como vulnerável à influência de Dionísio, dizendo “eu gostava”. A dada altura regozija-se por manter Dionísio sob sua alçada, verbalizando “e ele chegava e humilhava-se aos meus pés”; que prazer tem Alcides nesta relação? Este mesmo, de o humilhar? A relação tornou-se diferente, aos olhos de Alcides, quando este voltou da Irlanda. O primeiro aspecto que refere é a mudança física de Dionísio: tinha o cabelo grande e agora havia-o cortado. Ao verbalizá-lo apresenta um discurso confuso, como se tal facto fosse de elevada importância. E não será? Não terá Dionísio, inconscientemente através de um corte de cabelo, destruído a imagem sexual que Alcides tinha dele? Outro aspecto que levou a um certo distanciamento afectivo de Dionísio foi o aparecimento de uma companheira; segundo Alcides, “afinal ele já tinha mulher e ele que se virasse. Ele teve aquele tempo todo... eu era mais novo e tive que me fazer à vida, tive que me fazer homem, olhar para mim também”. Parece-nos, assim, que o sentimento de ciúme apoderou-se de Alcides mas que, mesmo assim, permanecia numa relação de dependência subtil com Dionísio, talvez para não o perder. Compreendemos que esta relação não era apenas uma relação de amizade quando Alcides compara Dionísio a uma namorada, desvalorizando-o e colocando-o num plano inferior. Porque compararia Alcides um amigo a uma namorada? Alcides acaba por matar Dionísio, queimando-o.

Actualmente Alcides apresenta dois amigos muito importantes, Márcio e Rui, com os quais estabeleceu uma relação quando regressou a O. e que o visitam na prisão.

Percurso escolar

Depois de vir da Irlanda inscreveu-se num curso de manutenção de pequenas embarcações, que não finalizou por entretanto ter cometido o crime.

Relação com o meio

Na Irlanda Alcides encontrou um espaço que ainda não tinha tido em Portugal, por isso consideramos que a sua vida adulta começa quando vai morar para lá. Afirmamos que, inicialmente, foi para fora porque estava farto de Portugal e queria tirar umas férias. Porém, foram umas férias que duraram oito anos da sua vida (no entanto, não sabemos bem se foram mesmo oito anos porque o discurso factual de Alcides é sempre muito confuso). Viveu, primeiramente, em casa com dois portugueses e dois orientais mas, mais tarde, viveu sozinho. Nesse tempo, diz que trabalhou em alguns lugares, entre eles um hotel. O que mais gostou na Irlanda foi o civismo: as leis, a limpeza, a rigidez com alguns aspectos da vida em sociedade.

Relações amorosas

Adriana surge na vida de Alcides depois de voltar da Irlanda. Afirma que esteve com ela uns meses mas que depois foi preso e o relacionamento acabou. Novamente o modo como começou a relação surgiu por força externa, num contexto de discoteca onde trocaram um beijo porque a amiga de Adriana achava-o bonito. Considerava que a base da relação era a amizade e que o pressuposto era não se magoarem. Não passavam muito tempo juntos porque moravam longe e, também, porque ela preferia estar com os amigos. Quando foi preso Adriana quis ir visitá-lo ao EP localizado na zona norte de Portugal para onde Alcides foi, uma vez que estava a tirar a carta de condução e que depois poderia ir de carro visitá-lo. Mas Alcides argumentou que era perigoso ela ir visitá-lo, porque “és maçarica, pode acontecer alguma coisa pelo caminho”. No entanto, nunca mais entrou em contacto com ela, mesmo estando de volta a um EP da grande Lisboa.

1.2. Discussão

Após termos realizado a análise da história de vida, passamos agora à sua discussão. Procurámos destacar certos aspectos que nos permitam responder ao objectivo da investigação. A fim de complementar a teoria de De Greeff, recorreremos à teoria psicanalítica e à psicologia do desenvolvimento; por elas começamos a discussão, uma vez que a teoria de De Greeff não aborda exaustivamente o modo como a vivência infantil pode afectar o funcionamento psicológico em adulto.

1.2.1. Desde o primeiro suspiro

Ao longo da recolha da história de vida, Alcides evidenciou um comportamento repetido: o suspiro. Interpretá-lo à luz do seu desenvolvimento torna-se um aspecto interessante. Apercebemo-nos que o suspiro associa-se ao sofrimento em contar-se, pela sua história de sofrimento. E onde começará esse sofrimento? Bowlby (1981, p. 13) defende que “a qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe em seus primeiros anos de vida é de importância vital para a sua saúde mental futura”; por tal, a relação entre o bebé e o objecto de amor primário – em princípio, a mãe – deve ser íntima, contínua e calorosa. Se tal não acontece, Bowlby (1981) afirma que a criança sofre de “privação da mãe”, acontecimento pautado pela incapacidade da mãe proporcionar à criança os cuidados parentais básicos: ou pela sua ausência e abandono; ou por negligência, que geralmente ocorre em ambientes precários, onde predomina a falta de controlo parental. Podemos depreender a falta de cuidados parentais quando, em adulto, Alcides revela que os pais pouco partilharam sobre a sua própria infância, dizendo: *“quando eu era pequeno... por acaso os meus pais nunca falaram sobre mim quando era mais pequenino”*.

As angústias resultantes de uma relação insatisfatória entre mãe-bebé poderão estar na base de, em adultos, os sujeitos reagirem de modo anti-social perante determinadas tensões, uma vez que é essa relação primária que compromete o desenvolvimento social futuro (Bowlby, 1981; de Matos, 2002;

Strecht, 2000); para além de que estas experiências emocionais negativas podem conduzir a um desenvolvimento físico, intelectual e social bastante limitado, marcado por sintomas de doença física e mental (Bowlby, 1981). Para Coimbra de Matos (de Matos, 1978-1979, p. 147), são “marcas ou carências, que dificilmente serão apagadas ou preenchidas no desenvolvimento futuro”: a capacidade de manter relações interpessoais profundas e significativas poderá ficar afectada, bem como a capacidade de controlar impulsos (Bowlby, 1981), como observámos na trajectória de vida de Alcides. Tendo em conta a teoria de desenvolvimento de Erikson (1971), esta fase inicial da vida é marcada pelo conflito confiança *vs* desconfiança; falhando a confiança básica, a capacidade da criança construir uma identidade sólida poderá estar comprometida; justamente, Alcides apresenta uma identidade difusa, que se transcreve numa identificação sexual problemática, como veremos mais adiante.

De Matos (1984-1986, pp. 104-105) defende que “as fixações-regressões pré-edípianas patogénicas e patológicas têm sempre origem numa relação predominantemente má com o objecto primário”. Não querendo, de nenhuma forma, realizar um diagnóstico ou avaliar nosologicamente Alcides, uma vez que concordamos com De Greeff (1935a) quando este afirma que catalogar alguém com uma patologia deverá acontecer numa última etapa, entendemos que para compreender o funcionamento psicológico do sujeito precisamos de o aproximar a uma estrutura de funcionamento. Por tal compreendemos o funcionamento psicológico de Alcides próximo, provavelmente, de uma organização *borderline*; com mecanismos obsessivos, entendemos que estes actuam para garantir uma certa estabilidade ao funcionamento do sujeito e uma defesa contra a sua desorganização interna. Assim, e segundo Bergeret (2000), a organização limite encontra-se associada à patologia do narcisismo visto que o sujeito encontra-se “fixado nas necessidades narcísicas internas” (p. 137) e caracteriza-se por um “traumatismo psíquico vivido por um Ego insuficientemente organizado que parará a evolução libidinal” (Ménéchal, 2002, p. 117), que não permite uma internalização segura do objecto externo. Este traumatismo é efeito de sucessivas quebras relacionais em fases precoces do desenvolvimento, facto bastante presente nesta história: primeiro viveu em A., depois mudou-se para D., de seguida para M. e, posteriormente foi para O. Daqui foi para a Irlanda e regressou, mais tarde, para O. Para McWilliams (2005) a falta de limites no seio familiar e de vigilância parental, bem como o sentimento de ser-se ignorado pelos outros e a instabilidade, podem estar na base de uma fixação anal. Compreendemos, deste modo, a existência de mecanismos obsessivos em virtude das características sádicas e masoquistas presentes no funcionamento relacional do sujeito, bem como na necessidade de controlo que surge para, de certo modo, colmatar a desorganização do seu mundo interno, consequente da má relação primária com o objecto. Clarificando, na fase anal, a mãe permanece como objecto funcional e parcial, o qual a criança manipula, tal como manipula as suas próprias fezes. Estas são vistas como moeda de troca que a criança dá ou retém, consoante a sua própria vontade. Contêm, nelas, uma marca auto-erótica bastante

forte, uma vez que a criança tem prazer ao eliminá-las; o auto-erotismo torna-se masoquista se a criança retém as fezes. O bolo fecal é pautado, também, por um aspecto fortemente sádico pois o acto de expulsão é sinónimo de destruição de objectos. O sadismo surge, também, na retenção das fezes, pois a criança pode optar por dá-las como presente aos pais, demonstrando afecto; ou pode retê-las em gesto de hostilidade para com os pais. Daqui advêm o sentimento de onnipotência e a descoberta da capacidade de poder sobre si e sobre os outros, bem como o prazer em controlar, dominar, possuir o objecto (Bergeret, 1998; Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002; Reich, 1979).

Precisamente, a dificuldade sentida no agir dos sujeitos *borderline* é, acima de tudo, uma falta de limites; consideram que conseguem fazer tudo sem que nada lhes aconteça, num mecanismo primitivo onde “há um predomínio dos processos primários de descarga, que se traduz, por exemplo, em desequilíbrios do comportamento e passagens ao acto” (de Matos, 1994, p. 32) e, também, em sentimentos de onnipotência, como já referimos. Observemos este exemplo,

encontrei um carro que tinha sido roubado, ‘tava abandonado. ‘Tava eu mais um rapaz. Decidimos entrar no carro e fazer ligação directa e dar uma volta com ele. E eu como ‘tava a conduzir e ‘tava com aquele entusiasmo de aprender a conduzir porque ‘tava a tirar a carta de condução decidi agarrar no carro e dar uma volta. E depois fui apanhado e fiquei preso quatro meses.

Percebi, na altura. Mas pensei “o carro já foi roubado, não fui eu que roubei, se tiver que pagar alguma coisa, não vou pagar na totalidade”.

Retomando a teoria desenvolvimental, é nesta fase que Erikson (1971) identifica o conflito autonomia *vs* dúvida e vergonha; compreendemos uma vivência de vergonha e dúvida em Alcides, sempre que este acha que se expõe demais (e.g., quando verbaliza que consome haxixe; quando aborda a temática da família e se apercebe que, provavelmente, não se trata de uma família estável; quando refere as suas relações amorosas predominantemente falhadas e frustrantes; entre outras).

De modo a sentir-se estruturado, Alcides apresenta um determinado número de mecanismos de defesa, predominantemente de cariz obsessivo, que intervêm “como conjunto de operações cuja finalidade seria reduzir, suprimir qualquer modificação susceptível de pôr em perigo a integridade e a constância do indivíduo...” (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002, p. 219); destacamos alguns: o recalçamento, a denegação, a formação reactiva, o isolamento, a racionalização e a idealização; maioritariamente primários, resultantes da possível fixação pré-genital.

Por força do recalçamento, que permite manter afastado da consciência o que se torna penoso para o sujeito, surgem alguns actos falhados na narrativa de Alcides. Estes tratam-se, fundamentalmente, do retorno do recalçado. Relativamente ao pai:

Mas o meu pai obrigava-nos a ir para horta e nós não ficávamos muito contentes. E tínhamos que ajudá-lo. E às vezes tínhamos que lá ir mesmo. Íamos todos. Houve também fases difíceis, difícil não, fases giras, de irmos para a horta e acamparmos lá e dormirmos na horta.

Em relação à identificação sexual:

Ela era bonita, era bonita. Posso dizer que naquela idade era tudo o que um jovem desses quer. Era um rapaz... aí, era um rapaz... era uma rapariga bem constituída, tinha um bom busto, tinha um bom corpo, tinha um corpo atlético.

Em relação à vivência prisional: *“Vou ter que passar aqui um bom, um bom... um mau bocado, aqui”*.

Para lidar com experiências desagradáveis, Alcides recorre também à negação ou denegação (McWilliams, 2005); vejamos:

Às vezes... desde pequeno... andar com uma enxada na mão, tratava-nos mal, era um bocadinho rígido. Mas olhe, gostei da educação que os meus pais deram, posso não ser muito educado nem ser muito bom de etiqueta, mas gosto do tipo de pessoa que sou. Fui bem educado, dar alguma porrada para endireitar, que isso quase todos da minha origem, da minha raça, os africanos são um ‘cadinho mais rigorosos com os filhos, em termos de bater, têm vários filhos. Mas dou valor e dou valor hoje a isso. Acho que foi bom. (...). Mas foi bom.

A formação reactiva designa as “atitudes psicológicas de sentido oposto a um desejo recalcado, constituídas em reacção a este” (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002, p. 227); o que vai ao encontro do que De Greeff (1932) chamou de fenómenos de falsa compensação, muito presentes ao longo da vida de Alcides. O autor defende que as tendências primitivas são, geralmente, omissas pela acção de fenómenos de falsa compensação. Estes agem na chamada zona tolerância e permitem compreender qual o tipo social do sujeito. Alcides apresenta-se como um sujeito falsamente compensado, uma vez que na sua história observámos momentos em que fica hipersensível: a falta de atenção familiar, os maus tratos tanto do pai como da mãe, as humilhações a que se submetia na dinâmica familiar e na relação com Dionísio. Face a estas circunstâncias Alcides não reage de forma selvagem mas sim de forma falsamente compensada.

O isolamento, por sua vez também característico da neurose obsessiva, surge pelas “pausas no decorrer do pensamento, fórmulas, rituais e, de forma geral, todas as medidas que permitem estabelecer um hiato na sucessão temporal dos pensamentos ou dos actos” (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002, p. 228). Notamos o isolamento na narrativa de Alcides, por todos os silêncios, suspiros, bocejos que vão sendo operados pelo sujeito. Este tipo de estrutura abre excepções ao isolamento de afecto quando se trata da vergonha (McWilliams, 2005, p. 317); vejamos: *“às vezes, ‘tar a passar pessoas e olham para mim e pensam em mim como um assassino, ou seja lá o que elas vão pensar de mim. Acho que vai ser um ‘cadinho difícil para mim”*.

A racionalização opera-se no mesmo sentido do isolamento; nas palavras de Alcides observa-se este mecanismo, na tentativa de racionalizar a falta de cuidados parentais, substituindo-os pela garantia de bens materiais:

Tive uma boa infância, não me falta nada desde pequenino, os meus pais sempre trabalharam, apesar de ter mais irmãos, sempre trabalharam para não nos deixar faltar nada. Nunca precisei de roubar, de traficar ou de vender droga, coisas do género.

A idealização, que permite transportar “resíduos da necessidade de imputar valor e poder especiais a pessoas de quem dependemos emocionalmente” (McWilliams, 2005, p. 132), surge frequentemente no discurso de Alcides relativamente à sua família. Observemos um exemplo:

A relação com os meus irmãos era boa. A relação era boa com os meus irmãos e com os meus pais. Com os meus irmãos mais velhos lembro-me de brincar mas só depois de a minha irmã nascer também. Dos meus irmãos mais velhos, sem ter outro irmão mais novo, não me lembro assim. Com os meus irmãos mais velhos lembro-me. Lembro-me de brincar com os mais novos também.

Relativamente ao Complexo de Édipo, para além de ser o organizador central na estruturação da personalidade é, também, um conflito sexualmente especificado, inscrito numa problemática a três, dita, triangulação. Permite, deste modo, estabelecer uma estrutura triangular entre a criança, o objecto primário (a mãe), e o objecto portador da autoridade (o pai); esta estrutura será a base para a constituição das outras relações interpessoais (Balint, 1977; Bergeret, 1998; de Matos, 1978-1979; Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). Ao chegar ao conflito base do Édipo, Alcides sentiu a necessidade de fazer uma regressão e, aí, fixou-se na fase anal. Tal poderá ter acontecido pela severidade tanto da figura materna como da figura paterna, que não permitiu obter gratificação neste conflito; e isto poderá remeter para o que Balint (1977) chamou a atenção quando defendeu que uma intervenção rígida interna ou externa pode comprometer a resolução do Édipo. Para Bergeret (1998, p. 185), Alcides poderá expressar “um conflito edipiano em linguagem pré-genital”, pois afasta-se do conflito edipiano clássico. Em Alcides percebemos um processo conflitual misto, onde existe uma relação que coloca em causa “para além da ambivalência relativa a cada um dos dois progenitores, as componentes hetero e homossexuais de toda a criança” (Bergeret, 1998, p. 38). Por tal, não se tornou possível a existência de um Édipo bem resolvido em Alcides, pois denota-se clara dificuldade na triangulação e nas identificações objectais que realiza. Apercebemo-nos, ao longo da sua história, da permanente dualidade nas relações interpessoais, da problemática identificação sexual, da dupla identificação materna e paterna; aspectos que recriam a relação estabelecida no curso da triangulação (Balint, 1977). Exemplificando: *“Mas eu e mais um, houve sempre eu e mais um. O meu parceiro, o meu companheiro. Ou ‘tar-lhe a dizer andar em grupos, nunca andei assim, em escola, em grupo. Sempre tive um mais chegado”*. Esta necessidade de

apoio e suporte repetiu-se na relação com o irmão mais próximo; numa fratria de oito irmãos, Alcides identificou-se com esse irmão, estabelecendo uma relação de apoio e por apoio com ele. Para não perder o irmão, objecto anaclítico daquele momento, Alcides introjectou os seus comportamentos e acabou por, de um modo ou outro, realizá-los em si.

Brincava com o meu irmão que era o mais chegado a mim. Que eu venho a seguir a ele. Com os outros já não me metia tanto com eles. Esse irmão é mais velho que eu, mas eu pareço mais velho que ele.

Eu e o meu irmão. Eu pareço mais velho. Como eu hei-de dizer, ele era um ‘cadinho, como é que eu dizia, ele é um ‘cadinho desastrado, é muito brincalhão, e é inteligente, tem bons estudos, fez o 12º, não pode estudar mais, não havia dinheiro para a faculdade.

Ao não ultrapassar com sucesso o Complexo de Édipo, a função do superego está implicitamente comprometida; esta permite ao sujeito adquirir uma capacidade crítica, i.e., uma censura face às suas acções e pensamentos, que opera mediante o inconsciente, pelo sentimento de culpabilidade (Bergeret, 1998). Trata-se de uma instância que “conserva desde então os caracteres essenciais das pessoas introjectadas, o seu poder, a sua severidade, a sua tendência para vigiar e punir” (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). Compreendemos a existência, em Alcides, de um superego bastante castrador, que não permitiu a libertação de pensamentos e desejos, predominantemente sexuais. A relação com este superego severo espelha a relação de ambivalência com o objecto: ou obedece ou rebela-se, ou opta pelas duas atitudes simultaneamente (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). A severidade do seu superego percebe-se na relação com o pai e com a mãe:

Às vezes... desde pequeno... andar com uma enxada na mão, tratava-nos mal, era um bocadinho rígido. Mas olhe, gostei da educação que os meus pais deram, posso não ser muito educado nem ser muito bom de etiqueta, mas gosto do tipo de pessoa que sou.

E com Dionísio: *“Fazia-me perder tempo. E muitas vezes sentia-me triste, comigo mesmo e com ele. Não tinha nada para falar com ele. Ele ‘tava bem nas tintas no que eu queria lhe dizer ou não queria dizer”*.

O facto de Alcides não ter resolvido o Édipo, pelo menos, de forma bem sucedida, faz-nos compreender a existência daquilo a que Balint (1977) denominou de “falha fundamental”. Ao predominar a anáclise, as relações interpessoais são de cariz pobre e não conflituoso, pois novamente actua a influência da deficitária relação primária estabelecida, que não produziu os efeitos esperados, uma vez que não foi suficientemente boa, fazendo prevalecer o conceito de falta e de carência, conduzindo a uma precária interiorização de um bom objecto interno e, assim, à relação anaclítica (Balint, 1977). É ao nível da falha fundamental que, segundo de Matos (1978-1979, p. 93), estabelece-se a ferida narcísica primária, uma vez que corresponde à “carência proveniente da desproporção entre as necessidades primárias da criança e os cuidados que recebe”. Tendo por base a lógica do narcisismo

primário, em que o sujeito necessita de ter sido bem amado, para se amar e amar o outro, entendemos em Alcides uma frustração tremenda na satisfação das necessidades narcísicas. Por tal, foi provocada uma raiva narcísica de tal ordem que desencadeia em Alcides sentimentos agressivos e de destruição do outro: “humilhado, o indivíduo desenvolve uma ferocidade silenciosa mas altamente destruidora e mesmo mortífera” (de Matos, 2002, p. 391), como foi o caso. Esta raiva sentida, contextualizada na estrutura obsessiva, é muitas vezes escondida; pode ser reconhecida ao nível intelectual mas não é, geralmente, verbalizada emocionalmente (McWilliams, 2005).

Atendendo mais particularmente à dinâmica familiar e à sua importância na compreensão da delinquência (Born, 2005), necessitamos de realçar, novamente, a instabilidade da residência, provocada pela instabilidade económica e pela precariedade de vida que a família de Alcides tinha. Esta instabilidade de residência reflecte-se no sucesso escolar:

Na primeira classe foram dois anos muito difíceis que eu tive, não foram bem adaptados. Eu estava em A., eu estava em A. e andava em L.V.. E tinha que fazer esse percurso todo sozinho quando era mais pequeno e tipo, às vezes, muitas das vezes, ficava à espera, não ia para a escola, ia para casa da minha avó que ficava ali perto e foram dois anos assim nisto e por isso chumbei duas vezes na primeira classe.

É fulcral a qualidade da vida familiar; realçamos a vinculação deficiente resultante da falta de cuidados maternos, que se reflecte na desvinculação presente nas relações adultas:

Mas, no dia do embarque, fiz as malas e fui-me embora, ela [mãe] ‘tava a dormir, fui-lhe acordar para me despedir e ela ficou um pouco chocada. Mas depois habituou-se. Falava bem com ela, falava quase sempre. *Silêncio*. Quando fui para Irlanda, ih... acho que ela [avó] e a minha mãe... acho que nem lhe contei bem, ela veio a saber da minha mãe. Quando a apanhava em casa da minha mãe, falava com ela.

Esta vinculação deficitária deve-se, particularmente, ao abandono sentido por Alcides na relação primária; para de Matos (2002), o sujeito abandonado afectivamente torna-se, ele próprio, abandonado. Esta característica revela-se, também, nas relações interpessoais estabelecidas: *“essas coisas foram acontecendo conforme tipo a escola, íamos andando na escola e conhecendo outras pessoas. Na primária foi um, na preparatória outro, na secundária outro...”*. E, também, no sucesso escolar, uma vez que Born (2005, p. 69) afirma que “a noção de vinculação refere-se ao laço pessoal entre o indivíduo e, por um lado, as pessoas convencionais (isto é, os pais, os professores, os pares...) e por outro lado as instituições convencionais (isto é, a escola, o desporto...)”. O abandono escolar é, deste modo, espelho da fraca vinculação. Denota-se claramente a ausência de uma estrutura familiar capaz de providenciar a Alcides o apoio e suporte básicos para permanecer na escola:

Eu nunca fui muito bom em estudos. Eu estudei até ao 7º ano, sai da escola muito cedo. Ainda tive a estudar à noite, trabalhava, estudava, mas foi difícil para mim, não conseguia conciliar a escola e o trabalho. Deixei de

estudar muito cedo. Estudava à noite, unidades especializadas. Chumbei duas vezes no 7º ano, (...), mas aquilo foi uma desculpa para não me aturarem mais na escola porque eu também era um ‘cadinho baldas, faltava um ‘cadinho, prontos. Não levava muito a escola muito a sério.

A dinâmica familiar desestruturada é denunciada pela ausência de orgulho familiar:

Não gosto de falar do passado da minha família. O passado da minha família não é passado que se conte, porque me deixa triste... Não acho que isso faça parte da minha história de vida, acho que não. Acho que a família é outro lado;

pela notável falta de vigilância parental, aquando da sua infância:

Tinha pr’aí os meus 5, 6 anos. Foi depois da festa de baptizado e saíram todos para a rua e fiquei eu e mais um irmão meu, o a seguir a mim, e deixaram a garrafa de *anis* em casa, tipo, não sei se sabe o que é... *anis*... aquela bebida que tem umas pedras de açúcar dentro. Sabe o que é? E o meu irmão começou a dar um golo naquilo. E nós só queríamos acabar a garrafa para tirarmos o açúcar. A garrafa ia a meio e nós tivemos que beber aquilo tudo para poder tirar aquilo lá de dentro. Não conseguimos tirar aquilo lá de dentro e depois chegámos perto da minha mãe e íamos os dois bêbados. *Risos*.

Oh, mas os meus pais não sabiam, no primeiro ano não sabiam das minhas faltas. Ficaram a saber depois do primeiro ano, na primeira classe. Tive 90 e tal faltas e eles começaram a perguntar “mas afinal para onde tu vais senão vais para a escola?”;

pela fraca coesão e solidariedade familiar:

A minha relação em tempos foi um ‘cadinho desastrosa com os meus irmãos porque não sei, começámos a crescer, já queremos ‘tar... queremos ser independentes, era um bocadinho difícil, o meu pai trabalhava e tinha que sustentar a escola de todos e a minha mãe... às vezes o dinheiro não dava para aquilo que a gente queria. Não chegava para todos. Os livros eram caros naquela altura e são cada vez mais. Às vezes havia pequenos conflitos entre nós em termos de receber mesada ou dividir a mesada, essas coisas todas. Houve alguns conflitos entre os meus irmãos e eu, e entre os meus irmãos;

pela relação possivelmente conflituosa entre os pais e pelas mensagens contraditórias que estes enviam a Alcides, observadas na seguinte citação: “*muitas vezes a minha mãe não contava ao meu pai e o meu pai não contava à minha mãe, para não se chatearem*”. E, por fim, pelo trabalho infantil a que Alcides foi sujeito: “*o meu primeiro trabalho foi no Cais do Sodré, na 24 de Julho, a carregar legumes e peixe, caixas de peixes, carregar, transportar com um carrinho as caixas de peixes, legumes e frutas*”.

Estes factores são, para autores como Born (2005) e Strecht (2000), de extrema importância na compreensão da delinquência uma vez que a família surge como o primeiro meio de socialização da criança; por tal, pode constituir-se como a génese do crime pois, no fundo, “cada indivíduo vive num ambiente social que, em grande parte, o determina” (Born, 2005, p. 50).

Também De Greeff (1935a) defende que a insuficiência familiar pode criar anormais graves ao nível social e não tanto ao nível psiquiátrico. Alcides foi educado numa situação criminogénica franca, pela dinâmica familiar pobre e destrutiva. Numa tentativa de lhe escapar, Alcides realiza uma espécie de fuga para a casa da avó, figura de afecto e atenção; junto da avó e no seu ambiente familiar, Alcides sentia-se francamente mais seguro e confortável:

E como aquela escola ficava perto da casa da minha avó assim já tinha... como hei-de dizer... já tinha... prontos, já tinha uma maneira de dizer à minha mãe que podia ficar em casa da minha avó porque essa escola ficava mais perto da casa da minha avó do que da casa da minha mãe. Já havia uma segunda intenção em ir para aquela escola... (...). Sempre vivemos um ao pé do outro. A minha relação com ela sempre foi boa. Sempre gostei muito dela porque ela era muito mansinha, nunca me chegou a bater (...) Porque queria ir para casa da minha avó, porque ‘tava mais à vontade lá, e porque era diferente. *Silêncio.* A minha avó dava-me mais atenção a mim, porque não éramos tantos irmãos.

O mesmo movimento de fuga assiste-se quando Alcides parte para a Irlanda; a rigidez, os limites e a contenção que atingiu lá percebe-se pela ausência de grandes acontecimentos no biograma (vd. Anexo H), que se traduz pela estabilidade que teve nessa fase da sua vida.

Pelo facto de ter sido uma infância predominantemente marcada pela angústia, compreendemos que existam traços mnésicos inconscientes mas duradouros em Alcides; estes “constituíam o depósito das experiências afectivas que marcaram o passado de um indivíduo” (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002) e são resultado do recalçamento. Trata-se, acima de tudo, de uma actividade particular do Ego, que permite dominar e inibir a quantidade da energia psíquica ligada à representação penosa. Vejamos:

Essas memórias mesmo são fixadas na cabeça mas o tempo quero que passe o mais tempo possível para poder abafar a dor, para passar mais um bocado a dor. Não vejo as datas desses acontecimentos. Sei mais ou menos ver pela minha idade, mas não tenho nunca a certeza.

1.2.2. Dionísio: a vítima do fogo da paixão

Para compreendermos a relação com Dionísio, necessitamos de voltar à estrutura de funcionamento de Alcides e retomar a temática do masoquismo e sadismo, uma vez que é este duplo movimento que caracteriza a relação com o objecto. O masoquismo é, como vimos, a passividade de aceder ao prazer por experiências dolorosas; o sadismo define-se como a agressão repleta de prazer contra o objecto. A relação entre sadismo e masoquismo é notável quando a “criança se comporta de maneira muito activa e agressiva a fim de provocar os outros para que lhe batam” (Bergeret, 1998, p. 29). No fundo, não são drasticamente opostos uma vez que “aparecem como par antitético; um pode transformar-se repentinamente no outro” (Reich, 1979, p. 263). Não seria este movimento que Alcides fazia com os pais, através dos seus pequenos comportamentos delinquentes? E com Dionísio, através das suas submissões? Atentemos à narrativa de Alcides relativamente a Dionísio:

Claro! Mas eu ajudava-o, isso houve muitas vezes. Muitas vezes deixava de falar com ele, não lhe passava cartão, não lhe ligava. E ele chegava e humilhava-se aos meus pés e dizia “faz-me isto, faz-me isto, nunca mais te faço...”, coisas desse género. Quantas vezes deixei de falar com ele, não lhe ligava...

Alcides, “insatisfeito, não pára de buscar o amor, mesmo que para o obter tenha de se submeter masoquisticamente – como o fez (porque o teve de fazer) na infância; e ainda que para receber tão-somente restos, migalhas, esmolas” (de Matos, 2002, p. 211); eis a descrição ideal do funcionamento relacional do nosso sujeito. Por ser tão sedento de afecto, Dionísio torna-se na “personagem que, pela sua abertura de contacto, o cativa, e encanta; mas que também, pela satisfação que lhe dá, e tanto desejou e durante longo tempo, o tem completamente nas mãos” (de Matos, 2002, p. 212). Observemos este movimento no discurso de Alcides:

Era uma companhia que devia evitar mas não evitei, a princípio. Deixei-me apanhar por ele e dava-me bem com ele (...). Ele era uma pessoa extrovertida, só se queria divertir, mas para isso acontecer ele já tinha que estar bem consumido de álcool ou estar bem-disposto se não era ao contrário, andava sempre atrás de dinheiro, um ‘cadinho agressivo (...). No fundo, no fundo, apesar de ele beber ele era uma pessoa um ‘cadinho culta. Ele tinha alguma cultura de si, falava de tudo e mais alguma coisa, de tudo o que era assunto. Ele abordava às vezes as pessoas de maneira um ‘cadinho que puxava pelo entusiasmo das pessoas, e elas ficavam a olhar para ele. E as pessoas ficavam a olhar para ele, pelas expressões que ele usava e a forma como se expressava a falar de uma coisa e a falar de outra.

Ao sentir a atenção, a necessidade e o pseudo-afecto do objecto de amor, este “pode explorá-lo, traí-lo, dominá-lo e até maltratá-lo, que o sujeito masoquista não deixará de o amar e de se lhe submeter” (de Matos, 2002, p. 212):

Houve uma vez que levei coisas lá para casa para fazer um almoço para nós, levei a minha carteira com algum dinheiro, levei uma pistola de pressão, uma pistola de caça, o meu telemóvel. Meti aquilo em cima do armário e fui para a cozinha. E quando regresssei para a sala não ‘tava lá nem a minha carteira, nem a pistola, nem o meu telemóvel, nem ele. Voltou a aparecer umas três, quatro horas depois. Apareceu sem nada, sem dinheiro, sem nada. Eu vi logo que tinha sido ele. Simplesmente, não... caguei nisso...

O sentimento de desvalorização que Alcides verbaliza relativamente a Dionísio pode ser alastrado para todo o cenário da sua vida. Com o pai,

Já o meu pai, o meu pai não me ajudava a mim. Eu não gostava de trabalhar na horta, tipo era carregar água, com baldes à cabeça, essas coisas todas. Não gostava muito de lá estar. Era mais ao fim-de-semana. E depois era ao fim-de-semana que não tínhamos aulas e nós queríamos ‘tar a brincar na rua. Mas o meu pai obrigava-nos a ir para horta e nós não ficávamos muito contentes. E tínhamos que ajudá-lo. E às vezes tínhamos que lá ir mesmo;

e com a mãe,

Depois a minha mãe começou a trabalhar e nós começámos a crescer. E a minha mãe começou a aplicar algumas regras, tipo lavar a loiça, arrumar a casa, essas coisas todas. Às vezes nós não fazíamos e ela chegava a casa e ficava furiosa. E dava porrada de vez em quando. *Silêncio*. Mas foi bom. *Silêncio*. Mas com as regras não era igual para todos. Não, era assim. Os que tinham aulas iam para as aulas, os que não tinham iam fazer as tarefas da casa. Eu tinha que fazer, às vezes não fazia mas obviamente que depois... depois lá vinha... depois tinha que pagar por não fazer.

Este sentimento não é vivido na relação com a avó; única figura de admiração, foi a avó que forneceu os organizadores matriciais que lhe possibilitaram uma estrutura psíquica suportada e suportável. Vejamos: Alcides começou a trabalhar muito cedo com a avó, um trabalho rígido que lhe impunha limites e lhe garantia crescimento (afinal, trabalhava à noite, como os adultos); simultaneamente, trabalhava na horta com o pai, com um nível semelhante de rigidez. No entanto, a conotação negativa acontece apenas no trabalho com o pai, que era encarado como um castigo. Outro exemplo diz respeito ao tempo em que Alcides viveu com a avó; na sua casa conseguiu a segurança de que precisava para se organizar psiquicamente, tinha exclusividade e atenção que não tinha com os pais. Relativamente à viagem para a Irlanda, Alcides não contou à mãe que ia para a Irlanda, resultado da vinculação deficitária; mas também não contou à avó, talvez por incapacidade de se despedir dela.

Alcides, tendo um funcionamento na linha da menor indiferenciação no desenvolvimento psíquico, apenas consegue estabelecer relações objectais de cariz anaclítico visto que, perante uma ausência da capacidade de evocação, é necessária uma presença constante do objecto (pois não se lembra dele quando ele não está, resultado da fraca interiorização do objecto interno). Esta relação anaclítica é visível, como já vimos, na descrição da relação com o irmão, com os poucos amigos que vai fazendo e, por fim, com Dionísio. O padrão relacional de Alcides intercala entre desvinculação e ligação anaclítica, conseguindo apenas “uma relação de dependência, parasitária” (de Matos, 2002, p. XIX); entendemos a função de Alcides, tanto na relação com o irmão como com o Dionísio, num nível de parasitismo: não existe simbiose pois não existe co-dependência; existe sim uma colagem na vida, no comportamento, no sentir do outro. Sem o outro, Alcides não existe. A dependência extrema do outro conduz à vivência de uma angústia flutuante, que passa pela angústia de separação, pela angústia de perda do amor do objecto e, também, por uma “angústia de destruição da coerência do self: uma ameaça de fragmentação” (de Matos, 1994, p. 30); todas estas angústias flutuam em torno da mesma problemática: perdendo o seu objecto anaclítico, o sujeito perde-se a si próprio. Mas, frequentemente, o que ocorre é que, quando perde o seu objecto consegue, rapidamente, outro por quem se sentir dependente. Conseguimos compreender este movimento na troca constante de amigos, substituições inconscientes de objectos anaclíticos.

Porém, estas angústias não deixam de provocar uma depressão anaclítica com a qual o sujeito não sabe lidar, socorrendo-se da constante actividade para não pensar o afecto depressivo. São, deste modo,

sujeitos muito actuates, que reproduzem o que sentem que lhes fizeram e, por isso, alguns dos seus actos podem ser perigosos e violentos. Ao longo da vida de Alcides percebemos esta constante actividade nas diferentes profissões que desempenhou e nos diversos cursos que frequentou: não há uma linha de continuidade entre eles nem uma conclusão dos mesmos. Tal deve-se, possivelmente, à deficitária capacidade de ser; justamente porque no plano da identificação, o Édipo “instaura a prevalência do ser sobre o ter” (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002, p. 357). Assim compreendemos melhor a dificuldade de Alcides em se identificar com um emprego ou uma possível formação educacional. Em relação ao trabalho: *“Ih, trabalhei em muita coisa. Trabalhei numa fábrica de galinhas, depois numa fábrica de tijolos, depois fui para o hotel... depois de trabalhar no hotel, saí e tive a restaurar um centro comercial”*.

Em relação à educação:

Já fiz um curso, que foi o primeiro, o de electromecânica que foi em Miraflores. Depois fiz um de jardinagem e cantoneiro ou cantoneiro e jardinagem, uma coisa assim. Depois fiz um de técnicas vocais e programação de espectáculos que foi o que gostei mais. Por último foi esse, que não cheguei a fazer, no ITM, no Instituto de Técnicas Náuticas, em P.A..

As relações interpessoais de Alcides, principalmente a relação com Dionísio, são marcadas por uma certa ambivalência, no sentido da existência de um conflito entre expulsar e reter, herdeiro da fixação pré-genital: pode ser expulso e, assim, destruído; ou pode ser introjectado, mantido numa posse amada; esta fase constitui-se como de ambivalência máxima (Bergeret, 1998; Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). Simultaneamente existe a capacidade de amar e odiar a mesma pessoa, numa “inibição dos impulsos libidinais como dos agressivos, pelo receio de castigo existente” (Reich, 1979, p. 252). Neste conflito de ambivalência surge, também, a agressividade, numa amplitude quer de desejos amorosos como de desejos hostis. Para abandonar esta ambivalência teria sido necessário resolver o conflito edipiano (de Matos, 1984-1986). Este complexo jogo de querer e não querer, gostar e não gostar, era observado claramente na relação estabelecida com Dionísio:

Ele é uma pessoa que diria, posso dizer minha amiga, mas não posso dizer amiga íntima, nunca foi pessoa íntima porque essa pessoa não tinha muitas preocupações consigo mesma. Não se preocupava, por exemplo, em trabalhar, desenvolver, ganhar algum dinheiro para ter no bolso.

A possível homossexualidade de Alcides pode ter a sua raiz na provável fixação anal; tal acontece pois o recto é encarado como órgão de excreção côncavo: primeiro, porque pode expulsar de forma activa as fezes, denotando-se as tendências masculinas; segundo, porque pode ser estimulado passivamente pela introdução de corpos estranhos, derivando daí as tendências femininas (Bergeret, 1998; Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). Em relação a Dionísio, Alcides verbaliza: *“ele também não era um grande amigo, nunca foi amigo para mim ou uma namorada que eu lhe diga... acabei por ter uma consideração por ele,*

um afecto”. No fundo, este processo de incorporação e expulsão anal é marcado pela oposição entre a actividade e a passividade, demonstrada na necessidade de dominar e ser dominado existente nas relações de amor. Novamente, a importância da ambivalência nesta fase (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). Por tal, “compreenderemos que a relação objectal assim caracterizada seja de tipo homossexual, independentemente do sexo real do objecto, sendo a característica genital deste último, por assim dizer, acessória” (Bergeret, 1998, p. 30). Vejamos:

Antes não tinha muitas razões para o agredir assim tão agressivamente. Nunca fui assim agressivo para ele. Ele era para mim, sim, de vez em quando. *Silêncio*. Abusado na confiança, não era assim... de falta de consideração. Mais por falta de consideração. Não era assim abusado... era falta de consideração.

A homossexualidade pode ser compreendida, também, à luz do conflito edipiano; ao não se libertar da atitude de sedução face ao pai, o sujeito pode sofrer de uma “fixação que contribuirá para determinar atitudes homossexuais passivas inconscientes, tanto quanto exista um complexo de castração (inconsciente) que ateste uma não resolução do Édipo” (Bergeret, 1998, p. 42). Trata-se, fundamentalmente, do domínio do Édipo invertido que não irá permitir a identificação com o progenitor do mesmo sexo; neste caso, a identificação de Alcides com o pai, que não se prestou a uma identificação orgulhosa. Percebemos este facto por este exemplo: “*mas o meu pai, ele trabalhou toda a vida... ele sempre foi ajudante, nunca subiu para pedreiro ou oficial*”. Acrescenta-se, a este facto, o “motivo poderoso para a escolha do objecto homossexual era a desconfiança ou a angústia que o pai inspirava” (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). Vejamos esta citação: “*já o meu pai, o meu pai não me ajudava a mim*”. No fundo, “a rivalidade edipiana, no homem, foi encoberta, não assumida, não se desenvolveu, ficou abortada (...) o homem, num proto-édipo indeciso, oscilando, em movimento pendular de bissexualidade afectiva, entre a mãe e o pai” (de Matos, 1982-1983, p. 167).

A homossexualidade pode dever-se, também, ao facto de que os funcionamentos próximos da organização *borderline* são “personalidades *as if* «como se», navegando no entre-dois” (Ménéchal, 2002, p. 117), resultando desta clivagem afectiva uma identidade frágil regrada pela instabilidade, como assistimos claramente em Alcides. Por ser uma a-estrutura fronteira, nem neurótica nem psicótica, os sujeitos não são capazes de optar, por exemplo, entre “a homossexualidade, nem a perversão, nem a psicopatia” (Ménéchal, 2002, p. 118) e esta incapacidade de assumir responsabilidades, i.e., de se comprometer, transparece na aparente e constante disponibilidade, até mesmo para se colocarem em risco (Bergeret, 2000; de Matos, 1994; Ménéchal, 2002).

“Nesta tentativa de pseudotriangulação paraedipiana o sentimento de inveja aproxima-se do sentido do ciúme” (de Matos, 1978-1979, p. 62); enquanto a inveja é motivada pela falta de algo na relação dual, o ciúme nutre-se na relação triangular, pela perda do objecto de amor. Na crença de que Alcides passou ao acto homicida na base de uma paixão activa e, possivelmente, motivado pelo ciúme,

compreende-se aqui este sentimento na perspectiva de que o ciúme tem como base uma homossexualidade latente e não sublimada aquando do complexo de Édipo. O ciúme aparece sob o desígnio do domínio e do controlo sobre o objecto, marcadamente vivido como ambivalente. Há, profundamente, um desejo de reter o objecto de amor, melhor dizendo, o objecto anaclítico; aquando da perda desse controlo fantasmático, “é fundamentalmente a humilhação, o sentido de ferida narcísica, que empola o ciúme, sentimento nuclear do conflito edipiano” (de Matos, 1982-1983, p. 90), intervindo também a agressividade e o ódio. Assim, conseguia manter o objecto de amor sob a sua alçada. Observemos a narrativa de Alcides em relação a Dionísio:

Como também muitas vezes ele chegava para mim e pedia-me se eu lhe podia arranjar alguma coisa para levar para casa, para comer, fazer um almoço, um jantar. E eu ia a casa da minha mãe, da minha avó e pegava um pacote de arroz, uma lata de salsichas, ou um pacote de esparguete, massa, uns ovos e levava para casa dele.

Ao estabelecer este tipo de relação predominantemente baseada na humilhação, naturalmente o sujeito sente-se “desvalorizado e castrado” (de Matos, 1978-1979, p. 63); nas suas palavras: “*e sentia-me um estúpido, um burro, um parvo. Porque andava ali a ajudar uma pessoa que não tinha o mínimo de consideração para mim*”. O ciúme instaura-se mais fortemente quando Alcides retorna da Irlanda. O primeiro aspecto que denuncia relativamente ao afastamento relacional com Dionísio é a sua mudança de visual, dizendo: “*ele ‘tava... um ‘cadinho mudado... tinha o cabelo grande, tinha cortado o cabelo. ‘Tava um ‘cadinho mais... como hei-de dizer...*”. Para além de que Dionísio havia estabelecido uma relação amorosa com uma mulher; esta era totalmente desvalorizada na narrativa de Alcides, numa provável tentativa de Alcides conseguir lidar com o ciúme e até com a inveja que sentia da mulher que possuía o seu objecto anaclítico de um modo que ele não possuía:

Já ‘tava mais, mais, um ‘cadinho mais desorientado. ‘Tava mesmo... Ele arranjou uma companheira. Já não ‘tava na casa dos pais. Vivia... às vezes dormia numa, às vezes dormia noutra. Mas a companheira dele... era mais porque ela tinha um vencimento todos os meses e tinha algum dinheiro certo onde podiam ir buscar para andar a beber. Era mais por causa disso, de certeza. Se ela não tivesse aquele dinheiro, que era da reforma, ele talvez hoje nunca tivesse... ele não teria ficado tanto tempo com ela.

O ciúme torna-se insustentável quando Alcides percebe que já não tinha hipótese de realizar os seus desejos íntimos e reprimidos e, assim, corria sérios riscos de perder o seu objecto:

Mas eu quando vim da Irlanda já não o ajudava assim tanto. Afinal ele já tinha mulher e ele que se virasse. Ele teve aquele tempo todo... eu era mais novo e tive que me fazer à vida, tive que me fazer homem, olhar para mim também.

Como De Greeff (1950) defende, o modo como cada sujeito reage ao sentimento de injustiça sofrida permite compreender como funciona o seu sistema de reacções afectivas brutas. Percebemos

em Alcides uma tendência constante à aceitação conformista das iniquidades da sua vida, demonstrando um funcionamento submisso. No entanto, esta submissão mascara um desejo mórbido de ter o outro humilhado a seus pés,

Muitas vezes deixava de falar com ele, não lhe passava cartão, não lhe ligava. E ele chegava e humilhava-se aos meus pés e dizia “faz-me isto, faz-me isto, nunca mais te faço...”, coisas desse género. Quantas vezes deixei de falar com ele, não lhe ligava... mas eu também não sou de guardar rancor, de guardar rancor das pessoas...

Por nada fazer contra a injustiça a que se submetia, Alcides deixou soltar uma explosão das suas reacções instintivas, desde a sua infância reprimidas, num acto objectivo, num castigo concreto. O sujeito projecta toda a culpa na futura vítima para, depois, sentir-se autorizado a vingar-se dela: “desvaloriza-a, cobre-a de defeitos, reduzindo-a a uma caricatura detestável” (Cusson, 2006, p. 76). Deste modo, a passagem ao acto acontece quando, segundo De Greeff (1950), o sujeito sente-se legitimado a fazê-lo, uma vez que o acto torna-se indispensável e justificável,

Senti que tinham abusado da minha pessoa, que me tinha faltado à confiança. “Tava magoado, deixaram-me mesmo baralhado. Trocaram-me as voltas todas e... não sei, tipo... deram cabo da minha vida. Conseguiram meter os meus pés pelas mãos, e as mãos pela cabeça. E... acho que tocaram-me num ponto que foi mesmo o limite da minha pessoa para ‘tar a aturar aquilo tudo naquelas horas.

O sujeito não procura legitimidade só em si mas também na sociedade,

Pessoas da minha zona vinham-me dizer “se não fosses tu a fazer isso tinha sido eu a fazer isso”. Mas também são coisas, não me agradava ouvir isso, porque se é uma pessoa que eu conheça e que eu tenha um ‘cadinho de consideração por ela nunca vou querer que ela faça isso e que sofra por isso.

Após este movimento de legitimação, onde “persuadido de que os seus próprios crimes são actos de justiça” (Cusson, 2006, p. 77), surge um possível “processo suicida” onde, segundo De Greeff (1950), o sujeito sente uma certa indiferença relativamente ao seu futuro; “indiferente a tudo, torna-se capaz de tudo” (Cusson, 2006, p. 76). Alcides assume esta desresponsabilização no momento em que passa ao acto e, também, quando se entrega à polícia. Argumenta,

Custa-me pensar nisso de eu querer matar alguém, assim de propósito. Como eu hei-de dizer. Se eu quisesse... pelas minhas... como eu hei-de dizer... pelas minhas declarações à Polícia Judiciária, se eu quisesse pelas minhas declarações, só com as minhas declarações, podia inventar mil e uma maneiras para dizer que não tinha sido eu. Mas eu pensei que ia ficar com consciência na cabeça durante anos e a minha vida ia ser um pesadelo se calhar pior do que isto ou do que vai ser isto. Mas eu tenho a certeza que ia viver de uma maneira muito infeliz e não queria isso para mim. E decidi contar toda a verdade.

Todo este processo criminógeno tem como base uma inibição lenta e progressiva das pulsões afectivas (De Greeff, 1950); existe um estado de silêncio afectivo onde Alcides se deixa humilhar sem

notar ou mesmo tentar sair desse círculo que já observávamos. O motor desta inibição é o desligamento afectivo e a insensibilidade moral e emocional que, ao longo dos anos, conduz à perda de certas reacções humanas. Esta vulnerabilidade permite a vitória dos instintos primitivos sobre as tendências adquiridas; quanto maior for o desequilíbrio entre as tendências naturais e as adquiridas, maior será a submissão do sujeito aos seus instintos. Na intelectualidade observávamos em Alcides um forte núcleo de egocentrismo, uma tendência a centrar o tema em si e na sua vida: *“Desgosto, acho que sinto desgosto. Silêncio. Ih, muito arrependimento. Até hoje. Isso vai ser o maior arrependimento que me vou recordar. Até depois de sair da cadeia, acho que me vou arrepender sempre”*. Na afectividade há expressão de ciúme e cólera, como já discutimos. E na sociabilidade Alcides atingiu o auge do primitivo, o homicídio; nas suas palavras: *“e fui fazer isso, despejei a gasolina em cima dele e aticei-lhe fogo e ele morreu queimado”*.

Apesar de ter agido de forma trágica e sem nunca se esperar de Alcides este acto, na sua história de vida o esquema de homicídio normal surge um tanto ou quanto claro; ao olharmos a generalidade da sua vida, compreendemos os momentos em que a relação com Dionísio se torna angustiante ao ponto de desejar o seu desaparecimento. É na fase da adolescência que percebemos as duas primeiras fases identificadas por De Greeff (1935a). O consentimento ineficaz,

E... às vezes... se a pessoa não evitasse, não se afastasse dele num momento certo, era pior. Ele era pessoa muito fácil de procurar uma briga. Havia dias em que eu saía à rua e ele agarrava-me e começava a abanar-me e começava a agarrar-me e a medir forças ou coisas do género. E eu não me deixava levar e muitas vezes... *suspiro*... muitas vezes eu não me deixava levar porque ele virava-se e eu... não me deixava levar e ele magoava-me e tentava abusar um ‘cadinho... Sentia-me um ‘cadinho triste porque eu sabia que um dia mais tarde ele ia precisar de mim. E eu ia me lembrar disso e não iria poder ajudá-lo tanto como queria porque ele fazia-me coisas que eu podia não gostar.

O consentimento formulado,

E um dia mais tarde eu sabia que eu ia deixá-lo para sempre, que se não acontecesse aquilo já me teria fartado e tinha ido para longe. Houve alturas em que me fartei um ‘cadinho e sentia que me tinha de fazer a vida. E um dia mais tarde ia acabar por deixá-lo para trás e se fosse possível nunca mais o ver. Ou só muito mais tarde. Não pensava nesse dia, não pensava.

E, finalmente, o início da crise:

Das outras vezes em que ele me agredia, eu defendia-me mas evitava. Afastava-me dele e ia-me logo embora. Não parava ali para falar com ele, para ‘tar muito ao pé dele. Mas naquele dia ‘tava mesmo... naquele dia não deu para evitar. Porque ele agarrou-me, começou-me a sacudir, atirou contra o carro, parti o espelho do carro. Começou a rasgar-me a roupa toda. E eu comeci a enervar-me porque ele não me deixava... se ele me tivesse dado um empurrão ou um encosto, qualquer coisa... mas não, ele agarrou-me e começou a agredir-me e a rasgar-me a roupa e chateei-me e olhe, já ‘tá.

Compreendemos que a evolução da ideia criminal em Alcides durou muitos anos para se solidificar e tornar-se um acto criminoso; aliás, De Greeff (1935b) defende que esta evolução é determinada pelas resistências do Eu em aceitar e cometer esta ideia e, desta forma, entendemos que Alcides revela um processo longo e lento de aceitação da ideia do desaparecimento de Dionísio. De Greeff (1935b) defende que a execução do acto homicida é geralmente selvagem e desesperada, pois entra em desacordo com a moralidade existente no sujeito. Acreditamos que assim foi com Alcides: um acto bruto e espontâneo, sem grande preparação ou minuciosidade. Não encaramos Alcides como um sujeito para o qual o homicídio se constitui como acto banal. Porém, De Greeff (1950) afirma que se deve estudar o acto no seu conjunto e não apenas por um detalhe, pois tal não espelha a riqueza afectiva da passagem ao acto. Por tal, entendemos que durante o tempo em que esteve na esquadra a passagem ao acto tornou-se iminente e interferiram certos aspectos inconscientes traduzidos em comportamentos denunciadores, que conduziram a uma aparente premeditação do acto, não verbalizada nem consciencializada por Alcides. Ou seja, a ida à bomba de gasolina,

Fui para a bomba de gasolina. Fui lá para falar com o meu irmão mais velho que é gerente dessa bomba. Fui lá para beber café e comprar tabaco que estava nervoso. Depois deparei com uma garrafa de gasolina e resolvi enchê-la. Tinha um carro mais ou menos com falta de gásóleo num bairro ao pé e eu pensei “vou levar gasolina, sei que preciso de gasolina. Sei que não ‘tou com cabeça para fazer qualquer coisa com ela. Mas sei que tenho um carro e que preciso de gasolina. Mas vou levar gasolina. Deixo em casa e se calhar amanhã ou depois vou buscar o carro;

a visita ao bairro vizinho, onde morava Dionísio,

Depois passei no bairro, para ver se ‘tava mais calmo. Ia lá ver se tinha acontecido alguma coisa, os policiais saíram de lá aos tiros pelos ares e até podiam... depois de ‘tar na esquadra apareceu lá uma amiga minha a queixar-se que ‘tava à janela e ‘tavam a disparar tiros para o ar, e estava na janela com o filho e podia ter saído dali uma bala perdida e acertar alguém. (...). Ela não tinha nada a ver comigo, mas foi lá à esquadra. E resolvi passar lá no bairro;

a entrada em casa de Dionísio,

Fui lá a casa dele. Sabia onde era a casa dele, já lá tinha ido. Quando lá passei, não sabia que ele ‘tava lá. Cheguei lá e arrebentei a porta. Antes de arrebentar a porta, bati à porta. Porque a casa era uma daquelas casas que tinha um vidro na porta e eu vi a luz da televisão acesa. Bati a porta como uma pessoa normal. Quando bati a porta era mesmo para falar com ele. Se ele se levantasse, se acordasse para falar comigo. Eu falava com ele, e até era capaz de lhe pedia desculpas e fazia as pazes. Mas como ele não abriu a porta eu dei um pontapé na porta e deixei a porta aberta;

o facto de Dionísio estar na casa com a companheira e o conhecimento sobre o estado de embriaguez de ambos,

Se eles não ‘tivessem alcoolizados, porque eu queimei-os, acho que se eles não ‘tivessem alcoolizados tinham tido uma reacção para se protegerem, defender. Só ela acordou. Ele também acordou mas já estava em chamas. Não me disse nada, ela mal me reconheceu.

Todos estes comportamentos são denunciadores da necessidade de regredir ao princípio de morte anteriormente resistido, de aceitar o risco e a vergonha da passagem ao acto homicida, como afirma De Greeff (1935a). São comportamentos que após a execução do acto apresentam-se como plenos de significado e que, por tal, permitem compreender o processo que o sujeito percorreu até à passagem ao acto (De Greeff, 1938).

Nesta altura, Alcides precisava de entrar em sintonia consigo mesmo, procurando diversas circunstâncias que legitimassem o seu acto para, desta forma, sentir-se capaz de cometer o “inevitável”. A vítima constitui-se, também, como uma circunstância criminógena, uma vez que a sua atitude revela-se como ampliadora dos defeitos do criminoso. Isto porque Alcides reconhece que, pela atitude de Dionísio, tornava-se inevitável o seu desaparecimento. Deste modo, compreendemos que a vítima já se encontrava num estado de perigo há algum tempo, mas que Alcides nunca deixou transparecer de forma clara os seus avisos. Como De Greeff (1938) afirma, existe um longo recalçamento das ideias criminais e uma libertação total dessas ideias num auge emotivo. Vejamos: um momento de agressão igual a tantos outros, uma injustiça sofrida como tantas outras, mas um acto único, isolado e de extremo simbolismo. Percebemos que tal aconteceu pois “a resposta imediata à perda de controlo obsessivo é uma reacção brutal ou mesmo destrutiva dos seus próprios objectos de amor” (Bergeret, 1998, p. 183); ao perder o controlo, o afecto latente que se encontra de vigia reaparece num contexto de passagem ao acto e de violência.

Este acto, consumado na cama onde Dionísio estava com a sua companheira, é expresso pelo uso do fogo. Simbolicamente ardente, Alcides deixou uma mensagem clara a Dionísio: ele morrerá pelo fogo da sua paixão que, possivelmente, nunca entendeu. Precisamente porque queimar algo ou alguém é como que “um substituto de comunicação com o outro” (Albernhe, 1997, p. 194). Mas, mesmo que Dionísio não morresse, ficaria de tal ordem deformado que só Alcides o amaria. Justamente porque no acto de queimar algo ou alguém, é privilegiado a componente sexual, importante pelo símbolo fálico que representa a chama (Leyrie, 1977). Queimar voluntariamente algo ou alguém é um acto libertador que faz eclodir a situação vivida como insustentável (Leyrie, 1977). Por ter sido na cama de Dionísio e da sua companheira, a situação insuportável é a relação que ambos mantinham e foi o fim da mesma que Alcides quis “queimar”.

Entende-se, assim, um crime passional, de luta moral anterior e com emoções activas. Apesar de nunca ter sido verbalizado por Alcides uma relação homossexual com Dionísio, existem alguns equivalentes eróticos no seu discurso que nos conduzem a essa relação, tais como: “rasgar-me a roupa

toda”; “enfiava-me a cabeça”; “deixei-me apanhar por ele”; “fazíamos faísca”; e “abusava de mim”. Para De Greeff (1935a), este tipo de homicídios são pautados por uma luta intensa contra si mesmo e contra os seus instintos, sendo o homicídio a última alternativa a usar. Nas palavras de Alcides apercebemo-nos desta luta,

Até tenho muita pena de ter acontecido isso porque no fundo, no fundo, ele não era uma pessoa má, acho que não sou má pessoa, acho que por causa dos consumos dele passou o que se passou. E passei-me um ‘cadinho. Não foi só culpa dele, também foi culpa dos dois.

Este tipo de crime é, para De Greeff (1935a), um crime de amor, de necessidade de domínio. Quando a culpa de um desejo reprimido entra em acção torna-se necessário ou recuar na ideia ou avançar para a concretização do homicídio: “*Se me continuasse a dar com ele chateado podia haver uma briga qualquer, ou a gente se zangar, ou uma coisa assim. Não valia a pena. Nós fazíamos faísca um com o outro e podíamos evitar. Às vezes havia faísca...*” No caso de Alcides, evidentemente tornou-se insuportável continuar a “amar” Dionísio; seria menos angustiante vê-lo apagado da sua vida, ver desaparecer essa “faísca” de que fala. Essa mesma “faísca” é simbólica; quando há faísca existe risco de incêndio. Alcides tinha noção deste perigo; Dionísio, provavelmente, nunca se apercebeu do mesmo. Podemos perceber o homicídio que Alcides cometeu como uma defesa contra a angústia sentida pelas diferentes quebras relacionais; como referimos anteriormente nesta discussão, o sujeito abandonado tende a ser, também ele, abandonado. Para se proteger, o movimento passa por abandonar antes de ser abandonado. Provavelmente, Alcides matou Dionísio pois sentia como iminente o abandono do mesmo: uma vez que Dionísio tinha uma relação íntima com uma mulher, possivelmente, não iria precisar tanto de Alcides.

É necessário realçar o aspecto comparativo entre a personagem de Dionísio e a personagem do pai de Alcides; compreendemos que ambos eram rígidos e severos, prestando-se a uma postura de dominadores, agravando a sua atitude pelo alcoolismo. Percebemos o alcoolismo do pai ou, pelo menos, o abuso do álcool, quando Alcides tem dificuldade em exprimir uma “asneira” que fez no passado:

Roubei um garrafão de vinho para vender e ela andou quase 1 km ou mais a puxar-me pelas orelhas. Fui vender num Modelo, há muito tempo. Fui vender lá no depósito... mas era... não era nada, era um garrafão de vinho que a minha mãe usava para ir buscar vinho para o meu pai. Mas era uma coisa de nada. Deve ter sido mais pela atitude.

Esta tendência para a repetição “quando se refere a factos desagradáveis ou dolorosos, coloca um problema económico, porque contradiz a tendência natural do aparelho psíquico para o prazer e a facilidade” (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002, p. 117). No fundo, esta compulsão de repetição conduz o

sujeito a repetir, ao longo da sua vida, os acontecimentos e as atitudes da sua infância, quer sejam positivas ou negativas. Compreendemos que Alcides terá procurado em Dionísio o pai que não teve: na procura de afecto e atenção, Alcides humilhou-se perante Dionísio, tal como se tinha submetido perante o pai; num amor ambivalente, Alcides tentou realizar em Dionísio a figura de admiração que não tinha realizado no pai. No entanto, todos estes movimentos foram de cariz frustrante, conduzindo Alcides ao auge da sua angústia: o homicídio.

1.2.3. Alcides: a sua permanência no tempo

Depois do crime, Alcides recuperou a sua personalidade, tal como De Greeff afirma que acontece na maior parte dos sujeitos que passam ao acto. Voltar à sua personalidade simboliza voltar ao seu conceito de normalidade; este baseia-se, por exemplo, na instabilidade que sempre caracterizou a sua história. Facilmente identificamos este aspecto nas mudanças de estabelecimentos prisionais que Alcides já realizou: primeiramente, um EP na zona da grande Lisboa; depois, um EP na zona norte do País; por fim, outro EP na zona da grande Lisboa. Três mudanças em três anos de reclusão. Pelas palavras de Alcides, a sua passagem pelo EP da zona norte de Portugal foi a melhor; mesmo privado da sua liberdade, Alcides precisou de fugir da sua família e salvaguardar-se num ambiente de maior exclusividade, com menos pessoas com quem partilhar o seu espaço, como aconteceu na casa da avó: *“acho que passa-se melhor, acho que se passou melhor lá o tempo. Havia menos gente, tinha outras condições”*.

Outro aspecto recuperado é a vinculação fraca, que distorce as relações interpessoais; Alcides não revela amizades na prisão. Alias, verbaliza que *“eih, no EP da zona norte do País fiz muitas amizades. Com duas ou três pessoas, duas, pr’aí”* e no presente EP onde se encontra: *“tenho amigos, alguns. Um ou dois. De confiança, um. Tenho aí dois vizinhos meus, da mesma zona que eu. Bocejo. Mas eles têm a vida deles e eu tenho a minha”*. Para além desses amigos, mantém as amizades do exterior, que o visitam regularmente: *“Continuamo-nos a dar bem, sim, graças a Deus. São os meus melhores amigos, agora”*.

Por fim, a necessidade da limpeza e da ordem derivada da sua fixação anal surge no trabalho que desempenha presentemente no EP, mas que já realizou noutros estabelecimentos: a função de faxina. Pura coincidência? Não sabemos. Compreendemos que, na base do seu funcionamento, este tipo de trabalho permite a Alcides manter-se equilibrado, sob uma rigidez que precisa para se manter contido e que é dada pelos muros da(s) prisão(ões). Vejamos: *“Sou faxina de manhã, às duas e ao final do dia. O meu trabalho engloba limpar as escadas do meu piso, é pr’aí uns vinte degraus, no máximo”*. Na mesma linha de raciocínio, o ambiente prisional é, para Alcides, fortemente estruturante, uma vez que lhe impõe limites físicos que lhe garantem um certo controlo interno. Daí o acto falhado já referido anteriormente e, também, a estabilidade que tem dentro do EP: *“Não vou dizer que stresso nas cadeias, mas há stress e toda a gente sabe que há stress nas cadeias”*.

IV. Conclusão

Ao chegar ao fim deste trabalho, sentimo-nos como se fôssemos uns escritores conceituados de um *best-seller*, uma trama romanceada, com um trágico desfecho de uma história de amor impossível. Tal daria, de facto, um bom livro de ficção. No entanto, não é disto que se trata o nosso trabalho, nem tão pouco somos escritores. Pelo contrário, vestimos a “fatiota” de investigadores pois compreendemos que pela investigação a ciência avança. Relativamente à história de Alcides, não construímos juízos de valor prévios; limitámo-nos, apenas, a escutar o sujeito e, depois, a analisar o seu discurso. Reformulando, retiramos o termo “apenas”; de todo, não foi um trabalho fácil: caracterizou-se pela exaustividade da pesquisa, pela paciência na recolha, pela extensão da análise. Percebemos que a bengala deste trabalho foi, sem dúvida alguma, o ponto de vista fenomenológico de Etienne De Greeff; sem a sua teoria não teria sido exequível esta investigação. Ouvir o sujeito e analisar as suas próprias palavras abriu-nos um leque de interpretações que, de outro modo, provavelmente, não teriam surgido. Para tal, o método qualitativo aparece como o outro precioso auxílio deste caminho que percorremos.

Assim, este trabalho permitiu evidenciar a pertinência do estudo dos aspectos psicológicos que influenciam a passagem ao acto homicida, uma vez que, tal como foi explorado e discutido ao longo da investigação, é de enorme influência o vivido no mundo interior do sujeito que comete o crime. Surpreendemo-nos com o nosso estudo pois foram muitas as conclusões a que chegámos. Primeiramente, validámos a teoria de que o criminoso é um ser humano como qualquer outro: a vida de Alcides não varia em muito da vida de qualquer homem. Ele simplesmente operacionalizou as tendências primitivas que todos nós, para bem da sociedade e para nosso próprio bem, tendemos a inibir. Segundo, concluímos que colocar-nos à escuta do criminoso, sem grelhas de respostas previamente construídas (como questionários, inquéritos ou testes), atendendo apenas ao ponto de vista interior do sujeito, nas suas próprias palavras, e privilegiando uma atitude clínica de escuta e compreensão, permite-nos não só compreender a passagem ao acto mas, também, o processo criminógeno desenvolvido pelo sujeito, o sofrimento pelo qual passou e as circunstâncias criminógenas que proporcionaram o acto. Aqui interfere a perspectiva dinâmica, à qual recorreremos na discussão, uma vez que actua para entender como o desenvolvimento psico-afectivo do sujeito, o meio onde cresceu, o modo como foi educado e as relações que estabeleceu, condicionam a inscrição do acto homicida na vida de Alcides. Por fim, percebemos que para cometer um homicídio não tem de existir, *a priori*, uma estrutura de personalidade pré-determinada e pré-disposta que leve certo sujeito a cometer esse acto; pelo contrário, existe um tipo de personalidade mas esse não tem necessariamente que levar ao acto criminoso. O que determina o acto criminoso é o processo pelo qual o sujeito passa durante a sua vida e contra o qual, a princípio, luta arduamente.

Este tipo de estudo permite-nos questionar determinados aspectos de avaliação psicológica em contexto forense que podem estar, de algum modo, desadaptados. Vejamos: como é possível julgar alguém sem atender ao modo como esse sujeito viveu as suas relações primárias, como obteve respostas às suas necessidades básicas, como cresceu e se desenvolveu enquanto pessoa? Como é possível caracterizar, nosologicamente, alguém que pode não caber, simplesmente, num protótipo?

Percebemos que muito havia ainda a explorar neste caso e que alguns pormenores ficaram por analisar; porque estudar uma história de vida é apreender um número infindável de entrelinhas que o próprio sujeito nos “oferece” inconscientemente, pelo seu discurso. Assim, ficámos com a sensação de incompletude, não por nossa falta de vontade, mas por critérios exteriores que limitaram o nosso trabalho. Outras limitações imediatas e de cariz mais geral surgiram perante as questões que elaborámos: é de esperar que não se recolha uma história de vida tão exaustiva como nós fizemos a todo aquele que pratica um crime; não existem, ainda, infra-estruturas para realizar tal trabalho. É de esperar, também, que existam correntes teóricas diversas e que cada uma defenda o que acredita; e, por tal, que interfira uma certa dose de subjectividade no trabalho realizado.

No entanto, e porque defendemos que compreender é intervir ao nível do estudo de caso, concluímos que respondemos às nossas questões de investigação. Somente com o estudo da individualidade poderemos saber que intervenção se adequa a determinado sujeito; e compreender não é, de todo, desculpar. Estudar o criminoso através do seu ponto de vista, como argumenta De Greeff (1950, p. 289), “não implica aprová-lo ou desaprová-lo, mas sim tratá-lo como homem que é”.

Referências

- Agra, C. & Matos, A. P. (1997). *Droga-crime: trajetórias desviantes*. Lisboa: Gabinete de Planeamento e de coordenação do combate à droga.
- Albernhe, T. (1997). *Criminologie et psychiatrie*. Paris : Ellipses.
- Balint, M. (1977). *Le défant fondamental, aspects thérapeutiques de la régression*. Paris : Payot.
- Bardin, L. (2007). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bergeret, J. (1998). *Psicologia patológica*. Lisboa: Climepsi.
- Bergeret, J. (2000). *A personalidade normal e patológica*. Lisboa: Climepsi.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e métodos*. Porto: Porto Editora.
- Born, M. (2005). *Psicologia da delinquência*. Lisboa: Climepsi.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Burgess, R.G. (1997). *A pesquisa no terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Chase, S. (1995). Taking narrative seriously, consequences for method and theory in interview studies. In R. Josselson, & A. Lieblich (Eds.), *Interpreting experience, the narrative study of lives*. (pp. 1-26). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Cunha, A. (2005). *Crescer e envelhecer de uma forma especial: História de vida de uma centenária*. Dissertação de mestrado. Lisboa: ISPA.
- Cusson, M. (2006). *Criminologia*. Cruz Quebrada : Casa das Letras.
- De Greeff, E. (1932). L'Homme chez le criminel. *Revue de Droit Penal et de criminologie* (pp. 1–43). (sem mais referências).
- De Greeff, E. (1935a). Mémoires : la psychologie de l'assassinat. *Revue de Droit Penal et de Criminologie et Archives*

- Internationales de Médecine Legale*, Chapitre II : Le schéma de l'assassinat normal (pp. 213–235). (sem mais referências).
- De Greeff, E. (1935b). Mémoires : la psychologie de l'assassinat. *Revue de Droit Penal et de Criminologie et Archives Internationales de Médecine Legale*, Chapitre IV : Préméditation et prophylaxie (pp. 383–393). (sem mais referências).
- De Greeff, E. (1935c). Mémoires : la psychologie de l'assassinat. *Revue de Droit Penal et de Criminologie et Archives Internationales de Médecine Legale*, Chapitre III : Homicides types (pp. 357-380). (sem mais referências).
- De Greeff, E. (1938). L'état de danger avant le crime. *Revue de Droit Penal et de Criminologie*. (sem mais referências).
- De Greeff, E. (1950). Criminogénese. *Actes des IIème congrés*. (sem mais referências).
- De Matos, A. C. (1978-1979). A relação precoce mãe-filho. In A. C. de Matos. *Escritos 7*. Artigos publicados nas revistas "Jornal do Médico" e "Médico" (pp. 145-149). (sem mais referências).
- De Matos, A. C. (1982-1983). Depressão, narcisismo e psicanálise. In A. C. de Matos. *Escritos 9*. Artigos publicados nas revistas "Jornal do Médico" e "Médico" (pp. 159-181). (sem mais referências).
- De Matos, A. C. (1984-1986). Édipo e conflito. In A. C. de Matos. *Escritos 10*. Artigos publicados nas revistas "Jornal do Médico" e "Médico" (pp. 95-106). (sem mais referências).
- De Matos, A. C. (1994). As pré-psicoses. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, (6), 27 – 35
- De Matos, A. C. (2002). *O desespero : Àquem da depressão*. Lisboa: Climepsi.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (1994). Introduction: Entering the field of qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 1-16). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dias, C. (2000). *Pesquisa qualitativa: Características gerais e referências*. Retirado da Internet www.geocities.com a 6 de Dezembro de 2007.
- Digneffe, F. (1989). *Éthique et délinquance, la délinquance comme gestion de da vie*. Editions médecine et hygiène, Merediens Klincksieck.
- Erikson, E. (1971). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Ferreira, E. V. (1998). *Crime e insegurança em Portugal: Padrões e tendências, 1985-1996*. Oeiras: Celta Editora.
- Fernandes, L. (2002). *O sítio das drogas*. (3ª ed., pp. 9-37). Lisboa: Editorial Notícias.
- Ferrarotti, F. (1991). Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia*, 9, 171-177.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O inquérito - teoria e prática* (4º ed., pp. 179-230). Oeiras: Celta Editora.
- Gonçalves, J. A. (1997). A abordagem biográfica: questões do método. In A. Estrela, *Métodos e técnicas de investigação científica em educação* (pp. 91-114). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, R. A. (2000). *Delinquência, crime e adaptação à prisão*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24 (3), 363-372.
- Leyrie, J. (1997). *Manuel de psychiatrie légale et de criminologie clinique*. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin.
- Lieblich, A., Tuval-Mashiach, R., & Zilber, T. (1998). *Narrative research: Reading, analysis and interpretation* (vol. 47). Thousand Oaks, CA: Sage.
- McAdams, D. P., Josselson, R. & Lieblich, A. (2006). *Identity and story – creating self in narrative*. Washington, DC: American Psychological Association.
- McWilliams, N. (2005). *Diagnóstico psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- Ménéchal, J. (2002). *Introdução à psicopatologia* (2ªed.). Lisboa: Climepsi.
- Mijolla, A. & Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Mucchielli, R. (1994). *A entrevista não-directiva*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pais, L. G. (2004). *Uma história das ligações entre a psicologia e o direito em Portugal: Perícias psiquiátricas médico-legais e perícias sobre a personalidade como analisadores*. Tese de doutoramento, não publicada. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Patton, M. (1990). *Qualitative evaluation and research methods* (2nd ed.). California, CA: Sage.

Poirier, J., Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P. (1995). *História de vida: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Reich, W. (1979). *Análise do carácter*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Santos, C. P. M. (1998). *Auto-organização psicológica e transgressão. Análise empírica-crítica de duas figuras e comportamento desviante: criminoso e consumidores de drogas*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Shaw, C. R. (1966). *The Jack-Roller: A delinquent boy's own story*. Chicago: University of Chicago Press.

Silverman, D. (2001). *Interpreting qualitative data: Methods for analysing talk, text and interection* (2nd ed.). London: Sage.

Souza Filho, E. A. (1996). Estratégias e medidas em análise de conteúdo. In L. Pasquali (org.). *Teorias e métodos de medida em ciências do comportamento* (pp. 319-339). Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida - Instituto de Psicologia.

Strauss, A. & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Strecht, P. (2000). *Crescer vazio, repercussões psíquicas do abandono, negligência e maus-tratos em crianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Tinoco, R. (2004). *Histórias de vida: Um método qualitativo de investigação*. Retirado da Internet www.psicologia.com.pt a 13 de Novembro de 2007.

Tinoco, R. & Pinto, S. (2001). Abordagem biográfica das toxicodependências – o biograma como instrumento de intervenção clínica. *Toxicodependência*, 7 (1), pp. 17-22.

Vala, J. (1986). Análise de conteúdo. In A. G. Silva & J. M. Pinto. *Metodologias das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.

Anexo A. Pedido de autorização à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais

Andreia Filipa Reis Cavaca
Rua das Rosas, n.º 14, 3º Dtº, Massamá
2745-702 - Queluz

Exma. Senhora

Directora-Geral dos Serviços Prisionais

Dr. ª Clara Albino

Travessa da Cruz do Torel, n.º 1

1150-122 Lisboa Codex

Lisboa, 4 de Abril de 2008

Exma. Senhora,

Eu, Andreia Filipa Reis Cavaca, estudante do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, encontro-me a realizar a minha investigação inserida no Seminário de Dissertação orientado pela Prof. Doutora Lúcia G. Pais. Pretendo realizar um trabalho intitulado, provisoriamente, de “História de vida de um homicida”, recorrendo ao método biográfico, conforme projecto em anexo. Venho, pois, solicitar a Vossa Excelência a autorização para realizar este estudo que constituir-se-á como tese final de curso.

O estudo que gostaria de desenvolver relaciona-se com uma abordagem compreensiva de uma história de vida de um indivíduo que cometeu o crime de homicídio. Para tal, é necessária a recolha de uma história contada na primeira pessoa e a sua posterior análise, que categorizará todas as frases exactas proferidas pelo sujeito. Para garantir a fidelidade da história, é exigência metodológica o recurso a um gravador de voz. O uso deste objecto prende-se com questões do foro metodológico fundamentadas no projecto em anexo.

É garantida a confidencialidade dos dados e o anonimato.

Considerando que me encontro, actualmente, a efectuar estágio académico no Estabelecimento Prisional do [] seria facilitado o acesso à informação pretendida se a autorização contemplasse este factor.

Com os melhores cumprimentos,

(Andreia Filipa Reis Cavaca)

Anexo B. Autorização concedida pela Direcção-Geral dos Serviços Prisionais

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PRISIONAIS

Direcção de Serviços de Planeamento e Relações Externas

Exma Senhora
Dra. Andreia Filipa Reis Cavaca

Rua das Rosas nº 14 - 3º Dtº

Massamá

2745-702 Queluz

V/ referência

N/ referência

Ofício N.º

300/DSPRE/2008

Data

2008/07/07

Assunto: Investigação académica para Mestrado em Psicologia pelo ISPA

Tenho a honra de informar V. Exa. que, por despacho do Senhor Subdirector-Geral, datado de 04/07/2008, foi autorizado o trabalho de investigação académica para obtenção de Mestrado em Psicologia pelo ISPA, no Estabelecimento Prisional do

— Daqui decorre que pode entrevistar, com recurso a gravação áudio, um recluso de idade compreendida entre os 18 e os 30 anos de idade, que se encontre a cumprir pena por homicídio.

Em cumprimento do disposto na Circular nº 5/GDG/2001, de 18 de Junho, que regula estágios e investigações académicas, chama-se a atenção para o facto do trabalho estar sujeito às seguintes condições:

- A execução do trabalho estar sempre dependente da disponibilidade do recluso para, após consentimento informado, colaborar, reservando-se-lhe o direito de a qualquer momento, poder interromper a sua cooperação;
- obrigação de preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar;
- a selecção do recluso seja trabalhada e acordada com a equipa de psicólogos do Estabelecimento Prisional, de modo a acautelar que a entrevista não colida

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PRISIONAIS

Direcção de Serviços de Planeamento e Relações Externas

nem faça regredir, um eventual programa de acompanhamento a que o indivíduo esteja a ser sujeito;

- a calendarização seja acordada com a Direcção do Estabelecimento Prisional do I forma a conciliar os objectivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação da vida quotidiana;
- a gravação áudio da entrevista, para além de constar expressamente de declaração de consentimento autorizado a assinar pelo recluso, seja autorizada ou que à mesma não se oponha a Direcção do Estabelecimento Prisional;
- a consulta dos processos individuais se faça de acordo com a Circular nº 3/GDG/2002, de 28 de Outubro, devendo ser dada particular atenção ao disposto nos pontos 8, 9 e 10;
- Envio de uma cópia do relatório final à Direcção de Serviços de Planeamento e Relações Externas.

Com os melhores cumprimentos.

Rel

A Directora de Serviços

(Maria José Matos)

Maria José Matos

ID/2008

Anexo C. Planeamento e calendarização das entrevistas

Identificação da Ala:

Identificação do Recluso:

Data de Nascimento do Recluso:

Primeira semana

Segunda-feira, 28.Julho.2008: entrevista de despiste

Quinta-feira, 31.Julho.2008: entrevista de consentimento

Segunda semana

Segunda-feira, 4.Agosto.2008: 1º entrevista

Terceira semana

Quinta-feira, 14.Agosto.2008: 2º entrevista

Quarta semana

Segunda-feira, 18.Agosto.2008: 3º entrevista

Quinta-feira, 21.Agosto.2008: 4º entrevista

Quinta semana

Segunda-feira, 25.Agosto.2008: 5º entrevista

Quinta-feira, 28.Agosto.2008: 6º entrevista

Sexta semana

Segunda-feira, 1.Setembro.2008: 7º entrevista

Quinta-feira, 4.Setembro.2008: 8º entrevista

Sétima semana

Segunda-feira, 8.Setembro.2008: 9º entrevista

Quinta-feira, 11.Setembro.2008: 10º entrevista

Anexo D. Consentimento informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, certifico que concordo em participar voluntariamente na presente investigação científica que se encontra no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

A investigação, assim como a minha participação, foi-me definida e inteiramente explicada pela investigadora Andreia Filipa Reis Cavaca.

Consinto, também, com o uso do gravador áudio, tendo-me sido clarificado o objectivo e a função do mesmo.

Tive oportunidade de formular as questões que achei oportunas, as quais me foram respondidas satisfatoriamente.

Percebo que os procedimentos desta investigação não têm qualquer risco.

Sou livre de responder às questões desta investigação e posso, a qualquer altura, retirar o meu consentimento, terminando assim a minha participação na investigação sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo para a minha pessoa.

_____, 07.31.2008

.....
(participante)

_____, 31.07.2008

(investigador)

Anexo E. Diário de campo

Diário de Campo

Quem: Alcides

Onde: Gabinete dos Advogados, localizado defronte da chefia de guardas

Primeira entrevista

Data: 4 de Agosto de 2008; **Hora:** Tarde; **Duração:** 34'40"

Temos noção que podia ter corrido melhor, mas o nosso nervosismo e desconforto perturbou um pouco a disponibilidade da entrevista. Estas sensações foram provocadas pelo facto de que no próprio dia fomos informados que teríamos que realizar as entrevistas nos gabinetes de advogados e que não seria nos serviços clínicos. Sabendo, de antemão, que o gabinete dos advogados se localizava defronte da chefia de guardas, colocámo-nos no lugar do participante e tememos que ele não se sentisse confortável para se contar.

Alcides chegou e trazia um isqueiro na mão. No momento ficámos inseguros, uma vez que o isqueiro foi um dos objectos usados para a realização do acto homicida. Porque trouxe ele o isqueiro? Que nos queria ele demonstrar? Brincou e manejou o isqueiro vezes sem conta, até que o deixou cair e pediu para que o apanhássemos. Pedimos-lhe, com gentileza, para o deixar no chão. E lá ficou.

No geral, apresentou-se colaborante embora atrapalhado, com quebras no discurso, como que se o assunto se esgotasse. Ao falar do pai e da sua atitude severa, fez um gesto de “açoite” e ficou com um semblante de tristeza e mágoa. No entanto, logo de seguida, repara esse discurso angustiante, dizendo que foi boa a educação que os pais lhe deram.

A impressão final com que ficámos é que Alcides precisava muito da nossa directividade. Talvez para se orientar, talvez para não se perder, possivelmente para evitar o silêncio entre nós. Sentimos que, para a próxima entrevista, teremos que o incentivar mais a um discurso livre e espontâneo.

Segunda entrevista

Data: 14 de Agosto de 2008; **Hora:** Manhã

Alcides apareceu, bastante atordoadado, dizendo que não estava à espera da nossa entrevista (o que nos deixou confusos pois tinha sido agendado com o mesmo) e que estava ocupado, não podendo ficar lá. Então, averiguámos a sua disponibilidade para a tarde deste mesmo dia, tendo sido acordado por ele realizarmos o nosso encontro da parte da tarde.

Hora: tarde; **Duração:** 55'21"

Foi uma entrevista muito rica em informação, Alcides encontrava-se disponível a contar-se, raramente precisando da nossa intervenção. Contou a sua vida amorosa e, a nosso pedido, as relações interpessoais que manteve ao longo da sua vida. Questionámo-nos, à sua saída, do porquê das relações amorosas serem o tema emergente logo na segunda entrevista, quando ainda não tínhamos uma relação sólida. Será intenção de erotizar o espaço? Será indício de alguma falha?

Terceira entrevista

Data: 18 de Agosto de 2008; **Hora:** Manhã; **Duração:** 30'46"

Ao entrar no gabinete apercebemo-nos que não vinha bem-humorado. Semblante carregado, postura corporal espelhando negatividade. Iniciou a entrevista dizendo que já não tinha mais nada para contar, que poderíamos ficar por aqui. Pouco falou, não estava mesmo disponível. Começou por contar a viagem à Irlanda mas não expressou nunca grande alegria por ter emigrado. Precisou muito da nossa intervenção.

Foi agressivo, pela primeira vez: levantou a voz, agitou-se na cadeira, bateu com o punho na mesa, quis interromper a entrevista abruptamente dizendo que se ia embora, que não queria falar mais e que ia para “dentro” (ou seja, que ia voltar para a Ala). Esta atitude foi reactiva à temática dos maus tratos pela parte dos pais e às mortes que ocorreram na sua família, entre elas a do pai e a de um tio. Preferimos deixá-lo ir, para assim não criar represálias na relação entre investigador e participante, ainda muito prematura.

Quarta entrevista

Data: 21 de Agosto de 2008; **Hora:** Tarde; **Duração:** 35'36" + 13'58"

Ao perguntarmos-lhe do que queria falar, imediatamente respondeu que queria contar o crime. No início ficámos agradados com a sua disponibilidade, embora nos tenhamos questionado o porquê de abordar uma temática tão delicada depois de uma última entrevista um tanto atribulada.

Mostrou-se colaborante e disponível, contando os pormenores desse dia e como tudo se sucedeu, segundo a sua versão. Quando chegou a meia hora de conversa Alcides alterou-se, tornando-se agressivo, batendo com a mão na mesa, dando um murro no gravador. Esta atitude de violência surgiu quando lhe questionámos sobre o motivo de ter arrombado a porta da casa de Dionísio. Perguntámos-lhe “o que é que queria naquele momento?” e, numa fracção de segundos, tornou-se ofensivo, não conseguindo responder à questão, demonstrando que era um assunto insuportável para si. Parámos a gravação e tentámos acalmá-lo. Nesses minutos falou sobre confiança e sobre a sua família. Ficámos incomodados pois esse assunto seria importante captar pelo gravador. Pedimos-lhe autorização para

voltar a ligar o gravador, Alcides concordou. Apercebemo-nos que estávamos incomodados com o sucedido, pelo que nada a seguir foi muito produtivo.

Quinta entrevista

Data: 25 de Agosto de 2008; **Hora:** Manhã; **Duração:** 33'32"

Apareceu muito ensonado, pouco participativo. O seu discurso era desconexo, a sua postura inadequada, ria-se despropositadamente. Os silêncios eram insuportáveis, pois Alcides bocejava muito e quase que adormecia. Sentimos necessidade de preencher esses vazios com questões das quais não obtínhamos, praticamente, nenhuma informação.

Comentámos com o participante que possivelmente de manhã não seria a altura mais agradável para nos encontrarmos, de modo a alertá-lo para a próxima entrevista não pedir para nos encontrarmos nos de manhã. No entanto, a sua resposta não coincidiu com o esperado, respondeu que de manhã é que se era bom, para se começar logo o dia. Ficámos espantados com o seu desligamento com a realidade.

Sexta entrevista

Data: 28 de Agosto de 2008; **Hora:** Tarde; **Duração:** 51'52"

Esta entrevista foi bastante produtiva, Alcides falou-nos da relação que tinha com Dionísio e, novamente, referiu os factos do crime. Não se tornou agressivo, ao contrário do que esperávamos que acontecesse.

Sétima entrevista

Data: 1 de Setembro de 2008; **Hora:** Tarde; **Duração:** 15'28"

Como queríamos aprofundar a temática das diferentes mortes, para entender até que ponto era insuportável, começámos a entrevista por pedir a Alcides para falar da sua avó, pois sabíamos que era um assunto que lhe agradava. Daí, tentámos dar o salto para a temática das mortes. Imediatamente Alcides tornou-se agressivo, dando um murro na mesa e no gravador, como já tinha acontecido antes. Desta vez não tentámos retomar a entrevista, compreendemos que era um assunto insuportável para o participante e que devíamos respeitá-lo.

Oitava entrevista

Data: 4 de Setembro de 2008; **Hora:** Tarde

Ficámos à espera de Alcides mais de uma hora. Ficou na cela, fechado, dizendo ao guarda para passar o recado que não queria vir à entrevista. Percebemos que a entrevista anterior tinha sido muito pesada para o participante e que a sua recusa em vir ter connosco era espelho de uma ruptura na nossa relação. Tivemos medo que não voltasse mais e que a nossa recolha terminasse aqui.

Nona entrevista

Data: 8 de Setembro de 2008; **Hora:** Tarde; **Duração:** 26'45''

Apareceu com um semblante preocupado. Disse que tinha pressa, que não podia ficar muito tempo porque tinha que fazer uma chamada. Questionámo-nos até que ponto o argumento era válido. Ponderámos se não seria uma desculpa para não ficar muito tempo exposto aos temas que o deixavam angustiado.

Mesmo assim, tentámos abordar a problemática da sua depressão, à qual inicialmente respondeu negativamente, mas depois acabou por mostrar-se colaborante. O fluir da conversa levou, de novo, à temática das mortes. Desta vez não se tornou agressivo, apenas não colaborante.

Décima entrevista

Data: 11 de Setembro de 2008; **Hora:** tarde; **Duração:** 59'2''

Como era o último encontro com Alcides e nos sentíamos muito baralhados com os factos e as datas da sua história de vida, levámos folhas em branco e sugerimos ao participante que, em conjunto, desenhassemos a linha da sua vida. Mostrou-se entusiasmado com a ideia e muito empenhado em concretizá-la.

Com o desenrolar da entrevista, Alcides ficava cada vez mais confuso com as datas e com os momentos onde determinados acontecimentos ocorreram. Revelou a morte de um irmão, não querendo falar sobre isso. No entanto, quando chegámos ao fim e lhe perguntámos se queria acrescentar mais alguma coisa à sua linha da vida, imediatamente respondeu que sim mas que não queria que esse assunto fosse explorado. O que acrescentou foi a morte do irmão. Ficámos baralhados, uma vez que se era um assunto tão delicado, qual a necessidade de o focar outra vez? Delicadamente, tentámos explorar um pouco mas como Alcides não se mostrou receptivo, decidimos não o fazer mais.

Anexo F. Grelha de definição de categorias

Categorias	Definição	Exemplos
Relações familiares	Unidades de registo que caracterizam a dinâmica relacional com os diferentes membros da família, excluindo as relações com a avó e com o irmão (pessoas significativas), que se inserem em categorias próprias	“Não gosto de falar do passado da minha família. O passado da minha família não é passado que se conte, porque me deixa triste... Não acho que isso faça parte da minha história de vida, acho que não. Acho que a família é outro lado”.
Relação com a avó	Unidades de registo que caracterizam a dinâmica relacional com a avó	“A minha avó é uma doce, sempre gostei muito dela. Temos uma boa relação, sempre tivemos uma relação aberta”.
Relação com o irmão	Unidades de registo que se referem à dinâmica relacional com o irmão	“Como eu hei-de dizer, ele era um cadinho, como é que eu dizia, ele é um cadinho desastrado, é muito brincalhão, e é inteligente”.
Relações interpessoais	Unidades de registo que caracterizam as relações interpessoais	“Depois fiz um novo amigo, o Cláudio. Meu vizinho também, da mesma idade pr’aí. Mas já não foi nada como... já com o Cláudio era diferente. Já não tínhamos aquela amizade”.
Relações afectivas/amorosas	Unidades de registo que caracterizam as relações afectivas ou amorosas	“E depois vim a saber, por boca dos rapazes, por incentivo da rapaziada, ouvi dizer que eles diziam-me sempre que ela gostava de mim e depois, por incentivo deles, começamos a andar”.
Meio	Unidades de registo que se referem ao modo de contacto com o meio	“Mas lembro-me vagamente, lembro-me vagamente do dia da mudança de Algés para o Dafundo, foi um grande dia. Os meus vizinhos ‘tavam a chorar, não queriam que a gente se mudasse. Foi um ‘cadinho triste”.
Percurso escolar	Unidades de registo que caracterizam o percurso e o desempenho escolar	“Dei-me bem na escola. Apesar de, dei-me bem, quer dizer, na primeira classe foram dois anos muito difíceis que eu tive, não foram bem adaptados”.
Percurso profissional	Unidades de registo que caracterizam o percurso e à situação profissional	“O meu primeiro trabalho foi no Cais do Sodré, na 24 de Julho, a carregar legumes e peixe, caixas de peixes, carregar, transportar

		com um carrinho as caixas de peixes, legumes e frutas”.
Comportamentos desviantes	Unidades de registo referentes a comportamentos considerados como desviantes.	Decidimos entrar no carro e fazer ligação directa e dar uma volta com ele. E eu como ‘tava a conduzir e ‘tava com aquele entusiasmo de aprender a conduzir porque ‘tava a tirar a carta de condução decidi agarrar no carro e dar uma volta. E depois fui apanhado e fiquei preso quatro meses.
Relação com Dionísio, a vítima	Unidades de registo que caracterizam a dinâmica relacional com a vítima	“Ele foi sempre um ‘cadinho problemático. Não era a primeira vez que se metia comigo”.
Crime	Unidades de registo referentes à passagem ao acto homicida e às circunstâncias antes e pós crime	“Porque ele já ‘tava todo bêbado. ‘Tavam os dois. Se eles não tivessem alcoolizado, porque eu queimei-os, acho que se eles não tivessem alcoolizados tinham tido uma reacção para se protegerem, defender”.
Prisão	Unidades de registo que se referem à vivência em ambiente prisional bem como às experiências e actividades exercidas no meio	“Oh, na prisão de Caxias ‘tá-se bem lá”.
Atitude reflexiva	Unidades de registo que se referem às reflexões acerca da sua trajectória de vida, acontecimentos, experiências, vivências e relações	“Tenho saudades, então não tenho saudades? Quem não tem saudades desses tempos? São as melhores recordações que temos quando somos jovens. Temos sempre saudades, é claro”.

Anexo G. Tabela de análise de categorias

Período de desenvolvimento (pré-categoria)

Infância

Categorias	Subcategorias	Definição	Exemplos	Categorias emergentes
Relações familiares	Generalidade	Excertos que caracterizem a dinâmica familiar, no geral	Quando eu era pequeno... por acaso os meus pais nunca falaram sobre mim quando era mais pequenino. Até fico com curiosidade de perguntar certas coisas e fico de fazer essa pergunta à minha mãe, porque, prontos, o meu pai já faleceu, mas depois escapa. Quando éramos pequeninos, era bom, éramos pequeninos, não tínhamos muita preocupação, era só escola. Brincávamos. <i>Silêncio</i>. Foi bom. Mas eu não gosto de falar dos meus irmãos, eles têm a vida deles. Não gosto de falar do passado da minha família. O passado da minha família não é passado que se conte, porque me deixa triste... Não acho que isso faça parte da minha história de vida, acho que não. Acho que a família é outro lado. Apesar de que foi a parte da minha família que me educou e me fez crescer. Que me fez pensar no que é bom e mau para mim e o que é bom e mau para eles. A educação foi boa, à base de alguma porrada, mas prontos... dos meus pais... a gente fala disso depois. Era o meu pai e a minha mãe. Mas isso é normal, levei porrada como todos... acho normal... isso acontecia quando fazia alguma asneira. O meu pai não me batia sem eu ter feito nada.	Dinâmica familiar desestruturada (vinculação deficitária) Ausência de orgulho familiar Maus tratos familiares
	Relação com o	Excertos que	O meu pai sempre foi servente. Uma coisa	

	pai	caracterizem a relação com o pai	que lhe disse um dia e eu vim-me a arrepender depois. O meu pai sempre foi servente da construção civil, tipo ajudante de pedreiro, ajudante de carpinteiro, ele sempre soube fazer um pouco de tudo. E ele, prontos, acabou por construir a casa um bocado por aí, por acaso. Depois tivemos que nos mudar para um terreno maior, uma casa, era uma casa maior, uma barraca, (...), tivemos que lá sair. Mas o meu pai, ele trabalhou toda a vida... ele sempre foi ajudante, nunca subiu para pedreiro ou oficial. Sempre nunca foi oficial. Prontos, não sei porquê também. Ele também não se identificou porque se calhar não necessitava. Não gostava de fazer uma coisa só. Ele tinha lá as suas razões. Às vezes... desde pequeno... andar com uma enxada na mão, tratava-nos mal, era um bocadinho rígido. Mas olhe, gostei da educação que os meus pais deram, posso não ser muito educado nem ser muito bom de etiqueta, mas gosto do tipo de pessoa que sou. Fui bem educado, dar alguma porrada para endireitar, que isso quase todos da minha origem, da minha raça, os africanos são um 'cadinho mais rigorosos com os filhos, em termos de bater, têm vários filhos. Mas dou valor e dou valor hoje a isso. Acho que foi bom. (...) Mas foi bom.	Figura do pai (ausência de orgulho e admiração) Maus tratos paternos (rigidez)
	Relação com a mãe	Excertos que caracterizem a relação com a mãe	A relação com a minha mãe é boa. É normal. Preocupo-me um 'cadinho com ela, como ela se preocupa comigo. No princípio, eu gostava. Eu andava na escola, a minha mãe como não trabalhava levantava-se de manhãzinha, ia buscar o leite das cabras, o leite quentinho das cabras para nos preparar o pequeno-almoço, depois nos arranjava e íamos para a escola. Depois a minha mãe começou a trabalhar e nós começámos a crescer. E a minha mãe começou a aplicar algumas regras, tipo lavar a loiça, arrumar a casa, essas coisas todas. Às vezes nós não fazíamos e ela chegava a casa e ficava furiosa. E dava porrada de vez em quando. <i>Silêncio</i>. Mas foi bom. <i>Silêncio</i>. Mas com as regras não era igual para todos. Não, era assim. Os que tinham aulas iam para as aulas, os que não tinham iam fazer as tarefas da casa. Eu tinha que fazer, às vezes não fazia mas obviamente que depois... depois lá	Distanciamento afectivo Castração materna

			vinha... depois tinha que pagar por não fazer. Mas ela também não batia sempre. Ralhava muito. Nós éramos pequeninos mas podíamos entender mais um cadinho que a minha mãe esforçava-se muito. Agora sinto isso, mas na altura também só queria brincar. Mal tinha tempo para... tinha que me levantar cedo para a arrumar a casa, depois fazer almoço para mim porque a minha mãe não ‘tava. Depois lavar a roupa do almoço para não ficar lá suja. Depois preparar-me para ir para a escola, porque tinha escola à tarde.	
	Relação com os irmãos	Excertos que caracterizem a relação com os irmãos	Tenho três irmãos mais velhos, tenho três irmãos, quatro irmãos, três irmãos e uma irmã mais velha, e tenho duas irmãs mais novas do que eu. Nasceram mais três mais novos do que eu. Mas faleceu um. <i>Silêncio</i>. Mas eu não quero tocar nesse assunto. Eu tinha 12, 13 anos. Já morava no D.. Era o irmão mais novo de todos. Foi atropelado. Somos uns atrás dos outros e não sei se lhe diga que é bom ter irmãos assim. A minha relação em tempos foi um ‘cadinho desastrosa com os meus irmãos porque não sei, começámos a crescer, já queremos ‘tar... queremos ser independentes, era um bocadinho difícil, o meu pai trabalhava e tinha que sustentar a escola de todos e a minha mãe... às vezes o dinheiro não dava para aquilo que a gente queria. Não chegava para todos. Os livros eram caros naquela altura e são cada vez mais. Às vezes havia pequenos conflitos entre nós em termos de receber mesada ou dividir a mesada, essas coisas todas. Houve alguns conflitos entre os meus irmãos e eu, e entre os meus irmãos. (...).	Fratria Morte do irmão mais novo Família numerosa (incapacidade de relacionamento com os irmãos)
	Relação com os avós	Excertos que caracterizem a relação estabelecida com os avós	Tenho mais um avô materno e aquela avó de quem falei, materna, também. São casal. Não tenho avós da parte do pai, nunca os conheci.	Avós maternos

		paternos, com o avô materno e com o companheiro da avó	Conheci o primeiro da minha avó, ainda está vivo. Separaram-se, mas antes de eu ter nascido. Com os meus avós, ahm... eu estava mais chegado ao que já faleceu, porque ele estava sempre em casa da minha avó e depois aconteceu por lhe acontecer uma tragédia, ficou sem as duas pernas e começou a precisar de muita ajuda. E ele... e o pai da minha mãe nunca teve aqui. Teve sempre em Angola. Só há cerca de meia dúzia de anos é que veio para Portugal. Mas nunca parou aqui, teve cá um ou dois meses e depois foi para França. E ainda lá 'tá. Nunca conheci avós da parte do pai, não 'tão cá, sempre viveram em Cabo Verde e nunca falei com eles. Muitas vezes eu falava poucas vezes sobre os meus avós paternos com o meu pai. Tive curiosidade em conhecê-los mas foi tarde demais porque quando percebi eu podia saber alguma coisa deles, o meu pai já tinha falecido e prontos... Mas os meus avós também já morreram.	Avós paternos
	Relação com o tio	Excertos que caracterizem a relação com o tio	O que morreu era filho do segundo relacionamento. Ele vivia lá em casa, tinha os seus 25, 26 anos na altura. E convivi muito com ele. <i>Silêncio</i>. O ambiente lá em casa era agradável, agradável. <i>Silêncio</i>. Ouvíamos música reggae, o meu tio gostava muito. Por acaso não fumava cannabis, não sei porquê... não sei qual era... (...). Se calhar na altura não se fumava isso. Eu tinha uns 14, 15 anos... e ele tinha 25... <i>Silêncio</i>. Ouvíamos música, bebíamos cerveja, jogávamos à batota, jogávamos muito às cartas. O meu tio... <i>Silêncio</i>. Enforcou-se. Mas eu não sabia de nada. Eu não estava lá nessa altura, não estava lá, mas vi-o pendurado. Não estava lá na altura, claro, mas vi-o pendurado.	Relação próxima com o tio Morte do tio
Relação com a avó	Atitude reflexiva	Excertos que indiquem uma atitude reflexiva sobre a avó e	A minha avó é uma doce, sempre gostei muito dela. Temos uma boa relação, sempre tivemos uma relação aberta. Tem 82. Mas ainda está esperta. Sempre vivemos um ao pé	Relação próxima com a avó

		sobre a relação estabelecida com ela	do outro. A minha relação com ela sempre foi boa. Sempre gostei muito dela porque ela era muito mansinha, nunca me chegou a bater. Ela ‘tava comigo e a minha avó sempre foi do melhor. A minha avó sempre foi uma pessoa muito carinhosa, sempre muito dedicada aos seus, uma boa pessoa.	
	Vida em casa da avó	Excertos que caracterizem os tempos passados em casa da avó	Mas quando estava com a minha avó fazia os possíveis para me portar bem, se queria ficar lá mais tempo. Era a condição que a minha mãe me dava: “ficas na casa da tua avó se ter portares bem”. E eu gostava de lá ficar, gostava, gostava... Muitas vezes ficava lá em casa da minha avó eu, às vezes o meu irmão, aquele... um tio meu... que era esse... o tio... aquele o irmão da minha mãe, que o outro meu irmão antes de ter o esgotamento mais gostava. Esse tio. E o padraço da minha mãe, o meu avô. O meu avô só da parte... era meu avô porque foi o segundo homem da minha avó. O ambiente lá em casa era agradável, agradável. <i>Silêncio</i>. Era diferente ‘tar lá em casa da minha avó. A minha avó dava-me mais atenção a mim, porque não éramos tantos irmãos. E porque o bairro lá era diferente, era maior, tinha lá familiares, primos, tios... Gostava muito de lá tar. Sempre gostei daquela zona, a minha avó sempre foi boa. Não havia chatices. Não queria ir para casa porque, naquela altura, gostava mais da minha avó do que dos meus pais. E a minha avó não me batia tanto... <i>Silêncio</i>. Oh, mas os meus pais não me batiam tanto. <i>Gargalhadas</i>. Mas se não me batessem, quer dizer, a minha avó batia-me menos. Era por causa disso que eu gostava mais da minha avó. A minha avó não era assim tão agressiva e não se chateava tanto. E depois já éramos muitos lá em casa dos meus pais, lá em casa da minha avó éramos menos e eu andava mais à vontade. Por minha vontade acho que ficava sempre com a minha avó.	Casa da avó Ambiente familiar agradável Ambiente familiar de atenção e segurança Preferência pela avó
Relação com o irmão	-	-	Brincava com o meu irmão que era o mais chegado a mim. Que eu venho a seguir a ele. Com os outros já não me metia tanto com eles. Esse irmão é mais velho que eu, mas eu	Relação anaclítica com o irmão

			pareço mais velho que ele.	
Relações interpessoais	Relação com João	Excertos que caracterizam a relação com o amigo João	Na primária havia um João que era o meu vizinho. Éramos um grupo, prontos, lá está, mas não nos víamos assim como um grupo. Era eu e ele, a irmã dele e a amiga da irmã dele. E, às vezes, estávamos os quatro juntos, mas nunca estávamos assim quase sempre juntos. Estávamos juntos uma hora de manhã, uma hora de dia. E depois mais tarde era cada um para o seu lado. Elas duas iam para um lado, e eu e o João íamos para outro. Ele era o meu companheiro. Ele tinha mais ou menos a minha idade, era um ano mais novo. Fazíamos muita coisa juntos. A maior parte era brincar com elas.	Relação dual
	Relação com Carlos	Excertos que caracterizam a relação com o amigo Carlos	Depois fiz um novo amigo, o Carlos. Meu vizinho também, da mesma idade pr'aí. Mas já não foi nada como...já com o Carlos era diferente. Já não tínhamos aquela amizade. Tipo, não tínhamos outras duas amigas para andarmos a brincar os dois.	Relação dual
Relações amorosas	Primeira namorada, Maria	Excertos que descrevem a relação amorosa com Maria	Mas a primeira namorada foi no primeiro ano, no quinto ano, na preparatório... tinha pr'aí uns 13, 14 anos... Aconteceu que teve um dia na escola, ela tinha uma amiga, éramos os três da mesma turma, ela tinha uma amiga que eu gostava muito, gostava muito em termos de, falando de amizade. Depois, essa amiga tinha um namorado que era meu amigo, eles começaram a andar, depois a outra não tinha ninguém e eu queria andar com ela e pedi-lhe em namoro.	Relação amorosa (locus externo)
Meio	Generalidade	Excertos que caracterizam a relação com o meio, no geral	Nasci na Maternidade, acho que foi no Egas Moniz, mas não me lembro onde. Acho que nasceram lá mais alguns irmãos meus. Mas também tenho uma vaga ideia do Francisco Xavier, de irmãos mais novos lá, mas não sei se fazem lá partos. Acho que foi parto natural, mas nunca me falaram muito sobre isso.	Maternidade
	Vida em A.	Excertos que caracterizam a vida em A., primeiro lugar de residência	Depois eu só me lembro de viver ali em A., da minha mais infância, do sítio onde mais vivi mais a minha infância, mais bom, foi ali em A.. E eu tive em A. até os meus 5, 6 anos.	Ambiente de precariedade

			Em A. vivíamos numa casa, mas aquilo foi o meu pai que fez lá, o terreno já era nosso. Mas depois ele teve que vender aquilo. Foi o meu pai que construiu. Mas no final, no final gostava mais de A.. Porque foi das primeiras experiências, foram as primeiras pessoas, os primeiros amigos, a primeira bebedeira. Foi a minha primeira experiência de vida.	e pobreza
	Vida em D.	Excertos que caracterizam a vida em D., segundo lugar de residência	Depois mudei para o D., ao pé de L.V.. Tive a viver aí oito anos e tal... a casa em L.V. já era muito maior, era tipo uma quinta, havia lá animais, patos, galinhas, coelhos, essas coisas todas, havia lá muitos frutos, havia lá muita coisa boa, também. Mas tivemos que mudar. Se fosse pelo meu pai, acho que ele nunca teria saído de lá. Mas tivemos que sair, porque o terreno não era nosso e tivemos que ir para um bairro social.	Ambiente de precariedade e pobreza
	Passagem de D. para M.	Excertos que caracterizem e justifiquem a passagem de D. para M.	Os meus pais passaram do D. para O.. Eu é que passei para Linda-a-Velha porque estudava em Miraflores. Foi a altura em que vivi com a minha avó. Os meus pais nunca chegaram a ter casa em Linda-a-Velha, acho que já tiveram mas foi muitos anos antes de eu nascer. Nessa altura ‘tava sempre em casa da minha avó... quer dizer, de vez em quando voltava para casa dos meus pais, mas só antes de eles se mudarem para O.. Eu tinha os meus 14, 15 anos quando fui para O. mas quando os meus pais foram para O. eu tinha 12, 13 anos. <i>Silêncio</i>. Foi dois anos depois de frequentar a preparatória. Fui para longe só porque... é que é assim, eu sempre gostei de fazer o caminho de casa para a escola, não sei se era porque eu ia distraído ou ia muito contente ou... mas sempre gostei de não estudar ao pé de casa.	Passagem para o ambiente estruturante da casa da avó Necessidade de “fugir” do ambiente familiar (primeiro grande movimento

			E como aquela escola ficava perto da casa da minha avó assim já tinha... como hei-de dizer... já tinha... prontos, já tinha uma maneira de dizer à minha mãe que podia ficar em casa da minha avó porque essa escola ficava mais perto da casa da minha avó do que da casa da minha mãe. Já havia uma segunda intenção em ir para aquela escola...	de fuga)
Percurso escolar	Pré-primária	Excertos que descrevam a passagem pela pré-primária	Frequentei uma creche, com o meu irmão, aquele meu irmão, esse meu irmão. A creche era uma creche normal, em A.. A minha mãe também trabalhava ali numa fábrica ao pé de Al., e eu andei muito tempo nessa fábrica. Andei em duas creches. Havia lá uma ama ou duas. Não havia muitas crianças mas era um espaço para (...). Andei nessa creche antes. Quando era mais pequeno.	Primeira creche Segunda creche
	Ensino primário	Excertos que descrevam a passagem pelo ensino primário	A primeira classe, repeti duas vezes a primeira classe. Foi em A. que repeti. E depois fui para o D.. Eu fui para o D. mais tarde, aos 7, 8 anos... Chumbei porque faltava às aulas para ficar em casa da minha avó, em L.V.. A terceira e a quarta classe. Oh, mas os meus pais não sabiam, no primeiro ano não sabiam das minhas faltas. Ficaram a saber depois do primeiro ano, na primeira classe. Tive 90 e tal faltas e eles começaram a perguntar “mas afinal para onde tu vais senão vais para a escola?”. Apesar de que muitas vezes ia para a escola, não ia para a casa da minha avó, ficava na escola só a jogar à bola ou a passear. Mas a maior parte das faltas que dei foi por ir para casa da minha avó. Mas a minha avó não falava disso aos meus pais. Não... porque eu também quando ia para casa da minha avó eu dizia sempre que não tinha aulas. Ela às vezes	Insucesso escolar Falta de vigilância parental Protecção da avó

			desconfiava mas deixava-me 'tar. Quando os meus pais se aperceberam quiseram-me mudar de escola e foi o que fiz, mesmo. Fui para a escola do D., ficava um 'cadinho mais perto de casa. O meu irmão mais velho andava lá também e ficámos os dois juntos.	
	Ensino preparatório	Excertos que descrevem o percurso no ensino preparatório	Depois mudei-me para M. A princípio os meus pais não aceitaram, porque havia uma preparatória mesmo ao pé de casa no D.. E a minha mãe até começou a pensar...até eu depois pensei que se era para ficar ao pé do bairro da minha avó o que eu vou ter que andar... e havia ali uma escola que ficava mesmo a cinco minutos de casa. Mas eu preferi ir estudar para um sítio onde não tinha quase ninguém conhecido ou não conhecido.	Preferência por lugares afastados do seu ambiente familiar (necessidade de fuga)
Percurso profissional	Primeiro trabalho	Excertos que caracterizam a experiência do primeiro trabalho	O meu primeiro trabalho foi no Cais do Sodré, na 24 de Julho, a carregar legumes e peixe, caixas de peixes, carregar, transportar com um carrinho as caixas de peixes, legumes e frutas. Fazia isso com a minha avó, depois comecei a arranjar um carrinho meu e comecei a fazer isso. (...). Às vezes precisava de uns ténis ou de umas calças, de uma roupa pedia a minha mãe e ela dizia “mas tens que esperar pelo fim do mês”. Preferia ter dinheiro já comigo para quando necessitasse de comprar uma roupa. Tinha sempre dinheiro comigo, não me faltava. Trabalhei assim até aos 12, 13 anos, com a minha avó de M..	Trabalho infantil
	Trabalho para o pai	Excertos que caracterizam o trabalho gratuito que exercia para o pai	Já o meu pai, o meu pai não me ajudava a mim. Eu não gostava de trabalhar na horta, tipo era carregar água, com baldes à cabeça, essas coisas todas. Não gostava muito de lá estar. Era mais ao fim-de-semana. E depois era ao fim-de-semana que não tínhamos aulas e nós queríamos 'tar a brincar na rua. Mas o	Rigidez paterna

			meu pai obrigava-nos a ir para horta e nós não ficávamos muito contentes. E tínhamos que ajudá-lo. E às vezes tínhamos que lá ir mesmo. Íamos todos. Houve também fases difíceis, difícil não, fases giras, de irmos para a horta e acamparmos lá e dormirmos na horta. A minha mãe cozinhava e levava para lá o comer e a gente acampava lá e dormíamos lá todos. E divertíamos imenso,	Acto falhado
Comportamentos desviantes	-	-	Tinha pr'aí os meus 5, 6 anos. Foi depois da festa de baptizado e saíram todos para a rua e fiquei eu e mais um irmão meu, o a seguir a mim, e deixaram a garrafa de <i>anis</i> em casa, tipo, não sei se sabe o que é... <i>anis</i>... aquela bebida que tem umas pedras de açúcar dentro. Sabe o que é? E o meu irmão começou a dar um golo naquilo. E nós só queríamos acabar a garrafa para tirarmos o açúcar. A garrafa ia a meio e nós tivemos que beber aquilo tudo para poder tirar aquilo lá de dentro. Não conseguimos tirar aquilo lá de dentro e depois chegámos perto da minha mãe e íamos os dois bêbados. <i>Risos</i>. Asneiras... brincadeiras de criança, coisas mínimas que não tinham... mas os meus pais ficavam muito aborrecidos. Mas não me lembro de nenhuma... Não... nenhuma... não 'tou a ver...Nenhuma. Sei de uma mas não... <i>Silêncio</i>. Já foi há muito tempo. Uns 20 anos, tinha para aí uns 10 anos. Ah... Roubei um garrafão de vinho para vender e ela andou quase 1 km ou mais a puxar-me pelas orelhas. Fui vender num Modelo, há muito tempo. Fui vender lá no depósito... mas era... não era nada, era um garrafão de vinho que a minha mãe usava para ir buscar vinho para o meu pai. Mas era uma coisa de nada. Deve ter sido mais pela atitude. Tabaco já comecei a fumar mais cedo, tabaco	Primeira bebedeira Falta de vigilância parental Roubo do garrafão de vinho do pai Tabaco

		pr'aí desde os meus 12. Não me lembro como comecei a fumar nem me lembro do meu primeiro cigarro, primeiro cigarro, não me lembro. (...). Acho que fumei por causa da vida nocturna, de eu 'tar a trabalhar com a minha avó, muitas vezes, via os mais velhos e comecei a pensar que para eu 'tar na rua é porque tinha alguma responsabilidade e por isso sou um 'cadinho mais velho e começar a esticar-me um cadinho. Fumar um cigarro, beber um café. E comecei a fumar muito cedo. Depois comecei a ter dinheiro para o vício e foi assim. Fumava ao pé da minha avó e em casa, não tinha problemas. Comecei a fumar haxe desde quando comecei a fumar... 13 anos. Para lhe dizer a certeza, não sei como comecei. Já não me lembro quem deu a droga. Em bairros, tipo, bairros sociais isso são coisas que aparecerem, sei lá, (...), é de fácil acesso.	Haxixe
--	--	---	--------

Período de desenvolvimento (pré-categoria)

Adolescência

Categorias	Subcategorias	Definição	Exemplos	Categorias emergentes
Relações familiares	Generalidade	Excertos que caracterizem a dinâmica familiar, no geral	São fases da vida, já vi que não tenho sorte na minha vida. Ou por pessoas da minha família...são fases da vida. Já vi a minha família ter momentos felizes, não foram muitos, mas pronto, foram poucos mas foram bons. Eih, mas tivemos momentos complicados...eih... <i>Silêncio.</i> Momentos complicados... oh... <i>suspiro...</i> momentos complicados... como todos têm. <i>Silêncio.</i>	Atribuição da culpa e responsabilidade pelo seu destino ao exterior
	Relação com o pai	Excertos que caracterizem a relação com o pai	A morte do meu pai é um exemplo. Sim, por exemplo. É uma coisa que eu já disse que não quero tocar disso outra vez. É algo que me cansa. E já 'tou a ficar irritado. <i>Silêncio.</i> Peço desculpa. <i>Silêncio.</i> Mas já passei por boas nesta vida.	Morte do pai
	Relação com a mãe	Excertos que caracterizem a relação com a mãe	Mas, situações complicadas...eih...ver a minha mãe sozinha, às vezes, a tomar conta de nós todos... <i>Silêncio.</i> A minha irmã tinha uns 15, 14...menos, ainda. Acho eu.	
	Relação com os irmãos	Excertos que caracterizem a relação com os irmãos	Família grande e complicada. Porque não ajuda sermos muitos filhos. Os africanos não viam televisão naquela altura. <i>Gargalhadas.</i> É complicado, ter que trabalhar para sustentar todos. Não é fácil. Senti isso. Qualquer um sente. Os meus irmãos devem ter sentido isso também. Nunca conversámos muito. Nós, de raça negra, não temos assim uma relação familiar ou sociável assim tão aproximada para estarmos a desabafar coisas, somos mais fechados, e agarrados cá dentro.	Família numerosa Relação distante com os irmãos

			Não falamos assim abertamente sobre muitas coisas. E sofremos mais com isso. As pessoas da raça negra dão mais importância a desabafar e a falar das suas coisas. Porque muitas vezes muitos que...a família...não é fácil falar com os meus irmãos. Senti falta. Mas agora 'tamos todos crescidos. E se falarmos disso agora vai ser bom, vamos lembrar de coisas do passado.	
	Relação com os avós	Excertos que caracterizem a relação estabelecida com os avós paternos, com o avô materno e com o companheiro da avó	O meu avô que bebia muito, também. Mas já 'tava...ele tinha um problema nas pernas que tiveram que lhe cortar as pernas. Foi uma ferida que ele ganhou no pé e depois aquilo começou a ficar mais crítico e depois começou a aumentar, a aumentar. E disseram-lhe que ou lhe cortassem as pernas ou chegava a um ponto em que ele morria. Faleceu. Acordou um dia morto.	Morte do companheiro da avó
	Relação com o tio	Excertos que caracterizem a relação com o tio	Era irmão da minha mãe. Não vivia na minha casa, vivia noutra. Na da minha avó, sim. Esse meu tio era novo. Tinha para aí os seus 25, na altura. Foi um momento complicado! Então, não foi...	Morte do tio
Relação com a avó	-	-	Até a minha avó mudar-se para O. continuava a visitá-la. Mas depois ela mudou-se para O.. Depois de ter ido para O., de vez em quando íamos a casa da minha avó em M., mas foi só até ela se mudar para O.. Eu tinha os meus 16, 17 anos quando a minha avó se mudou para O.. Foi para lá para ficar ao pé da minha mãe. Aquilo são dois bairros mas parece que é só um, também. Os bairros são pertinho um do outro. A minha avó não se mudou para minha casa porque já éramos muitos e não havia lá...a minha avó também não gostava de ficar ali, mais uma.	Mudança da avó para perto da família de Alcides
Relação com o irmão	-	-	O meu irmão não teve uma depressão, não, teve um esgotamento, o meu irmão, por causa da morte do meu tio. Essas coisas... você depois começa a obrigar-me a falar destas coisas outra vez... Por causa de um tio meu que se enforcou e o meu irmão não ficou bem porque eles eram muito amigos. Mas o meu irmão nunca melhorou, não, o meu irmão nunca ficou o mesmo.	Esgotamento psicológico do irmão

			O meu irmão, quando veio preso. Por exemplo. Tempos difíceis. <i>Bocejo</i> . Peço desculpa...	Condenação do irmão
Relações interpessoais	Generalidade	Excertos que caracterizam as relações interpessoais, no geral	Mas já não era tão ligado. Sempre me fui afastando um ‘cadinho mais...	Afastamento progressivo nas relações interpessoais
	Relação com Sílvio	Excertos que caracterizam a relação com o amigo Sílvio	Mas... cheguei à preparatória, também, conheci uma outra pessoa. Era um rapaz, chamado Sílvio. Mas era um ‘cadinho complicado. Porque foi ele que depois... começou não... foi ele que começou a meter coisas na minha cabeça para eu deixar de namorar com a Flávia. E ele conseguiu. Porque ela veio acabar comigo e depois de ela acabar comigo teve um dia ou dois, uns dias, a andar, não sei quanto tempo...	Relação perturbada
	Relação com Nelson	Excertos que caracterizam a relação com o amigo Nelson	A seguir ao Sílvio veio o Nelson, que era o irmão da Cândida, da tal Cândida	Distanciamento relacional
Relações afectivas ou amorosas	Generalidade	Excertos que caracterizam as relações amorosas ou afectivas, no geral	Mas podemos falar de casos amorosos, que eu não tive muita sorte neles. Como é que eu vou começar? Prontos, eu sempre fui um rapaz... pensei ser um rapaz normal.	Identificação sexual difusa
	Relação com Flávia	Excertos que caracterizam a relação amorosa com Flávia	A segunda namorada já foi em O., fui estudar para P.A., arranjei lá uns amigos novos, havia um deles que tinha uma irmã que estudava na preparatória. Havia uma preparatória e uma secundária encostadas uma à outra, que ficavam uma ao pé da outra, conheci um rapaz que tinha uma irmã. E depois vim a saber, por boca dos rapazes, por incentivo da rapaziada, ouvi dizer que eles diziam-me sempre que ela gostava de mim e depois, por incentivo deles, começamos a andar. Ela chamava-se Flávia. Flávia. Nunca lhe pedi em namoro, directamente. Nós começámos a andar... ela dizia que gostava de mim e eu... por uma rapariga mais	Relação amorosa (locus externo)

			velha... disse-me... “a Flávia gosta de ti, tu também gostas dela”. Mas só que eu disse... Ah... eu não respondia porque não gostava assim dela. Eu ia dizendo que sim, mas nunca me deu vontade de dizer que gostava dela porque nunca gostei dela. Não lhe pedi em namoro, ela também não me pediu em namoro. Tivemos relações sexuais mas não correu muito bem. Não foi uma experiência que eu tenho muito orgulho. Acabámos quando aconteceu a morte do meu pai. Sim, por causa disso é que lhe pedi para não me deixar e continuar a andar mas ela não quis. Tinha pr’ai uns 18,19 anos. Pr’ái com 19, 20 anos. Já tinha acabado a escola... Ela era bonita, era bonita. Posso dizer que naquela idade era tudo o que um jovem desses quer. Era um rapaz... ai, era um rapaz... era uma rapariga bem constituída, tinha um bom busto, tinha um bom corpo, tinha um corpo atlético. Era bonita. E namorámos dois anos. Mas não foram muito famosos, não foram dois anos muito famosos	Rapariga mais velha = Cândida Experiência sexual negativa Sentido material da relação Acto falhado
	Paixão por Cândida	Excertos que descrevem a paixão sentida por Cândida	Aconteceu também de eu andar com ela porque a rapariga que, nessa altura, que eu realmente gostava dela, queria andar com ela, ela não andou comigo por a Flávia ser amiga dela. E ela disse-me: “Olha, não vou andar contigo porque a Flávia gosta de ti e ela sempre teve interessada em ti primeiro e eu não vou andar contigo porque ela gosta de ti” e não sei, e eu fiquei um ‘cadinho lixado, um cadinho chateado. Mas pronto, lá andei com ela. E nunca tive oportunidade de me envolver com ela. Chamava-se Cândida. É que... a Cândida era mais gira, mais bonita. E eu dava-me melhor com ela.	Relação de amor impossível com Cândida (seria Cândida uma rapariga?)
Meio	Vida em O.	Excertos que		

		caracterizam a vida em O., terceiro lugar de residência	A minha casa em O. era maior, quer dizer, não era maior. Era mais pequena mas prontos...a do D. era maior. Em O. era um prédio. Era diferente. Quer dizer, em A., D. e M. era um gueto. Era um bairro de barracas, um bairro de negros, ou sei lá. Como posso dizer? Em O. era um bairro também...mas era um bairro municipal.	Bairro social (ambiente precário)
	Problemas psicológicos	Excertos que descrevam os problemas psicológicos que afectaram a relação com o meio	Tive alguns problemas psicológicos, um dos meus irmãos sofreu de um problema de esgotamento e eu logo a seguir também tive uma recaída, tive uma depressão, tive internado numa clínica de saúde mental dois meses, Ih, comecei a ficar sozinho, sentia-me sozinho, ficava em casa, não tinha vontade de fazer nada, nem tinha vontade de comer. Não tinha vontade de ir para a rua. Passava horas e horas deitado, não me apetecia levantar para fazer nada. Foram tempos difíceis. Tive assim dois, três meses. Comecei a melhorar... Eih, isso depois foi com o tempo. Comecei a ver pessoas da família a falarem comigo, a dar-me apoio. E depois o meu pai também morreu e comecei a sentir-me melhor e percebi que não valia a pena ‘tar ali a sofrer mais, já ‘tava a sofrer mais, não valia a pena ‘tar ali, então fazia um esforcinho para levantar a moral e puxava um ‘cadinho por mim. E tentei levantar-me, do nada, a começar a reconstruir uma vida nova... a minha mãe ajudou-me muito. Então foi quando comecei a tomar uma injeção, não sei se já disse, que é de trezentas semanas, (...), e serve para que eu, quando começo a fazer uma coisa acabe essa coisa e não deixe a meio. Porque senão começo a desequilibrar-me um ‘cadinho e	Reprodução do comportamento do irmão Descrição da sintomatologia Morte do pai como incentivo para melhorar (foi um alívio?)

			começo a deixar-me a ficar mais desleixado e não ter tanta vontade de viver. Essa injeção e para ter mesmo forças para mim para não me deixar ir abaixo. Mas em relação à clínica, se precisasse, fazia tudo para não voltar. Se soubesse para onde ia... Se soubesse que se não me portasse bem fazia de tudo para não voltar para lá. <i>Silêncio.</i> Porque ‘tamos fora, aquilo era um sítio onde basicamente ‘tamos fechados. E depois temos regras, não vemos as ruas. (...). Não ‘tamos com os nossos familiares, e ‘tamos longe de casa, e essas coisas todas.	Descrição da clínica semelhante à descrição típica de uma prisão
	Festas	Excertos que descrevam a afinidade por festas e a sua participação nas mesmas	Fui à minha primeira festa há muito tempo, muito tempo mesmo... Já não me lembro bem da idade... mas tinha pr’aí uns 15, 16 anos.	
Percorso escolar	Escola secundária	Excertos que descrevam a passagem pela escola secundário, onde fez o sétimo ano	Eu nunca fui muito bom em estudos. Eu estudei até ao 7º ano, sai da escola muito cedo. Ainda tive a estudar à noite, trabalhava, estudava, mas foi difícil para mim, não conseguia conciliar a escola e o trabalho. Deixei de estudar muito cedo. Estudava à noite, unidades especializadas. Chumbei duas vezes no 7º ano, (...), mas aquilo foi uma desculpa para não me aturarem mais na escola porque eu também era um ‘cadinho baldas, faltava um ‘cadinho, prontos. Não levava muito a escola muito a sério.	Abandono escolar
	Cursos profissionais	Excertos que descrevam a passagem pelos diferentes cursos profissionais	E depois fiz o meu primeiro curso, em M., um curso de electromecânica, era como engenharia civil. (...). Aprendi muita coisa nesse curso. Tinha cerca de 13, 14 anos. 14, 15 anos. Foi quando desisti do 7º ano. Fiz esse curso, depois trabalhei em alguns sítios, tipo nas obras, quase sempre nas obras, não parava quieto, também Tive a tirar o curso de manequim com a Ana	Instabilidade

			Wilson, ali em O., o curso que o meu irmão também tinha tirado antes. Mas não foi possível seguir esse curso porque a mensalidade era muito alta e eu, nessa altura, ainda ‘tava a estudar. Trabalhar, estudar, tirar o curso, era um bocado desgastante para mim. Tirei um curso de técnicas vocais e programação de espectáculos, é uma coisa que se um dia tivesse dinheiro que iria investir, de certeza, mas não tenho hipóteses para isso.	
Percursos profissionais	Trabalhos diversos	Excertos que caracterizem a experiência dos diferentes trabalhos que foi tendo	Quando comecei a trabalhar, trabalhar muito novo, também, com a minha avó e aos oito anos já estava a trabalhar. Às vezes comecei a tomar gosto do dinheiro, queria ser independente, já só pensava em trabalhar e não em estudar. Com o meu pai nunca trabalhei, não, com o meu pai não. Só nas hortas. Muitas vezes queria fugir para não trabalhar com ele mas era obrigado a trabalhar com ele. Não queria trabalhar com ele porque ele era muito, o meu pai era muito rígido. E nós não queríamos ‘tar ali porque o meu pai era severo. Às vezes não ajudava assim muito.	Rigidez paterna (severidade)
Comportamentos desviantes	-	-	E aconteceu que eu ‘tava um dia em Oeiras a andar na rua ao pé de casa, mais ou menos ao pé de casa, encontrei um carro que tinha sido roubado, ‘tava abandonado. “Tava eu mais um rapaz. Decidimos entrar no carro e fazer ligação directa e dar uma volta com ele. E eu como ‘tava a conduzir e ‘tava com aquele entusiasmo de aprender a conduzir porque ‘tava a tirar a carta de condução decidi agarrar no carro e dar uma volta. E depois fui apanhado e fiquei preso quatro meses. Percebi, na altura. Mas pensei “o carro já foi roubado, não fui eu que roubei, se tiver que pagar alguma coisa, não vou pagar na	Condução de carro roubado (quatro meses de prisão em Ca.)

			totalidade”. Isto foi aos 17, 18 anos... <i>Silêncio.</i> 17, se calhar foi aos 19...	
Relação com Dionísio, a vítima	-	-	Desde que fui morar para O., desde os meus 14 anos, que conheço o Dionísio. Ele era um cadinho mais velho. Tinha os seus 40, uns 40 e tal. E já quase toda a gente o tratava assim. Ele foi sempre um ‘cadinho problemático. Não era a primeira vez que se metia comigo. <i>Silêncio.</i> Tentava provocar-me e medir forças. Coisas estúpidas. Sempre foi de conhecimento meu e de todos lá no bairro que ele bebia um ‘cadinho. Mas eu não liguei a isso, a princípio. Era uma companhia que devia evitar mas não evitei, a princípio. Deixei-me apanhar por ele e dava-me bem com ele. Ele era uma pessoa extrovertida, só se queria divertir, mas para isso acontecer ele já tinha que estar bem consumido de álcool ou estar bem-disposto se não era ao contrário, andava sempre atrás de dinheiro, um ‘cadinho agressivo. Depois aproximamo-nos bem até porque ele tinha um irmão que era mais velho do que essa pessoa. E esse irmão mais novo do que ele também era amigo mais velho, e eles davam-se bem. Depois através do aproximamento do meu irmão com o irmão dele eu decidi aproximar-me também e tentar relacionar-me. Eles eram mais velhos e afinal ele já tinha quarenta e tal anos e eu sempre gostei de andar num grupo mais velho e não num tão novo, como os da minha idade. (...). No fundo, no fundo, apesar de ele beber ele era uma pessoa um ‘cadinho culta. Ele tinha alguma cultura de si, falava de tudo e mais alguma coisa, de tudo o que era assunto. Ele	Problema de alcoolismo (sujeito problemático) Descrição de Dionísio Legitimação para se aproximar de Dionísio (repetição de comportamento do irmão) Descrição de Dionísio

			abordava às vezes as pessoas de maneira um ‘cadinho que puxava pelo entusiasmo das pessoas, e elas ficavam a olhar para ele. E as pessoas ficavam a olhar para ele, pelas expressões que ele usava e a forma como se expressava a falar de uma coisa e a falar de outra. Era uma pessoa...não era má pessoa. O problema era o álcool. Era uma pessoa que se tivesse possibilidade para (...) obter boas escolaridades, ou boas regalias para estudar, ele podia... acho que teria bom futuro. Até porque era uma pessoa muito inteligente. Não sei. Mas acho que... a vida do álcool... quando o conheci ele já bebia. Já. Bebia mas... acho que não bebia assim tanto. Não sei. Bebia... consumia álcool de uma maneira impressionante, certas vezes. Mas não foi impedimento, não, não... andávamos todos juntos e depois, às vezes, estava em casa dele e tinha pena dele. Ver uma pessoa que tinha boa inteligência, que tinha 85% de boa inteligência e deixar-se derrotar só por 15% que era o resto, que era o problema dele, que era de ser alcoólico, eu fiquei entusiasmado com ele. Às vezes, preferia mais ele com álcool. Porque ele fazia rir muita gente. E muitas vezes era triste e não gostava dele sem álcool porque ele fazia muita coisa para ter dinheiro para beber. Tipo, agarrar copos de vidros e roer copos, mastigar copos, ficar com a boca a sangrar só para poder ter... coisas mesmo desnecessárias. Ele chegava perto dos mais novos e dizia “aposto contigo que consigo mastigar esse copo” e apostava e depois ele conseguia fazer isso e ganhava dinheiro e já podia beber. Por isso, preferia quando ele bebia, porque ele quando ficava com falta de dinheiro ele ficava desesperado e a precisar de alguma coisa. Não sei se ‘tá a ver o que	Rigidez de pensamento Preferência por Dionísio alcoolizado
--	--	--	---	--

			‘tou a dizer... <i>Silêncio.</i> E... às vezes... se a pessoa não evitasse, não se afastasse dele num momento certo, era pior. Ele era pessoa muito fácil de procurar uma briga. Havia dias em que eu saía à rua e ele agarrava-me e começava a abanar-me e começava a agarrar-me e a medir forças ou coisas do género. E eu não me deixava levar e muitas vezes... <i>suspiro</i>... muitas vezes eu não me deixava levar porque ele virava-se e eu... não me deixava levar e ele magoava-me e tentava abusar um ‘cadinho... Sentia-me um ‘cadinho triste porque eu sabia que um dia mais tarde ele ia precisar de mim. E eu ia me lembrar disso e não iria poder ajudá-lo tanto como queria porque ele fazia-me coisas que eu podia não gostar. Lembro-me... mas a maioria das vezes eu não deixava. (...). Quando eu era mais pequeno ele não me conhecia bem, eu também tinha um irmão mais velho e ele podia meter-se comigo e resolver-se com o meu irmão mais velho. (...). Só depois é que me começou a abusar da confiança.	Consentimento ineficaz Relação de dependência (dominador vs submisso) Protecção do irmão
--	--	--	--	---

Período de desenvolvimento (pré-categoria)
Adultez, relação com a vítima, crime e prisão

Categorias	Subcategorias	Definição	Exemplos	Categorias emergentes
	Generalidade	Excertos que caracterizem a dinâmica familiar, no geral	Já lidei com tantas mortes. O tio, o avô, o padrasto da minha mãe, o meu pai.	Lutos
Relações familiares	Relação com o pai	Excertos que caracterizem a relação com o pai	E o meu pai morreu quando eu tinha 16. 17, 18... não me lembro. <i>Silêncio</i> . Não me lembro. Essas memórias mesmo são fixadas na cabeça mas o tempo quero que passe o mais tempo possível para poder abafar a dor, para passar mais um bocado a dor. Não vejo as datas desses acontecimentos. Sei mais ou menos ver pela minha idade, mas não tenho nunca a certeza.	Traços mnésicos
	Relação com os irmãos	Excertos que caracterizem a relação com os irmãos	O mais extrovertido é o que está em Espanha. Eih, esse... ninguém pode com ele. <i>Gargalhada</i>. No sentido de humor. É muito brincalhão, gosta de brincar. <i>Silêncio</i>. Das raparigas... <i>Silêncio</i>. As raparigas... acho que elas são todas iguais. No sentido do humor. Para a timidez. São raparigas, também não podem ser assim tão extrovertidas. Não é? Dou-me bem com todas elas, não gosto de nenhuma em especial. Éramos muitos... Não ajudava muito... O que me menos bem é o terceiro mais velho. Porque é quase toda a gente se dá mal com ele. Olhe não sei... sei dizer mas não... ele é muito... é um 'cadinho mais à parte da família, não é tão protector. Acho que sempre foi. Mas tenho irmãos que se dão completamente diferentes com ele. São amigos, melhores amigos. Ainda o mais velho que esteve aqui ontem, dão-se bem. O que está... por coincidência... o que está em	Irmão mais próximo Desvalorização do sexo feminino Família numerosa Irmão menos amado (repetição do comportamento)

			Espanha, o meu melhor amigo, também não se dá bem com ele.	nto do irmão)
	Relação com os sobrinhos	Excertos que descrevem a relação com os sobrinhos	É bom, é como ter filhos. Mais ou menos. São meus sobrinhos, só não são meus filhos. (...). É uma experiência engraçada, é bom.	Sobrinhos = filhos
Relação com a avó	-	-	A minha avó vem visitar-me, sim, vem, vem. Ela ainda 'tá forte, 'tá rija, ainda 'tá para as curvas. A minha mãe é mais rigorosa, puxa mais por mim. A minha avó já não tem tanta força para puxar por mim. A minha mãe já é mais rigorosa, puxa por mim com mais força e mais...é isso.	
Relação com o irmão	-	-	Eu e o meu irmão. Eu pareço mais velho. Como eu hei-de dizer, ele era um cadinho, como é que eu dizia, ele é um cadinho desastrado, é muito brincalhão, e é inteligente, tem bons estudos, fez o 12º, não pode estudar mais, não havia dinheiro para a faculdade. Mas era um cadinho despassarado, era brincalhão, só quer é paródia e não... mas é muito inteligente. O meu irmão falava da prisão, sim, falava. Ele falava muitas vezes disso. Muitas vezes, quando o vinha ver, e ele falava muito da vida da prisão, aqui dentro. Tanto que quando cheguei aqui já tinha a cama feita. Muitos reclusos que estão aí gostaram do meu irmão, certos chefes (...). E não sei, não sei se é bom ou mau para mim. Até agora não tenho tido problemas com isso, não tenho problemas com isso. O meu irmão era um bocadinho complicado aqui na prisão. Sim... ninguém se metia com ele. O meu irmão também nunca foi muito quieto, tipo roubar e essas coisas. Ele nunca teve necessidade mas foi mais... o meu irmão depois daquela tal depressão ele depois	Descrição do irmão Condenação do irmão Delinquência do irmão

			não ficou, um cadinho... que ele teve transformou-se. Ainda me lembro do meu irmão de antigamente e o de hoje em dia. De hoje em dia, não sei ver porque já não o vejo... Já não o vejo a algum tempo. Mas era completamente diferente. Ele era uma pessoa muito inteligente. Aqui há muitas pessoas que me dizem “o teu irmão sempre foi uma pessoa culta, inteligente, muito esperta”. Olhe, não sei, olhe... são coisas que acontecem na vida. Acho que foi o esgotamento que o mudou. O meu irmão já não tem aquela firmeza, já não é tão seguro de si.	
Relações interpessoais	Relação com Márcio e Rui	Excertos que caracterizam a relação com os amigos Márcio e Rui	A seguir ao Nelson veio agora dois rapazes que estão lá fora que são os meus melhores amigos. São dois rapazes indianos, o Márcio e o Rui. Conheci-os em O.. Sim, sim... vivem ainda perto de mim... e são grandes amigos meus, deram-me muito apoio, chegámos a sair um ‘cadinho juntos, também.	
Relações afectivas/ amorosas	Generalidade	Excertos que caracterizam as relações amorosas ou afectivas, no geral	Mais...agora, agora, agora não tenho assim ninguém para lhe ‘tar a dizer; tenho uma ou duas amigas mas isso são coisas que eu falo com elas, de vez em quando, e muito raramente. Mas não tenho assim ninguém com quem gostaria de partilhar assim umas coisas um bocado mais íntimas.	Vazio afectivo
	Relação com Adriana	Excertos que descrevam a relação amorosa com Adriana	Último tempo, vim a conhecer uma rapariga, tivemos um caso, andámos aí uns meses, depois veio a acontecer aquilo que aconteceu comigo e ela depois foi me visitar à cadeia duas ou três vezes mas depois eu fui transferido para o Po. e ela nunca mais pôde ir ver. Essa rapariga que tive com ela até agora. Adriana, era de Sintra. Conheci-a no Coconuts, aqui em Cascais. Fui sair à noite com uns amigos meus e conheci-a. Bem, como é que eu a conheci? Eu estava a passar	

			e ela estava com uma amiga dela. E a amiga já estava um ‘cadinho bebida e disse “olha-me este gajo tão bonito” e eu não liguei e pus-me a andar. Depois olhei para a amiga dela e a amiga dela estava encostada na parede e ela deu-me um sorriso, assim um ‘cadinho tímido. Depois também gostei dela. Passado um ‘cadinho fui ter com ela, tivemos a falar um ‘cadinho. Depois aí surgiu o beijo e ela deixou-me o contacto dela. Sinto por ela uma grande amizade, disse para andarmos na base da amizade e foi por aí que depois comecei a gostar dela mesmo a sério e ela gostar de mim. Uma boa rapariga, impecável, Eu não lhe queria magoar e ela também... estávamos os dois preocupados em um não magoar o outro e acabámos por ter uma relação mais duradoura, duradoura em termos de confiança e consideração um pelo outro.	Relação amorosa (locus externo) Relação amorosa na base da amizade
	Casos amorosos	Excertos que caracterizem os diferentes casos amorosos	Mas depois tinha casos... casos de jovens... todos os jovens, posso dizer todos os jovens, mas não posso dizer todos os casais. Eram casos comuns, às vezes tipo saía, (...), já estava em alta e não evitava assim nenhuma mínima química que houvesse com alguma rapariga, às vezes envolvia-me logo com ela. Não evitava assim, muitas vezes Porque eu acho que desde pequeno nunca tive grande sorte com as mulheres, não sei... tive alguns casos mas nunca tive assim um caso que eu gostasse de dizer assim... como é que eu vou explicar... um caso que me esforçasse para continuar com aquela pessoa e para, não sei, mostrar a minha verdadeira pessoa a outra pessoa. Nunca tive assim...	Identificação sexual difusa
Meio	Vida na Irlanda	Excertos que caracterizam a vida na	Fui para a Irlanda com os meus 22, 21... pr’ái... Já ‘tava cansado de Portugal, queria	

		Irlanda, quarto lugar de residência	tirar umas férias e conhecer algo novo. Trabalhar um ‘cadinho mais a sério. Sempre pensei em ir sozinho. Depois, na Irlanda, encontrei alguns amigos, conhecidos de Portugal. Trabalhei. Voltei aos meus 27... Porque perdi os meus documentos e já ‘tava lá... já me ‘tava a aparecer oportunidades boas que não fazia porque não tinha documentação. Voltei para casa dos meus pais, em O.. Depois comecei a tirar um curso. Só estudava. Ih, trabalhei em muita coisa. Trabalhei numa fábrica de galinhas, depois numa fábrica de tijolos, depois fui para o hotel... depois de trabalhar no hotel, saí e tive a restaurar um centro comercial. Foi um decisão... Foi... foi normal. A minha mãe, ao princípio, não acreditava muito. Mas, no dia do embarque, fiz as malas e fui-me embora, ela tava a dormir, fui-lhe acordar para me despedir e ela ficou um pouco chocada. Mas depois habituou-se. Falava bem com ela, falava quase sempre. <i>Silêncio.</i> Quando fui para Irlanda, ih... acho que ela e a minha mãe... acho que nem lhe contei bem, ela veio a saber da minha mãe. Quando a apanhava em casa da minha mãe, falava com ela. Quando lá estava tinha saudades da comida que a comida portuguesa é boa. Saudades de alguns amigos, mas não muitos. Mas em relação à Irlanda, as pessoas, a maneira como eles tratam as pessoas. É tudo mais sociável. E as leis que há lá. São mais rigorosos com algumas coisas mas vale a pena. Não se vê tanto lixo nas ruas.	Ida para Irlanda (segundo movimento de fuga) Instabilidade Vinculação deficitária Rigidez
	Festas	Excertos que descrevam a afinidade por festas e a sua participação nas mesmas	Mas, naquela altura, era eu, e eles e mais uns rapazes da zona. Já ouviu falar em Raves? A gente frequentava algumas Raves e íamos juntos, combinávamos um grupo de 4, 5 rapazes com carro e cada um levava o seu carro, cada um levava o seu carro, levávamos	

			raparigas, e íamos para essas festas	
Percurso escolar	Cursos profissionais	Excertos que descrevam a passagem pelos diferentes cursos profissionais	Já fiz um curso, que foi o primeiro, o de electromecânica que foi em Miraflores. Depois fiz um de jardinagem e cantoneiro ou cantoneiro e jardinagem, uma coisa assim. Depois fiz um de técnicas vocais e programação de espectáculos que foi o que gostei mais. Por último foi esse, que não cheguei a fazer, no ITM, no Instituto de Técnicas Náuticas, em P.A.. Esse curso que ‘tava a tirar e ‘tava a gostar muito. Mas foi a meio desse curso que fui preso. Comecei a fazer o curso que ‘tava a fazer antes de vir preso, o de engenharia naval. Não sei lhe disse... É um curso de reparação e manutenção de navios de pequenas... navios de turismo, pequenas embarcações.	Instabilidade
Percurso profissional	Trabalhos diversos	Excertos que caracterizem a experiência dos diferentes trabalhos que foi tendo	Mas sim, fui sempre trabalhando. Já tive muitos empregos, por acaso, já tive alguns. Mas nunca fiquei muito tempo parado. Não ficava era muito tempo no mesmo sítio. Não, não. Não sei porque não ficava. Porque não me ambientava àquilo ou porque ‘tava ali e depois ficava entusiasmado em conhecer outra coisa, depois já, não sei, não sei lhe dizer.	Instabilidade
Comportamentos desviantes	-	-	Gostava de sair, sempre gostei muito de sair à noite. Acho que gosto mais da noite do que do dia. Muitas vezes começava a sair numa quinta-feira e acabava na segunda.	Excessos
Atitude reflexiva	Gostos	Excertos que caracterizem os seus gostos pessoais	Eu sempre gostei de poesia...desde miúdo. (...). Sempre gostei de poesia. Às vezes escrevo, de vez em quando... eu... gosto muito, por acaso. <i>Silêncio</i> . Tenho alguns poetas preferidos, tenho muitos. Não tenho assim nenhum... assim nenhum a apontar. Mas tenho alguns.	Poesia - Intellectualização

	Visão sobre si	Excertos que remetam para a visão sobre si e sobre as suas relações	Gosto muito da confiança que se dá no ser humano, mutuamente. De homem para homem, de homem para mulher, de mulher para homem. A confiança no ser humano é daquelas capacidades essenciais. Ter alta confiança na pessoa...	
Relação com Dionísio, a vítima	-	-	Cinco, seis anos mais tarde ele começou a abusar... com os meus 19 anos. Muitas vezes ele não me respeitava. Houve uma vez que levei coisas lá para casa para fazer um almoço para nós, levei a minha carteira com algum dinheiro, levei uma pistola de pressão, uma pistola de caça, o meu telemóvel. Meti aquilo em cima do armário e fui para a cozinha. E quando regresssei para a sala não ‘tava lá nem a minha carteira, nem a pistola, nem o meu telemóvel, nem ele. Voltou a aparecer umas três, quatro horas depois. Apareceu sem nada, sem dinheiro, sem nada. Eu vi logo que tinha sido ele. Simplesmente, não... caguei nisso... vi logo porque... (...). <i>Silêncio</i>. Oh... porque ele enfiava a minha cabeça e a minha família não era rica. E eu fazia as coisas às escondidas. Levava comida da minha casa às escondidas. Muitas das vezes eu arriscava-me a levar um raspanete ou um estalo, não diria isso assim, mas entrava em conflitos com a minha mãe por causa dele e ele não considerava-me por causa disso. O maior desrespeito que ele tinha para comigo era esse. E provocava-me na rua, agredir-me, às vezes, não me dava consideração. Era uma pressão também de... era muito da cabeça dele que variava muito... (...). Não, não o via assim... <i>Silêncio</i>. E sentia-me um estúpido, um burro, um parvo. Porque andava ali a ajudar uma pessoa que não tinha o mínimo de consideração para mim. Fazia-me perder tempo. E muitas vezes	Relação de dependência (dominador vs submisso)

		sentia-me triste, comigo mesmo e com ele. Não tinha nada para falar com ele. Ele ‘tava bem nas tintas no que eu queria lhe dizer ou não queria dizer. Mas eu ajudava-o, isso houve muitas vezes. Muitas vezes deixava de falar com ele, não lhe passava cartão, não lhe ligava. E ele chegava e humilhava-se aos meus pés e dizia “faz-me isto, faz-me isto, nunca mais te faço...”, coisas desse género. Quantas vezes deixei de falar com ele, não lhe ligava... mas eu também não sou de guardar rancor, de guardar rancor das pessoas... (...) Havia momentos em que deixava de falar com ele até o ver em melhores condições. Porque ficava chateado. <i>Silêncio</i>. Porque se me continuasse a dar com ele chateado podia haver uma briga qualquer, ou a gente se zangar, ou uma coisa assim. Não valia a pena. Nós fazíamos faísca um com o outro e podíamos evitar. Às vezes havia faísca... <i>Silêncio</i>. Eles sempre foram problemáticos com o pessoal lá do bairro. O pessoal lá do bairro já estava farto. Faziam muitos distúrbios. Arranjavam sempre confusão. E depois não queriam desenvolver, trabalhar, não queriam ganhar algum. Era só viver na base dos outros. Ouvi dizer, pessoas que disseram que saíam cedo de manhã para trabalhar e eles ‘tavam lá à espera que as pessoas lhe arransassem dinheiro para eles beber. Até houve pessoas que me disseram “se não fosses tu a fazer isso seria eu”. Mas isso não me deixa nem mais feliz nem mais infeliz com isso. Porque eu fiz uma coisa que não foi com intenção de... olhe, aconteceu. Aconteceu o sucedido. São coisas que eu não faria hoje ou não aconselharia ninguém a fazer. Mesmo porque... eu não sou muito	Consentimen to formulado Fazer faísca = Química sexual Procura de legitimidade para o acto
--	--	--	---

		dado a violência mas acho que isso me revolta um ‘cadinho. Ele é uma pessoa que diria, posso dizer minha amiga, mas não posso dizer amiga íntima, nunca foi pessoa íntima porque essa pessoa não tinha muitas preocupações consigo mesma. Não se preocupava, por exemplo, em trabalhar, desenvolver, ganhar algum dinheiro para ter no bolso. Depois tinha muitos vícios, bebia, fumava. Era alcoólico. Tinha que beber todos os dias. Muitas vezes cheguei a dar-lhe dinheiro para beber. Como também muitas vezes ele chegava para mim e pedia-me se eu lhe podia arranjar alguma coisa para levar para casa, para comer, fazer um almoço, um jantar. E eu ia a casa da minha mãe, da minha avó e pegava um pacote de arroz, uma lata de salsichas, ou um pacote de esparguete, massa, uns ovos e levava para casa dele. E tava lá ele todo entretido a comer, a cozinhar Só depois quando voltei outra vez. Oh, e aí a relação já era diferente porque eu já era mais velho e já vinha com outra visão de vida. E não foi a mesma coisa. Ele ‘tava... um ‘cadinho mudado... tinha o cabelo grande, tinha cortado o cabelo. ‘Tava um ‘cadinho mais... como hei-de dizer... já ‘tava mais, mais, um ‘cadinho mais desorientado. ‘Tava mesmo... Ele arranjou uma companheira. Já não ‘tava na casa dos pais. Vivia... às vezes dormia numa, às vezes dormia noutra. Mas a companheira dele... era mais porque ela tinha um vencimento todos os meses e tinha algum dinheiro certo onde podiam ir buscar para andar a beber. Era mais por causa disso, de certeza. Se ela não tivesse aquele dinheiro, que era da reforma, ele talvez hoje nunca tivesse... ele	Comparação de Dionísio a uma namorada Relação de dependência (dominador vs submisso) Depois da Irlanda, relação diferente Razões para a relação diferente: corte de cabelo + companheira
--	--	--	--

		não teria ficado tanto tempo com ela. Como... muitas das vezes, mulheres que eu tinha visto que ele tinha arranjado e que consumiam também, por falta de dinheiro, acabava por abandoná-las. A companheira dele também bebia. <i>Silêncio.</i> Eu não ‘tava muitas vezes com eles, não ‘tava... eles andavam lá no cantinho deles e eu passava por eles, dizia “boa tarde” e ia-me embora. Acho que talvez foi só uma fase, uma aventura ou uma fase da minha vida. <i>Silêncio.</i> Talvez só aprendemos connosco próprios. E talvez evitar as coisas que os outros fazem, (...), como hei-de dizer, de carácter, ou de atitudes. Não vale a pena fazer a mesma coisa. Mas eu quando vim da Irlanda já não o ajudava assim tanto. Afinal ele já tinha mulher e ele que se virasse. Ele teve aquele tempo todo... eu era mais novo e tive que me fazer à vida, tive que me fazer homem, olhar para mim também. <i>Silêncio.</i> Antes não tinha muitas razões para o agredir assim tão agressivamente. Nunca fui assim agressivo para ele. Ele era para mim, sim, de vez em quando. <i>Silêncio.</i> Abusado na confiança, não era assim... de falta de consideração. Mais por falta de consideração. Não era assim abusado... era falta de consideração. Não... Porque eu já o conhecia aos anos. E um dia mais tarde eu sabia que eu ia deixá-lo para sempre, que se não acontecesse aquilo já me teria fartado e tinha ido para longe. Houve alturas em que me fartei um ‘cadinho e sentia que me tinha de fazer a vida. E um dia mais tarde ia acabar por deixá-lo para trás e se fosse possível nunca mais o ver. Ou só muito mais tarde. Não pensava nesse dia, não pensava. Ele	“amor de verão” Ciúme Consentimento formulado Dionísio: a única pessoa por quem teve “afecto”
--	--	--	---

			também não era um grande amigo, nunca foi amigo para mim ou uma namorada que eu lhe diga... acabei por ter uma consideração por ele, um afecto. <i>Silêncio. Suspiro. Silêncio.</i>	
Crime	-	-	Acho que foi mesmo só por ele ‘tar muito, muito bêbado, mesmo. Eu tinha acabado de chegar do curso, tinha acabado de... não sei, nessa altura já tava no último curso que tava a fazer. E eu saía do curso e ficava na biblioteca ali de O., que era mesmo ao lado, ficava lá uma ou duas horas, hora e meia, e depois ia para casa, tomava um lanche, fazia um lanche para mim. E depois ia para a rua. Naquele dia olhei para ele e vi-lhe mesmo que ele ‘tava num estado memo crítico, não ‘tava num estado crítico, ‘tava mesmo muito bêbado. Simplesmente ‘tava todo esticado no chão, com os olhos fechados, não sabia que ele ‘tava acordado e que podia andar, correr e fazer tudo mais alguma coisa. ‘Tava mesmo... (...). Olhei para ele e deixei-o ‘tar. (...). Quando ele passado uns minutos depois veio ter comigo. <i>Silêncio.</i> Agarrou-me, não me disse nada, simplesmente agarrou-me. Começou-me a agredir. Agarrou-me por trás. Eu nem sabia que era ele. E depois quando vi que era ele até fiquei um ‘cadinho aflito... porque eu sabia que ele ‘tava bêbado e podia-me aleijar a sério, sem ele querer. Podia me aleijar. Quando uma pessoa ‘tá alcoolizada, não sei... não sei... podem fazer coisas e não terem noção das coisas que estão a fazer. E defendi-me. Foi uma zaragata muito grande, agarramo-nos um ao outro, caímos ao chão, E depois ‘tava lá a polícia por perto e decidi interferir. E depois foram pedras e tiros para o ar... foi uma grande zaragata que ali houve... As pessoas lá do bairro. Atiraram pedras. <i>Silêncio.</i> Das outras vezes em que ele me agredia, eu defendia-me mas evitava.	Descrição do ambiente Dionísio alcoolizado Abraço agressivo, motivação para o acto

			Afastava-me dele e ia-me logo embora. Não parava ali para falar com ele, para ‘tar muito ao pé dele. Mas naquele dia ‘tava mesmo... naquele dia não deu para evitar. Porque ele agarrou-me, começou-me a sacudir, atirou contra o carro, parti o espelho do carro. Começou a rasgar-me a roupa toda. E eu comecei a enervar-me porque ele não me deixava... se ele me tivesse dado um empurrão ou um encosto, qualquer coisa... mas não, ele agarrou-me e começou a agredir-me e a rasgar-me a roupa e chateei-me e olhe, já ta. Ele não me disse nada. Não me chamou nomes nem a mim nem aos meus familiares, nada. Foi pela acção física dele. <i>Silêncio.</i>	Perda de controlo
			E depois começa a me agredir e depois quando começamos a lutar os dois aparece a polícia e nos separa. E leva-me para a esquadra. Fiquei lá um bocado. Se calhar foi porque viram melhores condições em mim ou por ser uma pessoa mais bem apresentável acho que os agentes da polícia abdicaram de levar a ele e levaram a mim (...) porque o outro ‘tava farto de lá aparecer e nunca com...não sei...uma apresentação de uma pessoa que esteja pronta a dar uma declaração a respeito a qualquer coisa, não sei como eu hei-de dizer isso... Foi do nada, foi do nada. Eu não lhe fiz nada. Não foi um abraço normal, foi um abraço agressivo. Ele ‘tava no chão e eu descí as escadas e ele ‘tava ali atrás de mim a agarrar me e a apertar-me. Eu passei por ele e ele não me disse nem ai nem ui, ‘tava deitado no chão. Devia estar bebido, inconsciente. (...). Já estava habituado a vê-lo no chão. Quando saí da esquadra... quando saí da esquadra fui... quando saí de lá sentia-me revoltado. Sentia-me ‘cadinho mal. Não sei...	Intervenção da polícia

		senti que tinham abusado da minha pessoa, que me tinha faltado à confiança. ‘Tava magoado, deixaram-me mesmo baralhado. Trocaram-me as voltas todas e... não sei, tipo... deram cabo da minha vida. Conseguiram meter os meus pés pelas mãos, e as mãos pela cabeça. E... acho que tocaram-me num ponto que foi mesmo o limite da minha pessoa para ‘tar a aturar aquilo tudo naquelas horas.	Crise
		Fui para a bomba de gasolina. Fui lá para falar com o meu irmão mais velho que é gerente dessa bomba. Fui lá para beber café e comprar tabaco que estava nervoso. Depois deparei com uma garrafa de gasolina e resolvi enchê-la. Tinha um carro mais ou menos com falta de gásóleo num bairro ao pé e eu pensei “vou levar gasolina, sei que preciso de gasolina. Sei que não ‘tou com cabeça para fazer qualquer coisa com ela. Mas sei que tenho um carro e que preciso de gasolina. Mas vou levar gasolina. Deixo em casa e se calhar amanhã ou depois vou buscar o carro”. E olhe, deparei (...) e fui fazer isso, despejei a gasolina em cima dele e aticei-lhe fogo e ele morreu queimado. Mas eu tinha um carro. Sim, eu falei isso no tribunal mas eles cagaram nisso bem de alto. Também não me soube defender, não ‘tava com cabeça para isso.	Bomba de gasolina
		Depois passei no bairro, para ver se ‘tava mais calmo. Ia lá ver se tinha acontecido alguma coisa, os policiais saíram de lá aos tiros pelos ares e até podiam... E resolvi passar lá no bairro. Fui lá a casa dele. Sabia onde era a casa dele, já lá tinha ido. Quando lá passei, não sabia que ele ‘tava lá. Cheguei lá e arrebentei a porta. Antes de arrebentar a porta, bati à porta. Porque a casa	Visita ao bairro de Dionísio

		era uma daquelas casas que tinha um vidro na porta e eu vi a luz da televisão acesa. Bati a porta como uma pessoa normal. Quando bati a porta era mesmo para falar com ele. Se ele se levantasse, se acordasse para falar comigo. Eu falava com ele, e até era capaz de lhe pedia desculpas e fazia as pazes. Mas como ele não abriu a porta eu dei um pontapé na porta e deixei a porta aberta. Eles ‘tavam a dormir. O que me motivou foi ele não se ter levantado. Não sei se ele ouviu, eu acho que não. Porque ele já ‘tava todo bêbado. ‘Tavam os dois. Se eles não tivessem alcoolizado, porque eu queimei-os, acho que se eles não tivessem alcoolizados tinham tido uma reacção para se protegerem, defender. Só ela acordou. Ele também acordou mas já estava em chamas. Não me disse nada, ela mal me reconheceu. E depois já disse. Depois aconteceu. Queimei ele. <i>Silêncio</i>. Ele ‘tava com a mulher. Sabe como é que é. E aconteceu isso. Aconteceu num dia em que ele estava completamente descontrolado, também não me tentei controlar ao máximo. Olhe, aconteceu. Talvez se ele não tivesse... Se ele tivesse sóbrio, de certeza que ele não fazia isso. Pessoas da minha zona vinham-me dizer “se não fosses tu a fazer isso tinha sido eu a fazer isso”. Mas também são coisas, não me agradava ouvir isso, porque se é uma pessoa que eu conheça e que eu tenha um ‘cadinho de consideração por ela nunca vou querer que ela faça isso e que sofra por isso Desgosto, acho que sinto desgosto. <i>Silêncio</i>. Ih, muito arrependimento. Até hoje. Isso vai ser o maior arrependimento que me vou recordar. Até depois de sair da cadeia, acho	Entrada na casa de Dionísio Passagem ao acto Perda de controlo Legitimidade para a passagem ao acto Vergonha pelo que fez,
--	--	---	---

			que me vou arrepender sempre. Vai ser difícil pensar por mim, às vezes, ‘tar a passar pessoas e olham para mim e pensem em mim como um assassino, ou seja lá o que elas vão pensar de mim. Acho que vai ser um ‘cadinho difícil para mim.	não arrependimen to pelo que fez
Prisão	PJ	Excertos que descrevam a passagem pela PJ da zona da grande Lisboa., após confissão do crime	Dia 11 de Agosto, ou quê... 12... 12, não! 14 de Agosto de 2005. Fui detido e fiquei na PJ, uns... fiquei lá um dia... (...)... Lembro-me do dia em que fui preso, porque afinal de contas fui eu que me entreguei. Já sabia que ia ficar preso. Antes de ficar na Prisão da zona da grande Lisboa, tive na Judiária de Li., um ou dois dias. Depois é que fui para a Prisão da zona da grande Lisboa. Os dias na PJ foram maus. Não aconteceu nada. Começaram a dar-me a comer comida da prisão, não ter condições de higiene, saber que ‘tava preso, que não tinha liberdade. <i>Silêncio</i>	
	EP da zona da grande Lisboa	Excertos que caracterizem a passagem pelo EP da zona da grande Lisboa	Depois de ser preso tive na prisão de zona da grande Lisboa Depois fui para a prisão da zona da grande Lisboa e fiquei lá no Hospital uns meses. Tive lá uns 6, 7 meses. Acho que tive melhor no EP da zona da grande Lisboa, talvez. Prisão da zona da grande Lisboa. É muito melhor do que isto. Não tem nada a ver. Depois, olhe, não sei. Sei que chegaram um dia e disseram-me “vais para uma prisão de luxo” e transferiram-me para o EP da zona norte do país.	Instabilidade (mudança)
	EP da zona norte do país	Excertos que descrevam a passagem pela prisão da zona norte do país	E depois fui transferido para o EP da zona norte do país. Depois fui para o EP da zona norte do país. Tive lá até Janeiro deste ano. <i>Silêncio. Suspiro.</i> E fui para o EP da zona norte do país., disseram que iam para um hotel. Era diferente lá. Mas por outros lados... pois, claro, era diferente. Acho que passa-se melhor, acho que se passou melhor lá o tempo.	Instabilidade (mudança) Melhor prisão: a prisão mais

			No EP da zona norte do país havia dinheiro e vivia-se melhor. Ah não sei. Por acaso, nunca senti, não senti uma grande falta de dinheiro porque também não sei se era por causa da distância (...) e tinha um certo dinheiro, trabalhava. Agora já é mais complicado. Era faxina, também.	longe de casa Profissão: faxina
	EP da zona da grande Lisboa	Excertos que caracterizem a passagem pela outra prisão da zona da grande Lisboa.	Cá no EP da zona da grande Lisboa tenho amigos, alguns. Um ou dois. De confiança, um. Tenho aí dois vizinhos meus, da mesma zona que eu. <i>Bocejo</i>. Mas eles têm a vida deles e eu tenho a minha. Não podemos andar sempre juntos, também... <i>Silêncio</i>. Não... pode-se andar junto... mas ao fim de um bocado também stressante. É raro. Não sei. (...). <i>Silêncio</i>. Ah, mas não tive assim confusões... <i>Silêncio</i>. Não tive grandes problemas ou conflitos. Sou um rapaz calmo, não quero confusões nenhuma. <i>Bocejo</i>. Quero 'tar no meu cantinho sossegado. Não tive grandes confusões. Sou faxina de manhã, às duas e ao final do dia. O meu trabalho engloba limpar as escadas do meu piso, é pr'ái uns vinte degraus, no máximo. Há muitos faxinas por piso, porque o piso é grande. Mas eu, por acaso, sou ali o que tem menos trabalho. É só varrer as escadas e passar a esfregona uma vez por dia. De manhã lavo, à tarde passo a esfregona, (...). Os outros lavam o corredor. Passam a esfregona de manhã, se passam de manhã não passam à tarde. Ou passam à tarde e não passam de manhã. Despejar o caixote do lixo. Mas eu só tenho as escadas...	Poucas relações interpessoais Profissão: faxina

Anexo H. Biograma e respectiva legenda

Relações familiares					
Relações interpessoais					
Relações amorosas					
Relação com o meio					
Idade	0 – 6	7 – 11	12– 20	21 – 26	27 - 30
Percorso escolar					
Percorso profissional					
Comportamentos desviantes					
Processo criminógeno					

Legenda

Relações familiares		Relações interpessoais		Relações amorosas		Relação com o meio	
	Maus tratos		João		Maria		Vida em A.
	Morte do irmão mais novo		Carlos		Flávia		Vida em D.
	Relação próxima com avó		Sílvia		Cândida		Vida na casa da avó, em M.
	Morte do pai		Nelson		Adriana		Vida em O.
	Morte do tio		Dionísio				Vida na Irlanda
	Morte do “avô”		Márcio e Rui				EP zona grande de Lisboa
	Nascimento irmã mais nova						EP zona norte de Portugal
	Problema psicológico do irmão						Outro EP zona grande de Lisboa
	Desligamento familiar						
	Prisão do irmão						
	Morte do padrinho						

Percurso escolar		Percurso Profissional		Comportamentos desviantes		Processo criminoso	
	Creche		Primeiro trabalho “oficial”		Primeira bebedeira com irmão		Consentimento ineficaz
	Reprovação na 1ª classe		Trabalho na horta com o pai		Roubo garrafão do pai		Consentimento formulado
	Ensino primário		Trabalhos diversos		Tabaco		Crise
	Ensino preparatório		Trabalho na Irlanda		Haxixe		
	Reprovação no 7º ano				Condução de carro roubado		
	Cursos profissionais				Homicídio		

Anexo I. História de vida definitiva

Infância

“Nasci na maternidade...”

Nasci na Maternidade, acho que foi no Egas Moniz, mas não me lembro onde. Acho que nasceram lá mais alguns irmãos meus. Mas também tenho uma vaga ideia do Francisco Xavier, de irmãos mais novos lá, mas não sei se fazem lá partos. Acho que foi parto natural, mas nunca me falaram muito sobre isso.

Depois eu só me lembro de viver ali em A., da minha mais infância, do sítio onde mais vivi mais a minha infância, mais bom, foi ali em A.. Os meus pais acho que antes viveram no bairro da minha avó, em L.V., M.. É ali naquela zona em L.V., M.. E eu tive em A. até os meus 5, 6 anos. Lembro-me de ter nascido na zona de A., A., L.V.. Cresci aí, andei aí na preparatória, fiz aí o meu ciclo primário, depois mudei para o D., ao pé de L.V.. Tive a viver aí oito anos e tal... Vivi aí quase a minha infância toda, a minha infância, assim quando era mais pequenino, foi quase toda em L.V., em A.. A minha infância, que eu tive uma boa infância. Uma criança, apesar que passe por momentos mais difíceis, seja fome ou miséria, uma criança é sempre uma criança, os momentos mais felizes que elas têm, aquela fase de idade, a fase do porquê, mas também nunca cheguei a muitos porquês, porque acredito mais em criança interessada em crescer. Eu acho que cresci bem, não cresci assim com muita saúde, por acaso. Tive uma boa infância, não me falta nada desde pequenino, os meus pais sempre trabalharam, apesar de ter mais irmãos, sempre trabalharam para não nos deixar faltar nada. Nunca precisei de roubar, de traficar ou de vender droga, coisas do género.

E prontos... agora, vá, passando um bocadinho à frente. Mudei de A. para L.V. tinha aí os meus 6 anos, para aí. Vivi para aí 8, 9 anos em A.. Vivia em L.V. mas frequentava a escola em A.. Pois, vivia em L.V., e estava a estudar em A., e depois mudei para A. e depois de A. mudei-me para O.. Acho que foi isso, foi mais ou menos isso. Ou ao contrário. Vivia em A., estudava em A., depois mudei para L.V. e depois de L.V. fui para O.. Foi isso, foi. Vivia em A., estudava em A., depois de A. fui mudar para L.V. e de L.V. fui viver para O.. Fiz a primária, comecei a fazer, em A.. Depois mudei para A., outra vez, não, para L.V., acabei aí a primária. A preparatória frequentei em M., onde morava a minha avó, ao pé de A., entre L.V. e A.. Sim, de A. para a casa dela, em M.. Passei, alguns tempos com a minha avó. Depois, quando mudámos de A., não, de L.V. para O. ainda fiquei lá dois anos a viver com a minha avó. Quando morávamos em A., e fomos viver para L.V., a casa em L.V. já era muito maior, era tipo uma quinta, havia lá animais, patos, galinhas, coelhos, essas coisas todas, havia lá muitos frutos, havia lá muita coisa boa, também. Mas tivemos que mudar. Se fosse pelo meu pai, acho que ele nunca teria

sáído de lá. Mas tivemos que sair, porque o terreno não era nosso e tivemos que ir para um bairro social. Em A. vivíamos numa casa, mas aquilo foi o meu pai que fez lá, o terreno já era nosso. Mas depois ele teve que vender aquilo. Foi o meu pai que construiu.

Mas lembro-me vagamente, lembro-me vagamente do dia da mudança de A. para o D., foi um grande dia. Os meus vizinhos ‘tavam a chorar, não queriam que a gente se mudasse. Foi um ‘cadinho triste. Dávamos bem com os vizinhos. Acho que nos mudámos porque a casa no D. era maior, tinha lá um grande terreno, muito maior. Lá no D. tinha muitas coisas boas. Ervilhas, tomate, alface... grão, pêra, uvas, um monte de coisas. Um lago com patos, galinhas, cabras, coelhos... *Silêncio*. Preferia D. mas no final, no final gostava mais de A.. Porque foi das primeiras experiências, foram as primeiras pessoas, os primeiros amigos, a primeira bebedeira. Foi a minha primeira experiência de vida. Mas no D. lembro-me de um amigo meu chamado João. Não sei se lhe falei disso. Lembro-me desse amigo meu. Lembro-me de mais uns amigos, de algumas aventuras, muitas coisas aconteceram... *Silêncio*.

“Éramos oito. E ficámos sete.”

Tenho três irmãos mais velhos, tenho três irmãos, quatro irmãos, três irmãos e uma irmã mais velha, e tenho duas irmãs mais novas do que eu. Estudam, uns trabalham na Câmara Municipal de O., só a minha irmã mais nova, é mais nova do que eu mas ainda há uma irmã mais nova do que ela, é que trabalha na Câmara Municipal de Lisboa, outra que trabalha em Cascais. Gosto muito de teatro, desde pequenino que ia sempre, íamos todos os fins-de-semana com o grupo da escola lá, havia um teatro pequeno em A. e íamos para lá todos os fins-de-semana e comecei a conhecer o teatro. Gosto um bocadinho. Já sonhei em ser actor mas é uma coisa que depois fartei-me porque tinha que pagar.

A relação com os meus irmãos era boa. A relação era boa com os meus irmãos e com os meus pais. Com os meus irmãos mais velhos lembro-me de brincar mas só depois de a minha irmã nascer também. Dos meus irmãos mais velhos, sem ter outro irmão mais novo, não me lembro assim. Com os meus irmãos mais velhos lembro-me. Lembro-me de brincar com os mais novos também. Nasceram mais três mais novos do que eu. Mas faleceu um. *Silêncio*. Mas eu não quero tocar nesse assunto. Eu tinha 12, 13 anos. Já morava no D.. Era o irmão mais novo de todos. Foi atropelado. Eih, prontos. Mas eu não vou falar desse assunto agora. Estávamos a ir tão bem. Não me faça isso. Não vou falar disso. Ele tinha oito anos. Não vou falar mais disso. Éramos oito. E ficámos sete. *Silêncio*. Éramos oito. Quatro rapazes, não, cinco rapazes e três raparigas. Éramos oito, ficámos sete. *Silêncio*.

Com os meus irmãos... Já éramos mais crescidos. Começou a ficar um ‘cadinho mais complicado. As necessidades já eram outras, havia mais dificuldades financeiras para os meus pais sustentarem com roupa, comida, material escolar. Ai já éramos...deixe ver...sete a estudar. Não era fácil. A única pessoa que não frequentava a escola era a minha irmã mais nova de todos, que ainda não tinha nascido, nasceu

no D., tinha eu uns 9 anos. Fiquei contente com o nascimento dela e nunca senti ciúme, não, nunca. Tanto me fazia ser menina ou menino. Na altura não fazia ideia, já tinha alguns irmãos, queria era ter irmãos. Quer dizer, eu não queria ter mais irmãos. Só queria que eles viessem. Não pedia para ter mais. Mas se viessem eram sempre bem-vindos. Isso de ser irmão ou irmã... talvez, mesmo que viesse uma irmã, porque já éramos muitos rapazes. Já éramos cinco rapazes. Já tinham nascido os rapazes todos. Só havia duas meninas. E depois nasceu esta.

E tenho um irmão que trabalha na Câmara de Lisboa, acabou há pouco tempo o Mestrado. Entrou agora de férias. Tenho um irmão que trabalha na Câmara de O., também ‘tava na faculdade, não sei se acabou o curso ou não. Deixou de estudar, começou a estudar outra vez, há uns anos atrás, mas já deve ter acabado a faculdade. Tenho dois que já trabalham mesmo, trabalham, não é nas Câmaras, mas prontos. Um deles é gerente de uma bomba de gasolina de O. e outra acho que trabalha como empregada num hospital, acho que é em Santa Maria, acho eu. A minha irmã mais nova tem 20 anos e a mais velha tem 34, é a mais velha. Somos uns atrás dos outros e não sei se lhe diga que é bom ter irmãos assim. A minha relação em tempos foi um ‘cadinho desastrosa com os meus irmãos porque não sei, começámos a crescer, já queremos ‘tar...queremos ser independentes, era um bocadinho difícil, o meu pai trabalhava e tinha que sustentar a escola de todos e a minha mãe... às vezes o dinheiro não dava para aquilo que a gente queria. Não chegava para todos. Os livros eram caros naquela altura e são cada vez mais. Às vezes havia pequenos conflitos entre nós em termos de receber mesada ou dividir a mesada, essas coisas todas. Houve alguns conflitos entre os meus irmãos e eu, e entre os meus irmãos. (...). Brincava com o meu irmão que era o mais chegado a mim. Que eu venho a seguir a ele. Com os outros já não me metia tanto com eles. Esse irmão é mais velho que eu, mas eu pareço mais velho que ele.

“Quando eu era pequeno... por acaso os meus pais nunca falaram sobre mim quando era mais pequenino.”

Quando eu era pequeno... por acaso os meus pais nunca falaram sobre mim quando era mais pequenino. Até fico com curiosidade de perguntar certas coisas e fico de fazer essa pergunta à minha mãe, porque, prontos, o meu pai já faleceu, mas depois escapa. Gostava que ela falasse de mim porque eu... os meus irmãos mais velhos nunca falaram assim sobre mim quando eu era criança. Mas o que eu lembro de mim quando era criança é o género de pessoa ou o tipo de pessoa que queria (...). Acho que era um rapaz calmo, nunca tive assim problemas de desenvolvimento, cresci bem, sempre me dei bem como qualquer mãe que fica assim... como lhe hei-de dizer? Que nunca ouvi falar de certas coisas. Mas ‘tou sempre a par dos assuntos. Do que se passa.

“...e depois chegámos perto da minha mãe e íamos os dois bêbados.”

A primeira vez que experimentei bebidas lembro-me porque foi por causa de uma bebida muito doce, foi no baptizado da minha irmã mais nova. Tinha pr’aí os meus 5, 6 anos. Foi depois da festa de baptizado e saíram todos para a rua e fiquei eu e mais um irmão meu, o a seguir a mim, e deixaram a garrafa de *anis* em casa, tipo, não sei se sabe o que é... *anis*... aquela bebida que tem umas pedras de açúcar dentro. Sabe o que é? E o meu irmão começou a dar um golo naquilo. E nós só queríamos acabar a garrafa para tirarmos o açúcar. A garrafa ia a meio e nós tivemos que beber aquilo tudo para poder tirar aquilo lá de dentro. Não conseguimos tirar aquilo lá de dentro e depois chegámos perto da minha mãe e íamos os dois bêbados. *Risos*. A minha mãe teve que me agarrar e pôr-me debaixo do chuveiro, água fria e café sem açúcar e essas coisas todas. Aos 6 anos, 5 anos... aconteceu, olhe... Acho que foi por causa disso que sempre gostei de bebidas alcoólicas mas tem de ser bebidas de baixo grau e doces senão não consigo beber. Já tive o esófago inflamado, (...) do estômago... Mas lembro-me da minha primeira bebedeira.

Lembro-me de alguns vizinhos. Lembro-me de ficar sem esta unha, entalei-me num portão de um prédio, ‘tava a brincar e entalei lá o dedo. O que me lembro mais? Lembro-me de coisas boas. Havia lá sempre uma zona que tinha uma rotunda grande e ia para lá o circo quase todos os anos e eu ia ao circo. Muitas coisas boas da minha infância.

“Chumbei porque faltava às aulas para ficar em casa da minha avó...”

Frequentei uma creche, com o meu irmão, aquele meu irmão, esse meu irmão. A creche era uma creche normal, em A.. Lembro-me perfeitamente desse tempo. Tenho algumas recordações. Havia lá polícia a andar de cavalo. Porque aquilo pertencia à mata do Monsanto, aquilo ficava num terreno ao pé de um bosque ou de uma mata que havia lá. Não sei dizer quando fui para a creche. Mas acho que já andava, para aí aos 2, 3 anos. A minha mãe também trabalhava ali numa fábrica ao pé de Alcântara, e eu andei muito tempo nessa fábrica. Lembro-me de recordações de criança, que não me fogem da cabeça. Não sei se é normal, porque eu era muito novo. Naquela fábrica havia uma creche para os filhos dos funcionários daquela fábrica. E andei lá eu e o meu irmão. Andei em duas creches. Havia lá uma ama ou duas. Não havia muitas crianças mas era um espaço para (...). Andei nessa creche antes. Quando era mais pequeno.

Dei-me bem na escola. Apesar de, dei-me bem, quer dizer, na primeira classe foram dois anos muito difíceis que eu tive, não foram bem adaptados. Eu estava em A., eu estava em A. e andava em L.V.. E tinha que fazer esse percurso todo sozinho quando era mais pequeno e tipo, às vezes, muitas das vezes, ficava à espera, não ia para a escola, ia para casa da minha avó que ficava ali perto e foram dois anos assim nisto e por isso chumbei duas vezes na primeira classe. Como ia a pé, chegava a meio

caminho, voltava para a casa, detestava. Demorava 20 minutos, meia hora. Mas da escola à casa da minha avó eram 10, um quarto de hora. 10 minutos chegava lá. Ficava lá em casa da minha avó, deitado. A escola era de manhã, ficava lá deitado até à hora de almoço. Levantava, almoçava. E à tarde ia para a escola. Depois, nunca gostei, vá, na minha zona não havia muitos miúdos da minha idade e eu gostava de lá 'tar porque já tinha lá algumas amigas e alguns amigos e ficava lá a brincar com eles, em casa da minha avó. Ela 'tava comigo e a minha avó sempre foi do melhor. A minha avó sempre foi uma pessoa muito carinhosa, sempre muito dedicada aos seus, uma boa pessoa. Também não acho que eu seja uma má pessoa, apesar de...mas há coisas que acontecem na vida de um homem.

A primeira classe, repeti duas vezes a primeira classe. Foi em A. que repeti. E depois fui para o D.. Eu fui para o D. mais tarde, aos 7, 8 anos... Chumbei porque faltava às aulas para ficar em casa da minha avó, em L.V.. A terceira e a quarta classe. E depois fui para a preparatória em L.V., para ao pé da minha avó, para a preparatória. Para L.V.. Pr'aí com os meus 8, 9, 10 anos... 10, 11 anos, mais ou menos. Em L.V. frequentei a escola preparatória de M.. "Tive dois anos na escola e depois 'tive mais dois anos que foi depois de os meus pais se terem mudado de D. para O., 'tive mais dois depois da escola, mas já 'tava em Paço de Arcos. A minha vida é uma confusão. Mas vamos lá, prontos...

Oh, mas os meus pais não sabiam, no primeiro ano não sabiam das minhas faltas. Ficaram a saber depois do primeiro ano, na primeira classe. Tive 90 e tal faltas e eles começaram a perguntar "mas afinal para onde tu vais senão vais para a escola?". Apesar de que muitas vezes ia para a escola, não ia para a casa da minha avó, ficava na escola só a jogar à bola ou a passear. Mas a maior parte das faltas que dei foi por ir para casa da minha avó. Mas a minha avó não falava disso aos meus pais. Não...porque eu também quando ia para casa da minha avó eu dizia sempre que não tinha aulas. Ela às vezes desconfiava mas deixava-me 'tar. Quando os meus pais se aperceberam quiseram-me mudar de escola e foi o que fiz, mesmo. Fui para a escola do D., ficava um 'cadinho mais perto de casa. O meu irmão mais velho andava lá também e ficámos os dois juntos.

Bem, mas depois mudei-me para o D. e fui para a escola do D.. O meu irmão já andava na escola, em A.. Pois, mas eu frequentei a escola primária do D.. Mas antes disso acho que já andava em A.. Porque eu lembro-me os meus irmãos mais novos, depois de andar naquela escola e eu mesmo naquela escola em A. mas depois fui para o D..

Brincadeiras em A.? Brincadeiras de crianças, jogar a apanhada, escondidas. Jogar à bola... Não gostava muito de ir à escola. *Silêncio*. Sentia que... 'tar lá e não se fazia nada de jeito, não se aprendia nada. Os professores naquela altura eram mais rigorosos, não eram tão simpáticos como são agora, se posso dizer isso agora. Porque eu matriculei-me nessa escola aos 6 anos. E o que me dá a entender mas eu não me lembro muito bem também foi que com os meus 6 anos foi a altura em que os meus pais se mudaram. Eu não mudei de escola quando eles se mudaram. Foi quando frequentei a escola de A.

depois de eles se mudarem para o D.. Durante dois anos lectivos, que foram os dois anos que chumbei na primeira classe. Chumbei porque ia para casa da minha avó. Não sei, acho que antes de se mudarem para o D., eu já ‘tava matriculado nessa escola.

A escola no D. era mais pequena. Não tinha tantos alunos. Gostava mais da escola do D., por acaso. Tinha lá uma biblioteca, ficava lá muitas vezes. (...). A escola já não era tão seca. Comecei a aprender mesmo. Comecei a gostar da escola. Tanto que não chumbei nenhum ano até ao sétimo.

“Já havia uma segunda intenção em ir para aquela escola... porque queria ir para casa da minha avó, porque ‘tava mais à vontade lá e porque era diferente.”

Depois mudei-me para M.. A principio os meus pais não aceitaram, porque havia uma preparatória mesmo ao pé de casa no D.. E a minha mãe até começou a pensar... até eu depois pensei que se era para ficar ao pé do bairro da minha avó o que eu vou ter que andar... e havia ali uma escola que ficava mesmo a cinco minutos de casa. Mas eu preferi ir estudar para um sitio onde não tinha quase ninguém conhecido ou não conhecido. Tinha conhecidos mas não tinha amigos, tinha só os vizinhos da minha avó. Mas não tinha lá nenhum irmão ou a maioria... fora esta minha irmã, todos os meus irmãos estudaram quase todos juntos.

Os meus pais passaram do D. para O.. Eu é que passei para L.V. porque estudava em M.. Foi a altura em que vivi com a minha avó. Os meus pais nunca chegaram a ter casa em L.V., acho que já tiveram mas foi muitos anos antes de eu nascer. Nessa altura ‘tava sempre em casa da minha avó... quer dizer, de vez em quando voltava para casa dos meus pais, mas só antes de eles se mudarem para O.. Eu tinha os meus 14, 15 anos quando fui para O. mas quando os meus pais foram para O. eu tinha 12, 13 anos. *Silêncio*. Foi dois anos depois de frequentar a preparatória. Mas lá em L.V. ‘tava lá o meu outro irmão. Ele ficava lá mais tempo, ele era um ‘cadinho mais velho e a minha mãe confiava um cadinho mais nele. Ficava lá mais em M., com a minha avó.

Fui para longe só porque... é que é assim, eu sempre gostei de fazer o caminho de casa para a escola, não sei se era porque eu ia distraído ou ia muito contente ou... mas sempre gostei de não estudar ao pé de casa. E como aquela escola ficava perto da casa da minha avó assim já tinha... como hei-de dizer... já tinha... prontos, já tinha uma maneira de dizer à minha mãe que podia ficar em casa da minha avó porque essa escola ficava mais perto da casa da minha avó do que da casa da minha mãe. Já havia uma segunda intenção em ir para aquela escola... porque queria ir para casa da minha avó, porque ‘tava mais à vontade lá, e porque era diferente. *Silêncio*. A minha avó dava-me mais atenção a mim, porque não éramos tantos irmãos. E porque o bairro lá era diferente, era maior, tinha lá familiares, primos, tios...

Gostava muito de lá tar. Sempre gostei daquela zona, a minha avó sempre foi boa. Não havia chatices. Só com as minhas asneirinhas, mas também não foi nada de trágico para ela ficar assim chateada comigo. Mas já lhe dei algumas dores de cabeça. Mas não era só eu, esse meu irmão também tinha vontade. E às vezes haviam mesmo conflitos ele queria lá ‘tar e só lá podia ficar um porque só havia um quarto. E havia conflitos porque não queríamos os dois ficar juntos no mesmo quarto e só um é que podia lá ficar. Às vezes não ficava nenhuma mas a maioria das vezes ficava o meu irmão mais velho e eu ia para casa. Ficava triste. Porque eu não queria ir para casa. E eu dizia: “ele pode ficar e eu não posso ficar porquê?”. E depois andávamos sempre juntos... não queria ir para casa porque, naquela altura, gostava mais da minha avó do que dos meus pais. E a minha avó não me batia tanto... *Silêncio*. Oh, mas os meus pais não me batiam tanto. *Gargalhadas*. Mas se não me batessem, quer dizer, a minha avó batia-me menos. Era por causa disso que eu gostava mais da minha avó. A minha avó não era assim tão agressiva e não se chateava tanto. E depois já éramos muitos lá em casa dos meus pais, lá em casa da minha avó éramos menos e eu andava mais à vontade. Por minha vontade acho que ficava sempre com a minha avó. Mas depois tiver que ir para O. porque os meus pais mudaram-se mas mesmo assim... depois de sair de M... de sair de M. não, de D..

“Ele lá tinha as suas razões.”

O meu pai sempre foi servente. Uma coisa que lhe disse um dia e eu vim-me a arrepender depois. O meu pai sempre foi servente da construção civil, tipo ajudante de pedreiro, ajudante de carpinteiro, ele sempre soube fazer um pouco de tudo. E ele, prontos, acabou por construir a casa um bocado por aí, por acaso. Depois tivemos que nos mudar para um terreno maior, uma casa, era uma casa maior, uma barraca, (...), tivemos que lá sair. Mas o meu pai, ele trabalhou toda a vida...ele sempre foi ajudante, nunca subiu para pedreiro ou oficial. Sempre nunca foi oficial. Prontos, não sei porquê também. Ele também não se identificou porque se calhar não necessitava. Não gostava de fazer uma coisa só. Ele tinha lá as suas razões.

“Acho que ainda hoje trabalha nisso.”

A minha mãe trabalhou nessa fábrica, mas teve outros trabalhos. Mas já foi há muitos anos. Há mais de vinte anos. Eu lembro-me que antes de sairmos de A. essa fábrica já estava a ir à falência. Ela ficou sem trabalhar um tempo, depois de nos termos mudado para o D.. Quando passámos de A. para D.. Mas depois ela começou a fazer trabalho de empregada doméstica, em algumas casas. Acho que ainda hoje trabalha nisso. E o meu pai sempre trabalhou na construção civil. Já a minha mãe era empregada doméstica, sempre foi empregada doméstica.

“Fazia isso com a minha avó, depois comecei a arranjar um carrinho meu e comecei a fazer isso.”

O meu primeiro trabalho foi no Cais do Sodré, na 24 de Julho, a carregar legumes e peixe, caixas de peixes, carregar, transportar com um carrinho as caixas de peixes, legumes e frutas. Fazia isso com a minha avó, depois comecei a arranjar um carrinho meu e comecei a fazer isso. (...). Às vezes precisava de uns ténis ou de umas calças, de uma roupa pedia a minha mãe e ela dizia “mas tens que esperar pelo fim do mês”. Preferia ter dinheiro já comigo para quando necessitasse de comprar uma roupa. Tinha sempre dinheiro comigo, não me faltava. Trabalhei assim até aos 12, 13 anos, com a minha avó de M..

Já o meu pai, o meu pai não me ajudava a mim. Eu não gostava de trabalhar na horta, tipo era carregar água, com baldes à cabeça, essas coisas todas. Não gostava muito de lá estar. Era mais ao fim-de-semana. E depois era ao fim-de-semana que não tínhamos aulas e nós queríamos ‘tar a brincar na rua. Mas o meu pai obrigava-nos a ir para horta e nós não ficávamos muito contentes. E tínhamos que ajudá-lo. E às vezes tínhamos que lá ir mesmo. Íamos todos. Houve também fases difíceis, difícil não, fases giras, de irmos para a horta e acamparmos lá e dormirmos na horta. A minha mãe cozinhava e levava para lá o comer e a gente acampava lá e dormíamos lá todos. E divertíamos imenso, uma coisa que eu reparava que dava muito jeito era que às vezes não precisávamos de fazer almoço...era só preciso a carne ou o peixe, porque o resto, os ovos, o milho, a cebola, a alface, o tomate, a batata, essas coisas, era tudo sacado da horta e nós é que preparávamos lá. E dava uma grande ajuda. O meu pai sempre gostou de horta. É já da sua origem, desde Cabo Verde. Cultivar. Satisfazer as necessidades. E fazíamos isso nessa altura. O pai sempre gostou de trabalhar na horta, sempre teve horta, mesmo quando fomos para O. ele tinha uma horta, em M., mas depois teve que deixá-la, foram para lá construir prédios. (...). Às vezes...desde pequeno...andar com uma enxada na mão, tratava-nos mal, era um bocadinho rígido. Mas olhe, gostei da educação que os meus pais deram, posso não ser muito educado nem ser muito bom de etiqueta, mas gosto do tipo de pessoa que sou. Fui bem-educado, dar alguma porrada para endireitar, que isso quase todos da minha origem, da minha raça, os africanos são um ‘cadinho mais rigorosos com os filhos, em termos de bater, têm vários filhos. Mas dou valor e dou valor hoje a isso. Acho que foi bom. (...) Mas foi bom.

“O meu pai é de Cabo-Verde e a minha mãe nasceu em Angola...”

O meu pai é de Cabo-Verde e a minha mãe nasceu em Angola, mas ela não gosta de dizer que é angolana, porque saiu de lá muito pequena. Ela saiu de lá com três anos, ela não conhece nada daquilo e não gosta daquilo. A minha mãe saiu de Angola e acho que foi para Cabo Verde, e depois de Cabo Verde foi para S. Tomé. Tenho uma irmã de S. Tomé e Príncipe, que é a mais velha de todos. Aliás,

tenho duas. Uma só da parte do meu pai mas a minha irmã que (...) sempre vivi com ela é essa minha irmã mais velha, há outra irmã só da parte do meu pai, que eu não conheço. Mas tenho duas irmãs de S. Tomé, uma delas que não conheço, nunca vi, foi da primeira mulher do meu pai e esta aqui que eu conheço. Não sei lhe dizer se foi em S. Tomé se foi em Cabo Verde que os meus pais começaram o relacionamento. Deve ter sido em S. Tomé, se calhar. O meu pai viveu em Cabo-Verde e depois foi para S. Tomé. E depois, os dois, para Portugal. Todos os outros meus irmãos são portugueses. Mas os meus pais falavam sobre Cabo-Verde, ah!, falavam, isso falavam sempre. Escrevíamos cartas e líamos cartas, tínhamos familiares lá. E vinham de lá com coisas boas. (...). E a minha avó... Às vezes ela ia às compras e quando vinha o barco de Cabo Verde para cá e depois ia de Portugal para Cabo Verde a minha avó, ia sempre com a minha avó, e ela ia fazer compras e mandar para lá encomendas. Era engraçado.

“...mas eu e mais um, houve sempre eu e mais um. O meu parceiro, o meu companheiro.”

Amigos... assim, grupo, grupo, assim, grupo de três, quatro, não digo. Mas eu e mais um, houve sempre eu e mais um. O meu parceiro, o meu companheiro. Ou ‘tar-lhe a dizer andar em grupos, nunca andei assim, em escola, em grupo. Sempre tive um mais chegado.

Na primária havia um João que era o meu vizinho. Éramos um grupo, prontos, lá está, mas não nos víamos assim como um grupo. Era eu e ele, a irmã dele e a amiga da irmã dele. E, às vezes, estávamos os quatro juntos, mas nunca estávamos assim quase sempre juntos. Estávamos juntos uma hora de manhã, uma hora de dia. E depois mais tarde era cada um para o seu lado. Elas duas iam para um lado, e eu e o João íamos para outro. Ele era o meu companheiro. Ele tinha mais ou menos a minha idade, era um ano mais novo. Fazíamos muita coisa juntos. A maior parte era brincar com elas. As recordações, as melhores, era de brincar com elas. Aquelas brincadeiras que as crianças brincam quando são pequenos. Dávamo-nos bem. Éramos miúdos. Foi, foi engraçado. E fui para a preparatória. Essas coisas foram acontecendo conforme tipo a escola, íamos andando na escola e conhecendo outras pessoas. Na primária foi um, na preparatória outro, na secundária outro... (...) Perdi o contacto com o João porque ele depois foi para o Luxemburgo e nunca mais o vi. Tive quase 10 anos e tal sem o ver. Até que um dia saí à noite e encontrei-o em Alcântara. Ih, foi uma grande surpresa para mim, muitas vezes pensava nele e nunca mais o tinha visto. E vi-o um dia e fiquei contente por o ver. Vi a irmã dela, também, dele, também uma vez. Tivemos a falar, até me convidou uma vez para ir a casa dela mas eu, depois não, não sei, não sei se perdi o número de telemóvel dela e nunca mais a vi. Ele foi para Luxemburgo muito novo, pr’aí quando eu andava na terceira, quarta classe.

Depois fiz um novo amigo, o Carlos. Meu vizinho também, da mesma idade pr’aí. Mas já não foi nada como... já com o Carlos era diferente. Já não tínhamos aquela amizade. Tipo, não tínhamos

outras duas amigas para andarmos a brincar os dois. (...) Já estava um ‘cadinho mais velho. Porque... Nota-se bué as diferenças de antes. Quando uma pessoa estava em fase de crescimento, as crianças crescem rápido, então quando estamos na escola as crianças desenvolvem se rapidamente. Eu, nesse curto espaço de quatro anos, eu senti (...) duas fases da etapa da minha vida. Senti na pele o crescimento. E essas duas fases, como eu disse, foram com esses meus dois amigos, não dá para esquecer que foi com o João e com o Carlos. Nessa fase quando andava com um ou com o outro, eu via as coisas que andava a fazer. Com o Carlos... perdão, com o João, estávamos sempre naquela brincadeira com as raparigas. Depois, com o Carlos andávamos com as raparigas mas à procura de outras coisas, tipo irmos conhecer sítios novos, tipo fazermos novos caminhos para a escola, tipo fazer outras coisas mais interessantes.

“Era o meu pai e a minha mãe. Mas isso é normal, levei porrada como todos... acho normal...”

Quando éramos pequeninos, era bom, éramos pequeninos, não tínhamos muita preocupação, era só escola. Brincávamos. *Silêncio.* Foi bom. Mas eu não gosto de falar dos meus irmãos, eles têm a vida deles. Não gosto de falar do passado da minha família. O passado da minha família não é passado que se conte, porque me deixa triste... Não acho que isso faça parte da minha história de vida, acho que não. Acho que a família é outro lado. Apesar de que foi a parte da minha família que me educou e me fez crescer. Que me fez pensar no que é bom e mau para mim e o que é bom e mau para eles. A educação foi boa, à base de alguma porrada, mas prontos... dos meus pais... a gente fala disso depois. Era o meu pai e a minha mãe. Mas isso é normal, levei porrada como todos... acho normal... isso acontecia quando fazia alguma asneira. O meu pai não me batia sem eu ter feito nada. Asneiras... brincadeiras de criança, coisas mínimas que não tinham... mas os meus pais ficavam muito aborrecidos. Mas não me lembro de nenhuma... Não... nenhuma... não ‘tou a ver...nenhuma. Sei de uma mas não... *Silêncio.* Já foi há muito tempo. Uns 20 anos, tinha para aí uns 10 anos. Ah... Roubei um garrafão de vinho para vender e ela andou quase 1 km ou mais a puxar-me pelas orelhas. Fui vender num Modelo, há muito tempo. Fui vender lá no depósito... mas era... não era nada, era um garrafão de vinho que a minha mãe usava para ir buscar vinho para o meu pai. Mas era uma coisa de nada. Deve ter sido mais pela atitude. Vendi e fiquei com o dinheiro. Senti-me mal e com uma ganda dor de orelhas. E outras coisas... Oh, já lhe contei. Não ‘tou a ver grande coisa... *Silêncio.* Oh, andar pendurado nos eléctricos. A minha mãe não via, mas a minha irmã contava. E a minha mãe não gostava, quer dizer, não me lembro... pois, bateu-me uma vez por causa disso. Mas para além de um estalo e um puxão de orelhas, não levei assim muita porrada. Não fiz muitas mais, pelo menos, que a minha mãe soubesse.

Muitas vezes a minha mãe não contava ao meu pai e o meu pai não contava à minha mãe, para não se chatearem.

“Preocupo-me um ‘cadinho com ela, como ela se preocupa comigo.”

A relação com a minha mãe é boa. É normal. Preocupo-me um ‘cadinho com ela, como ela se preocupa comigo. No princípio, eu gostava. Eu andava na escola, a minha mãe como não trabalhava levantava-se de manhãzinha, ia buscar o leite das cabras, o leite quentinho das cabras para nos preparar o pequeno-almoço, depois nos arranjava e íamos para a escola. Depois a minha mãe começou a trabalhar e nós começámos a crescer. E a minha mãe começou a aplicar algumas regras, tipo lavar a loiça, arrumar a casa, essas coisas todas. Às vezes nós não fazíamos e ela chegava a casa e ficava furiosa. E dava porrada de vez em quando. *Silêncio.* Mas foi bom. *Silêncio.* Mas com as regras não era igual para todos. Não, era assim. Os que tinham aulas iam para as aulas, os que não tinham iam fazer as tarefas da casa. Eu tinha que fazer, às vezes não fazia mas obviamente que depois... depois lá vinha... depois tinha que pagar por não fazer. Mas ela também não batia sempre. Ralhava muito. Nós éramos pequeninos mas podíamos entender mais um cadinho que a minha mãe esforçava-se muito. Agora sinto isso, mas na altura também só queria brincar. Mal tinha tempo para... tinha que me levantar cedo para a arrumar a casa, depois fazer almoço para mim porque a minha mãe não ‘tava. Depois lavar a roupa do almoço para não ficar lá suja. Depois preparar-me para ir para a escola, porque tinha escola à tarde.

De manhã, quem ficava lá em casa, dependia. Estava dependente do horário da escola dos meus irmãos mais velhos. Mas a maior parte das vezes só ficávamos eu e a minha irmã que vinha a seguir a mim. Porque a outra já tinha nascido e ia sempre para a creche. Às vezes eu é que a tinha que levar para a creche, que era em A., mesmo ao pé do sítio onde a gente morava antes. Não foi para nenhuma onde andei, mas era ali perto. Ia levá-la muitas vezes. São momentos e dias que vou recordar. (...) Puxava-lhe as orelhas para ver se ela crescia um ‘cadinho mais. Mas lembro-me... era bom... passava ali na rua e às vezes queria ir mais rápido metia-a aos ombros e ela pesava um ‘cadinho, mas metia-me com ela e era na brincadeira. Era engraçado... é a minha irmã que agora tem 20 anos. Tomava conta dela de vez em quando, quando havia coisas que alguém não podia levar, alguém a tinha que levar...

“Sempre gostei muito dela porque ela era muito mansinha, nunca me chegou a bater.”

Tenho mais um avô materno e aquela avó de quem falei, materna, também. São casal. Não tenho avós da parte do pai, nunca os conheci.

A minha avó é uma doce, sempre gostei muito dela. Temos uma boa relação, sempre tivemos uma relação aberta. Tem 82. Mas ainda está esperta. Sempre vivemos um ao pé do outro. A minha relação com ela sempre foi boa. Sempre gostei muito dela porque ela era muito mansinha, nunca me chegou a

bater. Mas às vezes ralhava-me, pronto... quando me portava mal. As crianças só são ralhadas quando se portam mal. Mas eu, com a minha avó, não me portava muito mal, se quer saber, mesmo a sério, não me portava muito mal. Portava-me pior com os meus pais porque passava mais tempo com eles. Mas quando estava com a minha avó fazia os possíveis para me portar bem, se queria ficar lá mais tempo. Era a condição que a minha mãe me dava: “ficas na casa da tua avó se ter portares bem”. E eu gostava de lá ficar, gostava, gostava... tinha mais liberdade, a minha avó não se preocupa, preocupava tanto comigo, como os meus pais. E dava-me mais liberdade que os meus pais, por outro lado. *Silêncio.* A minha avó deixa-me ‘tar mais... dava-me sempre dinheiro para comprar gelados, essas coisas que as avós gostam de fazer, rebuçados, pastilhas...e isso era bom para mim, como para todas as crianças. Comecei a ficar com a minha avó quando fui transferido para uma escola lá mesmo ao pé da casa dela. Não passava só lá, já dormi mesmo em casa da minha avó. Porque a escola ficava perto da casa... ao pé da minha casa havia uma preparatória mas eu não gostava dela porque ficava muito perto de casa e eu sempre gostei de estudar um ‘cadinho mais longe. E resolvi estudar para essa escola ao pé da casa da minha avó. No entanto, havia dias em que não me apetecia andar tanto e acabava por lá ficar uma semana, um mês, dois, três... passei lá a maioria do tempo, enquanto andei nessa escola...

Muitas vezes ficava lá em casa da minha avó eu, às vezes o meu irmão, aquele... um tio meu... que era esse... o tio... aquele o irmão da minha mãe, que o outro meu irmão antes de ter o esgotamento mais gostava. Esse tio. E o padrasto da minha mãe, o meu avô. O meu avô só da parte... era meu avô porque foi o segundo homem da minha avó. Conheci o primeiro da minha avó, ainda está vivo. Separaram-se, mas antes de eu ter nascido. Do segundo relacionamento a minha avó só tem um filho. Mas eles são muitos irmãos, não sei se a minha mãe é filha mais velha ou mais nova ou do meio. Não sei. Eles são muitos. São uns quatro ou cinco. Só conheci dois... não... conheço três. Não, conheço dois tios meus, que é um tio que é da parte do meu avô paterno e outro da minha avó materna... Dois. Um que morreu e outro mais velho. Mas eles são filhos de pais diferentes. O que morreu era filho do segundo relacionamento. Ele vivia lá em casa, tinha os seus 25, 26 anos na altura. E convivi muito com ele. *Silêncio.* O ambiente lá em casa era agradável, agradável. *Silêncio.* Ouvíamos música reggae, o meu tio gostava muito. Por acaso não fumava cannabis, não sei porquê... não sei qual era... (...). Se calhar na altura não se fumava isso. Eu tinha uns 14, 15 anos... e ele tinha 25... *Silêncio.* Ouvíamos música, bebíamos cerveja, jogávamos à batota, jogávamos muito às cartas. Era diferente ‘tar lá em casa da minha avó.

Como eu ajudava a minha avó às vezes também ia trabalhar de noite e podia sair com ela e andar na noite, na boa, andava na noite, na rua, a trabalhar de noite. E ganhava o meu dinheirinho. Tinha mais liberdade. Que me lembre, o período em que fiquei mais tempo na casa da minha avó foi depois de os meus pais mudarem-se de A. para O.. Fiquei lá dois anos, três anos, sei lá... Só eu. O meu irmão

passava lá de vez em quando. Ele começou a ir para lá mais cedo do que eu e, às vezes, havia conflitos entre nós os dois, porque só podia ficar um. Ou ficava um ou não ficava nenhum. Não dava para ficar os dois, mais ou menos isso. Mas de vez em quando ficávamos os dois.

Oh, gostava muito da minha avó porque ela dava-me coisas boas e ficava lá, não fazia nada, era só passear dentro do bairro. Não fazia nada de que me aborrece muito, andava à vontade, não tinha ninguém para me controlar. Oh, e porque em A. era um bairro pequenino. E no D. também. Não havia muitos jovens nem crianças naquela altura. Éramos mais poucos, não tínhamos tantos amigos como tinha no bairro da minha avó. E sempre preferi chegar-me aos meus antepassados, sempre gostei, apesar de nunca falar disso com os meus pais, mas sempre gostei de 'tar com pessoas assim mais velhas.

Com os meus avôs, ahm... eu estava mais chegado ao que já faleceu, porque ele estava sempre em casa da minha avó e depois aconteceu por lhe acontecer uma tragédia, ficou sem as duas pernas e começou a precisar de muita ajuda. E ele... e o pai da minha mãe nunca 'teve aqui. Teve sempre em Angola. Só há cerca de meia dúzia de anos é que veio para Portugal. Mas nunca parou aqui, teve cá um ou dois meses e depois foi para França. E ainda lá 'tá. Mas o que aconteceu com o meu avô, padraсто da minha mãe, foi um acidente. Já há muito tempo. Mas ele já faleceu, há seis anos... mais... dez anos, onze anos... eu tinha mais ou menos 18, 20... morreu em 90 e tal. Então depois de ele morrer eu comecei a ir ainda mais para lá. Foi na altura em que a minha avó ficou sozinha, depois morreu-lhe o marido e depois morreu-lhe o filho. Primeiro morreu-lhe o filho, depois o marido. Já não me lembro muito bem. E ela ficou sozinha...

O meu tio... *Silêncio*. Enforcou-se. Mas eu não sabia de nada. Eu não estava lá nessa altura, não estava lá, mas vi-o pendurado. Não estava lá na altura, claro, mas vi-o pendurado.

E depois fiquei com a minha avó. É uma pessoa muito agradável, boa pessoa. Ela agora vive perto de nós, vive lá em O. também.

Mas tenho muitas recordações da minha avó... *Silêncio*. São coisas mínimas, coisas que a gente vê e que se vê logo... ela é boa pessoa. *Silêncio*. Não tem coragem de fazer mal a um caracol. *Risos*. 'Tou a falar a sério. Aprendi muita coisa com ela. Com a minha avó aprendi... Aprendi a termos calma, que às vezes a vida não é fácil, não é um mar de rosas. Que temos de lutar para ganhar, trabalhar, trabalhar sempre para ganhar o ordenado mínimo. E que temos que ser corajosos e valentes para superar muitas coisas da vida. Acho que foi bom. Mas ainda tenho muita coisa para aprender, se Deus quiser, com ela.

Nunca conheci avós da parte do pai, não 'tão cá, sempre viveram em Cabo Verde e nunca falei com eles. Muitas vezes eu falava poucas vezes sobre os meus avós paternos com o meu pai. Tive curiosidade em conhecê-los mas foi tarde demais porque quando percebi eu podia saber alguma coisa deles, o meu pai já tinha falecido e prontos... morreu de ataque cardíaco, no trabalho. Mas os meus avós também já morreram.

“E nunca mais a vi, nunca mais pus os olhos nela”.

Mas a primeira namorada foi no primeiro ano, no quinto ano, na preparatório... tinha pr'aí uns 13, 14 anos... Bem, então, estas coisas são coisas que nunca se esquecem. A primeira, a última... são coisas que nunca se esquecem. Aconteceu que teve um dia na escola, ela tinha uma amiga, éramos os três da mesma turma, ela tinha uma amiga que eu gostava muito, gostava muito em termos de, falando de amizade. Depois, essa amiga tinha um namorado que era meu amigo, eles começaram a andar, depois a outra não tinha ninguém e eu queria andar com ela e pedi-lhe em namoro. Ela não aceitou. Passado dois dias vi-lhe a chorar e perguntei lhe o que ela tinha e ela disse que gostava de mim, que queria andar comigo e que tava bué arrependida por não ter aceitado o namoro comigo. Mas eu não quis nada com ela porque ela já me tinha dado a resposta. Mas depois, passado alguns dias, vi-lhe a chorar outra vez, não aguentei e resolvi andar com ela. Depois acabou a escola e tive que me mudar para a escola de Paço de Arcos, como já lhe disse. E nunca mais a vi, nunca mais pus os olhos nela. Chamava-se Maria. Era morena, tinha olhos azuis. Cabelos castanhos, escuros. Era gira. Namorámos o ano inteiro. E os meus outros amigos também.

Ui, tenho boas recordações. Esse foi o melhor tempo que passei na minha vida. Foi o tempo de escola, a minha infância. Depois as coisas complicaram, as mulheres só andam com homens à base de interesse, e essas coisas todas. Não está muito fácil arranjar uma pessoa de que se goste, verdadeiramente. É difícil. Já tive muitas amigas, mas amigas a sério, mas assim uma namorada que verdadeiramente com que eu... prontos... agora já digo uma mulher, quando sair daqui vou querer uma mulher, para me fazer à vida, fazer uma família, essas coisas. Afinal, vou sair daqui com quase os meus 40 anos, fiz agora os meus 30. Daqui a mais uns 10 posso meter o pé na rua. Qual a rapariga que se vai interessar por mim durante estes 10 anos que vou estar aqui fechado? Ninguém. É por isso que estava a dizer, é difícil para mim partilhar assim os momentos da minha vida com alguma pessoa, ainda para mais com uma rapariga jovem como você. Pronto, você está de passagem. E claro que no seu trabalho devem lhe impor algumas regras como não dar muita confiança com os reclusos ou não ter relacionamento com eles ou não deixar chegar-se tanto. Não é? Custa-me assim estar a falar assim com uma rapariga como você, você é uma rapariga jovem, bonita...

Mas em relação à Maria, nunca mais a vi. Os meus amigos... a amiga dela que também era minha amiga foi para Paço de Arcos e o outro para Porto Salvo, acho eu. Mas continuámos a dar. Eu e a amiga dela. Mas depois nunca mais vi. Nem ao meu amigo. Nunca mais a vi.

Adolescência

“Cresci, vim viver para a cidade, O., era uma cidade.”

Depois mudei para O., já depois da preparatória. Comecei a andar numa escola em P.A. e tive que mudar para O., avisaram-me que era para mudar para O.. E já vivo para aí em O. a uns 10 anos. E depois, quando me mudei para O., tive a estudar, trabalhei, fiz alguns cursos. *Silêncio.* Eu saí de M. e fui para O.. Para casa de O.. Só dois anos depois é que fui para lá. Não fiquei lá na casa da minha avó porque já ‘tava inscrito na escola... como lhe disse eu sempre gostei de estudar longe de casa. E já me tinha inscrito na escola de P.A.. E já tinha passado dois anos dos meus pais se mudarem para D. para O. e como eu já ‘tava inscrito na escola de P.A. muitas vezes saía de casa da minha avó para a escola de P.A. e comecei a cansar-me. Mas quando lá estava em casa da minha avó falava com os meus pais, de vez em quando, nos fins-de-semana, a minha mãe ia lá a casa da minha avó, jantava. E às vezes nós é que íamos lá a O.. Eu voltava às vezes. Outras vezes passava lá o fim-de-semana. Até que depois comecei a ficar lá mais tempo, a parar lá mais... comecei a parar lá, parar, parar. E depois percebi que era melhor ficar lá de vez para poder ir para a escola. A minha casa em O. era maior, quer dizer, não era maior. Era mais pequena mas prontos...a do D. era maior. Em O. era um prédio. Era diferente. Quer dizer, em A., D. e M. era um gueto. Era um bairro de barracas, um bairro de negros, ou sei lá. Como posso dizer? Em O. era um bairro também... mas era um bairro municipal. Mas lá no gueto também havia brancos, mas poucos. Podia haver conflitos mas eram de outros guetos, mas não de raças assim... e havia algumas zangas...

Até a minha avó mudar-se para O. continuava a visitá-la. Mas depois ela mudou-se para O.. Depois de ter ido para O., de vez em quando íamos a casa da minha avó em M., mas foi só até ela se mudar para O.. Eu tinha os meus 16, 17 anos quando a minha avó se mudou para O.. Foi para lá para ficar ao pé da minha mãe. Aquilo são dois bairros mas parece que é só um, também. Os bairros são pertinho um do outro. A minha avó não se mudou para minha casa porque já éramos muitos e não havia lá... a minha avó também não gostava de ficar ali, mais uma. Sempre gostou de ter a casa dela, particular. Mas a minha avó dá-se bem com a minha mãe. Dá-se. *Bocejo.* Dá-se ainda. E com o meu pai.

Cresci, vim viver para a cidade, O., era uma cidade. Como se fosse uma cidade. Era um bairro, prontos, um bairro social, mas o ambiente foi outro, fazer novas amizades, conhecer novas pessoas, mudar de casa, essas coisas todas. Os meus pais, a princípio, não queriam ir viver para O., queriam ir viver para outro lado, mas nós fomos mandados para ali e tivemos que nos ambientar. Até gosto daquela zona. Não é uma má zona. Fiz lá alguns amigos. Tinha aí uns 14, não, 15, 16 anos. E a secundária foi aqui em O., em P.A.. Depois tive mesmo que mudar da casa da minha avó para O., porque já não dava, era muito desgastoso ‘tar a sair todos os dias de M. para P.A. para poder ir para a escola. (...). Os meus pais viviam ali em O., depois dali de O. eram 10 minutos a pé, de carro para a escola, depois comecei a ambientar-me, comecei a fazer algumas amizades aqui em O., conhecer

algumas raparigas, entretanto comecei a namorar com uma rapariga. E acabei por ficar aqui uns tempos. Não me mudei logo porque não, não achava, prontos, não tinha assim muita intenção de ficar ali no início. Ainda não queria deixar as amizades que tinha, deixar as amizades para trás, essas coisas todas. Não queria deixar a minha avó também depois... veio a morrer um tio meu que morreu. Também não queria que ela ficasse sozinha. Ficava lá só para lhe fazer companhia. Depois tive que mudar para O., mas nunca gostei muito de O.. (...). É uma boa zona, mesmo ao pé da praia. Tem um belo jardim, grande, ali ao pé. Não falta lá nada. É uma zona que tem tudo, em termos de trabalho e essas coisas todas.

Depois houve fases em que fui para O., foi aí que eu mudei a minha vida, começou a ser um cadinho mais stressante. Já sabia, já tinha noção do que era a vida, mais ou menos. Já começava a sentir falta de dinheiro. Do que é trabalhar e deixar de trabalhar.

“Eu nunca fui muito bem em estudos, nunca trabalhei, já trabalhei...”

Eu nunca fui muito bom em estudos, nunca trabalhei, já trabalhei na Câmara de O., na reprografia, mas não fiquei lá muito tempo. Mas não sei, (...), já tive muitos sonhos. Tirei um curso de técnicas vocais e programação de espectáculos, é uma coisa que se um dia tivesse dinheiro que iria investir, de certeza, mas não tenho hipóteses para isso, a não ser que trabalhe muito para juntar qualquer coisa, já vou sair daqui um bocadinho velho mas se calhar com uma boa idade, também, não sei... pode haver uma etapa em que possa juntar algum e, não sei, investir nalguma coisa para fazer mais tarde.

Eu estudei até ao 7º ano, sai da escola muito cedo. Ainda tive a estudar à noite, trabalhava, estudava, mas foi difícil para mim, não conseguia conciliar a escola e o trabalho. Deixei de estudar muito cedo. Estudava à noite, unidades especializadas. Chumbei duas vezes no 7º ano, (...), mas aquilo foi uma desculpa para não me aturarem mais na escola porque eu também era um ‘cadinho baldas, faltava um ‘cadinho, prontos. Não levava muito a escola muito a sério. Quando comecei a trabalhar, trabalhar muito novo, também, com a minha avó e aos oito anos já estava a trabalhar. Às vezes comecei a tomar gosto do dinheiro, queria ser independente, já só pensava em trabalhar e não em estudar, (...), acabar as aulas, e ir para a universidade, não tinha meios, não tinha maneiras de lá chegar e pagar uma universidade e decidi deixar a escola e começar a trabalhar.

Lá em O. frequentei a Secundária de P.A.. *Silêncio*. Sempre andei sozinho nas escolas, só andei numa escola junto com uma irmã minha, mas de resto andei sempre sozinho. Na do D. foi quando andei com a minha irmã, a que vem a seguir a mim, mais nova. Mas aqui em O. andei na escola secundária, depois parei de estudar, comecei a trabalhar e a estudar à noite na secundária de Carcavelos e depois parei de estudar e passei só a trabalhar durante uns tempos. Fiz ainda uns cursos...

Andei a estudar, depois ia trabalhar. (...). E depois fiz o meu primeiro curso, em M., um curso de electromecânica, era como engenharia civil. (...). Aprendi muita coisa nesse curso. Tinha cerca de 13, 14 anos. 14, 15 anos. Foi quando desisti do 7º ano. Fiz esse curso, depois trabalhei em alguns sítios, tipo nas obras, quase sempre nas obras, não parava quieto, também. Com o meu pai nunca trabalhei, não, com o meu pai não. Só nas hortas. Muitas vezes queria fugir para não trabalhar com ele mas era obrigado a trabalhar com ele. Não queria trabalhar com ele porque ele era muito, o meu pai era muito rígido. E nós não queríamos ‘tar ali porque o meu pai era severo. Às vezes não ajudava assim muito.

Tive a tirar o curso de manequim com a Ana Wilson, ali em O., o curso que o meu irmão também tinha tirado antes. Mas não foi possível seguir esse curso porque a mensalidade era muito alta e eu, nessa altura, ainda ‘tava a estudar. Trabalhar, estudar, tirar o curso, era um bocado desgastante para mim. E não consegui tirar, fiquei a meio, mas um dia mais tarde, não sei. Há muitas coisas que gostava de fazer, mas com a idade que eu... e não é só a idade! É o tempo de vida que eu ‘tou a perder aqui dentro. Já tive bons contactos lá fora, boas pessoas, já tive alguma influência em algumas pessoas do ramo, tipo televisão, teatro, essas coisas. Agora não sei lhe dizer assim muita coisa. Não vamos ter só esta, não?

“Tive alguns problemas psicológicos, um dos meus irmãos sofreu de um problema de esgotamento...”

Tive alguns problemas psicológicos, um dos meus irmãos sofreu de um problema de esgotamento e eu logo a seguir também tive uma recaída, tive uma depressão, tive internado numa clínica de saúde mental dois meses, depois passei mais vezes por lá para fazer análises e consultas e essas coisas todas. Olhe, e fui crescendo. Mas falar disto agora... foi, não sei, com os meus 16, 17 anos. Tive uma recaída, tive, tive uma recaída, tive uma depressão. Foi através de uma rapariga com quem andava, nós terminámos, porque ela já não gostava de mim mas eu gostava dela e comecei a sentir-me... foi na altura em que o meu pai tinha morrido. Estava a sentir-me em baixo, um cadinho enfraquecido. E tive uma depressão.

Ih, comecei a ficar sozinho, sentia-me sozinho, ficava em casa, não tinha vontade de fazer nada, nem tinha vontade de comer. Não tinha vontade de ir para a rua. Passava horas e horas deitado, não me apetecia levantar para fazer nada. Foram tempos difíceis. Tive assim dois, três meses. A minha mãe notava. Até foi ela que aconselhou o meu... não, não foi ela que aconselhou. Aí o meu pai já tinha morrido. Mas da primeira vez ela notou isso e aconselhou o meu pai a ir comigo a uma consulta. Foi depois de acabar com a rapariga mas antes do meu pai falecer. O meu pai faleceu e fiquei mal outra vez. Ainda fui à consulta com o meu pai. Cheguei a ir. Falaram comigo e eu como já... como já tinha mais ou menos conhecimento daquela clínica porque o meu irmão já lá tinha ‘tado uma vez e decidi

experimental. Mas isso depois tornou-se um vício que qualquer coisa que me sentia em baixo já queria recorrer à clínica e ficava lá uns tempos. Não foi uma grande ideia (...) não foi grande coisa. Tive lá cerca de mês e meio. Mas tive lá umas duas ou três vezes. Já não me lembro. Tive internado com os meus 17, 16 anos... já estava em O., foi quando faleceu o meu pai, veja lá pr'aí. O meu irmão teve um cadinho antes.

Comecei a melhorar... Eih, isso depois foi com o tempo. Comecei a ver pessoas da família a falarem comigo, a dar-me apoio. E depois o meu pai também morreu e comecei a sentir-me melhor e percebi que não valia a pena 'tar ali a sofrer mais, já 'tava a sofrer mais, não valia a pena 'tar ali, então fazia um esforcinho para levantar a moral e puxava um 'cadinho por mim. E tentei levantar-me, do nada, a começar a reconstruir uma vida nova... a minha mãe ajudou-me muito. Eih, existiu a minha mãe. Porque ela também tava a sofrer (...) pela morte do meu pai e a minha depressão não lhe 'tava a ajudar muito. Eram umas coisas em cima das outras. O que é que a minha mãe dizia... ih... dizia para termos muito juízo porque a vida não 'tava fácil e éramos muitos irmãos e agora ia ficar mais complicado. Então resolvi que não valia a pena 'tar ali numa clínica a levar doses e doses de medicação a ver se me recompunha quando era só uma força, uma força do momento, uma força mental para 'tar ali e deixar aquilo tudo e começar a minha vida de novo. Já não tinha forças para nada. 'Tava gordo, 'tava inchado. Não tinha forças para trabalhar, não conseguia... então foi quando comecei a tomar uma injeção, não sei se já disse, que é de trezentas semanas, (...), e serve para que eu, quando começo a fazer uma coisa acabe essa coisa e não deixe a meio. Porque senão começo a desequilibrar-me um 'cadinho e começo a deixar-me a ficar mais desleixado e não ter tanta vontade de viver. Essa injeção e para ter mesmo forças para mim para não me deixar ir abaixo. Tomo desde a rua, antes de vir preso. E continuo a tomar aqui. Não sei até quando, não sei quando vou deixar de tomar isso. Foi um psiquiatra amigo meu que me aconselhou, (...). Ele achou melhor e eu senti-me melhor depois disso. Até depois as pessoas que tomam passado algum tempo de tomar aquilo vi que aquilo era mesmo importante. E é importante para mim. Não sei se consegue ouvir-me bem, mas eles 'tão a falar alto...

O meu irmão teve lá antes, sim, acho que algum tempo antes. Não sei se anos, se foi meses. O meu irmão não teve uma depressão, não, teve um esgotamento, o meu irmão, por causa da morte do meu tio. Essas coisas... você depois começa a obrigar-me a falar destas coisas outra vez... Por causa de um tio meu que se enforcou e o meu irmão não ficou bem porque eles eram muito amigos. Mas o meu irmão nunca melhorou, não, o meu irmão nunca ficou o mesmo. Depois do que aconteceu. O meu tio e o meu pai morreram em anos diferentes. Mas eu já tinha idade para perceber, não era novo.

Mas em relação à clínica, se precisasse, fazia tudo para não voltar. Se soubesse para onde ia... Se soubesse que se não me portasse bem fazia de tudo para não voltar para lá. *Silêncio*. Porque 'tamos fora, aquilo era um sítio onde basicamente 'tamos fechados. E depois temos regras, não vemos as ruas. (...).

Não ‘tamos com os nossos familiares, e ‘tamos longe de casa, e essas coisas todas. E é mau porque depois ‘tamos sempre a ingerir medicação, e eu já ‘tou farto de medicação, não consigo ver medicação na minha frente, porque começo a sentir-me mal. *Silêncio*. Não foi uma experiência muito boa, porque quando saí de lá dessa clínica saí de lá inchado, gordo, não tinha forças para trabalhar. ‘Tava um ‘cadinho, ‘tava parado. ‘Tava abatido, ‘tava em baixo. *Silêncio*. Coisas da vida. Toca a todos, também...

“Acabei por ir abaixo, tive recaídas, por causa das mulheres.”

Depois... namoros. Já tive alguns namoros, já tive um ou dois casos amorosos que não foram muito famosos porque acabei por sofrer um bocadinho o que me levou a ter alguma depressão. Acabei por ir abaixo, tive recaídas, por causa das mulheres. Mas também é normal que isto tenha acontecido, pode acontecer a qualquer pessoa. Apesar de me ter magoado um bocadinho, mas ‘tou aqui, ‘tou fino, agora tenho que me aguentar com isto, vai ser uma longa data que vou ter que viver aqui neste, aqui neste... aqui ou transferido para outro lado, (...), não sei, espero não parar, ambientar-me aí ao ambiente, (...).

Mas podemos falar de casos amorosos, que eu não tive muita sorte neles. Como é que eu vou começar? Prontos, eu sempre fui um rapaz... pensei ser um rapaz normal. Tive algumas namoradas, mas nunca tive assim uma que... já tive uma mas depois vim a descobrir mais tarde mas desde o início ela gostar de mim e eu dela e ela fazer por mim e eu por ela, logo no início, nunca conheci ninguém. Mas sempre tive algumas brincadeiras, desde criança, com algumas raparigas. Tive alguns casos.

Mas tive alguns casos, tive um caso que me deixou um ‘cadinho em baixo durante quatro anos. Andei com uma rapariga que, a princípio, ela gostava muito de mim mas eu não dava muita importância, depois a coisa inverteu-se, ficou um ‘cadinho complicado para o meu lado. Mas depois ela não quis mais nada comigo, eu ainda penso nela mas é só porque ela me fez sofrer um cadinho também, porque caso contrário não queria pensar mais nela. Mas este foi o mais, o mais... o que me marcou mais.

A segunda namorada já foi em O., fui estudar para P.A., arranjei lá uns amigos novos, havia um deles que tinha uma irmã que estudava na preparatória. Havia uma preparatória e uma secundária encostadas uma à outra, que ficavam uma ao pé da outra, conheci um rapaz que tinha uma irmã. E depois vim a saber, por boca dos rapazes, por incentivo da rapaziada, ouvi dizer que eles diziam-me sempre que ela gostava de mim e depois, por incentivo deles, começamos a andar. Mas, a princípio não dei muito valor a isso. Depois, mais tarde, eu comecei a chegar-me mais a ela mas ela começou a afastar-se, começou a ter outros casos a andar comigo e depois eu fiquei chateado com isso. Teve umas curtes, por aí, tipo... chegou a sair algumas vezes e a curtir com alguns rapazes. Mas namorava comigo. E eu, muitas das vezes, convidava para irmos ao cinema, ao teatro, ou ouvir música, uma coisa assim e ela nunca queria ir. Ela só queria chegar, só queria que eu estivesse ali com ela enquanto estivesse lá

com as amigas dela. Para ‘tar ali a levar seca, elas ali, as mulheres todas lá e eu no meio delas todas, havia dias em que gostava, ser o único rapaz no meio de tantas raparigas, mas havia outros dias que eu não tinha pachorra para isso. E depois... *Silêncio*. Ela chamava-se Flávia. Flávia. Nunca lhe pedi em namoro, directamente. Nós começámos a andar... ela dizia que gostava de mim e eu... por uma rapariga mais velha... disse-me... “a Flávia gosta de ti, tu também gostas dela”. Mas só que eu disse... Ah... eu não respondia porque não gostava assim dela. Eu ia dizendo que sim, mas nunca me deu vontade de dizer que gostava dela porque nunca gostei dela. Não lhe pedi em namoro, ela também não me pediu em namoro. Tivemos relações sexuais mas não correu muito bem. Não foi uma experiência que eu tenho muito orgulho. Não... com ela não imaginei família. Com a Flávia já não. A princípio, mas depois mais tarde (...). Namorámos pr’ái dois anos. Foi a minha secundária. A preparatória é 5º e 6º. A secundária é do 7º ao 12º ano... pois... aconteceu e sofri muito com isto.

Acabámos porque ela veio a conhecer outro rapaz. Eu também não parava lá muito, naquela altura. Como lhe disse, ia muitas vezes para casa da minha avó, ficava às vezes até uma ou duas semanas sem aparecer e depois havia outros rapazes que estavam interessados e iam para ela encher-lhe a cabeça e depois vinham ter comigo “ah então, porque não ‘tas com a Flávia?” Não sei quê, não sei que mais. “Ela gosta de ti”. Mas sempre com segundas intenções, que era ver me pelas costas para poder ter uma chance com ela. Acabámos quando aconteceu a morte do meu pai. Sim, por causa disso é que lhe pedi para não me deixar e continuar a andar mas ela não quis. Tinha pr’ái uns 18,19 anos. Pr’ái com 19, 20 anos. Já tinha acabado a escola... mas depois ainda soube coisas dela. Então depois ela veio a ser a madrinha da minha sobrinha e aconteceu mais algumas coisas. Sofri muito Foi um sofrimento mesmo doloroso. Ainda hoje sonho com ela, de vez em quando, tenho sonhos com ela. Deixa-me assim perturbado, no outro dia, no princípio do dia.

A Flávia? Para lhe dizer a verdade foi uma rapariga que me marcou um ‘cadinho, porque nunca sofri tanto com uma rapariga como sofri com ela. Ainda hoje lhe posso dizer que gosto dela, mas não é... como lhe posso explicar...há aquele gostar que a gente diz que gostamos e fazemos tudo pela pessoa e para a gente continuar a gostar dela. Mas se eu pudesse esquecê-la hoje fazia de tudo para lhe esquecer, para nunca não pensar muito nela. Para nunca mais... tipo, não sei... não pensar muito nela. Mas é impossível, tá cá dentro, não se pode tirar cá para fora. E vou pensando nela, de vez em quando, e sonhando com ela. Nunca mais a vi, depois de vir preso. Antes de ser preso, continuava a vê-la. Éramos vizinhos.

Oh, mas depois de acabar com ele, tive uma vez, foi um ‘cadinho doloroso. Foi em 2004, no Mundial. Portugal tinha jogado com a Inglaterra, portugueses tinham ganhado e saímos todos para festejar, fomos todos para L., todos em alvoroço dentro do comboio. Chegámos, fomos dar uma volta ali pelo Cais do Sodré, depois subimos o Bairro Alto, descemos, e houve uns indivíduos que me

atacaram. Fui assaltado à noite. Roubaram-me. Quatro indivíduos estavam a passar numa rua do Bairro Alto e um deles perguntou-me uma informação. Eu também já ‘tava um ‘cadinho, já tinha bebido uns copos... mas ‘tava consciente, ‘tava dentro de mim, não tinha abusado. Ele simplesmente fez-me uma pergunta “onde era um tal café, um tal bar ou um pub ou quê” e eu, na brincadeira, disse-lhe “segues isto aqui e vais lá ter”. Houve um que interpretou mal, que pensou que eu ‘tava mesmo no gozo e chegou-se ao pé de mim e deu-me um estalo e eu virei-me a ele. Os outros três voltaram-se para mim, começaram a bater-me e a roubar-me. Não tinha muito dinheiro, levaram-me algum dinheiro e dois telemóveis, depois parti a cabeça, ainda tenho aqui a cicatriz cá atrás. Fiquei essa noite cheio de sangue, fiquei mesmo... fiquei chocado. Depois, o que aconteceu? Eu descí aquela rua do Bairro Alto toda até ao Cais do Sodré e quando cheguei cá abaixo vi a Flávia e comecei a falar com ela e, de repente, comecei a chorar, a desabafar com ela a dizer coisas que eu não vou dizer aqui, coisas que não vou dizer aqui (risos), fiz um desabafo com ela que era coisa que já queria fazer há muito tempo. E aproveitei aquele dia que estava magoado e desabafei mesmo. Tipo, a dor que estava a sentir da queda que tinha dado, que tinha partido a cabeça, não era tanto como a dor que tinha sentido por ela, durante alguns tempos, que tinha sofrido por a ter conhecido e ter andado com ela. Olhe, aconteceu, pus-me ali a falar com ela, aos berros e a chorar e... prontos... foi um desabafo. Mas ela reagiu normalmente, não ficou muito impressionada. Não sei se ela já tinha alguém nessa altura. Eu já tinha tido alguns casos, mas nunca arranjei uma rapariga certa, não tinha uma namorada para dizer que era um namoro oficioso, qualquer coisa do género.

Ela era bonita, era bonita. Posso dizer que naquela idade era tudo o que um jovem desses quer. Era um rapaz... ai, era um rapaz... era uma rapariga bem constituída, tinha um bom busto, tinha um bom corpo, tinha um corpo atlético. Era bonita. E namorámos dois anos. Mas não foram muito famosos, não foram dois anos muito famosos. Morreu o meu pai e ela acabou depois comigo na altura em que o meu pai morreu e eu ainda um ‘cadinho desesperado para a gente voltar mas ela não quis mais nada comigo. Eu também não fui de insistir muito, tentei tentar esquecê-la. Eu estudei até ao 7º ano e ela continuava lá, a estudar, continuava. Nessa altura, oh, senti-me muito mal, (...), foi mais uma daquelas vezes que tive que ser internado numa clínica de saúde mental, para recuperar porque tive uma depressão e fui-me um ‘cadinho abaixo. Também éramos vizinhos, víamo-nos quase sempre mas ela também era muito ciumenta... Não gostava de me ver com outras raparigas a falar e coisas do género. Não podia ter amigas, também senti muito... por acaso, lá fora sempre fui de ter mais amigas do que amigos, não sei porquê... mas...

Sempre me dei bem com as raparigas. Ela não gostava muito. Até porque as raparigas se calhar também eram amigas dela, mas algumas estavam interessadas, a fazer-se a mim e eu dava o desconto por serem amigas delas. Muitas vezes... aconteceu também de eu andar com ela porque a rapariga que,

nessa altura, que eu realmente gostava dela, queria andar com ela, ela não andou comigo por a Flávia ser amiga dela. E ela disse me: “Olha, não vou andar contigo porque a Flávia gosta de ti e ela sempre teve interessada em ti primeiro e eu não vou andar contigo porque ela gosta de ti” e não sei, e eu fiquei um ‘cadinho lixado, um cadinho chateado. Mas pronto, lá andei com ela. E nunca tive oportunidade de me envolver com ela. Chamava-se Cândida. É que... a Cândida era mais gira, mais bonita. E eu dava-me melhor com ela. E eu acho que eu gostava mesmo da Cândida e a Cândida gostava mesmo de mim e eu até me dava melhor com o irmão dela e o irmão dela já tinha reparado nisso e dizia-me para eu abrir os olhos mas eu não me apercebia e não ligava muito. Fazia de conta que não me interessava por ela. Mas sempre gostei dela... (...). Não tive muita chance de me relacionar com ela, os anos foram passando, elas começaram a conhecer outros rapazes que foram lá para a zona e eu também comecei a ir para outras zonas. E a gente foi se separando... mas o interesse que eu tive pela Cândida veio antes do namoro com a Flávia. Elas andavam sempre juntas mas eu gostava mais daquela porque ela andava na minha escola...que eu gostava mais dela, como é que eu posso dizer, eu vi-a mais vezes, tinha mais tempo para olhar para ela. Reparava mais nela. E depois nós éramos quase, mais ou menos, o mesmo nível, tínhamos quase o mesmo nível... prontos... Ela tinha uma vida estável, eu também, apesar de sermos jovens, os nossos pais já tinham algum apoio para nos dar. Sempre vivi com o meu pai e minha mãe, e a Flávia só tinha a mãe dela, o pai dela estava sempre fora. Sempre tive mais interessado na Cândida. Com a Cândida, já sim, já imaginava família... Com a Cândida? Imaginava. Com ela, imaginava-me a trabalhar e a sustentar a casa e essas coisas todas. Ir viver para o estrangeiro, para Inglaterra, ou os Estados Unidos. (...) Ah, não sei, fazer as coisas que naquela altura os jovens gostavam de fazer e ainda gostam, que eu tenho espírito jovem que não vou deixar de ter... que era passear com ela, levá-la à praia, irmos ao cinema, ir ouvir música, teatro, essas coisas que gosto de fazer. Ir assim, dar um passeio pelo jardim. Ir brincar com os meus sobrinhos. Essas coisas que o jovem gosta de fazer. Mas muitos anos mais tarde comecei a namorar com a Flávia. Porque só comecei a gostar da Flávia mesmo a sério depois de muito tempo de ela gostar de mim e eu não lhe ligar e depois eu sentir a falta dela e depois já quis lhe demonstrar o que já estava a ganhar cá dentro por ela, ela não... ela deu-me com os pés e eu não fui a tempo de lhe provar que gostava mesmo dela. Isto já foi lá para o fim, para o meio, para o final do namoro. Mas isso acabou mais porque havia outros rapazes interessados nela. Eu tinha uns 15, 16 anos...

Conheci os pais de todas as minhas namoradas, todas menos a primeira e a última. Conheci os pais da Flávia e dava-me bem, por acaso. Com os pais da Flávia dava-me bem. A relação era boa. Tipo, o pai dela trabalhava na Câmara Municipal de O., também. A mãe dela passava os dias em casa, ia lá algumas vezes. Nunca tive razão de queixa dos pais de nenhuma delas. Sempre me dei com os pais delas. E

também tinha irmãos, dava bem com eles. A Maria não tinha, nem a Adriana, a mais recente namorada que tive. Mas a Cândida e a Flávia tinham. Dava-me bem com eles.

“Mas já não era tão ligado. Sempre me fui afastando um ‘cadinho mais...”

Mas... cheguei à preparatória, também, conheci uma outra pessoa. Mas já não era tão ligado. Sempre me fui afastando um ‘cadinho mais... Era um rapaz, chamado Sílvio. Mas era um ‘cadinho complicado. Porque foi ele que depois... começou não... foi ele que começou a meter coisas na minha cabeça para eu deixar de namorar com a Flávia. E ele conseguiu. Porque ela veio acabar comigo e depois de ela acabar comigo teve um dia ou dois, uns dias, a andar, não sei quanto tempo... foi meu amigo... o meu grande amigo (ironia) ... deixe de falar com ele, deixei, deixei. Também era pessoa um ‘cadinho problemática. Andava sempre a inventar coisas e não sei quê. Não, não podia ver nenhuma rapariga que estivesse bem com outro rapaz. Eu se calhar começava logo a pensar que se andasse com ela andava tudo bem ou melhor ainda. Ele inventava essas coisas. Depois... (...).

Em relação ao Carlos não perdi o contacto... não perdi o contacto dele, porque eu sabia onde ele morava. Tipo, ele foi morar para Ca. e eu fui morar para O.. Víamo-nos de vez em quando, sempre fomos grandes amigos. Mas... Por acaso, deles todos, o que sinto foi mesmo o meu grande amigo foi o Carlos porque na nossa amizade não tinha muitas coisas em que confiávamos muito nos outros, era só deixar ir. E nós os dois fazíamos as mesmas coisas, gostávamos da mesmas coisas. Com os outros já foi um ‘cadinho mais diferente, era tipo dar a conhecer e descobrir novas coisas. Enquanto com o Carlos não, ele também já conhecia melhor. Também éramos já um cadinho mais crescidos, dava para ver o que um queria e o que o outro não queria. Enquanto com o outro, o João, era deixar ir as coisas. Era mais brincadeira.

A seguir ao Sílvio veio o Nelson, que era o irmão da Cândida, da tal Cândida. Já o conhecia. Mas foi depois de conhecer o Sílvio. Porque o Sílvio morava no bairro da minha avó e andávamos na mesma escola. Você já sabe muita coisa sobre mim, já dava para fazer um livro... mas dei-me bem com o Nelson, sim, dei-me bem. Era aquela coisa que eu lhe ‘tava a dizer, que muitas vezes tentou abrir-me os olhos em relação à irmã mas eu apanhava mas deixava andar. As coisas também não estavam como eu queria, porque se era só por andar... Se dependesse de mim, num abrir e fechar de olhos, andava com a irmã dele. E gostava muito. Até se calhar hoje, (...), não estava aqui.

“Mas lembro-me de uma vez, que foi aqui na Serra de Sintra e foi um dia a chover.”

Fui à minha primeira festa há muito tempo, muito tempo mesmo... Já não me lembro bem da idade... mas tinha pr’aí uns 15, 16 anos. A primeira, a primeira, não tenho a certeza onde foi. Mas lembro-me de uma vez, que foi aqui na Serra de Sintra e foi um dia a chover. Mesmo na Serra. Foi

espectacular. Foi... eih, foi mesmo lindo. Era um dia de chuva, já sabíamos da festa. Depois de jantar saímos todos preparados para a festa, quando começámos a vir a caminho. E depois chegámos aqui na Serra de Sintra e sentimo-nos perdidos porque ‘dávamos no meio da mata e não víamos nada, só ouvíamos buzinas de carros, a andar de um lado para o outro. A gente não via nada porque ‘tava escuro. Depois começámos a ouvir um som muito estranho, começámos a seguir esse som. Começámos a seguir, (...), sempre a subir, a subir. Começámos a encontrar carros e umas pessoas, começámos a perguntar. Depois começámos a descer outra vez, e fomos lá ter. ‘Tava a chover, tipo, eram muitas tendas, cada uma tinha um *dj*, cada uma um tipo de som. Tava lá a SIC e tudo. Isto já foi à mais de 10 anos, uns 14, 13 anos, no mínimo, pr’aí. Depois, o que gostei mais foi quando anoiteceu, ‘dávamos nós todos cheios de lama até ao pescoço, todos, todos, tudo cheio de lama. E tava um... não me esqueço mesmo dessa imagem, que foi ver tudo verde, a brilhar, aquele brilho da humidade e da chuva, que aquilo foi aqui na Serra e fazia muita humidade depois da chuva e havia assim um monte, tudo esverdeado, uma paisagem assim natural, da natureza, bonita. Foi um dia bonito. Foi uma coisa engraçada.

“Em bairros, tipo, bairros sociais isso são coisas que aparecerem, sei lá, (...), é de fácil acesso.”

Tabaco já comecei a fumar mais cedo, tabaco pr’aí desde os meus 12. Não me lembro como comecei a fumar nem me lembro do meu primeiro cigarro, primeiro cigarro, não me lembro. (...). Acho que fumei por causa da vida nocturna, de eu ‘tar a trabalhar com a minha avó, muitas vezes, via os mais velhos e comecei a pensar que para eu ‘tar na rua é porque tinha alguma responsabilidade e por isso sou um ‘cadinho mais velho e começar a esticar-me um cadinho. Fumar um cigarro, beber um café. E comecei a fumar muito cedo. Depois comecei a ter dinheiro para o vício e foi assim. Fumava ao pé da minha avó e em casa, não tinha problemas.

E com haxixe foi a mesma coisa. A minha mãe disse. Quando comecei a fumar ela apanhou-me a fumar e eu disse lhe logo. Comecei a fumar haxe desde quando comecei a fumar... 13 anos. Para lhe dizer a certeza, não sei como comecei. Comecei a ouvir dizer que quem fumava um charro passava horas e horas a rir sem mais nem menos porquê. Foi o que mais me tocou. Sempre fui uma pessoa muito extrovertida e gosto muito de me rir. Adoro dar uma boa gargalhada, tipo, faz-me sentir bem. E quando diziam que uma pessoa quando fumava um charro ‘tava sempre a rir por tudo e por nada. Apesar dos primeiros charros que eu fumei não sentia nada, eu ficava ali ao pé dos meus colegas a fumarem, a gozarem comigo e a rirem-se e eu ficava ali todo amuado, isto não me fazia efeito e, até que depois dos 12 pr’aí ate aos 13, 14 anos, 15... 15 anos, já não fumava nada de haxixe. Comecei a fumar outra vez aos 16 anos, tipo, comecei a fumar, foi aí que comecei a sair e a ter algum (...). Já não me

lembro quem deu a droga. Em bairros, tipo, bairros sociais isso são coisas que aparecerem, sei lá, (...), é de fácil acesso.

“Deixei-me apanhar por ele e dava-me bem com ele..”

Desde que fui morar para O., desde os meus 14 anos, que conheço o Dionísio. Ele era um cadinho mais velho. Tinha os seus 40, uns 40 e tal. E eu nessa altura tinha os meus 26, 27 anos, quando aconteceu. Conheci-o naquele contexto de estar ali no bairro, jogar à bola. Falar uns com os outros. E já quase toda a gente o tratava assim. Ele foi sempre um ‘cadinho problemático. Não era a primeira vez que se metia comigo. *Silêncio*. Tentava provocar-me e medir forças. Coisas estúpidas. A minha relação com essa pessoa... a minha relação com ela... era uma relação normal. Havia um grupo no bairro, parávamos lá todos juntos. Sempre foi de conhecimento meu e de todos lá no bairro que ele bebia um ‘cadinho. Mas eu não liguei a isso, a princípio. Era uma companhia que devia evitar mas não evitei, a princípio. Deixei-me apanhar por ele e dava-me bem com ele. Como dava com todos os outros, mas com ele mais um ‘cadinho... porque... afinal... apesar de a gente depois de virmos a ser amigos... veio-se a saber que meu avô e o pai deles acho que se conheciam antes, em Angola, desde os tempos de guerra e essas coisas todas. E começou aí o afecto entre a minha família e a família dele. Quando o meu avô vinha de Angola íamos lá a casa fazer um jantar ou dois, dar umas voltas. As nossas famílias aproximaram-se um ‘cadinho mais. Aproximaram-se até certo ponto, nós fomos sempre vizinhos. Mas depois de saber que o meu avô e o pai dele se conheciam apareceu um bocadinho mais de confiança entre a minha família e a família dele ficámos mais chegados. E prontos, foi isso, mais ou menos. Não sei... (...). Até ele era mais velho que ele, (...), sabia que ele no fundo, no fundo, não era uma companhia aconselhável. (...). Assim tipo aproximar, deixar-me levar pela pessoa dele.

Ele era uma pessoa extrovertida, só se queria divertir, mas para isso acontecer ele já tinha que estar bem consumido de álcool ou estar bem-disposto se não era ao contrário, andava sempre atrás de dinheiro, um ‘cadinho agressivo. Depois aproximamo-nos bem até porque ele tinha um irmão que era mais velho do que essa pessoa. E esse irmão mais novo do que ele também era amigo mais velho, e eles davam-se bem. Porque de todos os irmãos que ele tem, ou que ele tinha, prontos, esse era o que se dava mais bem com o meu irmão mais velho. Davam-se bem, saíam. Apesar de que ele também não era como o outro, não bebia tanto. Bebia como um jovem normal bebe, não exagerava da bebida, não tinha muitos vícios, era trabalhador, era uma boa pessoa. E foram-se dando bem. Depois através do aproximamento do meu irmão com o irmão dele eu decidi aproximar-me também e tentar relacionar-me. Eles eram mais velhos e afinal ele já tinha quarenta e tal anos e eu sempre gostei de andar num grupo mais velho e não num tão novo, como os da minha idade. (...).

Mas... fora disso... tivemos alguns desatinos, era coisa de desentendimentos normais. Não éramos aqueles chegados, chegados... como grandes amigos, ou como irmãos, ou como nada disso. Porque ele também tinha as companhias dele, mais velhas, e às vezes ele 'tava com umas e eu passava e também não ligava. Ele fazia a vida dele e eu fazia a minha. Quando 'távamos todos juntos, partilhávamos amigos comuns, e eu chegava a ir a casa dele ou uma coisa qualquer. Também porque a minha mãe não gostava que ele fosse lá a casa por causa do problema do álcool.

Mas prontos... aconteceu... No fundo, no fundo, apesar de ele beber ele era uma pessoa um 'cadinho culta. Ele tinha alguma cultura de si, falava de tudo e mais alguma coisa, de tudo o que era assunto. Ele abordava às vezes as pessoas de maneira um 'cadinho que puxava pelo entusiasmo das pessoas, e elas ficavam a olhar para ele. E as pessoas ficavam a olhar para ele, pelas expressões que ele usava e a forma como se expressava a falar de uma coisa e a falar de outra. Era uma pessoa... não era má pessoa. O problema era o álcool. Era uma pessoa que se tivesse possibilidade para (...) obter boas escolaridades, ou boas regalias para estudar, ele podia... acho que teria bom futuro. Até porque era uma pessoa muito inteligente. Não sei. Mas acho que... a vida do álcool... quando o conheci ele já bebia. Já. Bebia mas... acho que não bebia assim tanto. Não sei. Bebia... consumia álcool de uma maneira impressionante, certas vezes. Mas não foi impedimento, não, não... andávamos todos juntos e depois, às vezes, estava em casa dele e tinha pena dele. Ver uma pessoa que tinha boa inteligência, que tinha 85% de boa inteligência e deixar-se derrotar só por 15% que era o resto, que era o problema dele, que era de ser alcoólico, eu fiquei entusiasmado com ele.

Os anos que passaram, depois de acontecer isso, depois de o conhecer... comecei a fumar umas ganzas. E eu via que não era uma coisa tão prejudicial para mim porque eu também não abusava. Ele transferiu-me assim alguma, transferiu-me assim... como posso dizer... tipo, eu via nele uma coisa que eu podia usufruir de outra mas tendo ele como exemplo. Apesar de não ser a mesma coisa, tipo, haxixe já é uma droga, uma droga leve mas prontos, não deixa de ser uma droga. E o álcool também, pode-se dizer que também uma droga. E eu vi-lhe o exemplo... o exemplo que eu via nele era para aproveitar aquilo mas sem exagerar. Porque na altura eu ainda era novo, estudava, trabalhava... estudava e trabalhava não, só estudava. Mais tarde passei para a noite, e comecei a estudar e a trabalhar, a trabalhar de dia e a estudar a noite. E tentei tomar um partido dele como certo exemplo e deixei-me levar por ele... ele era um exemplo porque, nos dias de hoje, quase todas as pessoas têm que ter ali... ninguém é 100%, ninguém é de ferro, todos nós têm altos e baixos. Uns recorrem às drogas sintéticas, há outros às drogas, puras, naturais. E eu, pronto... achei ver um exemplo nele como assim? Porque... ele usufruía do álcool e eu da droga. E eu vi que se eu abusasse nas drogas leves como ele abusava do álcool, apesar de que eu sempre senti o álcool mais pesado do que uma droga leve, que é o haxixe ou a cannabis, eu sempre vi isso uma coisa que me podia prejudicar. E aproveitei e vi e estudava e ajudava. (...).

Eu senti mais tarde que ele era uma pessoa, se eu fosse uma pessoa se tivesse condições (...) se não acontecesse o que tinha acontecido eu era uma pessoa que lhe podia dar uma mão, a ajudar e levar comida para casa. Era uma pessoa que eu podia ajudar a tentar ‘tar concentrado e deixar de beber, talvez mais tarde. Ele também tinha uma profissão, era pedreiro, e ele até era um bom pedreiro, apesar de não ser muito trabalhador por causa do álcool e ir não ir trabalhar para ficar a beber, eu vi nele um exemplo para a minha juventude. Mas um exemplo de uma parte má. Porque eu sabia que ele era exemplo por beber. Porque se ele não bebesse... eu não o podia ver como um exemplo, só o podia ver como uma pessoa normal, inteligente. Porque se ele não bebesse... de certeza... posso me imaginar ele deixar o álcool ele seria uma grande pessoa. E eu penso que só não era por causa do álcool que não o deixava ser uma grande pessoa. Como você pode ‘tar a falar comigo e de eu ‘tar a dizer e eu já disse que fumo drogas leves, cannabis, por exemplo. E depois de eu dizer isto você pode pensar que não era tão boa pessoa como pensava ou que eu deixava de ser uma certa pessoa só porque fumo estas certas coisas. E (...) eu sabia como ele era com álcool e como era sem álcool. Não sei se ‘tá a perceber...

Ih... às vezes, preferia mais ele com álcool. Porque ele fazia rir muita gente. E muitas vezes era triste e não gostava dele sem álcool porque ele fazia muita coisa para ter dinheiro para beber. Tipo, agarrar copos de vidros e roer copos, mastigar copos, ficar com a boca a sangrar só para poder ter... coisas mesmo desnecessárias. Ele chegava perto dos mais novos e dizia “aposto contigo que consigo mastigar esse copo” e apostava e depois ele conseguia fazer isso e ganhava dinheiro e já podia beber. Por isso, preferia quando ele bebia, porque ele quando ficava com falta de dinheiro ele ficava desesperado e a precisar de alguma coisa. Não sei se ‘tá a ver o que ‘tou a dizer... *Silêncio*. De bom? Não trouxe muita coisa. A mim... de bom? Nada! Não fez quase nada... mas não percebo o que quer dizer de bom... acho que me ajudou a crescer um ‘cadinho. E a evitar um percurso, por exemplo, como do álcool. Não abusar tanto na cannabis. E... acho que me ajudou a saber o que era a vida...

Oh, o que ele me fez de mal... muitas vezes ele metia-se com as pessoas, ficava eufórico, provocava todos e irritava uns... e... era um ‘cadinho problemático, também. Em termos de... quando lhe faltava algo, ele partia muitas vezes para a agressão, ofender as pessoas.

E... às vezes... se a pessoa não evitasse, não se afastasse dele num momento certo, era pior. Ele era pessoa muito fácil de procurar uma briga. Havia dias em que eu saía à rua e ele agarrava-me e começava a abanar-me e começava a agarrar-me e a medir forças ou coisas do género. E eu não me deixava levar e muitas vezes... *suspiro*... muitas vezes eu não me deixava levar porque ele virava-se e eu... não me deixava levar e ele magoava-me e tentava abusar um ‘cadinho... Sentia-me um ‘cadinho triste porque eu sabia que um dia mais tarde ele ia precisar de mim. E eu ia me lembrar disso e não iria poder ajudá-lo tanto como queria porque ele fazia-me coisas que eu podia não gostar. Lembro-me... mas a maioria das vezes eu não deixava. (...). Quando eu era mais pequeno ele não me conhecia bem, eu

também tinha um irmão mais velho e ele podia meter-se comigo e resolver-se com o meu irmão mais velho. (...). Só depois é que me começou a abusar da confiança.

“Já vi a minha família ter momentos felizes, não foram muitos, mas pronto, foram poucos mas foram bons.”

São fases da vida, já vi que não tenho sorte na minha vida. Ou por pessoas da minha família... são fases da vida. Já vi a minha família ter momentos felizes, não foram muitos, mas pronto, foram poucos mas foram bons. Por exemplo, o nascimento da minha irmã mais nova. O meu irmão mais novo. Lembro-me do baptizado. Foi pr’aí nos meus 15, 20 anos. A minha irmã mais nova tem 20. E sim, damo-nos bem. A seguir à minha irmã mais nova vem uma mais velha que ela mas mais nova que eu. E depois venho eu, depois vem o meu irmão, depois vem outro irmão, depois outro irmão e a minha irmã. Família grande e complicada. Porque não ajuda sermos muitos filhos. Os africanos não viam televisão naquela altura. *Gargalhadas.* É complicado, ter que trabalhar para sustentar todos. Não é fácil. Senti isso. Qualquer um sente. Os meus irmãos devem ter sentido isso também. Nunca conversámos muito. Nós, de raça negra, não temos assim uma relação familiar ou sociável assim tão aproximada para estarmos a desabafar coisas, somos mais fechados, e agarrados cá dentro. Não falámos assim abertamente sobre muitas coisas. E sofremos mais com isso. As pessoas da raça negra dão mais importância a desabafar e a falar das suas coisas. Porque muitas vezes muitos que... a família... não é fácil falar com os meus irmãos. Senti falta. Mas agora ‘tamos todos crescidos. E se falarmos disso agora vai ser bom, vamos lembrar de coisas do passado.

“Momentos complicados... como todos têm.”

Eih, mas tivemos momentos complicados... eih... *Silêncio.* Momentos complicados... oh... *suspiro...* momentos complicados... como todos têm. *Silêncio.*

A morte do meu pai é um exemplo. Sim, por exemplo. É uma coisa que eu já disse que não quero tocar disso outra vez. É algo que me cansa. E já ‘tou a ficar irritado. *Silêncio.* Peço desculpa. *Silêncio.* Mas já passei por boas nesta vida. Muito sofrimento. Não sei se algum dia terei... hei-de ter... não sei... haver há, de certeza... alguma felicidade que compensei isso e todos esses momentos que eu já passei. Espero um dia conseguir obter. Não sei como. Talvez arranjar uma mulher que me mereça, constituir a minha família. Sofri muito. E agora ‘tou a sofrer mais. Aqui temos que ser como aço.

Mas, situações complicadas... eih... ver a minha mãe sozinha, às vezes, a tomar conta de nós todos... *Silêncio.* A minha irmã tinha uns 15, 14...menos, ainda. Acho eu.

O meu irmão, quando veio preso. Por exemplo. Tempos difíceis. *Bocinho.* Peço desculpa...

O meu avô que bebia muito, também. Mas já ‘tava... ele tinha um problema nas pernas que tiveram que lhe cortar as pernas. Foi uma ferida que ele ganhou no pé e depois aquilo começou a ficar mais crítico e depois começou a aumentar, a aumentar. E disseram-lhe que ou lhe cortassem as pernas ou chegava a um ponto em que ele morria. Faleceu. Acordou um dia morto. Não ‘tou a ver muito bem. O meu avô era pedreiro na construção civil. *Suspiro.*

E quando faleceu o meu irmão. Faleceu, não vou acrescentar mais nada. Foi um grande desgosto para a minha família, já tinha falecido o padrasto da minha mãe, o meu tio. E acho eu que foi nesse ano, antes ou depois, é que aconteceu isso ao meu irmão. Foi um desgosto grande para minha mãe, perder o padrasto, o irmão, o filho. ‘Tava a brincar. No bairro mas não vou falar disso. *Silêncio.* Foi mais atrás. A morte do meu irmão foi mais atrás. Tenho poucas recordações, poucas. Não me lembro muito dele. Não quero falar nisso, não quero mesmo falar disso. Não quero.

“E ele foi ao posto clínico para falar com o médico de família, falou com ele e foi aí que lhe deu o ataque e morreu ali mesmo.”

Lembro-me que uma vez o meu pai ter ido, ou ter eu levantar-me para ir para a escola e a minha mãe levantou-se e o meu pai era para ir trabalhar e não foi e quando a minha mãe olhou para ele, ele ‘tava deitado a espumar da boca. Não sei se isso tem a ver com ataques cardíacos. Mas prontos, lembro-me deste episódio. Mas desde aí não lhe aconteceu mais nada. Mas... depois veio acontecer isto, não sei se foi, deve ter sido mesmo um problema dele. Mas hereditário, não sei se é hereditário, acho que não. Sei que ele foi ao hospital, aliás, foi trabalhar, sentiu-se mal, foi ao hospital. No hospital disseram-lhe que não tinha nada, que era para marcar uma consulta com o médico de família. E ele foi ao posto clínico para falar com o médico de família, falou com ele e foi aí que lhe deu o ataque e morreu ali mesmo. O meu pai ‘teve sempre sozinho. Nessa altura eu estava em casa com a minha mãe. ‘Tava em casa com a minha mãe. E foi uma vizinha que lhe deu a notícia. E depois ‘tava em casa com a minha mãe e fui eu e a minha mãe que fomos dar à clínica com ele. E ele já ‘tava morto. Ele já tinha ido ao hospital e não lhe fizeram nada. *Silêncio.* A minha mãe entrou sozinha, eu fiquei cá fora à espera. *Silêncio.* Depois fomos para casa. E foi assim uns dias, dos dias piores da minha vida. *Suspiro. Silêncio.* Acho que uns sentiram mais do que outros a morte do meu pai, mas todos sentiram. *Silêncio.*

Adultez

“Fui para lá, comecei a trabalhar, comecei a fazer uma vida normal, também.”

Fui para a Irlanda com os meus 22, 21... pr’ái... Já ‘tava cansado de Portugal, queria tirar umas férias e conhecer algo novo. Trabalhar um ‘cadinho mais a sério. Sempre pensei em ir sozinho. Depois,

na Irlanda, encontrei alguns amigos, conhecidos de Portugal. Trabalhei. Voltei aos meus 27... Porque perdi os meus documentos e já ‘tava lá... já me ‘tava a aparecer oportunidades boas que não fazia porque não tinha documentação. Voltei para casa dos meus pais, em O.. Depois comecei a tirar um curso. Só estudava.

Ah, pois. Eu fui para Irlanda do Norte em 2003, acho eu, se não me engano. Tive lá algum tempo, uns bons anos, oito anos, por aí. E depois vim para Portugal. Tinha os meus 20 e tal anos. 21. Fui para lá porque estava farto de Portugal, queria dar umas férias, meter umas férias. Também fui para lá para trabalhar, também. Aproveitar, conhecer aquilo. Fiquei lá algum tempo. Corri aquilo de cima abaixo. Passei bons momentos lá. *Silêncio*. Fui sozinho, sim. Uma amiga minha deu-me uma proposta de trabalho numa firma no Barreiro. Fui para lá fazer inscrições e eles aceitaram-me, perguntaram se falava inglês e se estava apto para trabalhar lá em qualquer coisa e eu disse que sim. Fui para lá, comecei a trabalhar, comecei a fazer uma vida normal, também. (...). Mas foi bom. *Silêncio*. Tive na Irlanda do Norte oito anos, depois tive oito meses em Londres e vim para aqui. E depois foi quando aconteceu, estava a tirar o curso na escola náutica do (...), ali em Paço de Arcos, ‘tava a tirar um curso e depois foi nas férias do curso que eu, uma tragédia, eu agredi uma pessoa e essa pessoa morreu e prontos não era com essa intenção mas prontos. E agora ‘tou aqui preso.

O primeiro dia foi um cadinho estranho, porque nunca tinha viajado, foi a primeira vez que andei de avião. A minha família já estava farta de viajar, mas eu nunca tinha saído de Portugal. Mas foi bom. Foi a minha primeira viagem. O clima é estranho, vi neve, nunca tinha visto. Ah, e foi bom. Também aproveitei e tive em Inglaterra antes de ir para lá mas isso foi só uns dias porque depois apanhei lá o avião. Tive em Londres. *Silêncio*.

Foi, foi. Foi sempre fácil arranjar casa. Tive a viver com uns amigos meus, a princípio. Já lá estavam. Porque era da conta da firma. Era um português, dois portugueses, e um casal chinês. Eram do oriente, não sei bem de onde. Dava-me bem com eles. *Silêncio*. Depois quis ter uma casa só minha, comecei a trabalhar, arranjei uma casa, fui trabalhar num hotel, em (...), tive lá uns bons tempos, pr’aí quase um ano. E depois tive uma casa, só minha.

Ih, trabalhei em muita coisa. Trabalhei numa fábrica de galinhas, depois numa fábrica de tijolos, depois fui para o hotel... depois de trabalhar no hotel, saí e tive a restaurar um centro comercial. Andei aquilo quase tudo. Belfast, Dublin. Foi bom. Voltava lá. Agora ia ser diferente. Deixei lá muita coisa. Deixei lá amigos, conhecidos, amigas também. *Silêncio*.

Para ir para a Irlanda, tive que trabalhar. Fui-me inscrever numa firma no Barreiro, através de um conhecimento de uma amiga. Eles disseram que arranjavam-me trabalho mas eu tinha que arranjar dinheiro para a viagem e para a taxa de voo. E eu lá arranjei dinheiro para o bilhete. E eles disseram que

no primeiro... passado seis meses, quando viesse nas primeiras férias que viesse cá passar a Portugal, eles devolviam-me o dinheiro. Mas eu nunca fiquei na mesma firma, nunca cheguei a vir de férias.

Lembro-me de muita coisa da Irlanda. O clima, as ruas, alguns amigos, algumas amigas, algumas discotecas, alguns hotéis, alguns hostels, shoppings. Pontes, rios, as cidades, algumas cidades, a capital que não faz parte da Irlanda do Norte mas da República da Irlanda, que fica mais ao sul. Olhe, percorri bem aquilo. Quando fui para lá, o meu pai já tinha falecido. Sim, já. E não tinha namorada nenhuma. Eu e a Mena acabámos aos 15, 16. Antes da minha avó ir para O., sim. E o meu pai morreu quando eu tinha 16. 17, 18... não me lembro. *Silêncio.* Não me lembro. Essas memórias mesmo são fixadas na cabeça mas o tempo quero que passe o mais tempo possível para poder abafar a dor, para passar mais um bocado a dor. Não vejo as datas desses acontecimentos. Sei mais ou menos ver pela minha idade, mas não tenho nunca a certeza.

Vim umas quantas vezes a Portugal. Vinha quase sempre no Verão. As passagens também eram baratas, lá ganha-se bem. Foi um bom tempo da minha vida. Mas se tivesse que voltar, ia para outro País, há tanta coisa nova para conhecer. Ia para outro sítio. Voltei de lá com os meus 20 e tal, 28, 27, 26... Voltei porque acabei por perder os meus documentos. Voltei para regular os documentos, e depois era para voltar lá, até vim com passagem de ida e volta. Mas acabei por ficar. Foi assim... fui trabalhar lá para o hotel, levei os documentos todos comigo e não sei se foi no autocarro ou se foi a andar pelo caminho e deixei cair a carteira e perdi os meus documentos quase todos e depois tive que voltar. E depois de 'tar cá não pensei voltar, não. Comecei a fazer o curso que 'tava a fazer antes de vir preso, o de engenharia naval. Não sei lhe disse... É um curso de reparação e manutenção de navios de pequenas... navios de turismo, pequenas embarcações. Há muita coisa que fiz lá fora. Foi aqui em Paço de Arcos, no ITM, Instituto de Tecnologias Náuticas. Durou um ano e tal. Completei, sim, sim. Não, não completei. Fui de férias, quando 'tive de férias é que aconteceu aquilo e depois vim preso e faltava dois ou três meses para acabar o curso.

Na minha família já saíram de Portugal, para viver não. Mas, tipo, passar férias. Eu também não fui lá para viver, fui lá porque estava farto de Portugal mas acabei por ficar lá. Há pessoas da minha família que já foram a África e viajaram pela Europa. Eu nunca tinha viajado e decidi viajar sozinho. *Silêncio.* Foi um decisão... Foi... foi normal. A minha mãe, ao princípio, não acreditava muito. Mas, no dia do embarque, fiz as malas e fui-me embora, ela tava a dormir, fui-lhe acordar para me despedir e ela ficou um pouco chocada. Mas depois habituou-se. Falava bem com ela, falava quase sempre. *Silêncio.* Quando fui para Irlanda, ih... acho que ela e a minha mãe... acho que nem lhe contei bem, ela veio a saber da minha mãe. Quando a apanhava em casa da minha mãe, falava com ela.

Quando lá estava tinha saudades da comida que a comida portuguesa é boa. Saudades de alguns amigos, mas não muitos. Fiz lá novas amizades. Tinha saudades do tempo, porque lá o tempo é um

cadinho fanhoso. Tive experiências boas. Ótimas, mesmo. Se pudesse viajar, não ficava mesmo em Portugal. Gosto muito de Portugal mas era só para passar férias. *Silêncio.* Mas em relação à Irlanda, as pessoas, a maneira como eles tratam as pessoas. É tudo mais sociável. E as leis que há lá. São mais rigorosos com algumas coisas mas vale a pena. Não se vê tanto lixo nas ruas. Aquilo também não há vida nocturna como há em Portugal, mas é outra coisa. A vida nocturna lá... Há sítios no norte de Irlanda em que a vida nocturna não é vida nocturna nenhuma. Uma pessoa se quer sair à noite tem de sair às 9 ou às 10 horas da noite para poder ir para uma discoteca ou um *pub*. As coisas lá fecham muito cedo. À meia-noite já 'tá tudo fechado, só as discotecas é que acabam às duas da manhã, no máximo. É diferente, sim. Mas depois vim para o sul e aquilo já não pertence à República, não pertence ao norte da Irlanda, porque aquilo faz parte da República da Irlanda, só o norte... sabe o que estou a dizer... e é... o sul aquilo faz parte da República da Irlanda, não faz parte do norte, pertence à Inglaterra, à Rainha da Inglaterra, é isso. Há mais negros, no sul. No norte não se vê tanto. No norte quando se vê uma pessoa de cor, elas ficam todas excitadas. Não, não há... não há racismo quase nenhum. Mas já, então não já! Nunca vivi muitas, nunca tive incidentes de racismo, mas já tive algumas. (...). É um País diferente. Há uma situação que nunca vou esquecer nunca. Uma vez saímos à noite, foi inauguração de um hotel e havia lá uma discoteca no hotel e fomos lá uma inauguração. E aconteceu uma coisa... (...). Viam uma pessoa de cor e ficavam completamente excitadas, não se controlavam. Então teve lá uma altura em que fui pôr o casaco lá no bengaleiro, dei dois passos na discoteca e apareceu-me uma rapariga nos braços e ela atacou-me. Ela propriamente atacou-me, porque eu nunca a tinha visto na vida. Tive uns 5, 10 segundos a olhar para ela. Ela atirou-se a mim e depois aquilo era um 'cadinho... oh, habituei-me depois. Era bom, no princípio. Não foi racismo, pelo contrário. O que eles diziam é que quando, por exemplo, as raparigas tipo ver uma pessoa de cor lá era como ver uma loira, apreciavam logo. Pois, são... como é que eu hei-de dizer... dão muito afecto às pessoas de cor. Eih, mas senti tanta coisa.

Em termos de trabalho, ambiente de trabalho. É bom. Tive muitos momentos bons, lá. Tive em (...), tive em discoteca de música, de negros, (...). Mas podia ter conhecido um cadinho melhor. Andei quase sempre sozinho, nunca tive assim... se fosse com outras companhias, se calhar, conheci muitas pessoas que não eram de lá. Mas se fosse acompanhado, seria diferente... Não, nunca pensei. Depois pensei em chamar, quando estava lá. Não sei, um irmão meu. O mais velho, aquele de um ano mais velho. Porque ele fala bom inglês, é melhor que eu, porque ele fala e escreve. Porque eu falo, falo mal, pronto, desenrasco-me. Mas em escrever, não escrevo muito bem. Propus, mas ele depois não quis saber. Mas foi depois de eu voltar para Portugal... *Silêncio.*

Quando voltei da Irlanda, lá em O. estavam a minha mãe, a minha irmã mais nova, a minha irmã mais velha, e um irmão meu, o segundo mais velho, aliás, o terceiro mais velho dos irmãos. Mas o segundo mais velho dos irmãos, aí... dos irmãos de sexo masculino. Isso. Não fui preso no ano em que

voltei da Irlanda. Não, foi tempo depois. Mas não ‘tou a ver. ‘Tou preso há três anos. Fui preso aos 27. Sim. *Silêncio*. Acho que não foi no ano em que voltei. Se calhar voltei de lá mais novo. Lembro-me de fazer o último aniversário lá, foi o dos 24. se calhar voltei com 25 ou 26. Sim, acho que sim. Lá na Irlanda fiz uma festa de anos, mas juntei um grupo e havia lá uns turistas no hostel e fomos dar uma volta, fomos lá a um pub.

“Eu e o meu irmão.”

Eu e o meu irmão. Eu pareço mais velho. Como eu hei-de dizer, ele era um cadinho, como é que eu dizia, ele é um cadinho desastrado, é muito brincalhão, e é inteligente, tem bons estudos, fez o 12º, não pode estudar mais, não havia dinheiro para a faculdade. Mas era um cadinho despassarado, era brincalhão, só quer é paródia e não... mas é muito inteligente. “Tá em Espanha, é capaz de vir agora em Agosto. Há dois, três anos atrás que ele foi para lá. Oh, senti-me mais ou menos quando ele foi para lá. Porque também já... depois, na escola, eu arranjei novas amizades e deixei um pouco de sair com ele. Ele também tinha outras companhias e eu também. Todos arranjámos outras companhias, não éramos muito ligados. Não tínhamos o mesmo grupo de amigos... E prontos... O meu irmão ‘tá internado outra vez. Não sei o que lhe aconteceu. Veio de Espanha e teve uma recaída. Isto ‘tá complicado. Não sei... uma recaída da cabeça. Ele andou a beber, disse a minha mãe que teve aqui ontem. Disse que ele andou a beber, não sei. E foi por causa disso. *Suspiro*. E é difícil para mim ‘tar aqui. Então não é... cheguei a falar com ele e disse-lhe algumas coisas mas não sei... não sei... *Silêncio*. A minha vida dá para fazer um filme, escrever uns quantos livros. *Silêncio*.

O meu irmão, o quê? O irmão teve cá na sexta-feira, chegou de Espanha, na sexta-feira. Foi para Espanha há muito tempo, sim. Há três anos. *Silêncio*. Foi sozinho, foi. *Silêncio*. E ainda ‘tá sozinho. A trabalhar. Estamos mais ou menos. Damo-nos bem. *Silêncio*. Dou-me bem com todos eles, menos com um que não sou muito dado a afectividade. É um que trabalha na Câmara Municipal de O.. É o terceiro mais velho. Mas eu não vou fazer isso, falar dos meus irmãos. Até porque a mais nova morreu, e não vou falar sobre a vida deles. Não, não... eu não quero falar. Dou-me bem com eles, ainda ontem tive aqui um que é o segundo mais velho e veio-me visitar. Dou-me bem com todos. (...).

Ele arranjou logo trabalho. Ele já lá está desde que vim preso. *Silêncio*. Ouvir é bom agora fazer, se houver, muito melhor. Mas a maioria das coisas que fazemos são coisas boas de fazer. Você percebeu. Eu acho que percebeu. Quer é que eu explicito. Disse que ouvir é bom, que às vezes é bom ouvir mas que acabamos por fazer aquilo que ouvimos. Sempre que ouvimos coisas boas, ou sempre que ouvimos a maioria das coisas tem a ver com a gente ou com os nossos entes queridos. Já percebeu? Ainda não percebeu? Você é psicóloga, devia perceber... *Silêncio*. Oh, não sei. Alturas que não ouvi. Não sei.

O meu irmão falava da prisão, sim, falava. Ele falava muitas vezes disso. Muitas vezes, quando o vinha ver, e ele falava muito da vida da prisão, aqui dentro. Tanto que quando cheguei aqui já tinha a cama feita. Muitos reclusos que estão aí gostaram do meu irmão, certos chefes (...). E não sei, não sei se é bom ou mau para mim. Até agora não tenho tido problemas com isso, não tenho problemas com isso. O meu irmão era um bocadinho complicado aqui na prisão. Sim... ninguém se metia com ele. (...). Temos muita coisa parecidos. Muita gente olha e diz que somos parecidos e dizia “a tua cara não me é estranha, a tua cara não me é esquisita”. (...). És parecido com alguém. E eu, prontos, (...), começavam a falar do meu irmão. És irmão dele e ainda hoje falam muito dele e tal... *Silêncio*. Acho que são poucas as consequências. (...). *Gargalhada*. Poucas, são poucas.

Sim, o meu irmão e ele, o irmão do Dionísio, tiveram aqui. O meu irmão teve uns 4 anos e meio, cinco anos preso. Lembro-me que ele veio em 99. Eu vim para aqui em 2006. 10 anos para aí. Ai, 99... não, cinco anos. Cinco anos, pr’aí. Sim, eu tava na Irlanda. Foi pouco tempo depois de eu ir para lá. Oh, soube porque eu já não esperava muita coisa dele. O meu irmão já andava um cadinho desorientado. Ele já não estudava, já não estava a fazer nada. Andava aí sempre nas aventuras. O meu irmão também nunca foi muito quieto, tipo roubar e essas coisas. Ele nunca teve necessidade mas foi mais... o meu irmão depois daquela tal depressão ele depois não ficou, um cadinho... que ele teve transformou-se. Ainda me lembro do meu irmão de antigamente e o de hoje em dia. De hoje em dia, não sei ver porque já não o vejo... Já não o vejo a algum tempo. Mas era completamente diferente. Ele era uma pessoa muito inteligente. Aqui há muitas pessoas que me dizem “o teu irmão sempre foi uma pessoa culta, inteligente, muito esperta”. Olhe, não sei, olhe... são coisas que acontecem na vida. Acho que foi o esgotamento que o mudou. O meu irmão já não tem aquela firmeza, já não é tão seguro de si. Já não... são momentos tristes. Sim, sim... se calhar foi essa mudança que motivou a aproximação com o irmão do Dionísio. Eles roubavam, fumavam gansas, só disparates. Não sei muito bem porque vieram presos, roubo. Apareceu muitas vezes roubo, agressão, coisas que se fazem, que muitas vezes muita gente faz e não são presos porque não são descobertos. Tiveram os dois aqui, sim, sim. Mas eles já não se dão, não, não. Claro que não.

“Os meus irmãos e as minhas irmãs andavam quase todos os dias a partir-me a cabeça.”

Não quero falar de nada. Já lhe disse, gosto de falar com as pessoas quando acabo por confiar nelas. Gosto muito da confiança que se dá no ser humano, mutuamente. De homem para homem, de homem para mulher, de mulher para homem. A confiança no ser humano é daquelas capacidades essenciais. Ter alta confiança na pessoa... neste momento, as pessoas de confiança são os meus dois amigos, o Márcio e o Rui. A minha mãe, o meu irmão mais velho, a minha irmã, as minhas irmãs. São quase todas as pessoas com que lido com elas no dia-a-dia. Confio neles. Eles deram apoio, sempre me

ajudaram desde que tou... confio neles... e quando sair, posso fazer muita coisa para compensar isso. *Silêncio.* São boas pessoas. São todos muito bonitos, os rapazes e as raparigas. Os meus irmãos. E os meus amigos, são boas pessoas, são excelentes pessoas. São pessoas que não quero ver magoadas, um dia, numa situação em que estou, (...), passa-se dois ou três ou quatro ou cinco anos para que essas pessoas não passem nem metade do que passei. Gosto muito delas. De falar com elas. Agora vou telefonar, para saber se o meu irmão já chegou. Também vai ser bom para a minha mãe, ter o filho de volta.

Os meus irmãos e as minhas irmãs andavam quase todos os dias a partir-me a cabeça. Mas eu não ligava, porque eles já tinham feito quase igual e só passado algum tempo quando começaram a crescer e que começaram a olhar para trás e a reflectir em mim coisas deles. Mas nunca fui muito mau comportado. Nem os meus irmãos... *Gargalhada. Silêncio.* Davam-me conselhos, sim. *Silêncio.* Talvez o meu irmão mais velho e aquele meu irmão mais amigo.

O meu pai morreu há alguns anos atrás, sete, oito anos. Eu tinha uns 22, 23 anos. Mas não, não gostava de falar sobre isso. Já 'tá a ser difícil. Achei que já ia ser mais fácil chegar aqui e falar. Mas estou a esforçar-me para lhe ajudar.

Em O. vive a minha mãe e os meus irmãos. Alguns irmãos meus. Vivem três. Dois mais velhos, um mais novo. Os outros já vivem fora. Na zona de O., mas é tipo S. A., ali para os lados de S. M., T. P.. E esses vivem sozinhos.

Antes vir preso vivia com a minha mãe. Eu, a minha irmã mais nova, o meu irmão que trabalha na Câmara de O.... Não é o que está em Espanha, é o segundo mais velho. O mais velho trabalha na bomba de gasolina. A minha irmã mais nova tem vinte anos. Não estuda, 'tá a trabalhar. Acho que trabalha numa boutique em Alfragide, no Jumbo, acho que é isso. E aquele que trabalha (...) 'tava em casa mas agora já tem casa própria. Éramos três irmãos e uma rapariga. Às vezes havia confusões, mas é normal em todas as famílias. *Silêncio.* Dividia com os meus irmãos mais velhos. É bom. É um ambiente normal... *Silêncio.*

Partilhar o mesmo quarto e o mesmo espaço. É normal. *Silêncio.* As namoradas iam lá a casa mas nunca dormiam lá. O meu irmão que trabalha na Câmara de O. ia sempre para casa das namoradas, porque elas viviam sozinhas. O meu irmão mais velho também nunca foi assim muito... não sei, acho que ele não tem... não sei o que se passa com ele. Ele é... ele é Jeová. Acho que é mais virado para a religião, não pensa muito nisso. É o único Jeová. Já é há alguns anos. Neste momento, não sei dizer se eu acredito em alguma religião. Tive a fazer uns estudos de Jeová, testemunhos de Jeová. No Porto houve uma altura, duas pessoas... posso dizer, dois amigos que lá iam dar testemunhos de Jeová. Cheguei aqui e uma vez tive a experiência de vir aqui uma vez e não gostei muito. Foi aqui nesta salinha, era muito apertado, não gostei muito. Mas eu sempre fui católico, fui baptizado, fui à catequese,

desde pequenino. *Bocejo. Silêncio.* Andei até ao 4º ano. *Silêncio.* A minha religião agora é a liberdade. Essa é que vai ser uma religião que vou ter que estudar uns bons anos. *Silêncio.* Mas o meu irmao mais velho, não, ele teve algumas namoradas. Mas não... não sei... acho que ele é o irmão mais tímido. É o mais tímido de todos. O mais extrovertido é o que está em Espanha. Eih, esse... ninguém pode com ele. *Gargalhada.* No sentido de humor. É muito brincalhão, gosta de brincar. *Silêncio.* Das raparigas... *Silêncio.* As raparigas... acho que elas são todas iguais. No sentido do humor. Para a timidez. São raparigas, também não podem ser assim tão extrovertidas. Não é? Dou-me bem com todas elas, não gosto de nenhuma em especial. *Silêncio.* Não sei... olhe, agora... fiquei um ‘cadinho triste há uns meses atrás por causa de um recurso. Não quiseram baixar, podiam tirar um aninho, mas não quiseram... *Silêncio.* Só se houver um perdão ou uma amnistia. *Silêncio. (...).* Ficar aí a metade. Mais uns cinco, seis anos, e posso pedir uma precária. *Silêncio.*

A minha avó vem visitar-me, sim, vem, vem. Ela ainda ‘tá forte, ‘tá rija, ainda ‘tá para as curvas. *Silêncio.* Elas são parecidas. Não tem muita coisa, mas são parecidas. A minha avó também já ‘tá um ‘cadinho desgasta. A minha avó ‘tá com saúde, mas já tem algumas rugas. É difícil comparar as duas, a minha mãe é um ‘cadinho mais nova, é mais nova. A minha mãe é mais rigorosa, puxa mais por mim. A minha avó já não tem tanta força para puxar por mim. A minha mãe já é mais rigorosa, puxa por mim com mais força e mais... é isso.

“Fui irmão protector (...) tipo, não os protegia, também eles eram mais velhos do que eu, não tinha grande coisa para proteger.”

Dos meus irmãos? Fui irmão protector. Isso fui. De todos, até dos mais velhos. Tipo, não os protegia, também eles eram mais velhos do que eu, não tinha grande coisa para proteger. Mas prontos, mas também tivemos algumas rivalidades, de não nos darmos bem. Mas eu sempre fiz... sempre gostei da minha família. Com os meus irmãos... dávamo-nos mal, (...), eu ia mexer nas coisas deles, eles vinham mexer nas minhas coisas, (...), coisas normais de todas as famílias. Era com todos. Éramos muitos... Não ajudava muito... o irmão mais próximo de mim é o que está em Espanha. Dávamo-nos bem. Ele escreve-me e eu escrevo para ele. (...), nunca tive mais contacto com ele. Acho que me dava melhor com ele em relação à idade. Ele é só mais velho um ano do que eu, um ano e meses, um ano... (...). mais próxima. O que me menos bem é o terceiro mais velho. Porque é quase toda a gente se dá mal com ele. Olhe não sei... sei dizer mas não... ele é muito... é um ‘cadinho mais à parte da família, não é tão protector. Acho que sempre foi. Mas tenho irmãos que se dão completamente diferentes com ele. São amigos, melhores amigos. Ainda o mais velho que esteve aqui ontem, dão-se bem. O que está... por coincidência... o que está em Espanha, o meu melhor amigo, também não se dá bem com ele.

“É bom ter sobrinhos (...) é como ter filhos.”

Tenho sobrinhos, amorosos. Duas sobrinhas e um sobrinho. Filhos da mais velha e do terceiro mais velho, que é esse com quem não me dou muito bem. Duas meninas e um menino. É bom ter sobrinhos. Não tem? Desculpe lá estar a perguntar... É bom, é como ter filhos. Mais ou menos. São meus sobrinhos, só não são meus filhos. (...). É uma experiência engraçada, é bom. Uma tem 14, outro tem 11 e outra tem 10. Lembro-me quando eles eram pequenos, lembro-me bem. Eles já vieram aqui à visita uma vez, mas agora cortaram a visita dos sobrinhos, (...). Estão sempre a dizer que querem cá vir, querem cá vir, mas não é possível. É bom. Nenhum deles é casado, mas têm namoradas, têm. Dou-me mais ou menos com eles. Mais ou menos. Dou-me. Não conheço alguns, mas quando ‘tava lá fora dava-me com eles... e com elas.

“E nem quero pensar quantas mais que tiverem que ir, quantas mais vão ser.”

Já lidei com tantas mortes. O tio, o avô, o padrasto da minha mãe, o meu pai. Há tipo cerca de dois anos atrás ‘tava eu preso no EPL, ‘tava a passar uma fase má na minha vida, não foi fácil, e morreu o meu padrinho. Foram algumas pessoas. E nem quero pensar quantas mais que tiverem que ir, quantas mais vão ser. Vai ser doloroso... temos que ser realistas. Tenho uma avó com 82 anos, não sei quanto tempo... *Silêncio*. Mas a morte que me custou mais foi o meu pai. *Bocejo*. Ninguém sabe porque é que o meu tio se matou. Não se sabe mesmo... *Silêncio*. A maior parte das vezes em que nos encontrávamos ele estava sempre bem, havia dias em que ele chegava a casa um ‘cadinho mais aborrecido, mas prontos, é normal, temos altos e baixos na vida. *Suspiro*. Trabalhava.

“Mas nunca fiquei muito tempo parado. Não ficava era muito tempo no mesmo sítio.”

Já fiz um curso, que foi o primeiro, o de electromecânica que foi em Miraflores. Depois fiz um de jardinagem e cantoneiro ou cantoneiro e jardinagem, uma coisa assim. Depois fiz um de técnicas vocais e programação de espectáculos que foi o que gostei mais. Por último foi esse, que não cheguei a fazer, no ITM, no Instituto de Técnicas Náuticas, em Paço de Arcos. Esse curso que ‘tava a tirar e ‘tava a gostar muito. Mas foi a meio desse curso que fui preso. Mas sim, fui sempre trabalhando. Já tive muitos empregos, por acaso, já tive alguns. Mas nunca fiquei muito tempo parado. Não ficava era muito tempo no mesmo sítio. Não, não. Não sei porque não ficava. Porque não me ambientava àquilo ou porque ‘tava ali e depois ficava entusiasmado em conhecer outra coisa, depois já, não sei, não sei lhe dizer.

Ah, não, nunca tive em África, é uma das infelicidades que eu tenho. Mas um dia vou, vou ter tempo para isso. É coisa de trabalhar um ano e ir lá passar umas férias, não é muito difícil.

“Depois também gostei dela.”

Último tempo, vim a conhecer uma rapariga, tivemos um caso, andámos aí uns meses, depois veio a acontecer aquilo que aconteceu comigo e ela depois foi me visitar à cadeia duas ou três vezes mas depois eu fui transferido para o Porto e ela nunca mais pôde ir ver. Mais...agora, agora, agora não tenho assim ninguém para lhe ‘tar a dizer; tenho uma ou duas amigas mas isso são coisas que eu falo com elas, de vez em quando, e muito raramente. Mas não tenho assim ninguém com quem gostaria de partilhar assim umas coisas um bocado mais íntimas. Isso apareceu muito tempo depois. Ainda tive em Inglaterra e na Irlanda do Norte. Só depois daí é que vim a conhecer uma ou outra pessoa. Essa rapariga que tive com ela até agora. Adriana, era de Sintra. Conheci-a no Coconuts, aqui em Cascais. Fui sair à noite com uns amigos meus e conheci-a. Bem, como é que eu a conheci? Eu estava a passar e ela estava com uma amiga dela. E a amiga já estava um ‘cadinho bebida e disse “olha-me este gajo tão bonito” e eu não liguei e pus-me a andar. Depois olhei para a amiga dela e a amiga dela estava encostada na parede e ela deu-me um sorriso, assim um ‘cadinho tímido. Depois também gostei dela. Passado um ‘cadinho fui ter com ela, tivemos a falar um ‘cadinho. Depois aí surgiu o beijo e ela deixou-me o contacto dela. Depois, uns dias, fui ter com ela a Sintra. Algumas vezes, para nos conhecermos. Tivemos aí a dar umas voltas, por Lisboa, por Sintra. No dia dos namorados ela teve em minha casa, veio almoçar comigo. E prontos, começámos a conhecer-nos assim, a andar. Depois aconteceu o que aconteceu e vim parar preso. Ela ainda foi-me visitar à prisão de Caxias mas depois fui para o Porto e nunca mais falei com ela. Falei com ela mas teve uma vez que eu telefonei e ela tinha o telemóvel desligado e eu tentei mais umas quantas vezes e ela não atendeu. Até que houve uma vez que telefonei e foi um chinês que me atendeu o telefone e como há uma restaurante ao pé da casa dela, um restaurante chinês, e eu pensei “se calhar ela foi almoçar fora ou qualquer coisa e deixou lá o telemóvel.” E tentei telefonar mais algumas vezes, chama, chama e ninguém atende. E eu nunca mais tive contacto dela. Eu já tinha os meus 25, 26... e ela já tinha os seus 18, 19. Namorámos pr’aí 2, 3 anos. Eu não acho muito tempo de namoro. Dois anos passam tão rápido, se as pessoas não aproveitam ao máximo... o tempo vai-se. Ela é uma rapariga muito querida. Ela é branca, já não é de cor. Todas elas eram brancas, menos a primeira e a última. Todas elas eram de cor, isso, eram de cor... menos a primeira e última. A Adriana era uma rapariga muito querida, uma excelente pessoa. Tenho saudades dela, às vezes tento ligar-lhe mas não atende. Gostava de a ver outra vez. Sinto por ela uma grande amizade, disse para andarmos na base da amizade e foi por aí que depois comecei a gostar dela mesmo a sério e ela gostar de mim. Uma boa rapariga, impecável, estudava... não... simplesmente só gostava de sair à noite. Já tentei imaginar família com a Adriana. Já tentei imaginar mas não era assim tão... simplesmente porque nos não tínhamos muito tempo junto, namorámos alguns anos, dois anos, mas quando estávamos, não estávamos muito tempo, tipo combinávamos uma saída e depois chegava ao anoitecer ela tinha que ir

para casa e eu tinha que ir para casa, e eu também, porque nós morávamos longe um do outro, às vezes ia levá-la a casa e apanhava camioneta a seguir para O.. Não ficava muito tempo com ela, passava mais tempo com os amigos do que comigo. E acho que os amigos começaram a ter um ‘cadinho de ciúmes de ela não andar muito tempo com eles. Ela sempre disse que gostava de dar atenção aos amigos e sair muito à noite com os amigos mas... imaginava... uma vez estávamos a passar os dois na rua, passaram duas raparigas com um bebé assim cabrito, mulatinho e eu disse-lhe “um dia vamos ter o nosso” e ela na brincadeira não disse nada, começou-se a rir. Mas tive uma boa relação com ela. A minha relação com ela acabou quando vim preso, sim, sim! Tinha pr’aí 27. Nunca mais soube nada dela. Ela disse que ia ao Porto, uma vez. Mas eu disse-lhe para não fazer. Ela estava sempre a dizer “quando tirar a carta de condução, quando tiver carro, vou aí te ver” mas eu disse lhe “não faças isso, porque é muito dispendioso. (...). E ainda a conduzir, és maçarica, pode acontecer alguma coisa pelo caminho”. Não era bom acontecer isso. Eu evitei algumas vezes que ela lá fosse.

“...sempre tive umas fãs, não sei, interessavam-se um ‘cadinho...”

Mas depois tinha casos... casos de jovens... todos os jovens, posso dizer todos os jovens, mas não posso dizer todos os casais. Eram casos comuns, às vezes tipo saía, (...), já estava em alta e não evitava assim nenhuma mínima química que houvesse com alguma rapariga, às vezes envolvia-me logo com ela. Não evitava assim, muitas vezes. Fui sempre uma pessoa (...) nessa idade, muito jovem, sempre tive umas fãs, não sei, interessavam-se um ‘cadinho, sentiam... Sempre fui um rapaz que lhes... não sei... como eu hei-de dizer... não sei... porque eu acho que desde pequeno nunca tive grande sorte com as mulheres, não sei... tive alguns casos mas nunca tive assim um caso que eu gostasse de dizer assim... como é que eu vou explicar... um caso que me esforçasse para continuar com aquela pessoa e para, não sei, mostrar a minha verdadeira pessoa a outra pessoa. Nunca tive assim...

Não, não aconteceu. Acho que verdadeiramente aconteceu mais com a Adriana porque foi a última e isso aconteceu por ser um ‘cadinho mais velho e ter aquela mentalidade já, tipo, não andar a cometer mais erros, e respeitar e ter mais consideração pelas outras pessoas. Não sei se está a ver... sim, sim, tinha casos enquanto namorava. Não, com a Adriana já não. Com a Filipa já não. Já me interessava mais em ‘tar mais com ela, mostrar a minha maneira de ser por ela. Muitas vezes não... em todos os meus namoros sempre tive uma maior preocupação que foi de não magoar ninguém. Às vezes, acho que se tenho que magoar alguém acabaria eu por ser a pessoa magoada. Com a Filipa não acontecia isso. Eu não lhe queria magoar e ela também... estávamos os dois preocupados em um não magoar o outro e acabámos por ter uma relação mais duradoura, duradoura em termos de confiança e consideração um pelo outro. Também, com as outras duas, com as outras três, não sabia dar valor, não sabia dedicar-me bem. Só queria era conhecer raparigas e conhecer mais raparigas, nunca tive satisfeito

durante esses namoros. Não sei. Em conhecê-las melhor, em dar-me a conhecer melhor. Foram tempos complicados...

“São os meus melhores amigos, agora.”

A seguir ao Nelson veio agora dois rapazes que estão lá fora que são os meus melhores amigos. São dois rapazes indianos, o Márcio e o Rui. Conheci-os em O.. Sim, sim... vivem ainda perto de mim... e são grandes amigos meus, deram-me muito apoio, chegámos a sair um ‘cadinho juntos, também. Fomos a muitos sítios juntos, passámos alguns bons momentos juntos. Férias para o Algarve, para o Porto, essas coisas... e não éramos só os três, éramos mais. Aí é que já havia grupos de pessoas. Eles eram irmãos... são irmãos, os dois mais novos. O mais novo é um que trabalha (...) mas que está agora de férias em Portugal. Em Espanha. Era o Márcio. O mais velho é o Rui. “Tá cá. Teve aqui no Domingo passado, a visitar-me, sim. Continuamo-nos a dar bem, sim, graças a Deus. São os meus melhores amigos, agora.

“...cada um levava o seu carro, levávamos raparigas e íamos para essas festas...”

Mas, naquela altura, era eu, e eles e mais uns rapazes da zona. Já ouviu falar em Raves? A gente frequentava algumas Raves e íamos juntos, combinávamos um grupo de 4, 5 rapazes com carro e cada um levava o seu carro, cada um levava o seu carro, levávamos raparigas, e íamos para essas festas, para o Porto, para o Algarve. Depois aí foi até começarmos a ir para fora, Espanha, alguns deles foram para outros Países. Eu tive em Espanha. Fui lá passar férias e entretanto houve uma festa lá e fomos também juntos. Mas eles já rodaram mais o mundo a frequentar essas festas, tiveram na Grécia, Austrália, na Noruega, na Holanda... Gostava destas festas, ainda gosto. Se calhar agora já não gosto desse tipo de festa em relação ao número de pessoas que estão naquele ambiente. Mas do tipo de música, ainda gosto.

Mas eu não saía só para Raves, não, não era só para Raves. Ia para discotecas. Quase todo o tipo de discotecas. Quase todos os tipos de discoteca, não. Prontos, quase todas passam o mesmo tipo de música, umas mais do que as outras. Mas eu ia mais para discotecas de *house music*, *techno*. Uma vez ou outra é que ia para uma discoteca africana, só para quebrar a rotina. Gostava de sair, sempre gostei muito de sair à noite. Acho que gosto mais da noite do que do dia. Muitas vezes começava a sair numa quinta-feira e acabava na segunda. Começava numa quinta-feira, que era... havia uma discoteca ao pé do Bairro Alto, que era o Cavadão, e haviam dois vizinhos meus que metiam música, eram *dj*'s, que eram de *hip-hop*, *rap*. Metiam lá som nessa discoteca. E muitas vezes ia com eles para ajudá-los. (...). Depois chegava a casa à sexta de manhã e não me dava vontade de ir para cama porque sexta-feira era final de semana e tinha... prontos... tinha que arranjar... tinha que fazer alguma coisa para não me

deixar dormir, porque depois chegava a sexta-feira e eu tinha que dormir, depois só podia adormecer e chegar o sábado e não ter saído na sexta. Oh... Era um cadinho complicado mas às vezes eram dias loucos. De quinta a segunda-feira, sempre a desbundar. Era um cadinho excessivo, também... ia sair com pessoas conhecidas. Sempre com o mesmo grupo. Era engraçado... Eram excessivas... não sei... prontos... eram excessivas em termos de... não era muito de consumir porque eu na discoteca... por exemplo, fumo, fumo tabaco mas não fumo assim... Também não lhe vou mentir, vou-lhe abrir uma coisa, também fumo ganzas, haxixe, mas não abuso... Mas era excessivo em termos dos dias e das horas em que passava ali enfiado, e dos sítios. Não era em termos de consumos porque eu não gosto de álcool, não aprecio, não gosto muito, não aprecio. Não, não... era excessivo mas os dias em que passava nisso. Quinta, sexta, sábado, domingo e segunda. Às vezes eram esses dias todos e nem dormia uma hora, sempre de um lado para o outro e não repousava. Tipo, era um cadinho de excesso, de cansaço, porque muitas vezes nem dava por isso, só queria era desbundar e nem dava por isso...

O que gosto de beber... bebo álcool mas não é aquele álcool... álcool assim de... gosto de bebidas doces, um bom *bailey's*, um *pisang*, *malibu*. Essas bebidas já gosto, são as únicas bebidas que gosto de beber. Bebidas cruas e bebidas secas, cerveja, *whisky-cola*, *whisky*... só gosto de álcool se for uma bebida um cadinho doce, se for aquele álcool com um cadinho de grau mais álcool já não consigo beber.

“Gosto de ler e sei que gosto de poesia e gosto muito de poesia.”

Silêncio. É uma questão de também... não sei... não ‘tou com grande estado de espírito. Eu sempre gostei de poesia...desde miúdo. (...). Sempre gostei de poesia. Às vezes escrevo, de vez em quando... eu... gosto muito, por acaso. *Silêncio.* Tenho alguns poetas preferidos, tenho muitos. Não tenho assim nenhum... assim nenhum a apontar. Mas tenho alguns. Gosto de ler e sei que gosto de poesia e gosto muito de poesia. Tenho a certeza que se aquele livro fosse poesia já o tinha acabado de ler. Gosto de poesia. (...). Esta irmã que me deu o livro é a da Câmara Municipal de Lisboa. Um part-ti... sei que ela ‘tava em Cascais, mas acho que ela ‘tá em Lisboa. Sei que ela agora quer ir para um balcão, não sei fazer o quê. Mas ela tem dois trabalhos, dois ou três trabalhos. Ela trabalha muito, é nova, só tem que aproveitar. Aproveitar quando somos novos... não é? Já não vive com a minha mãe, vive sozinha.

Relação com a vítima

“Porque andava ali a ajudar uma pessoa que não tinha o mínimo de consideração para mim. Fazia-me perder tempo. E muitas vezes sentia-me triste, comigo mesmo e com ele.”

Cinco, seis anos mais tarde ele começou a abusar... com os meus 19 anos. Muitas vezes ele não me respeitava. Houve uma vez que levei coisas lá para casa para fazer um almoço para nós, levei a minha

carteira com algum dinheiro, levei uma pistola de pressão, uma pistola de caça, o meu telemóvel. Meti aquilo em cima do armário e fui para a cozinha. E quando regresssei para a sala não ‘tava lá nem a minha carteira, nem a pistola, nem o meu telemóvel, nem ele. Voltou a aparecer umas três, quatro horas depois. Apareceu sem nada, sem dinheiro, sem nada. Eu vi logo que tinha sido ele. Simplesmente, não... caguei nisso... vi logo porque... (...). *Silêncio.* Oh... porque ele enfiava a minha cabeça e a minha família não era rica. E eu fazia as coisas às escondidas. Levava comida da minha casa às escondidas. Porque se eu dissesse à minha mãe a minha mãe não deixava, dizia logo para ele ir trabalhar em vez de beber. Muitas das vezes eu arriscava-me a levar um raspanete ou um estalo, não diria isso assim, mas entrava em conflitos com a minha mãe por causa dele e ele não considerava-me por causa disso. O maior desrespeito que ele tinha para comigo era esse. E provocava-me na rua, agredir-me, às vezes, não me dava consideração. Era uma pressão também de... era muito da cabeça dele que variava muito... (...). Não, não o via assim... *Silêncio.* E sentia-me um estúpido, um burro, um parvo. Porque andava ali a ajudar uma pessoa que não tinha o mínimo de consideração para mim. Fazia-me perder tempo. E muitas vezes sentia-me triste, comigo mesmo e com ele. Não tinha nada para falar com ele. Ele ‘tava bem nas tintas no que eu queria lhe dizer ou não queria dizer. Se ele tivesse (...) não sei, não sei mesmo lhe dizer...algum caso assim em particular que me faça lembrar isso. Não, cheguei a dizer-lhe muitas vezes. Mas também era influenciável... Porque eu gostava... más companhias, não eram más companhias. Para mim, eram amigos normais. E gostava de andar com essas companhias. Para me divertir um ‘cadinho. Claro! Mas eu ajudava-o, isso houve muitas vezes. Muitas vezes deixava de falar com ele, não lhe passava cartão, não lhe ligava. E ele chegava e humilhava-se aos meus pés e dizia “faz-me isto, faz-me isto, nunca mais te faço...”, coisas desse género. Quantas vezes deixei de falar com ele, não lhe ligava... mas eu também não sou de guardar rancor, de guardar rancor das pessoas... (...) Havia momentos em que deixava de falar com ele até o ver em melhores condições. Porque ficava chateado. *Silêncio.* Porque se me continuasse a dar com ele chateado podia haver uma briga qualquer, ou a gente se zangar, ou uma coisa assim. Não valia a pena. Nós fazíamos faísca um com o outro e podíamos evitar. Às vezes havia faísca... *Silêncio.*

“Era só viver na base dos outros.”

Eles sempre foram problemáticos com o pessoal lá do bairro. O pessoal lá do bairro já estava farto. Faziam muitos distúrbios. Arranjavam sempre confusão. E depois não queriam desenvolver, trabalhar, não queriam ganhar algum. Era só viver na base dos outros. Ouvi dizer, pessoas que disseram que saiam cedo de manhã para trabalhar e eles ‘tavam lá à espera que as pessoas lhe arranjassem dinheiro para eles beber. Até houve pessoas que me disseram “se não fosses tu a fazer isso seria eu”. Mas isso não me deixa nem mais feliz nem mais infeliz com isso. Porque eu fiz uma coisa que não foi com

intenção de... olhe, aconteceu. Aconteceu o sucedido. São coisas que eu não faria hoje ou não aconselharia ninguém a fazer. Mesmo porque... eu não sou muito dado a violência mas acho que isso me revolta um 'cadinho.

Ele é uma pessoa que diria, posso dizer minha amiga, mas não posso dizer amiga íntima, nunca foi pessoa íntima porque essa pessoa não tinha muitas preocupações consigo mesma. Não se preocupava, por exemplo, em trabalhar, desenvolver, ganhar algum dinheiro para ter no bolso. Depois tinha muitos vícios, bebia, fumava. Era alcoólico. Tinha que beber todos os dias. Muitas vezes cheguei a dar-lhe dinheiro para beber. Como também muitas vezes ele chegava para mim e pedia-me se eu lhe podia arranjar alguma coisa para levar para casa, para comer, fazer um almoço, um jantar. E eu ia a casa da minha mãe, da minha avó e pegava um pacote de arroz, uma lata de salsichas, ou um pacote de esparguete, massa, uns ovos e levava para casa dele. E tava lá ele todo entretido a comer, a cozinhar. Até uma certa vez eu fiquei admirado com uma acção que ele teve. Agarrou numa faca e espetou na própria barriga dele. Foi uma coisa que me deixou um pouco chocado. Porque ele também não era todo muito 100%, ele havia dias em que parava quando lhe faltava dinheiro para beber, ou qualquer coisa que lhe faltava. Quando era algo que ele dava importância, começava a fazer disparates para chamar a atenção das pessoas para ver se elas ajudavam a arranjar dinheiro para comer... ai desculpe, pode apanhar a minha laranja? Deixe-me ficar com ela na mão. Depois... e muitas das vezes, eu ajudava.

“E aí foi diferente porque eu já era mais velho e já vinha com outra visão de vida.”

Não, não, nunca mais falei com ele. Só depois quando voltei outra vez. Oh, e aí a relação já era diferente porque eu já era mais velho e já vinha com outra visão de vida. E não foi a mesma coisa. Nesses bairros assim sociais há sempre, na vida e no crescimento de um pessoa, há sempre, não sei, aquela fase em que as pessoas começam a desenvolver e as outras começam a sentir-se um 'cadinho mais... como hei-de dizer... começam a sentir-se mais... começam a sentir-se mais... assustadas. Não digo assustadas, mas mais, começam a sentir-se mais afligidas, mais tocadas, a ver “olha este aqui um dia vai querer, não sei, faltar-me ao respeito, ou julgar-me ou subestimar-me. Vai querer... “ai...não sei dizer... Não, não era. Ninguém se sentia assustado. Acho que ele se sentia um cadinho inferiorizado. Acho que ele ficou um cadinho mais intimidado ou... não sei, tipo... *Silêncio.*

Mas já não saíamos muitas vezes. Era só aquilo de passar no bairro. E de resto não andávamos assim muitas vezes juntos. Podia haver um dia ou dois em que íamos à praia juntos ou (...). Podíamos nos encontrar em diversos sítios mas sempre foi, nunca foi com grande confiança. Ele pedia-me ajuda, nessa fase adulta também e mesmo quando éramos mais criança. Mas ele tinha família. Tinha. Tem um pai. Tem dois irmãos. Tem irmãs, também, mas que não vivem no País. Não tinha mãe, não, não... sim, eles vivam no mesmo bairro, mais ou menos. Porque o meu bairro chama-se bairro Bento Jesus

Caraça e o dele chama-se bairro do Pombal. Mas é só uma estrada que divide os dois bairros. Mas mesmo quando ele me pedia ajuda, ele não vivia sozinho. Não, vivia com a família. Mas era uma família desgraçada. O pai dele bebia, o irmão bebia. Havia só um irmão que era mais concentrado, mas não... também, prontos, não podia fazer muita coisa entre eles, os outros não ajudavam. Não queriam trabalhar, não se queriam fazer à vida. Esse irmão que bebia era amigo do meu irmão que teve aqui também.

Depois, na altura da Irlanda, tive muito afastado. (...). Mal voltei, fiquei uns meses, tirei umas férias no Algarve, e passado uns meses voltei a parar lá no bairro e eles diziam que eu tinha vindo da Irlanda, diziam que eu estava cheio de dinheiro, que não falava com eles, já não queria saber deles, que tinha arranjado novas companhias e não queria saber deles e... prontos, depois quando comecei a parar lá com eles, eles disseram “agora que já não tens nada vens parar com a gente”. E muitas vezes eu não ligava... a minha vida, simplesmente... aquele bairro, como qualquer bairro camarário, é problemático. São pessoas de bairros degradados, o socialismo, como hei-de dizer, já não é assim tão... como hei-de dizer, prontos... não é assim tão... *Silêncio.* depois com ele foi mau. *Silêncio.*

Ele ‘tava... um ‘cadinho mudado... tinha o cabelo grande, tinha cortado o cabelo. ‘Tava um ‘cadinho mais... como hei-de dizer... já ‘tava mais, mais, um ‘cadinho mais desorientado. ‘Tava mesmo... Ele arranjou uma companheira. Já não ‘tava na casa dos pais. Vivía... às vezes dormia numa, às vezes dormia noutra. Mas a companheira dele... era mais porque ela tinha um vencimento todos os meses e tinha algum dinheiro certo onde podiam ir buscar para andar a beber. Era mais por causa disso, de certeza. Se ela não tivesse aquele dinheiro, que era da reforma, ele talvez hoje nunca tivesse... ele não teria ficado tanto tempo com ela. Como... muitas das vezes, mulheres que eu tinha visto que ele tinha arranjado e que consumiam também, por falta de dinheiro, acabava por abandoná-las. A companheira dele também bebia. *Silêncio.* Eu não ‘tava muitas vezes com eles, não ‘tava... eles andavam lá no cantinho deles e eu passava por eles, dizia “boa tarde” e ia-me embora.

Eu tinha uma relação normal com ele. Comparando com a anterior, era um ‘cadinho mais... já nos tínhamos afastado mais um ‘cadinho. Afastamo-nos porque eu tive fora. E depois quando voltei não achei que nunca tivesse, no fundo, no fundo, nunca vi que ele fosse... como anterior, um grande exemplo. Porque se ele fosse um grande exemplo ele tinha consumido, tinha usufruído do álcool mas depois via que aquilo que tinha feito mal e teria deixado, ou reduzido. E ele nunca chegou fazer isso. Acho que talvez foi só uma fase, uma aventura ou uma fase da minha vida. *Silêncio.* Talvez só aprendemos connosco próprios. E talvez evitar as coisas que os outros fazem, (...), como hei-de dizer, de carácter, ou de atitudes. Não vale a pena fazer a mesma coisa. (...). Hoje, não lhe vou dizer, se eu não andasse a consumir cannabis, penso que talvez... (...) custa-me mesmo a imaginar, já passou uns anos e passei muitas coisas na minha vida. Coisas como... não consigo imaginar. Acho que não existia o

Euclides, acho que não existia mesmo. Não sei... já passei tanta coisa pela minha vida, não lhe vou dizer que é por causa de consumir isto que cheguei a fazê-las. Acho que... como vou dizer... foi o destino que tracei, não vejo outro. *Silêncio.*

Mas depois da Irlanda, sim, continuávamo-nos a dar. Normalmente. Ele falava comigo, eu falava para ele. Nunca lhe deixei de ajudar, como lhe ajudava antigamente. Se lhe pudesse dar alguma coisa, dava... dinheiro, ou... até mesmo cheguei a comprar-lhe álcool para lhe dar. De vez em quando, também, bebíamos um copo, juntos. Não era... muito... como hei-de dizer...prontos, havia dias. Que ‘tava na rua, ou na praia, e apetecia-me beber algo fresco e bebia uma bebida, um 7up ou uma cerveja com groselha. Qualquer coisa do género. E acabávamos por ‘tar ali, às vezes, juntos. Mas eu quando vim da Irlanda já não o ajudava assim tanto. Afinal ele já tinha mulher e ele que se virasse. Ele teve aquele tempo todo... eu era mais novo e tive que me fazer à vida, tive que me fazer homem, olhar para mim também. *Silêncio.*

Porque eu já o conhecia bem. Ele era de vypes. Ele podia meter-se comigo acho que... (...). Porque eu também comecei a dar-lhe uns murros, ficou com um olho inchado, começou a sangrar da boca. Também senti que já tinha descontado um ‘cadinho a minha raiva nele e não lhe ia fazer mais nada. Acredito que ia passar, ele ficava um ‘cadinho marcado. E depois ia dizer “já não me meto com ele senão...”, mas prontos... Sim, acho que isso ia acontecer, sim. Antes não tinha muitas razões para o agredir assim tão agressivamente. Nunca fui assim agressivo para ele. Ele era para mim, sim, de vez em quando. *Silêncio.* Abusado na confiança, não era assim... de falta de consideração. Mais por falta de consideração. Não era assim abusado... era falta de consideração. Não... Porque eu já o conhecia aos anos. E um dia mais tarde eu sabia que eu ia deixá-lo para sempre, que se não acontecesse aquilo já me teria fartado e tinha ido para longe. Houve alturas em que me fartei um ‘cadinho e sentia que me tinha de fazer a vida. E um dia mais tarde ia acabar por deixá-lo para trás e se fosse possível nunca mais o ver. Ou só muito mais tarde. Não pensava nesse dia, não pensava. Ele também não era um grande amigo, nunca foi amigo para mim ou uma namorada que eu lhe diga... acabei por ter uma consideração por ele, um afecto. *Silêncio. Suspiro. Silêncio.*

Crime

“Em 2005, no Verão de 2005.”

Posso falar da minha vinda para a prisão, por exemplo... o que aconteceu comigo para ter vindo para a prisão, foi uma tragédia, mais ou menos uma tragédia, mas aconteceu também não pus na cabeça que tinha que acontecer. Aconteceu, acho que foi um acidente, em certa parte. Digo que foi acidente porque fiz aquilo com intenção de magoar mas não com intenção de matar. O que lhe disse também...

agora... quando se fala em mortos, os mortos, os meus mortos que foram e o morto que foi também que fui eu que causei essa morte. É uma das coisas que me deixa triste quando se fala em morte. É um ‘cadinho ligado a isso.

E, olhe... aconteceu em 2005, ou em 2006, acho eu. ‘Tamos em 2008, né? Em 2005, no Verão de 2005. Fez na semana passada três anos. E o que aconteceu foi que me envolvi numa briga que eu estava a ser agredido. Apareceu a polícia e depois a tentar separar houve lá muita confusão. Foi uma coisa um ‘cadinho... eu também acho que a polícia não agiu de certa forma como devia agir e acabou por acontecer o que aconteceu. E acabei por matar uma pessoa, e era uma pessoa que eu conhecia bem, até uma pessoa que eu ajudava muito. Mas houve aquele dia... a minha mãe já estava farta de dizer para mim que ele não era boa companhia par mim. Porque o irmão dele andou com esse meu irmão, o meu melhor amigo dos irmãos todos. O irmão dele e o meu já tiveram as suas aventuras. Já vieram para a prisão. Tiveram aqui no Linhó. Não eram boas companhias. Eu sabia disso. Mas na altura... como se diz... quando a cabeça não tem juízo, o corpo é que paga.

Ih, o que aconteceu... acho que foi mesmo só por ele ‘tar muito, muito bêbado, mesmo. Eu tinha acabado de chegar do curso, tinha acabado de... não sei, nessa altura já tava no último curso que tava a fazer. E eu saía do curso e ficava na biblioteca ali de Oeiras, que era mesmo ao lado, ficava lá uma ou duas horas, hora e meia, e depois ia para casa, tomava um lanche, fazia um lanche para mim. E depois ia para a rua. Naquele dia olhei para ele e vi-lhe mesmo que ele ‘tava num estado memo crítico, não ‘tava num estado crítico, ‘tava mesmo muito bêbado. Simplesmente ‘tava todo esticado no chão, com os olhos fechados, não sabia que ele ‘tava acordado e que podia andar, correr e fazer tudo mais alguma coisa. ‘Tava mesmo... (...). Olhei para ele e deixei-o ‘tar. (...). Quando ele passado uns minutos depois veio ter comigo. *Silêncio*. Agarrou-me, não me disse nada, simplesmente agarrou-me. Começou-me a agredir. Agarrou-me por trás. Eu nem sabia que era ele. E depois quando vi que era ele até fiquei um ‘cadinho aflito... porque eu sabia que ele ‘tava bêbado e podia-me aleijar a sério, sem ele querer. Podia me aleijar. Quando uma pessoa ‘tá alcoolizada, não sei... não sei... podem fazer coisas e não terem noção das coisas que estão a fazer. E defendi-me. Foi uma zaragata muito grande, agarramo-nos um ao outro, caímos ao chão, E depois ‘tava lá a polícia por perto e decidiu interferir. E depois foram pedras e tiros para o ar... foi uma grande zaragata que ali houve... As pessoas lá do bairro. Atiraram pedras. *Silêncio*.

Das outras vezes em que ele me agredia, eu defendia-me mas evitava. Afastava-me dele e ia-me logo embora. Não parava ali para falar com ele, para ‘tar muito ao pé dele. Mas naquele dia ‘tava mesmo... naquele dia não deu para evitar. Porque ele agarrou-me, começou-me a sacudir, atirou contra o carro, parti o espelho do carro. Começou a rasgar-me a roupa toda. E eu comecei a enervar-me porque ele não me deixava... se ele me tivesse dado um empurrão ou um encosto, qualquer coisa...

mas não, ele agarrou-me e começou a agredir-me e a rasgar-me a roupa e chateei-me e olhe, já tá. Ele não me disse nada. Não me chamou nomes nem a mim nem aos meus familiares, nada. Foi pela acção física dele. *Silêncio*. Não sei o que lhe passou, não penso nisso. Não sei o que se lhe passou pela cabeça. Antes, não, nada. Não sei se foi porque não eu lhe vi no chão e não lhe dei atenção. Talvez seja isso... *Silêncio*. Eu ‘tava a dizer-lhe que me largasse, só. Que não queria problemas com ele... *Silêncio*. Ninguém, nem os meus irmãos viram nada. Vieram depois a saber...

Foi durante dia que nos zangamos. Oh, nós zangamo-nos porque ele ‘tava bêbado. Ele ‘tava... eu cheguei no bairro... porque eu... A minha mãe vive no bairro Bento Jesus Caraça e a minha avó vive no bairro do Pombal. E eu tinha vindo do curso e fui a casa da minha avó fazer um lanche e ver a minha avó. E depois do lanche apetecia-me fumar um charro e tal e (...) e depois passei por ele e ele abraçou-me e começou a abanar-me e projectou-me contra o carro e eu parti o espelho do carro. E depois começa a me agredir e depois quando começamos a lutar os dois aparece a polícia e nos separa. E leva-me para a esquadra. Fiquei lá um bocado. Se calhar foi porque viram melhores condições em mim ou por ser uma pessoa mais bem apresentável acho que os agentes da polícia abdicaram de levar a ele e levaram a mim (...) porque o outro ‘tava farto de lá aparecer e nunca com...não sei...uma apresentação de uma pessoa que esteja pronta a dar uma declaração a respeito a qualquer coisa, não sei como eu hei-de dizer isso... Foi do nada, foi do nada. Eu não lhe fiz nada. Não foi um abraço normal, foi um abraço agressivo. Ele ‘tava no chão e eu desci as escadas e ele ‘tava ali atrás de mim a agarrar-me e a apertar-me. Eu passei por ele e ele não me disse nem ai nem ui, ‘tava deitado no chão. Devia estar bebido, inconsciente. (...). Já estava habituado a vê-lo no chão.

E depois fui para a esquadra, sim... *Silêncio*.

“Fui mal tratado lá.”

E aconteceu aquilo, houve uma zanga entre eu e ele e eu fui parar à esquadra. Lá na esquadra levei uma certa pressão. Ainda levei uma queixa contra um agente da PSP que se quis fazer a mim. E quando ele começa a agredir-me eu começo a defender-me. Diz no processo que ele apareceu com um olho inchado e eu nunca lhe vi um olho inchado. E eu assisti mesmo a ele a dizer ao superior dele a dizer para fazer uma queixa sobre mim como eu lhe tinha agredido. Simplesmente porque eu ‘tava de pé e não me queria sentar. E ele queria obrigar-me a sentar e simplesmente eu lhe disse “deixe ‘tar que eu ‘tou melhor assim. Deixe-me ‘tar de pé que tou bem de pé”. E ele enervou-se, virou-se para mim e começou a agredir-me e eu comecei a defender-me. E foi tudo assim, não vou contar pormenores, porque também (...) não quero contar pormenores, também não adianta. O meu processo já tá todo feito.

Mas eram umas 7 horas da tarde. E saí da esquadra eram umas duas e tal. Fui mal tratado lá. Gerou confusão na minha cabeça e um ‘cadinho de revolta em mim porque os agentes me trataram de uma maneira que eu fiquei até pasmado em terem deixado um agente da PSP já com uma certa idade e embriagado que mandava um bafo a álcool que eu mal podia estar ao pé dele. E depois, tempos mais tarde, depois de estar à espera, de terem passado horas, depois de terem contactado a minha mãe para pedirem a minha identificação e depois quando a minha mãe lá aparece dá por mim descalço... foi uma confusão muito grande. Foi uma revolta que me levou a fazer uma coisa que não faria nem que tivesse fumado três milhões de charros ou se tivesse bebido não sei quanto, por acaso não bebo álcool. Mas revoltaram uma pessoa de tal maneira que fiz aquilo que fiz. E quem acabou por pagar foi ele, foi o outro.

Por exemplo, há agentes da PSP que hoje, que sempre que os vejo na rua, não lhes vou fazer nada, não os vou agredir. Mas claro, gostava muito de passar por essas pessoas, tanto que a maioria deles vive ali por perto e tenho o conhecimento de alguns. Só desejo não encarar com eles. Vamos ver se não vai ser preciso. Não, não fui assim agredido. Não fui agredido porque me defendia. A defender... eu acho que a melhor defesa é o ataque e (...). E ele fez participação de mim. Eu lembro-me da minha perfeita, da minha perfeita... do meu... do meu intelecto 100% que eu não agredi ninguém. Mas se eles dizem que agredi, olhe, não posso fazer mais nada.

Entretanto a minha mãe já sabia, sim, da confusão. Do resto, não sei. Não sei se ficou a saber da confusão. Da situação. Não sei se alguém lhe contou. Porque depois com a polícia eu fui logo para a esquadra e eles iam a chamar me nomes. Oh, são coisas do dia-a-dia desses bairros sociais. Eu não gosto de... Esses conflitos entre a polícia e os habitantes desses bairros, isso já é mais do que normal. Havia confusões no bairro, mais ou menos. Desse tipo não. Porque nunca chegou a morrer ninguém. Mas já houve confusões desse género, tipo a minha. Já houve confusões. Não, comigo não. Não assisti a muitas, mas cheguei a assistir.

“...talvez por ele ser um alvo mais fácil, acabei por ir lá ter com ele.”

Quando saí da esquadra... quando saí da esquadra fui... quando saí de lá sentia-me revoltado. Sentia-me ‘cadinho mal. Não sei... senti que tinham abusado da minha pessoa, que me tinha faltado à confiança. ‘Tava magoado, deixaram-me mesmo baralhado. Trocaram-me as voltas todas e... não sei, tipo... deram cabo da minha vida. Conseguiram meter os meus pés pelas mãos, e as mãos pela cabeça. E... acho que tocaram-me num ponto que foi mesmo o limite da minha pessoa para ‘tar a aturar aquilo tudo naquelas horas. *Silêncio*. Não vou contar essa história outra vez. Mas tive com o meu irmão, ‘tava muito nervoso, acabei por comprar um maço de tabaco, beber um café e fui-me embora. *Silêncio*. Nunca pensei em nada. Acho que... eu acho que quando saí da esquadra, mal me lembro de ter pensado nele.

‘Tava mais focado na atitude dos polícias do que na atitude dele. Quando saí da esquadra não pensei mesmo nele. Eu acho que só depois é que acabei... por talvez por ele ser um alvo mais fácil, acabei por ir lá ter com ele. Quando saí da esquadra não pensei mesmo nele. Pensei em desabafar, falar com uma pessoa e ir-me embora. *Silêncio*. ‘Tava um ‘cadinho revoltado.

Fui para a bomba de gasolina. Fui lá para falar com o meu irmão mais velho que é gerente dessa bomba. Fui lá para beber café e comprar tabaco que estava nervoso. Depois deparei com uma garrafa de gasolina e resolvi enchê-la. Tinha um carro mais ou menos com falta de gásóleo num bairro ao pé e eu pensei “vou levar gasolina, sei que preciso de gasolina. Sei que não ‘tou com cabeça para fazer qualquer coisa com ela. Mas sei que tenho um carro e que preciso de gasolina. Mas vou levar gasolina. Deixo em casa e se calhar amanhã ou depois vou buscar o carro”. E olhe, deparei (...) e fui fazer isso, despejei a gasolina em cima dele e aticei-lhe fogo e ele morreu queimado. Mas eu tinha um carro. Sim, eu falei isso no tribunal mas eles cagaram nisso bem de alto. Também não me soube defender, não ‘tava com cabeça para isso. Não sei como hei-de explicar isso, mas percebe-se. E tive com o meu irmão na bomba, sim, sim... *Silêncio*.

Depois passei no bairro, para ver se ‘tava mais calmo. Ia lá ver se tinha acontecido alguma coisa, os policiais saíram de lá aos tiros pelos ares e até podiam... depois de ‘tar na esquadra apareceu lá uma amiga minha a queixar-se que ‘tava à janela e ‘tavam a disparar tiros para o ar, e estava na janela com o filho e podia ter saído dali uma bala perdida e acertar alguém. (...). Ela não tinha nada a ver comigo, mas foi lá à esquadra. E resolvi passar lá no bairro. Fui lá a casa dele. Sabia onde era a casa dele, já lá tinha ido. Quando lá passei, não sabia que ele ‘tava lá. Cheguei lá e arrebentei a porta. Antes de arrebentar a porta, bati à porta. Porque a casa era uma daquelas casas que tinha um vidro na porta e eu vi a luz da televisão acesa. Bati a porta como uma pessoa normal. Quando bati a porta era mesmo para falar com ele. Se ele se levantasse, se acordasse para falar comigo. Eu falava com ele, e até era capaz de lhe pedia desculpas e fazia as pazes. Mas como ele não abriu a porta eu dei um pontapé na porta e deixei a porta aberta. Eles ‘tavam a dormir. O que me motivou foi ele não se ter levantado. Não sei se ele ouviu, eu acho que não. Porque ele já ‘tava todo bêbado. ‘Tavam os dois. Se eles não tivessem alcoolizado, porque eu queimei-os, acho que se eles não tivessem alcoolizados tinham tido uma reacção para se protegerem, defender. Só ela acordou. Ele também acordou mas já estava em chamas. Não me disse nada, ela mal me reconheceu.

E depois já disse. Depois aconteceu. Queimei ele. *Silêncio*. Ele ‘tava com a mulher. Vivia junto com ela. Não, sim... eu já nem sabia onde é que ele vivia porque ele não parava quieto. Ele dormia onde tinha que dormir. Conhecia a companheira dele, sim, conhecia mal, mas conhecia. Ela é muito mais velha que ele. Tinha uns 10, 12 anos... (...). Não estava a dormir sozinho, estava a dormir com ela. *Silêncio*. Não, acho que ela ficou com umas ligeiras queimaduras na cara. Quando entrei na casa não

aconteceu nada. Não sei, não sei o que queria nessa altura... não me faça essas perguntas... não sei... não sei o que lhe diga... eu não sei responder... mesmo... não sei...

Depois não fiquei lá, saí. Fui-me embora.

“Um vizinho meu veio me dizer «Euclides, tem cuidado que o Dionísio morreu» e eu fui para casa.”

Olhe e são coisas da vida. Aconteceu. Ele acabou por morrer queimado. Acabei por lhe queimar, com gasolina. Ao ser levado para o Hospital, não conseguiu resistir as queimaduras. E morreu logo, no dia seguinte, quando foi transferido para o hospital de Coimbra.

No dia a seguir soube que ele morreu. Foi um vizinho meu que me disse. Não, ele disse-me mesmo para me alertar porque eu podia vir a ser preso. Ele tinha muitos inimigos em todo o bairro. (...). E eles eram mais velhos que ele. Até porque pensavam que... ‘tavam com mais vontade de se livrar dele, do que se eu tivesse... Até porque não tinha assim uma grande intenção de o matar ou de me ver livre dele. Mas havia ali muita gente que o queria ver pelas costas. Quando soube que ele morreu ‘tava na rua. Um vizinho meu veio me dizer “Euclides, tem cuidado que o Dionísio morreu” e eu fui para casa. “Tava a minha família toda aos berros... ‘tava... ‘tavam todos em pânico. *Silêncio*. Não contei a ninguém, depois de ter feito aquilo houve pessoas que me viram a sair do bairro. E pensaram logo que fui eu. Eu também não desmenti, não lhes disse que fui eu ou deixei de ser eu. Mas eles viram logo. Eu também não optei por mentir ou esconder. Porque, não sei, ia-me pesar na consciência. Mas depois não vi nada, fui logo para casa. *Silêncio*. Ela não morreu. Nunca apareceu no tribunal, nem ela nem da família dele. Havia a casa do pai dele e do irmão. Que era mesmo ao pé. Mas eles nunca... chegaram lá... nunca chegaram a aparecer. Na prisão, ou na esquadra. *Silêncio*. Antes de vir para casa. O irmão dele chegou à rua e viu a casa a arder, a casa da mulher do irmão dele a arder. Ele veio ter comigo e disse-me “ah, o meu irmão ‘tava em chamas e a maluca da mulher dele não fez nada para o socorrer, ele ‘tava um ‘cadinho desamparado”. Ele não chegou a mim e não me perguntou o que aconteceu. Não sei, não sei como é que ele chegou a saber como fui eu. Não sei se alguém lhe contou, se alguém me viu. Mas depois ele aproximou-se de mim e disse-me umas coisas sobre, em relação àquilo. Não foi no dia a seguir, foi nessa mesma noite. *Silêncio*. Porque eu ‘tava a ir embora, ele veio atrás de mim e eu não ia andar de costas, sabendo que ele ‘tava atrás de mim. E parei para falar com ele.

Já ouvi dizer que depois de eu estar preso que o irmão do Dionísio andou a fazer coisas de propósito para ‘tar preso para poder se cruzar comigo. Para me fazer algum mal mas eu não ‘tou preocupado com isso. Se calhar, ‘tou preocupado... para lhe ser sincero não ‘tou muito preocupado com isso porque eu também depois de eu lhe fazer isso ele veio ter comigo nesse mesmo dia e ele já sabia que tinha sido eu a queimar o irmão dele e disse-lhe e ele veio ter comigo e eu sabia que ele tinha

uma faca atrás das costas e tive a falar com ele e ele disse-me “ah não sei quê? Oh quico, por fizeste isso? Eu respeito a tua família, respeito o teu irmão, respeito a tua mãe e nunca faltei ao respeito” e eu perguntei-lhe “respeitas-me a mim?” e ele disse-me “ah respeito e não sei quê, não sei que mais” mas eu sabia que ele ‘tava a mentir e eu disse-lhe “sei que tens uma coisa para me agredires nas costas. Eu vou virar as costas e vou-me embora. Se quiseres fazer, fazas o que fizeres, faz bem feito. Porque pode acontecer o mal a ti, também”. E ele não fez mais nada e eu também não ‘tou muito preocupado em ele fazer alguma coisa. Se ele fizer, não sei. Só quero evitar confusões.

“...se eu quisesse pelas minhas declarações, só com as minhas declarações, podia inventar mil e uma maneiras para dizer que não tinha sido eu.”

Cheguei a casa no dia a seguir quando me deparei com a minha família toda a chorar, os meus irmãos a chorar, as minhas irmãs... os meus irmãos a falar comigo, a minha mãe também um ‘cadinho desamparado. E eles a dizerem-me “vai-te entregar, vai-te entregar” e não sei quê não sei que mais. Pronto, conversa desse género. E eu resolvi falar com um agente da Polícia Judiciária, da Brigada Anti-Crime, lá de Oeiras, que era um conhecido meu, duas pessoas conhecidas. E a primeira coisa que ele me disse quando me viu foi “olha Euclides tem cuidado que andam aí umas pessoas do bairro que te querem fazer mal”. E eu disse-lhe “olha, podes ‘tar descansado que eu também vim aqui para tratar deste assunto”. E eu tive a falar com ele e ele foi fazer algumas investigações para me dizer se já tinha encontrado algum suspeito ou se já tinham apanhado o criminoso e ‘tava ali prestes para me entregar... E foi quando ele me disse “olha Euclides ainda não temos a certeza mas já há qualquer suspeita sobre ti. Mas enquanto isso podes andar descansado na rua, não te preocupes, vê se andas em sítios menos, menos vistosos” e eu fui passar o fim-de-semana depois com a minha irmã. E passado esse dia, dois dias a seguir depois de ter falado com esse meu amigo da Brigada Anti-Crime, passado dois dias a seguir resolvi mesmo contratar um advogado e entregar-me. Cheguei à PSP e à Polícia Judiciária, depois de ter falado com o meu advogado e ter conhecido um inspector da Polícia Judiciária e poder falar com ele, tive uma certa confiança nele. (...). Uma expressão que ele utilizou e que nunca me esqueço foi “agarrar o boi pelos cornos e contar toda a verdade”. E eu contei toda a minha verdade. Eu tenho a certeza que se eu tivesse feito isso para matar alguém sem que eu querer, quisesse... para já, acho, não sei. Custa-me pensar nisso de eu querer matar alguém, assim de propósito. Como eu hei-de dizer. Se eu quisesse... pelas minhas... como eu hei-de dizer... pelas minhas declarações à Polícia Judiciária, se eu quisesse pelas minhas declarações, só com as minhas declarações, podia inventar mil e uma maneiras para dizer que não tinha sido eu. Mas eu pensei que ia ficar com consciência na cabeça durante anos e a minha vida ia ser um pesadelo se calhar pior do que isto ou do que vai ser isto. Mas eu tenho a certeza que ia viver de uma maneira muito infeliz e não queria isso para mim. E decidi contar toda a verdade. E

passei um dia na PJ, na Polícia Judiciária e no dia a seguir fui ao Juiz de Instrução, uma Juíza, e decidi que devia ficar preso preventivamente. E foi quando tive no Hospital de Caxias, a ver se me davam a inimputabilidade, a ver se tinha feito aquilo de consciência ou se ‘tava desequilibrado. Quando eles, depois, durante estes anos que agora passaram, agora estes 7 meses atrás que ‘tou aqui no Linhó, foi quando deixei a Cadeia do Porto, foi quando eles disseram que não tinha qualquer hipótese de me darem a inimputabilidade e recorri duas vezes e fiquei com os meus 19 anos. Apanhei 22, mas deram-me... fiquei com 19, depois de ter recorrido duas vezes. A última vez que recorri não baixaram. E ficou nos 19 anos. E agora tenho que encarar isto, vai ser uma miséria, mas vai ser o que Deus quiser. Deus me dê muita coragem para passar isto. E que me meta pessoas interessantes no meu dia-a-dia, para poder passar isto em condições. Conhecer pessoas novas que não é o que não falta aí. E prontos... não sei o que dizer mais. Não sei o que lhe contar... vai ser difícil, mas olhe... *Silêncio*. Só Deus me pode salvar. Só ele me pode salvar como só ele me pode julgar. Só quero sair daqui com a minha cabeça erguida e voltar a fazer a minha vida, o meu dia-a-dia. Vou sair daqui já com uma certa idade, tenho 30. Tenho que cumprir, no mínimo, pr’aí mais uns 5, 6 anos para ir de precária. E depois mais uns 3, ou 4 anos para ir para a rua. *Silêncio*. Olhe, é assim... não tenho mais nada a dizer.

“Até tenho muita pena de ter acontecido isso porque no fundo, no fundo, ele não era uma pessoa má, acho que não sou má pessoa...”

Sabe como é que é. E aconteceu isso. Aconteceu num dia em que ele estava completamente descontrolado, também não me tentei controlar ao máximo. Olhe, aconteceu. Talvez se ele não tivesse... Se ele tivesse sóbrio, de certeza que ele não fazia isso. Porque no fundo, no fundo, foi isso que me provocou, e que me levou a fazer isso não foi só por ele me ter provocado mas mais por uma parte pela revolta que surgiu dentro de mim por causa da PSP, da polícia. Porque eles, no fundo, é que me revoltaram mais porque eu não tinha feito nada, ele é que me agrediu e eu ‘tava-me a defender. Eles levam-me a mim para a esquadra, e não levam a ele porque ele é um indivíduo muito problemático e não têm nada a fazer com ele. Então, o que eles vão fazer? Vão-me buscar porque eu sou... não sei... porque sou mais apresentável ou qualquer coisa do género. E fiquei revoltado com a polícia e quem acabou por pagar isso tudo foi ele.

Até tenho muita pena de ter acontecido isso porque no fundo, no fundo, ele não era uma pessoa má, acho que não sou má pessoa, acho que por causa dos consumos dele passou o que se passou. E passei-me um ‘cadinho. Não foi só culpa dele, também foi culpa dos dois. Dos três, se calhar, mais dos três. E quando digo os três digo eu, ele, e a PSP, a polícia. Às vezes culpo mais a polícia porque nós sabemos que somos cidadãos, e temos que andar o mais conscientes possível para não andar a desrespeitar as pessoas. Mas ali... ele desrespeitou-me a mim e eu acabei por desrespeitar a ele, para me

defender. E a polícia ali não teve aquele respeito de autoridade para poder encarar as coisas e dizer “não, vocês desrespeitaram-se os dois e vão ser punidos os dois”. Não, simplesmente viram-se para mim, levaram-me a mim e deixaram andar ele. Quer dizer... ‘tá ali... deram-lhe todo o respeito a ele por ser bêbado, e levaram-me a mim e ignoram-me como cidadão do País, do mundo, whatever. Não foram assim tão profissionais como deviam ser... acho que foi isso que me levou a fazer isto que aconteceu.

Pessoas da minha zona vinham-me dizer “se não fosses tu a fazer isso tinha sido eu a fazer isso”. Mas também são coisas, não me agradava ouvir isso, porque se é uma pessoa que eu conheça e que eu tenha um ‘cadinho de consideração por ela nunca vou querer que ela faça isso e que sofra por isso.

“Vou ter que passar aqui um bom, um bom... um mau bocado, aqui.”

Vou-lhe dizer, por exemplo, a minha pena, o que constitui a minha pena. Vou ter que passar aqui um bom, um bom... um mau bocado, aqui. Tenho uma pena alta. Tenho que cumprir 19 anos de prisão. Não sei se os vou cumprir todos ou não, mas... não sei, olhe, não sei... agora tenho que me aguentar. Passaram 6 anos, passou assim, não digo que passou, não me custou muito a passar, por acaso, (...). Em tempos, tive em Lisboa e tive no Porto, havia dias em que ia para o Porto, andava sempre em constante correria e esse tempo ajudou a passar o tempo. Mas agora ‘tou aqui. E vou-lhe dizer, por exemplo, nos 7 anos que ‘tou aqui no Linhó tem-me andado a custar mais do que os 3 anos que passei noutra cadeia. Aquilo era diferente. Estava mais longe de casa, não tinha tanto apoio da família.

“Vai ser difícil pensar por mim, às vezes, ‘tar a passar pessoas e olham para mim e pensem em mim como um assassino...”

Desgosto, acho que sinto desgosto. *Silêncio.* Ih, muito arrependimento. Até hoje. Isso vai ser o maior arrependimento que me vou recordar. Até depois de sair da cadeia, acho que me vou arrepender sempre. Vai ser difícil pensar por mim, às vezes, ‘tar a passar pessoas e olham para mim e pensem em mim como um assassino, ou seja lá o que elas vão pensar de mim. Acho que vai ser um ‘cadinho difícil para mim. Não sei, vou pensar, se calhar... não sei o que vai acontecer. Não tenho medo que me aconteça algo de mal. Acho que, não, tenho a certeza que isso não me acontecer. Mas não... não sei... vai ser difícil para mim, continuar... sei que não vou viver ali naquela zona muito mais tempo. Mas vou fazer os possíveis para me afastar dali e vou fazer os possíveis para me afastar de muitas pessoas que ainda me trazem recordações do acidente.

Prisão

PJ da zona da grande Lisboa

Dia 11 de Agosto, ou quê... 12... 12, não! 14 de Agosto de 2005. Fui detido e fiquei na PJ, uns... fiquei lá um dia... (...) Lembro-me do dia em que fui preso, porque afinal de contas fui eu que me entreguei. Já sabia que ia ficar preso. Antes de ficar na Prisão da zona da grande Lisboa, tive na Judiciária da zona da grande Lisboa, um ou dois dias. Depois é que fui para a Prisão da zona da grande Lisboa. Os dias na PJ foram maus. Não aconteceu nada. Começaram a dar-me a comer comida da prisão, não ter condições de higiene, saber que ‘tava preso, que não tinha liberdade. *Silêncio.*

EP da zona da grande Lisboa

Depois de ser preso tive no EP da zona da grande Lisboa. Depois fui para o EP da zona da grande Lisboa e fiquei lá no EP uns meses. Tive lá uns 6, 7 meses. Não me lembro do primeiro dia no EP da zona da grande Lisboa, são coisas que já não me passam muito... Não me lembro. Acho que tive melhor EP da zona da grande Lisboa, talvez. EP da zona da grande Lisboa. É muito melhor do que isto. Não tem nada a ver. Ainda tentei lá ficar mas não me deixaram porque me deram a imputabilidade e como era imputável não me deixaram. Mas eu não tive muito tempo no EP da zona da grande Lisboa. Tive lá mas foi em transferências, trânsito, quando vinha a Lisboa responder ficava lá.

Oh, na prisão da zona da grande Lisboa ‘tá-se bem lá. É mais perto de casa, mesmo perto de casa. ‘Tá-se bem... *Silêncio.* É bom. Como hei-de dizer... ah, ‘tá-se bem lá porque aquilo afinal é um Hospital e... há ajuda de psicólogos. Tive muita ajuda de psicólogos naquela altura, acho que me fez bem-estar no EP da zona da grande Lisboa. Ajudou-me a ultrapassar os primeiros meses. *Silêncio.* Depois, olhe, não sei. Sei que chegaram um dia e disseram-me “vais para uma prisão de luxo” e transferiram-me para o EP da zona norte do País.

EP da zona norte do País

E depois fui transferido para o EP da zona norte do País. Depois fui para o EP da zona norte do País. Tive lá até Janeiro deste ano. *Silêncio. Suspiro.* E fui para o EP da zona norte do País, disseram que iam para um hotel. Um hotel... fui para o EP da zona norte do País porque é uma prisão para onde vão inimputáveis ou presos com problemas psicológicos.

Mas nas outras prisões já. Eih... a última vez que tive um conflito foi no EP da zona norte do País. Zanguei-me com um companheiro meu. Ele virou-se para mim e agrediu-me e eu também lhe agredi. E prontos, ficámos os dois de castigo. Eu não esperava isso dele e ele não esperava isso de mim. Se calhar ‘távamos os dois descontrolados. Não sei o que aconteceu. (...). Acho que não havia problema nenhum. Não sei, o que aconteceu. É o stress... É o sítio que há mais stress é na cadeia. O sítio do mundo onde se vive mais stress é na cadeia. Olhe... é a precária que não chega, é... são coisas, as mais essenciais

para um recluso. Por exemplo, a precária que não chega, nunca mais chega o meio da pena, o terço da pena. E no fim do dia, por causa de um cigarro, de uma mortalha, de um filtro... e... é um stress... (...). Não vou dizer que stresso nas cadeias, mas há stress e toda a gente sabe que há stress nas cadeias. E muitas pessoas terem de relacionar-se umas com as outras. acompanhamentos, psicólogos, médicos. Ou não sei. Olhe, não sei.

O EP da zona norte do País não é uma prisão de luxo, já ‘tava bem velho... *Silêncio*. Tem pouca gente. Aquilo ‘tá por três unidades... três unidades. Tem uma de clínica, um regime comum e tem um... não consigo... *bocejo*... ah, unidade livre de drogas. Fiquei na de clínica. Tive lá até Janeiro deste ano, princípio de Janeiro deste ano. Porque... *bocejo*... desculpe... pedi para vir para outro EP da zona da grande Lisboa para ‘tar perto de casa. Fui eu que pedi. *Silêncio*. No EP da zona norte do País recebia visitas, sim, recebia. De dois em dois meses, assim... *Silêncio*. Era diferente lá. Mas por outros lados... pois, claro, era diferente. Acho que passa-se melhor, acho que se passou melhor lá o tempo. Havia menos gente, tinha outras condições. Não estou a dizer que estas aqui são melhores... *bocejo*... peço desculpa... não sei, passou-se. Ah, porque lá estava mais activo. Jogava à bola, ia para o ginásio, fazia mais actividades. Aqui custa-me mais. Não sei... não sei se é por causa do ambiente, mas custa-me mais participar nessas actividades, tipo, jogar à bola no pátio... São... o que hei-de dizer... não sei... *Silêncio*. Não ‘tou a ver assim... no EP da zona norte do País as pessoas são mais velhas.

No EP da zona norte do País tinha mais vontade de ‘tar a jogar à bola. *Bocejo*. Por acaso, não tinha muitas mais actividades. Ah, jogava *ping-pong*, matraquilhos, de vez em quando. Mas isso também são coisas que se fazem aqui todos os dias. Mas lá fazia-se mais raramente. Não sei, estava mais activo lá no EP da zona norte do País, não sei porquê.

Eih, no EP da zona norte do País fiz muitas amizades. Com duas ou três pessoas, duas, pr’ái. Ainda me escrevo com elas, de vez em quando, mas agora nunca mais me escreveram. *Bocejo*. Ai, peço desculpa... (...). Mandeí uma carta para o EP da zona norte do País e nunca mais recebi resposta. Não sei se já saíram, tavam quase em liberdade... eram pessoas importantes, sim. Também eram de Lisboa, o que ajudou mais a... *Silêncio*. Não sei...

No EP da zona norte do País havia dinheiro e vivia-se melhor. Ah não sei. Por acaso, nunca senti, não senti uma grande falta de dinheiro porque também não sei se era por causa da distância (...) e tinha um certo dinheiro, trabalhava. Agora já é mais complicado. Era faxina, também.

Outro EP da zona da grande Lisboa

‘Tou inscrito no teatro, na música, no desporto. Já fizemos aí umas peças de teatro, gostei muito por acaso. Imagino, por acaso, se as pessoas gostaram. Mas queria concluir o 9º. Queria ver se era

possível tirar aqui dentro, com um ‘cadinho de tempo e paciência. Vamos lá ver. Acho que tenho hipóteses para isso.

Nunca pensei que podia fazer isto, mas aconteceu, acho que pode acontecer a qualquer um, acho que a cadeia foi feita para qualquer pessoa, qualquer um de nós pode vir lá parar. Ninguém sabe o destino, o dia de amanhã. Eu, assim, não sei, tenho muita coisa para contar... mas assim, em espaço de pouco tempo, não sei se consigo resumir isso tudo em poucas palavras. E agora ‘tou aqui e podia ‘tar a fazer uma grande vida lá fora, podia ‘tar num pacote a trabalhar e não, ‘tou aqui no EP da zona da grande Lisboa, não sei quanto tempo tenho que esperar. É um sonho que tenho, sempre gostei do mar. Já me ‘tava a preparar antes de vir preso para ir trabalhar para um pacote para a Holanda. Não foi possível essa oportunidade, porque aconteceu o que aconteceu. Mas espero que um dia, quando sair daqui, com uma certa idade, que ainda possa fazer isso, acho que é possível. Prontos, há ainda muitas coisas para contar.

Tenho saudades, então não tenho saudades? Quem não tem saudades desses tempos? São as melhores recordações que temos quando somos jovens. Temos sempre saudades, é claro. (...). Agora estou preso e as melhores coisas que posso ter dentro de mim são essas recordações. O dia-a-dia. Quando não vivo o pesadelo de ‘tar preso é quando ‘tou a sonhar que ‘tou lá fora, ou ‘tou a ter as minhas recordações. As boas recordações. Mesmo assim, não são poucas. Vou-me esquecendo de umas, mas há aquelas que não dão para esquecer. Ficam cá dentro mais guardadas. E algumas não se esquecem mesmo. E são com essas que vou lutar até ao fim dos meus anos aqui para poder me mentalizar que posso ir lá para fora outra vez e fazer o meu melhor para não magoar ninguém nem deixar que ninguém me magoe a mim.

Não sou tão conflituoso, (...). Não, acho que não. Sou um pouco mais à parte. *Silêncio*. Pode-se fazer boas amizades. Na escola, por exemplo. Foi uma professora que foi embora. Acho que (...). Quando cheguei aqui não pude começar a escola, quando cheguei aqui já era Janeiro e a escola já tinha começado desde Outubro. "Tive que me inscrever nas actividades curriculares, tipo teatro, música, são coisas que gosto, desporto. E fiz isso e relacionei-me com algumas pessoas e foi bom. Por acaso, houve uma ‘stora, a ‘stora Celina, que era do Atelier e foi embora. Já sinto falta de mais algum incentivo para ir para as aulas e, se Deus quiser, fazer o 12º ano aqui. Tenho muito tempo para isso, não ‘tou preocupado. E vai-se passando o stress. Passa-se o tempo bem aqui, às vezes. Quando ‘tamos empenhados em fazer algo importante, algo que gostamos, isso aqui dentro é (...). Não é?

Aqui há muitos jovens, aqui dentro. Há muita geração aí dentro, não digo que é toda a minha. *Bocejo*. Mas cada vez mais há jovens na cadeia... *Silêncio*. Eles vão para a prisão, não sei, não tiveram uma boa educação em casa... *Silêncio*.

Cheguei aqui e comecei a engordar. Lá pesava 85kg, agora já 'tou com 5kg a mais. Não sei, não sei mesmo o que se passa. Isto 'tá difícil... *Silêncio*. Mas não há-de ser nada.

Cá no EP da zona da grande Lisboa tenho amigos, alguns. Um ou dois. De confiança, um. Tenho aí dois vizinhos meus, da mesma zona que eu. *Bocejo*. Mas eles têm a vida deles e eu tenho a minha. Não podemos andar sempre juntos, também... *Silêncio*. Não... pode-se andar junto... mas ao fim de um bocado também stressante. É raro. Não sei. (...). *Silêncio*. Ah, mas não tive assim confusões... *Silêncio*. Não tive grandes problemas ou conflitos. Sou um rapaz calmo, não quero confusões nenhuma. *Bocejo*. Quero 'tar no meu cantinho sossegado. Não tive grandes confusões. Ainda não me senti a viver grande tensão na cadeia. Espero que esse dia não chegue. Faço por evitar isso também... Ah, não sei. Tensão é arranjar problemas aí com uma pessoa, uma confusão, uma briga... uma dívida de dinheiro. Por acaso aqui não há dinheiro.

Mas aqui não quero ser faxina muito tempo. Quero entrar num curso e depois não sei se dá para conciliar as duas coisas. Acho que vai ser um cadinho difícil. Dificuldades, dificuldades... dificuldades... eu não passo quase dificuldades nenhuma... porque as minhas dificuldades, quais são? É ter dinheiro para comprar tabaco e sustentar o meu vício que é o tabaco. De resto, não vejo mais... mas é uma vez ou outra que falta e quando toca a mim toca a todos. Por isso, não ligo muito a essas coisas... Às vezes fumo muito. Agora tenho andado a fumar pouco. Um maço dá-me para dois dias, se não der tabaco a ninguém dá-me para três. Fumo. É uma grande confusão dar tabaco. Abrir um maço no meio da ala, em pleno dia, deixe ver, em pleno dia 15... oi... é complicado. Dar a uns e não dar a outros. Isso é mau... A minha posição é dar um certo limite de tabaco e não interessa a quem dou. Quando chegar a certo limite não posso dar mais e nego-me, não dou mais. Apesar de ser mau, dar a uns e não dar a outros. Mas eu não posso dar a todos. Senão... a vida 'tá má para todos, mesmo lá fora, a vida 'tá complicada. Não é? Você não sabe, se calhar... sabe? *Silêncio*. A vida complicada cá dentro é levantar todos os dias e saber que estamos a acordar para mais um pesadelo, mais um dia de pesadelo. Passamos noites a sonhar com coisas esquisitas, às vezes sonhos bons e às vezes sonhos com coisas más. Sonho todos os dias. É raro lembrar-me dos sonhos mas, às vezes, há aqueles pormenores que dá para recordar. Mas acho que sonho todos os dias. Isto tem algum nome? Não sabe? Não sonho com a cadeia, sonho com lá fora. Mas sim, com a cadeia também. Quer dizer, com a cadeia nunca sonhei. Mas já sonhei com indivíduos que conheci aqui e passado algum tempo de a gente falar ou de nos conhecermos comecei a sonhar com eles mas a sonhar também com pessoas lá fora. Não sei, não sei se vou continuar a conviver com eles para acontecer isso. *Bocejo*.

É um pesadelo, todos os dias, a mesma coisa... a mesma coisa... *Silêncio*. Ah, é levantar, tomar o pequeno-almoço. Fazer faxina da cela, arrumar a minha cela e fazer a faxina, limpar as escadas. Depois vir cá abaixo, fazer um 'cadinho... umas flexões, um 'cadinho de desporto da zona norte do País, até às

11h30. Depois volto para a cela, tomo um banho e depois desço para o piso até às três horas. Almoçar, entre o meio-dia e meio e a uma. Depois almoço até às duas. Depois vou para o pátio, jogar um pouco de volei ou basquet. Não ando muito dedicado ao futebol. Depois volto outra vez para a cela, fazer a faxina. Depois fico na cela das duas às cinco e meia, às vezes. Outras vezes fico cá em baixo a conversar ou fazer qualquer coisa. Antes ia mais à biblioteca, agora não vou tanto. Aquilo também não tem muita coisa para se ler lá, vou mais por causa do jornal. *Silêncio*. Depois chega às cinco e meia e vou beber um café, descarregar um ‘cadinho no piso, de um lado para o outro, entro na cela de um, vou para a cela do outro. Fico um ‘cadinho na cela. Depois vou almoçar, jantar...às sete horas fazem o fecho, vou fazer a faxina depois do fecho. Lá pás 7h20, 7h25... é um ‘cadinho mais tarde... *Silêncio*. Sim, depois sou fechado. Tomo um banho, janto, fumo um cigarro. Depois (...) telejornal, vejo uma novela e (...).

Sou faxina de manhã, às duas e ao final do dia. O meu trabalho engloba limpar as escadas do meu piso, é pr’aí uns vinte degraus, no máximo. Há muitos faxinas por piso, porque o piso é grande. Mas eu, por acaso, sou ali o que tem menos trabalho. É só varrer as escadas e passar a esfregona uma vez por dia. De manhã lavo, à tarde passo a esfregona, (...). Os outros lavam o corredor. Passam a esfregona de manhã, se passam de manhã não passam à tarde. Ou passam à tarde e não passam de manhã. Despejar o caixote do lixo. Mas eu só tenho as escadas... *Silêncio*. Tou no 2º piso. Não é grande coisa e acho que por isso é que me dá preguiça de fazer aquilo. Já pensei em me despedir, mas... não sei porquê, mas eles não fazem isso. Mas não quero ficar lá muito tempo, lá não se aprende nada de jeito. Fui para lá porque... Oh, porque eu tinha um conhecido meu, um daqueles meus vizinhos, esse meu vizinho que trabalha no bar tinha lá um amigo dele que tinha esse trabalho de faxina e que foi para a pastelaria. E ele arranjou-me a vaga dele. ‘Tou lá há uns três, vai fazer quatro meses, pr’aí... Já, já me inscrevi na escola. Mas agora este ano não sei como vai ser. Não quero pensar nisso... eih... não, vou ter que deixar... não sei... (...). Vou ter que fazer alguma mudança, deixar de fumar, pr’aí... Não sei, acho que... porque ao final do dia é um stress ali no piso, é tudo à procura de um cigarro, ou de uma mortalha. Falha sempre qualquer coisa para passar a noite. E eu quero chegar à noite e pegar nos livros, ler... tenho lá um livro que a minha irmã me deu... mas é muito difícil ler aquele livro... Gosto de ler, quando tenho tempo e estou concentrado. Eh, poesia. Adoro poesia. Mas este livro não é poesia, é do... não sei... ah, Fidel Castro. É a biografia de Fidel Castro.

